



Revista Brasileira

FASE VII 🍀 JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO 2007 🍀 ANO XIII 🍀 N° 50

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.

MACHADO DE ASSIS

ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS 2007

DIRETORIA

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*
Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*
Segundo-Secretário: *Domício Proença Filho*
Diretor Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

MEMBROS EFETIVOS

Affonso Arinos de Mello Franco,
Alberto da Costa e Silva, Alberto
Venancio Filho, Alfredo Bosi,
Ana Maria Machado, Antonio Carlos
Secchin, Antonio Olinto, Ariano
Suassuna, Arnaldo Niskier,
Candido Mendes de Almeida,
Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar,
Celso Lafer, Cícero Sandroni,
Domício Proença Filho, Eduardo Portella,
Evanildo Cavalcante Bechara, Evaristo de
Moraes Filho, Pe. Fernando Bastos de
Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira,
Ivo Pitanguy, João de Scantimburgo,
João Ubaldino Ribeiro, José Murilo de
Carvalho, José Mindlin, José Sarney,
Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles,
Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça,
Moacyr Scliar, Murilo Melo Filho,
Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos,
Paulo Coelho, Sábado Magaldi,
Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha,
Zélia Gattai.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR

João de Scantimburgo

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Nejar, Arnaldo Niskier,
Lêdo Ivo, Alfredo Bosi

PRODUÇÃO EDITORIAL

Nair Dametto

ASSISTENTE EDITORIAL

Monique Cordeiro Figueiredo Mendes

REVISÃO

Nair Dametto e Paulo Teixeira Pinto Filho

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
Av. Presidente Wilson, 203 – 4º andar
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021
Telefones: Geral: (0xx21) 3974-2500
Setor de Publicações: (0xx21) 3974-2525
Fax: (0xx21) 2220-6695
E-mail: publicacoes@academia.org.br
site: <http://www.academia.org.br>

As colaborações são solicitadas.

Sumário

EDITORIAL

JOÃO DE SCANTIMBURGO O número 50 da *Revista Brasileira* 5

POSSE DA DIRETORIA DA ABL – 2007

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA Discurso de posse na Presidência da ABL 7

CULTO DA IMORTALIDADE

TARCÍSIO PADILHA Inauguração da galeria dos ex-presidentes da ABL 11

UBIRATAN AGUIAR Discurso na inauguração do retrato de Rachel de Queiroz. . 15

ARNALDO NISKIER Palavras em homenagem a Rachel de Queiroz. 20

PROSA

MURILO MELO FILHO Câmara Cascudo: sábio e erudito 27

EVANILDO BECHARA Da latinidade à lusofonia. 43

PAULO COELHO As sandálias de José (*Conto*) 65

GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI O sentido da vida 69

LINHARES FILHO *Plenilúnio*, de Lêdo Ivo 83

FERNANDO CRISTÓVÃO Um confronto, ou um itinerário? 97

NELSON SALDANHA Adeus aos telhados 105

URBANO ZILLES Racionalidade e espiritualidade 109

LUIZ PAULO HORTA Razão e espiritualidade: uma conversa imemorial 129

POESIA

RICARDO DAUNT Corpo 147

POESIA ESTRANGEIRA

RODOLFO ALONSO 7 Poemas inéditos. 151

BENEDICTO FERRI DE BARROS Tradução de poemas da língua inglesa. 163

GUARDADOS DA MEMÓRIA

RICARDO VIEIRA LIMA Centenário do nascimento de Mario Quintana 201

LUCIANO ROSA O claro enigma de Mario Quintana 213

MÁRIO ALVES DE OLIVEIRA Duas cartas inéditas de Machado de Assis 223



O número 50 da *Revista Brasileira*

JOÃO DE SCANTIMBURGO

Chegamos ao número 50 desta publicação. Confesso que ao atender o pedido de Josué Montello, para assumir o lugar vago de diretor da *Revista Brasileira*, não podia imaginar que um cargo aparentemente honorífico ia me segurar por 50 números, e mais outros que virão a seguir.

O número 50 pode figurar numa exposição com o sentido da conquista de uma láurea, tamanho é o esforço que representa uma publicação como a *Revista Brasileira*, a mais alta editada pela Academia Brasileira de Letras, com textos rigorosamente escolhidos para dar o panorama das publicações que enriquecem a produção intelectual de velhos e novos colaboradores, para dar-lhes curso e a efetiva guarda dos seus conteúdos. A comemoração de número 50 é uma das comemorações que integram o calendário íntimo das pessoas ou o calendário mais amplo de um periódico como este no seu quinquagésimo aniversário, exatamente ao abrir-se mais um ano da existência dessa veneranda sociedade de homens de letras que é a Academia Brasileira de Letras.

O quinquagésimo aniversário de uma revista corresponde ao aniversário de uma pessoa, quando se canta o hino simpático e desajeitado, a meu ver, com suas palavras fáceis de serem decoradas: “Parabéns a você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.” Com essa canção saudamos os nossos amigos na data aniversária, com o bolo clássico oferecido aos presentes. Já o quinquagésimo aniversário de uma revista de tal importância como a *Revista Brasileira* foge à simplicidade para assumir um comportamento simbólico e honroso, pois se trata do festejo de uma data da maior instituição cultural do Brasil, que desta maneira comemora o quinquagésimo número da sua revista, saudado por seus leitores e por todos que se encontram na sede da Academia, para saudar a efeméride à qual está ligada definitivamente, desde a sua fundação.

Viva, pois, a *Revista Brasileira* com os seus artigos, as suas colaborações, o seu culto à imortalidade, a prosa de alto nível, as poesias solenemente trabalhadas, a exumação das páginas dos guardados da memória, e o registro de tudo mais que se passa na Academia Brasileira de Letras, tão voltada para os problemas literários, agora concentrados numa revista de nível elevado como é a *Revista Brasileira*, em sua sétima fase.

Posse na presidência da ABL – 2007

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Ao chegar à Presidência, muito refleti sobre os sonhos e ferramentas que trazia para exercer um mandato à altura dos votos fraternais recebidos dos companheiros acadêmicos.

Sonho e ferramenta se impuseram para mim como ecos do vivido e sonoridades a serem entoadas, condensando-se na palavra *cultura*, desdobrando-se em outra: *humanidades*. Elas me predisõem à ação, e muito se ajustaram, então, ao que significa aquele frágil portãozinho da Avenida Presidente Wilson querendo se abrir mais e mais. Não apenas para os integrantes da Casa e para um compreensivo público já fiel, mas para urgentes expectativas da nossa sociedade.

Sabemos quanta resposta daqui emanou ao longo de quase onze décadas. Mas por que não ampliar horizontes? Por que não somar ao trabalho em favor da literatura e da língua uma obstinada busca de enlaces, precisamente pelos caminhos da língua, que é a mais complexa produção da cultura humana?

Linguagem e vida são uma coisa só.

Sessão pública
do dia 14 de
dezembro de
2006.

Tríplice aliança se delineou: a primeira naturalmente a mais fundamental, *inter pares*; a segunda, com os detentores de outros saberes; a terceira, com a conquista de recursos materiais e tecnológicos capazes de viabilizar sonhos, de azeitar ferramentas.

Já disse, e repito, que a cultura é herança e trabalho, exigindo cabeça para pensar e braço para agir. Se a Academia é a elite do pensamento, também ela precisa usar a destreza de seu braço, a amplitude de seus espaços, com o mais alto sentido de hospitalidade ao *outro* que a complementa. Não pode se esgotar em contemplação. Não pode aceitar espartilhos conservadoristas. Não pode se intimidar ao desfazer limites. Não pode desconhecer o espetáculo da criação, em nome de um modo de ser composto daquele sentimento de que sempre “foi assim”.

Transposto o umbral, o *outro* se configurou nos dispostos a atender nosso convite. Nada impede a agregação de vozes de modo a formar-se um grande coro. Esse projeto, idealizado com esperança, inquietação e surpresa, agora é audível – por que não saboreável? – com imenso prazer. Nada foi banalizado. Nada foi vulgarizado. Zelamos pelas tradições, mas sabemos que o tempo é tríbico.

Não é necessário tensionar a tradição por enlaçar o moderno. Mais modernidade não quer dizer menos tradição. Ademais não se deve fazer da credence uma crença.

Convergências e divergências, impasses e acertos, insurgências e ressurgências devem se animar para, com a contribuição de todos, melhor situar a Academia e melhor estar no Brasil. Atravessar fronteiras em busca da compreensão, dialogar com a razão e a espiritualidade, revisitar o continente da filosofia, afinar laços com a história, acionar ignições, eis o nosso papel.

Trabalhamos para um Brasil feito de gente, como diz Celso Lafer, aberta ao sincretismo da diversidade.

Sem dizer da totalidade dos esforços e sem necessidade de declinar todos os nomes daqueles a quem somos infinitamente gratos, o que se procurou entoar no grande coro ouvido em 2006, sempre a buscar o equilíbrio entre os graves

da tradição e a aguda tessitura da modernidade, foi um canto novo. Houve a recolha do passado e a imaginação do futuro.

Nossa composição soou bem. O público convergiu para aquele portãozinho fronteiro à estátua de Machado. Aos distantes ou aos impedidos de comparecer, tudo se transmitia e transmite através da Internet – ferramenta do presente e do futuro. A Academia não é artesanal.

Há um ano, eu me declarava insistente na esperança. Expus sonhos. Nomeei algumas ferramentas. Agora verifico que, como disse Borges em “Ruínas circulares”, *no sonho do homem que sonhava o sonhado despertou*.

Seguindo o conto borgeano, onde o sonhado desperto é um novo homem, peço licença para chamá-lo de *Humanidades*, renovando a convicção de sua permanência em nossa Casa. Declaro-me contente pelo acerto em fazer com que sejamos cada vez mais uma Academia de Letras não apenas literárias, mas decididamente voltada para as humanidades.

A Academia deve trabalhar com parâmetros aquecidos, que sugerem vida. Viver é desenvolver, não é engessar. A Academia não pode ser monocultural. Sua composição assim o determina. Nem deve desaprumar a mão, errar o gesto ou desprezar o sopro do sonho. A Academia tem consciência de que é o ativo cultural mais destacado do País.

Confrade, Senhoras, Senhores:

Ninguém me peça para dizer o que fiz. Não fiz nada. Quem fez foi a Diretoria. Quem fez foi o Plenário. Quem nos ajudou a fazer foram muitos. Os muitos amigos da Casa e os dedicados funcionários.

Nem me peçam para mencionar se fiz bem ou mal, pois no *Quincas Borba*, Machado disse que a vida não é completamente boa, nem completamente má.

Só tenho certeza de que passou longe da Diretoria a acédia, para usar a palavra de origem grega. Isso não.

Em termos da equipe gestora, este ano que vem encontrará Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho a tratar de questões difíceis e do interesse acadêmico, apenas formalmente fora da Diretoria. Confiamos a eles tarefas

nas relações com o meio universitário no Brasil e no Exterior, além de maior ênfase nos assuntos editoriais. Com isso trouxemos para o corpo diretivo Domício Proença e obrigamos Evanildo Bechara a retornar. Deles esperamos tudo. Tudo mesmo, pois eles podem muito.

Está posta a minha gratidão aos impecáveis colegas de Diretoria, destacando a obstinada cooperação de Cícero Sandroni e a sabedoria, a sacralidade dos conselhos de Ana Maria Machado, aos Confrades – de quem só recebo confiança a se renovar, estímulo e carinho – aos servidores, aos colaboradores externos, às esposas dos Confrades. É muito grande o meu reconhecimento. A Maria do Carmo, essa minha N. Sra. da Paciência, e aos familiares só peço que se mantenham no mesmo ponto de apoio e tolerância.

Afora isso, em relação à Academia, prosseguirei achando que Mário de Andrade tem razão ao versejar: “Nós somos na Terra o grande milagre do amor! / E embora tão diversa a nossa vida / Dançamos juntos no carnaval das gentes / Bloco Pachola do Custa mas vai.”

É isso. Custa, mas vai.

Inauguração da galeria dos ex-presidentes da ABL

ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA

Esta é uma festa da Academia na sua intimidade. Na verdade, o dia de hoje é um dia especial, por isso é que eu me volto para a Senhora Yvonne Montello, viúva de um dos maiores acadêmicos de todos os tempos, que dá nome a este espaço porque ele se dedicou de tal maneira à Academia que a Academia teve que crescer espacialmente para significar o apreço pelo falecido, querido e saudoso Acadêmico Josué Montello.

Talvez, nesta longa história de 109 anos, não tenhamos um outro exemplo de igual dedicação à Casa, porque se outros suplantaram o número de anos, ele os ultrapassou na devoção quase religiosa que tinha por esta Casa, que principiou seu caminhar com Machado de Assis.

A grande pergunta é: por que Machado foi o primeiro presidente? por ser mais idoso? ter mais nomeada? Mas, porque a tinha, eu cuido que a idéia, talvez, que me haja convencido da grandeza de Machado foi a de que ele, na análise da condição humana, descobriu o sentido

Palavras
proferidas no dia
21 de agosto de
2006.

universal que faltava à literatura de então. É essa universalidade que gerou o fato excepcional de ele haver sido incluído na galeria dos cem gênios da humanidade por Harold Bloom. O reconhecimento de um autor de língua portuguesa, já o sabemos, é extremamente difícil. É um parto difícil, no reconhecimento de um anglo-saxão. Pois Machado de Assis alcançou este patamar do reconhecimento da sua genialidade.

Sucederam-no tantos e tantos acadêmicos. Cabe aos historiadores dissertar sobre o período de cada qual. Mas, eu me permito começar, ou recomendar com Austregésilo de Athayde, que foi o gênio do fazer, o gênio da realização, daí o engenho com o qual ele conduziu todo esse processo: o processo imobiliário, a ampliação dos recursos. E aqui estamos, nós todos: somos herdeiros, beneficiários, e o Brasil todo o é, desse empenho com que ele se devotou plenamente à realização do projeto da sua vida.

Depois tivemos Josué Montello, homem de experiência, de bom senso, homem de reflexão. Devotou todo o seu talento à arrumação interna da Casa, à organização da Casa depois de um longo período em que ela ficara entregue a Athayde, cuja finalidade não era a das realizações para o campo externo, mas era aquele objetivo de assegurar o futuro e a perenidade da Academia. Foi esse o objetivo que ele alcançou.

Depois de Josué Montello, com esse trabalho magnífico, toda a recuperação do *Petit Trianon*, tivemos a passagem efêmera de Antônio Houaiss, um grande homem, um grande intelectual, que deixou o seu nome nas enciclopédias, no extraordinário dicionário que ele soube coordenar e capitanear. Foi um grande brasileiro em todos os sentidos.

Sobreveio depois Nélida Piñon, a presidente do Centenário. Brillhante, fulgurante, projetou a Casa – a Academia se tornou muito mais conhecida. Além disso, um exemplo que o Brasil estava dando às demais Academias do mundo, uma vez que ela foi a primeira mulher a presidir uma Academia de Letras, consoante se dizia à época, às mancheias, para orgulho nosso.

Depois, Arnaldo Niskier, espírito empreendedor, dinâmico, uma grande administração. E eu pinço aqui um dado, que nem sempre é lembrado: coube a

ele a iniciativa e a realização da trasladação dos restos mortais de Machado de Assis e Carolina para o Mausoléu da Academia. Foi um momento de grandeza desta Casa.

Passando depois a presidência por minhas mãos, foi ela confiada à competência de um servidor: Alberto da Costa e Silva, homem que nasceu para servir. Há pouco e pouco vamos sabendo os serviços que ele prestou nas diferentes atividades a que se entregou por completo. Agora mesmo, ex-presidente, mas acadêmico sempre, perenemente, está desenvolvendo um extraordinário trabalho, numa comissão destinada a reescrever uma parte importante da História do Brasil.

Finalmente, Ivan Junqueira, o último dos ex-presidentes. Um fulgurante talento literário, um criador, nas traduções que fez, pôs o seu engenho, a sua arte, o seu talento, e realmente conquistou a admiração de todos nós, do país inteiro e do estrangeiro.

Assim, houve uma sucessão de extraordinários ex-presidentes, que eu tenho a honra de representar neste momento, por delegação do Presidente Marcos Vilaça, no dia em que Josué Montello completaria 89 anos de idade. Nós todos, aqui, pranteamos a sua memória, nós somos permanentes saudosistas da sua presença, e a presença é tão forte que a cadeira que ele ocupava ainda não foi ocupada fisicamente por ninguém. Parece que é um lugar resguardado à admiração de todos nós. Então, quero saudar, aqui, a memória de Josué Montello na pessoa de Yvonne Montello.



Inauguração do retrato de Rachel de Queiroz Homenagem da ABL

DISCURSO DE UBIRATAN AGUIAR

Chã crestado do semi-árido cearense, monólitos de Quixadá, Fazenda Não-Me-Deixes, cenário da luta do homem contra as adversidades. O combate revigora o espírito e o humaniza, retempera as energias e desperta poder da criação, imaniza o interior e o faz explodir nas letras.

Nasce o ano de 1910 e, em Fortaleza, na casa de Daniel e Clotilde, Rachel. Cinco anos depois, assiste o retrato sofrido do ano, a repetição da cena, os retirantes em procissão, flagelo expondo ossos pontecendo as carnes na esqualidez da fome. Nasce, na visão de Rachel, o reflexo da desigualdade social a que o Nordeste é submetido.

Cedo aprendeu o nomadismo de sua gente no vôo rumo aos centros mais avançados em busca do alimento da carne e do espírito.

Abriu portas, atravessou umbrais, escreveu caminhos, alcançou o altar-mor das letras do País, sendo a primeira mulher a tomar assento na Casa de Machado de Assis. Ao chegar, foi logo recitando suas lembranças, ao dizer no discurso de posse:

Sessão pública
do dia 9 de
novembro de
2006.

“No oitão branco, batido de luar, da velha casa de fazenda, devagarinho vai-se abrindo uma janela, a que dá para o pequeno jardim fechado, onde há cravos, bogaris e uma laranjeira. A menina-moça, mais menina do que moça, debruça-se ao peitoril e procura a lua com os olhos. Logo a descobre, tão clara, daria para ler uma carta!”

Esta é Rachel de Queiroz, cronista, romancista, tradutora, jornalista, radiografando a vida, fazendo história em sua linguagem coloquial e escorreita, sabor de água cristalina, saciando a sede de quem sorve seus escritos. É de sua lavra o excerto a seguir:

“[...] tento, com a maior insistência, embora com tão precário resultado (como se tornou evidente), incorporar a linguagem que falo e escuto no meu ambiente nativo à língua com que ganho a vida nas folhas impressas. Não que o faça por novidade, apenas por necessidade. Meu parente José de Alencar quase um século atrás vivia brigando por isso e fez escola.”

Nesta hora, quando meus olhos repousam em brasileiros que imortalizaram seus nomes nas áreas mais diversas da cultura, trazendo a este sodalício suas vivências, experiências do cotidiano, valores, conhecimentos que os homogeneízam, recordo Paulo Freire ao dizer: “Não há saber maior ou saber menor. Há saberes diferentes.”

Rachel trouxe o saber do Nordeste para universalizá-lo neste manancial de saberes diferentes, reunião dos afluentes da literatura, do teatro e do cinema.

Sua obra sobe ao palco do teatro com *Lampião*, em 1953, continua com *A beata Maria do Egito*, em 1958, e prossegue vitoriosa em vários outros trabalhos.

IncurSIONou pela literatura infanto-juvenil, de cujas obras destaco “O menino mágico” e “Andira”.

Cronista presente nos principais jornais e revistas do País, registro, dentre outros periódicos, sua presença nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, *O Povo*, e na revista *O Cruzeiro*. Muitas foram as publicações relatando os fatos

do dia-a-dia. Vejo Rachel por inteiro em *Um Alpendre, uma Rede, um Açude: 100 crônicas escolhidas*.

Chego ao primeiro romance. Seu trabalho de estréia, *O Quinze*, de forte conteúdo social, retrato falado de sua terra e de sua gente, foi publicado graças ao empréstimo feito por seus pais para uma tiragem de mil exemplares. Santo de casa não faz milagres e, como tal, foi no Rio de Janeiro e em São Paulo que a consagração chegou, na crítica de Augusto Frederico Schmidt e Mário de Andrade.

Na festa de seus 90 anos, chegou a afirmar que considera pequeno o número de livros que escreveu, pois ao seu ver, além de *O Quinze*, *As Três Marias*, *Dôra*, *Doralina*, *O Galo de Ouro* e *Memorial de Maria Moura*, os outros eram compilações de crônicas que fez para a imprensa. Destes, *O Quinze*, *Dôra*, *Doralina*, *O Galo de Ouro* e *As três Marias* foram publicados no Japão, na Alemanha, em Israel, em Portugal, na França e nos Estados Unidos.

Através de Perry Salles, *Dôra*, *Doralina* estréia no cinema e a Rede Globo de Televisão lança a novela *As Três Marias*, baseada no romance escrito em 1939, e, em 1994, estréia a minissérie *Memorial de Maria Moura*, adaptada da obra da festejada autora.

Laureada tantas vezes no Brasil e no exterior, ressaltam das premiações a concedida pelos governos do Brasil e Portugal – Prêmio Camões, o Prêmio Juca Pato, pela União Brasileira de Escritores, bem assim a Comenda da Ordem Nacional do Mérito, pelo Governo Brasileiro.

De todos eles, um tocou sua alma e foi morar com ela por toda a vida – o Prêmio Machado de Assis, concedido em 1957, pela Academia Brasileira de Letras, em razão do conjunto de sua obra. Vinte anos após, vem a ocupar nesta centenária Instituição a cadeira de Raimundo Correia, que tem como patrono Bernardo Guimarães.

Representando o Brasil nas Nações Unidas, Conselheira do Conselho Federal de Cultura, Doutora *Honoris Causa* da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rachel de Queiroz marcadamente assinalava sua presença como jornalista, dispensando funções, por mais importantes que fossem, dizendo:

“Sou apenas jornalista e gostaria de continuar sendo apenas jornalista”, ao recusar convite feito pelo Presidente Jânio Quadros para ocupar o Ministério da Educação.

Desde cedo incorporou ao seu patrimônio de amizades vultos proeminentes das letras do País, como Jorge de Lima e Graciliano Ramos quando de sua passagem por Maceió, e, ao lado de Jorge Amado e José Lins do Rego, assistiu na Bahia à incineração de seus livros, sob a acusação de subversivos, durante a decretação do Estado Novo. Foi presa e permaneceu detida por três meses na sala de cinema do quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza.

Disse-me o eminente homem público e intelectual de escol, Presidente Marcos Vilaça, ao formular-me o convite para falar em nome dos cearenses, tratar-se esta solenidade de um ato simples. Simples na forma, grande na essência, por ser justa e merecida.

Os acadêmicos Marcos Vilaça e Arnaldo Niskier, amigos que guardo no coração, o primeiro – fruto do convívio permanente no Tribunal – ensina-me humanidade e fidalguia; o outro, que, em passado recente, foi parceiro nas lutas em prol da educação e luminar da matéria, expressarão em suas falas o que a saudosa escritora e jornalista Mansa Raja Gabaglia falou: “Como uma janela, o escritor filtra a luz que lhe atravessa a alma.”

A mim, em nome dos cearenses, cabe agradecer a homenagem que se presta à conterrânea Rachel de Queiroz, exemplo de luta e de trabalho, corajosa no dizer, combativa e conciliadora.

O filme de nossas origens povoa minhas lembranças em *Lampião* e *Coronel, Coronéis*, obras de Rachel e Vilaça. Falam de uma realidade que clama por justiça e de um povo que se agiganta no desafio dos obstáculos que enfrenta. É o “Jaguaribe” de Demócrito Rocha, “morrendo e resistindo, resistindo e morrendo”.

Sinto-me, senhores Acadêmicos e convidados, sob os eflúvios que emanam da Arcádia, presente nas palavras da escritora norte-americana Susan Sontag: “A literatura nos educa sobre a vida. Alarga o sentido das possibilidades, do que é a natureza humana, do que acontece no mundo. É criadora da vida interior.”

O tempo passou por mim e não o vi, ante o muito que tinha a dizer! A síntese, por certo, encolhe a análise. Espero que o conteúdo possa dar uma idéia do continente que foi Rachel de Queiroz. E, se assim não o for, que fale Manuel Bandeira:

Rachel de Queiroz

Louvo o Padre, louvo o Filho,
 O Espírito Santo louvo.
 Louvo Rachel, minha amiga,
 Nata e flor do nosso povo.
 Ninguém tão Brasil quanto ela,
 Pois que, com ser do Ceará,
 Tem de todos os Estados,
 Do Rio Grande ao Pará.
 Tão Brasil: quero dizer
 Brasil de toda maneira
 – brasílica, brasiliense,
 Brasileira, brasileira.
 Louvo o Padre, louvo o Filho,
 O Espírito Santo louvo.
 Louvo a sua inteligência,
 E louvo o seu coração.
 Qual o maior? Sinceramente,
 Meus amigos, não sei não.
 Louvo os seus olhos bonitos,
 Louvo a sua simpatia.
 Louvo a sua voz nortista,
 Louvo o seu amor de tia.
 Louvo o Padre, louvo o Filho,
 O Espírito Santo louvo.

Louvo Rachel, duas vezes
Louvada, e louvo-a de novo.
Louvo o seu romance: *O Quinze*
E os outros três: *As três*
Marias especialmente,
Mais minhas que de vocês.
Louvo a cronista gostosa
Louvo o seu teatro: *Lampião*
E a nossa *Beata Maria*.
Mas chega de louvação,
Porque, por mais que a louvemos,
Nunca a louvaremos bem.
Em nome do Pai, do Filho e
Do Espírito Santo, Amém.

~ Palavras de Arnaldo Niskier

Senhor Presidente Marcos Vilaça, senhor Secretário-geral Cícero Sandroni, prezado amigo, querido amigo Ubiratan Aguiar, que conheci há alguns poucos anos, como Secretário de Estado de Educação do Ceará, depois na Câmara dos Deputados, onde ele brilhou como presidente da Comissão de Educação da Câmara, e hoje aqui nós todos o admiramos, porque é um dinâmico, e eficiente e íntegro ministro do nosso Tribunal de Contas da União.

Suas palavras de amizade refletem o seu coração, mas são verdadeiras porque a recíproca é a mesma.

Quero saudar o Daniel, neto da Rachel, testemunha de um dos meus raros fenômenos premonitórios. A Rachel, como sabem os seus amigos, não gostava do seu aniversário, e desaparecia sistematicamente no dia em que fazia mais um ano. Eu ficava com pena, porque a considerava minha madrinha, dindinha querida. E ela me tratava como filho, o que estabeleceu entre nós uma relação muito íntima e muito gostosa.

Fui para Teresópolis, ao lado da minha mulher, Ruth, e fiquei pensando, num sábado, dia do aniversário da Rachel de Queiroz. De repente, encontro esta bela figura, ao lado da esposa, perto do local onde eu e o Murilo Melo Filho passamos talvez algumas das nossas melhores horas da vida. Perguntei-lhe: – Daniel, você não está com a Rachel de Queiroz? Ele respondeu: – Ela está aqui no clube hospedada, para fugir dos amigos no dia do aniversário. Então eu disse: – Você vai me desculpar muito, sei que ela te ama e me ama também, mas vou vê-la.

Daniel também achou que era uma boa idéia. Fizemos uma festa para cinco pessoas. Mandei baixar um vinho do clube, e Rachel, loquaz como nunca, amou aqueles momentos, surpreendentes naturalmente, porque ela havia fugido de tudo, menos do seu afilhado.

Então, vejam o que é o destino, como vai traçando as suas teias sem que a gente possa dominá-lo. Ele é que nos domina.

Rachel, que merece a louvação não só do poeta pernambucano Manuel Bandeira, mas de todos nós, como bem lembrou o Professor Ubiratan Aguiar, teve uma irmã-filha – Maria Luiza – que mandou para o Presidente Marcos Vilaça um bilhete escrito a mão, que vou tomar a liberdade de ler, para o conhecimento de todos:

“Meu caro Marcos Vilaça:

Minha vontade seria estar aí presente, nesta bela homenagem à minha irmã. Infelizmente estou impossibilitada de andar com meus próprios pés, pois um deles está operado por conta de um acidente idiota.

Contudo, no meu lugar estarão aí os entes mais queridos de Rachel: seus netos, seus bisnetos, além dos seus amigos do peito [que se distribuem aqui entre os acadêmicos e as pessoas que estão na platéia].

Desde já agradeço-lhe, e através de você a todos os membros da Academia, a quem ela considerava parte de sua família, por esse gesto de carinho e justiça.

Em meu nome e de Namir, o abraço sempre amigo de

Maria Luiza de Queiroz”

Este é o sentimento da família. Agora vamos ao nosso sentimento. Fiz um pequeno texto, diminuí-o mais ainda por recomendação do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que disse que se eu falasse mais de dez minutos ela seria o primeiro a vaia. Então, vou aproveitar os outros cinco que sobraram para dizer a todos vocês que, de fato, como diz a música, “a saudade dói”.

Era uma conversa praticamente de todas as noites. A Rachel, linda, não sei como ela pôde se dizer um dia feia, porque não se considera feia a pessoa a quem se ama. E nós a amávamos. Nós todos admirávamos e amávamos essa figura extraordinária da literatura brasileira. A Rachel sempre foi muito bonita, teve uma vida intensa. Como ela me contava diversas vezes, “eu podia ter sido sua colega para sempre, porque a partir dos dezenove anos, professora primária, escrevi o livro *O Quinze*”, que já se perdeu na conta do tempo quantas edições foram tiradas dessa pequena obra-prima da literatura, não apenas do Nordeste, mas eu diria da literatura universal.

Depois Rachel fez a sua vida. Casou, teve uma filhinha, foi para Alagoas, sofreu, perdeu a filha única, mas guardou um amor extraordinariamente fiel ao seu marido, com quem ela se casou já no Rio de Janeiro, o Dr. Oyama. Morou durante muito tempo na Ilha do Governador, até que viesse depois para o Leblon. Mas gostou muito da Ilha do Governador. Inspirou-se em alguns dos seus trabalhos naquele cotidiano da ilha, ainda na época sem tanta violência como tem hoje.

Nos seus últimos momentos, eu a visitava para tomar o sorvete de manga que ela sistematicamente me oferecia. Eu já gostara desse sorvete há alguns anos atrás. Mas não havia escolha, ela já anunciava peremptoriamente: – Você vem aqui tomar “aquele sorvete”. Era o sorvete de manga, não tinha castigo. Tomei o sorvete de manga na última visita que a Rachel me permitiu que eu fizesse, e me levantei, às horas tantas, e disse: – Rachel, eu já vou, porque você tem que descansar. E está na minha hora também de chegar em casa. Então, ela olhou fundo nos meus olhos: – Fica mais um pouco. O Oyama já está chegando. Ele gostaria muito de falar com você.

Saí dali chorando, pela fidelidade dela ao grande amor da sua vida. Mas também por sentir a fragilidade de cada um de nós diante da morte inexorável.

Ela viveu os seus últimos dias com o Oyama, não no céu, mas ao seu lado, amparando-a, como o fez de maneira inexcedível a sua querida irmã Maria Luiza.

Sobre os méritos dela como escritora, falou o nosso querido amigo, o mestre Ubiratan Aguiar.

Não vou repetir que ela foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, que ela tinha um amor muito grande pela Academia e particularmente pelo nosso inesquecível Presidente Austregésilo de Athayde, que sistematicamente ia aos domingos para a ilha de Itacuruçá, onde ele era um senhor feudal, a caráter, e voltava de lá, sistematicamente todo o domingo, com um cacho de bananas enorme, que ele levava com dificuldade lá para o segundo andar do prédio da Rachel de Queiroz, no Leblon, porque era uma assinatura dele. Ele precisava ver a Rachel e entregar-lhe um cacho de bananas – da melhor qualidade, diga-se a bem da verdade – que eu mesmo em algumas ocasiões experimentei.

O que espanta, o que hoje vai se tornando um pouco mais raro, é a fidelidade de duas pessoas que pensam igual, que amam o Brasil igualmente, que são ou foram irônicos da mesma forma, que riam às gargalhadas quando comentavam a fraqueza de um ou outro de nós, que as temos e até de forma abundante, eles dois, como duas crianças conversando, e nós batíamos palmas ou ficávamos ouvindo para aprender, eles dois se tratando como dois irmãos muito íntimos. Isso é revelador do caráter de ambos, foram fiéis um ao outro até o fim da vida de um e de outro.

Tenho as minhas naturais saudades da Rachel amiga, da Rachel madrinha, da Rachel quase mãe, da sua presença no Ano Novo Judaico na minha casa, sempre, tinha assinatura comigo, da paixão que ela demonstrava pelos conhecimentos hebraicos, pelas cantorias das netas, querendo saber o significado de cada palavra, porque ela se considerava, ela mesma, uma velha senhora sionista. E assim foi convidada a ir a Israel, e na Terra Santa recebeu o que pode ser talvez a maior homenagem que se possa prestar a uma pessoa: plantar uma árvore com o nome de Rachel de Queiroz em Jerusalém. Há um bosque onde são lembradas figuras marcantes da humanidade, e ali está o nome de Rachel de Queiroz, para sempre.

É evidente que isso me encantava, como me encantei, muitos anos antes, quase garoto ainda, mas já jornalista, lendo a última página da revista *O Cruzeiro*. Mestra, cronista de primeira ordem, pioneira de alguns dos grandes cronistas que o Brasil teve, e nós, no afã de elogiar a literatura nordestina, basicamente, da Rachel de Queiroz, às vezes olvidamos um aspecto da sua biografia, que não pode jamais ser esquecido: ela, durante anos a fio, penso eu que por mais de trinta anos, escrevia na última página da revista *O Cruzeiro*, na época com quinhentos e tantos mil exemplares, a maior do país, e que durante muitos anos teve essa liderança.

A Rachel com a sua graça, com o seu encanto pelas palavras, apaixonada que era pela língua portuguesa, nos deixa muita saudade. Mas ela estará conosco – se já não estava antes, a partir daquele dia 4 de novembro – pela decisão muito oportuna, muito carinhosa do nosso querido Presidente Marcos Vilaça, ela fica, com o seu retrato, eternizando a sua presença, a sua fisionomia, sobretudo para que mais adiante, quando alguns de nós já não estiverem por aqui, a juventude que freqüente esta Casa, como é sempre nosso desejo permanente, possa perguntar: – Quem é aquela senhora simpática que está ali sorrindo para nós todos? Eles saberão, pela descrição de alguém, do Centro de Memória, que esta foi a Rachel de Queiroz, rainha da literatura brasileira, pioneira de tanta coisa, figura amada e respeitada e querida, que jamais, em qualquer circunstância, sairá da memória desta Casa.

~ Presidente Marcos Vinícios Vilaça

Senhores Acadêmicos, Senhoras e Senhores. Bem podem imaginar todos quanto conforta à Academia ter tanta gente conosco, com os acadêmicos, na homenagem à Rachel. Estamos gratíssimos pela presença tão expressiva. Permitam que eu diga um pouquinho mais. Mas o que tenho a dizer é pouco, comparado ao que foi testemunhado aqui, do ponto de vista da crítica literária, o que fez Ubiratan Aguiar; e do ponto de vista de relação humana, o que nos confessou Arnaldo Niskier. Ambos, da sua vertente, com absoluta precisão.

Eu também tenho que lhes dizer que estou muito contente em ter contribuído para dar melhor memória a Rachel de Queiroz, porque tenho, nesta hora em que me encontro neste salão, o exato desenho da expressão de felicidade de Rachel quando me viu tomar posse. Nesta sala sabem apenas Niskier e Portella o quanto ela foi entusiasta do meu ingresso nesta Casa. Então, é a forma que eu tenho de dizer a ela mais uma vez: Muito obrigado, Rachel. Também porque, como homem do interior, das barrancas do rio Capibaribe, gosto de recordar que Rachel desfez essa verdade, que continua verdade, mas não mais tão absoluta, de que a gente, quando vive numa cidade grande, a gente sempre está longe. Nem sempre. Rachel morreu numa rede. Se ela estava numa rede, ela não estava longe do seu Ceará, ela estava no Ceará. Fosse o Ceará do Leblon, não importa, era o Ceará.

Louvo o que disseram aqui Ubiratan Aguiar e Arnaldo Niskier. E por fim ajunto mais uma convicção minha: a festa é simples, a festa é modesta. Grande é só a Rachel, porque para ser fiel a Rachel de Queiroz tinha que ser simples, porque o luxo não é sertanejo. A sertaneja Rachel não estimaria uma festa luxuosa.



Câmara Cascudo: sábio e erudito

MURILO MELO FILHO

Exatamente no último dia 30 de julho do ano passado completaram-se 20 anos da morte de Luís da Câmara Cascudo (ou do seu “encantamento”, como gostava de dizer).

Ele foi um fiel admirador da nossa Academia Brasileira de Letras, sem nunca ter chegado ao seu Quadro de Membros Efetivos, apesar das reiteradas tentativas feitas pelos acadêmicos Austregésilo de Athayde, Peregrino Júnior, Josué Montello, Hermes Lima, Rodolfo Garcia, Jorge Amado, Afonso Arinos, Rachel de Queiroz, Odylo Costa, filho, Antônio Houaiss, Marcos Vilaça, Antonio Olinto e José Sarney, para que se candidatasse a ela, onde recebeu o Prêmio Machado de Assis e onde seguramente seria eleito.

A todos esses convites, resistiu sempre por considerar-se um “provinciano incurável”, como o denominou Afrânio Peixoto, com tanto amor por sua querida cidade de Natal, que não poderia ausentar-se dela para cumprir, no Rio, os seus deveres acadêmicos. Dizia ele, então, à sua filha Anna Maria Cascudo Barreto:

Jornalista, trabalha na imprensa desde os 18 anos. Como repórter político, escreveu centenas de reportagens sobre o Brasil, entrevistou personalidades do mundo inteiro e tem vários livros publicados, entre os quais *O Modelo Brasileiro*, *Testemunho Político e Tempo Diferente*. Membro da ABL (Cadeira n.º 20), diretor das Bibliotecas da Academia.

– Tenho tantos amigos lá na Academia, que prefiro continuar sendo seu eterno noivo, sem nenhuma ambição de chegar ao casamento. – E acrescentava: – Ficaria muito sem jeito se tivesse de cabalar votos para mim mesmo e para derrotar outro candidato.

Na sua modesta biblioteca – onde ninguém mexia em nada – recebeu visitas importantes, como as dos Presidentes Juscelino Kubitschek e João Baptista de Figueiredo, além de Joracy Camargo, Paschoal Carlos Magno, Procópio Ferreira, Assis Chateaubriand, Dorival Caymmi, Luiz Gonzaga, Ary Barroso e Mário de Andrade, com o qual manteve uma intensa correspondência.

Em seu livro *Cascudo, um Homem Feliz*, o Acadêmico Diógenes da Cunha Lima, presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, fundada por Cascudo em 1936, lembra que, naquela biblioteca, e fumando seu charuto, ele repousava sempre numa rede, da qual muito gostava, e quando ali recebia uma visita importuna e impertinente, tinha um modo todo especial de encerrá-la:

– Deus te abençoe, meu filho. Vai baixar noutra freguesia.

Homenageado em Natal, com o título de “Cidadão natalense”, o ex-senador e acadêmico José Américo de Almeida fez questão de reencontrar-se com Cascudo, que não via há mais de 30 anos, começando por elogiá-lo:

– Como você está jovem, encantador e bonito...

Cascudo não refrescou:

– Diga logo quais são as suas intenções, velho devasso.

Ali recebeu, certa madrugada, dois alunos boêmios de Natal, Albimar Marinho e Newton Navarro, com um passarinho numa gaiola, ao qual agradeceu:

– Muito obrigado pelo lindo presente.

– Nada disto, professor. Estamos apenas trazendo-lhe o direito de o senhor abrir esta gaiola e soltar este passarinho.

O Acadêmico Odylo Costa, filho e sua mulher, Nazaré, foram recebidos por Cascudo, que lhes disse o seguinte:

– Sou do tempo em que não se beijavam homens. Mas a você, eu beijo.

E tascou um ósculo na cara de Odylo.

Numa parede da biblioteca fez questão de pendurar o retrato de um maestro, com uma dedicatória: “Uma boa testa para um cascudo amigo. Vila-Lobos.”

Manuel Bandeira enviou-lhe um exemplar do seu *Itinerário de Pasárgada*, com uma dedicatória: “Com admiração. Vem cá, homem.”

Certo dia, a minha querida amiga Zila Mamede levou o Acadêmico João Cabral de Melo Neto à presença de Cascudo, que, em homenagem à Espanha de João Cabral, o saudou, recitando de cor vários poemas na língua galega, da nossa Acadêmica Nélide Piñon.

Recebendo Dona Lucy Geisel, mulher do General-Presidente da República, tratou-a o tempo todo de “menina”. À saída, a senhora-idosa prometeu:

– Dr. Cascudo, pretendo retornar aqui, só para voltar, de novo, a ser menina.

Certa manhã, sua empregada doméstica o avisou:

– Dr. Luís, tem um homem aí fora.

E Cascudo aconselhou:

– Diga-lhe que, aqui dentro, tem outro.

Foi almoçar na casa de Zila Mamede, que estava terminando justamente de escrever um livro sobre ele, e levou uma garrafa de vinho francês:

– Tome para você beber, Zila. Mas, quando tiver um peixe à altura deste vinho, por favor, me convide.

~ Toda a sua obra numa máquina de datilografia

Numa velha máquina de datilografia “Underwood”, sem computador, sem assistentes, assessores, pesquisadores ou secretárias, Cascudo, sozinho, escreveu toda a sua obra de 150 livros, sobre história, sociologia, literatura, geografia, poesias, ensaios, biografias e romances, entre os quais alguns clássicos como *Alma Patrícia*, *Joio*, *História da Alimentação no Brasil*, *Vaqueiros e Cantadores*, *Viajando o Sertão*, *Actas Diurnas*, *Civilização e Cultura*, *Rede de Dormir*, *Folclore do Brasil*, *A Tradição Popular no Brasil*, *Trinta Estórias Brasileiras*, *Superstições e Costumes*, *Jangada*, *Jangadeiros*, *Coisas Que o Povo Diz*, *Histórias Que o Tempo Leva*, *Canto de Muro*, *Flor de*

Romances Trágicos, Meleagro, Ontem, Tradição, Ciência e Povo, Literatura Oral no Brasil, além de um *Dicionário do Folclore Brasileiro*, lançado em 1954 e com várias reedições hoje já publicadas.

Escreveu também estudos sobre a África, que o transformaram num dos maiores africanistas brasileiros, ao lado dos nossos confrades, os acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Eduardo Portella, Antonio Olinto e José Honório Rodrigues, além de Raymundo de Souza Dantas, Artur Ramos, Nina Rodrigues e Gilberto Freyre.

Ao longo da sua centena e meia de livros, ficaram bem definidas por ele as dimensões de comportamento do homem comum brasileiro, nos seus cotidianos hábitos de comer, morar e vestir, nos rituais do seu nascimento e de sua morte, nas identidades de faixa etária e de gênero, nas manifestações orais de gestos, de memórias, de comemorações e de tantas outras interfaces da condição humana.

Trata-se de um universo temático, amplo e abrangente, regional mas também internacional, descrito na rica erudição do autor.

Cascudo se insere hoje no espectro e na linhagem dos grandes intérpretes brasileiros: de Sílvio Romero, de Euclides da Cunha, dos dois Gilbertos (o Freyre e o Amado), de Capistrano, de Rui, Oliveira Vianna, Caio Prado, Roberto Campos, Barbosa Lima Sobrinho e Sérgio Buarque de Holanda.

Até mesmo as biografias que escreveu sobre o Conde d'Eu, o Marquês de Olinda e o ditador Solano López, até mesmo elas se encaixam nos seus elos temáticos com o Brasil imperial, de que nos dá notícia com sua participação na Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II.

Mais adiante, o alvo dos seus biografados fica mais restrito ao âmbito da cultura e da política potiguares, com as biografias de Pedro Velho, Henrique Castriciano, Auta de Souza, João Câmara e Jerônimo Rosado.

Cascudo adorava paçoca de carne do sertão do Seridó, preparada num pilão, com banana e manteiga de garrafa, chegando a pedir a Newton Navarro (outro gênio nosso) que escrevesse, com “ritmo de pilão”, um poema sobre paçoca.

Tomava uma taça de vinho no almoço, mas o que preferia mesmo era cerveja. Intelectual boêmio e romântico, por vezes varava as noites e madrugadas na companhia de um grupo de amigos.

Tradutor de Walt Whitman, foi um leitor de Goethe, Dante, Cervantes, Montaigne e Camões. Não gostava de Wagner, preferindo Beethoven e Mozart e sustentando que a música mozartiana fora usada para apaziguar os índios na aproximação com os brancos.

Em seu *Decálogo*, aconselhava que não se deve mentir, nem dar notícias ruins, muito menos ajudar o diabo, colaborar com os medíocres ou invejar a felicidade alheia, mas, sim, valorizar os momentos felizes, trabalhar menos e melhor.

~ A amizade com Sylvio Pedroza

Sylvio Pedroza, o saudoso prefeito de Natal e governador do Rio Grande do Norte, certa vez assim recordou-me o seu primeiro encontro com Cascudo:

– Eu tinha 20 anos menos do que ele. Mas era como se nos conhecêssemos desde crianças. Aquele nosso foi um encontro marcante, único, definitivo. E nunca mais deixamos de nos encontrar e de conviver.

Como prefeito, Sylvio assinou um decreto criando o cargo de “Historiador da Cidade de Natal”, nomeando Cascudo para exercê-lo, em função honorífica e gratuita, com o simbólico salário de I cruzeiro por ano, que o assalariado, aliás, fazia questão de receber, pontualmente.

E encomendou-lhe um livro: a *História da Cidade de Natal*, cuja I.^a edição foi financiada pela própria Prefeitura, tornando-se um clássico no gênero e sendo reeditada há pouco tempo pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, presidido por Enélio Petrovich.

Quando governador, logo depois, Sylvio encomendou a Cascudo a *História do Rio Grande do Norte*, pois já eram transcorridos mais de 30 anos do livro do historiador Tavares de Lira sobre o estado norte-rio-grandense e havia muitos textos a acrescentar.

Certo dia, Sylvio comunicou a Cascudo:

– Eu era prefeito e você ganhou I cruzeiro escrevendo a *História da Cidade de Natal*. Logo em seguida, fui governador e você ganhou bem pouco com a *História do Rio Grande do Norte*. Cascudo: você precisa ser meu eleitor. Pense bem. Se eu, por acaso, chegar à Presidência da República, vou encomendar-lhe a *História do Brasil*, em 24 volumes. E então, você, aí, fica ... rico.

Achando muita graça, Cascudo contava que Sylvio fora seu aluno de História Universal no Atheneu Norte-Rio-Grandense e uma vez o interrogara sobre como é que Dom Manuel, o Venturoso, Rei de Portugal, tomara conhecimento da grande notícia do Descobrimento do Brasil.

E Sylvio, apanhado de surpresa, e à falta de uma explicação melhor, respondeu:

– Cabral passou-lhe um longo telegrama.

E, Cascudo, mais surpreso ainda:

– Mas, telegrama, em abril de 1500? O inventivo aluno não acha que foi cedo demais?

Sylvio concordou:

– É. Foi um pouquinho cedo.

Vários anos depois, já como governador, Sylvio costumava perguntar:

– Que seria de Natal, do Rio Grande do Norte e de todos nós, se não fosse Cascudo? Quem iria reaver a memória dos nossos pró-homens, com a liderança política de Pedro Velho, a visão cultural de Alberto Maranhão e o gênio criativo de Augusto Severo?

– Se você tiver alguma dúvida sobre alguma coisa, recorra ao Cascudo, que, segundo Carlos Drummond de Andrade, sabe de tudo, aconselhando: “Você já consultou o Cascudo? Traga-me aqui o Cascudo. Ele aparece e decide as dúvidas.”

Quando era governador, certa tarde-noite, Sylvio telefonou para Cascudo:

– Eu estou sofrendo muito com a sua ausência e o seu afastamento.

Cascudo respondeu:

– E eu estou num sufoco danado, porque tenho prazo certo, num contrato assinado com uma editora, para descobrir, aqui em Natal, qual o melhor lugar de onde a nossa visão do pôr-do-sol pode ser mais sugestiva e bela.

Sylvio prontamente anunciou:

– Tratando-se de pôr-do-sol, eu também estou nessa boca.

E, saturado da política paroquial, largou o seu gabinete de governador, pegou o seu próprio automóvel, desceu nele a Rua Junqueira Aires – (que naquele tempo ainda tinha mão e contra-mão) – chegou no Sobradinho de Cascudo, pulou a janela do terraço, declamando versos, imitando figurões poderosos – aliás, como sempre o fazia – e arrancou Cascudo para irem, rio Potengi acima, à procura do mais belo pôr-do-sol de Natal.

Encontraram-no finalmente, visto do patamar da igreja do Rosário, sobre o estuário prateado do Potengi. E viram o astro-rei desaparecer no horizonte multicolor em cromáticas gradações de ouro e de púrpura. Depois, deixaram-se ficar sentados, os dois, num banquinho à margem do rio, em longas conversas, tendo à frente o zênite e o limite infindos, o Potengi, o mar e o sol poente.

Foi aí que Cascudo ganhou o rótulo de “O Colecionador de Crepúsculos”, nome dado por Anna Maria Cascudo Barreto ao excelente livro de memórias sobre o seu pai.

~ Para o povão, concertos de música clássica

Não raro o governador Sylvio Pedroza e o historiador Luís da Câmara Cascudo percorriam, felizes, os bairros populares, levando, em cima de um caminhão, o maestro Oriano de Almeida e o seu piano, para dar concertos de Chopin nas praças da cidade, ou então para assistirem aos folguedos da Nau Catarineta e do Bumba-Meu-Boi.

Em noites de luar, os dois rendiam homenagens às estátuas silenciosas. Abandonavam seus compromissos e encontros, para, juntos, ouvirem os quartetos, as sinfonias, os musicais, a ópera *Fidélio* e a *Missa Solemnis*, do alemão Ludwig von Beethoven.

Era aquele um lirismo pouco encontrado em homens comuns e, menos ainda, em homens importantes, como eles dois.

Certo dia, num jipe pilotado por Sylvio, Cascudo reviu o marco de Touros, o mais antigo do Brasil e que assinala o nosso Descobrimento no ano de 1500. E participaram os dois de uma caçada dos bandos de arribação.

Enquanto isto, no Palácio do Governo e no Solar da Junqueira Aires, n.º 377, (hoje tombado pelo Patrimônio Histórico do Estado), os correligionários de Sílvio e os alunos de Cascudo exasperavam-se com aquelas inexplicáveis ausências de ambos.

De Cascudo e sobre ele, poucos são os contemporâneos que não têm um caso ou um fato para contar. Pois eu também tenho o meu.

Vejam bem. Quando, há uns 40 anos, o grande poeta potiguar Gilberto Avelino foi a Cascudo pedir-lhe o voto para sua candidatura à nossa Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ouviu dele o seguinte:

– Votarei em você, meu caro Gilberto, não apenas porque é filho de Edinor Avelino, meu grande amigo, mas sobretudo porque você possui um enorme valor intelectual. Em retribuição a este meu voto, vou pedir-lhe um favor: Encontra-se agora lá no Rio de Janeiro um rapazinho aqui de Natal, que foi meu aluno no Atheneu e que está lutando muito para firmar-se na imprensa brasileira. De você, Gilberto, quero apenas o seguinte: qualquer dia em que esse rapaz se candidatar aqui em Natal à nossa Academia, por favor, vote nele, embora eu inclusive já possa prever que o seu destino final será a Academia Brasileira de Letras, ela mesma, lá no Rio de Janeiro.

Até recentemente, enquanto viveu, Gilberto Avelino costumava contar essa história com muita freqüência e com outros detalhes.

Quiseram os desígnios do destino, nos seus insondáveis mistérios, que eu, cumprindo aqueles prognósticos cascudianos, me candidatasse e me eleges-se, primeiro, para a Cadeira n.º 19 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, em Natal, na vaga de Nilo Pereira, em 1992, quando Cascudo já não mais vivia.

E Cascudo também não estava mais vivo quando, sete anos depois, em 1999, eu me elegi para a Cadeira n.º 20, da Academia Brasileira de Letras. Imagino hoje como Cascudo gostaria de saber que suas previsões se haviam confir-

mado: na cadeira que lhe cabia de direito e de fato, na ABL, quem está sentado agora sou eu.

Mas sabem os leitores quem era aquele rapazinho para o qual Cascudo, há tantos anos, já fazia aquela premonição a Gilberto Avelino?

Aquele rapazinho também era eu.

E a própria Anna Maria Cascudo Rodrigues, no seu livro *O Colecionador de Crepúsculos*, recorda ainda que seu pai “um homem extraordinariamente sábio, ficaria feliz se pudesse ter assistido em vida que, exatamente naqueles dias, estava entrando na Academia Brasileira de Letras outro quase filho seu, pelos laços do afeto, o jornalista Murilo Melo Filho”.

~ O retrato numa cédula de cinquenta cruzeiros

Quando o Banco Central escolheu o retrato de Cascudo para ilustrar uma cédula de 50 cruzeiros, surgiu logo a objeção de prever que, quando ela começasse a circular, de nada mais valeria, por causa da inflação então galopante. E Cascudo reagia:

– Ficarei muito contente se, quando isto acontecer, o feliz proprietário desta cédula puder ir até um botequim e com ela pagar um gole de cachaça.

Ao escrever a Nilo Pereira, que foi meu antecessor na Cadeira n.º 19, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, – (ao escrever a Nilo, no Recife) – Cascudo assinava-se “Luís do Natal” e endereçava no envelope: “Dr. Nilo, Barão do Guaporé”.

Depois da quinta carta, o carteiro não se conteve e perguntou:

– “Dr. Nilo, diga-me aqui uma coisa: o senhor é mesmo Barão?”

Apesar dos insistentes convites, saiu poucas vezes de Natal: a primeira, pelo interior do Rio Grande do Norte, que percorreu de automóvel em centenas de quilômetros; uma segunda, para a África, em 1963, numa viagem de estudos e pesquisas; outra a Brasília, para receber um prêmio literário; outra mais ao Rio e ao Uruguai, numa missão incumbida pelo Itamaraty.

~ A fraterna amizade com Gilberto Freyre

A amizade entre Cascudo e Gilberto Freyre merece um destaque especial. Ambos são autores de obras paralelas e complementares, uma da outra, porque os dois redescobriram o Brasil, num estilo alegre, informal e desconcentrado. Ambos também foram professores universitários: um em Sociologia, na Universidade de Columbia; outro, em Direito Internacional Público, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Havia entre eles uma admiração recíproca e uma suave rivalidade. Quando Gilberto lançou o seu livro *Açúcar*, Cascudo o rebateu com o seu livro *Cachaça*. Essa rivalidade foi amenizada quando, em Natal, Gilberto beijou Cascudo e o condecorou com a Medalha Massangana.

Cascudo elogiava muito a bengala e o britânico estilo de Gilberto, que assim concluía: “Em Portugal, ele seria Queiscudo. Na França, Monsieur Cascudô e na Alemanha Herr Kaskúdo.”

~ Uma obra com projeção no Brasil e no mundo

Notívago, Cascudo foi um trabalhador braçal da inteligência e um incansável operário da cultura. No tumulto de sua biblioteca, com tantos originais de textos (havia momentos em que escrevia três livros ao mesmo tempo), era um prodígio e um recordista em matéria de produção literária, de alta categoria.

Sua obra, sempre atual e profunda, tem projeção nacional e internacional.

Nela, fixou costumes, ouviu estórias, anotou frases e colheu impressões. Via o perto e o longe. Valorizava tanto a erudição da Sorbonne quanto o aboio dos vaqueiros nordestinos.

Para que se tenha uma idéia do cuidado que ele colocava em suas pesquisas, revelo que o Acadêmico Antonio Olinto estava servindo como Adido Cultural na capital nigeriana de Lagos, quando recebeu uma carta de Cascudo, enviada de Natal, pedindo-lhe a oração da Ave Maria na língua iorubá.

De um professor americano da Universidade do Texas, Cascudo recebeu um telegrama “western”, com resposta paga:

– Favor informar-me se jacaré dorme de noite.

Como pesquisador, checava as suas fontes várias vezes. Tinha o maior escrúpulo no exame dos documentos e das informações. Era um disciplinado e um poliglota, dotado de uma memória privilegiada, que tudo examinava e conferia.

Resolveu certo dia que estava estudando o tupi-guarani, segundo ele, “para ter acesso às nossas raízes”.

Seu pai era um coronel da Guarda Nacional, um todo-poderoso da República Velha, que morava numa chácara com o nome de “Principado”, ocupante de uma quadra inteira do Tirol, seu bairro, mas que, com a Revolução de 30, tudo perdeu e terminou falindo. Durante alguns anos, o filho carregou sobre os ombros a fama de ser um menino rico, embora não o fosse mais.

Talvez por isto mesmo Cascudo nunca tenha dado valor ao dinheiro, não sabendo bem quanto ganhava e quanto gastava.

Teve dois irmãos, que morreram antes dele numa epidemia, e foi um menino magro, pálido e enfermizo. Não brincava e não se distraía. Sua única distração era estudar.

Seu pai, meio desolado, dizia:

– Meu filho estuda muito, mas só procura estudos que não dão dinheiro.

Ainda menino, viveu o sertão árido e seco de sua terra, sem chuvas e sem água: “Cortei muitas palmas de cactos para dar de comer às vacas, de cujas tetas tirava o leite.”

Estudou Medicina na Bahia, mas, não tendo vocação para médico, deixou a Faculdade no quarto ano. E, em seguida, formou-se em Direito pela Faculdade do Recife.

Um colega da turma da Bahia perguntou-lhe por que deixara o curso médico. E ele justificou-se:

– A pedido dos doentes.

Voltou à sua cidade, crescendo com ela, amando-a e escrevendo, como já disse, a *História da Cidade de Natal*. Sua vida e sua obra estão indelevelmente ligadas às ruas e casas de Natal, que hoje dele muito se orgulha.

Houve um tempo em que Natal tinha uma faixa no pórtico da sua entrada com os seguintes dizeres:

– Seja bem-vindo à terra de Cascudo.

O governador Juvenal Lamartine incluiu seu nome na chapa do Partido Republicano e o elegeu deputado estadual, mas, três dias depois de eleito, Cascudo foi cassado pela Revolução de 30. E Cascudo perguntava:

– Como posso, então, gostar de política? Toda vez que há uma revolução no Brasil, dois ou três alunos meus são promovidos. E dois ou três outros vão para o exílio.

Sem promoção, mas também sem exílio, tive a feliz oportunidade de ser seu aluno no velho Ateneu Norte-Rio-Grandense, onde “matei” muitas aulas de outras matérias para ouvi-lo dissertar sobre episódios da História Universal, com aulas coloquiais, pitorescas e amenas, numa técnica especial de comunicar-se e que aprimorou mais ainda quando foi aprovado num concurso para professor de Direito Internacional Público, na Universidade do Rio Grande do Norte, por ele inaugurada.

Possuía o dom da prosa, animada, viva e cintilante, com a preocupação de irradiar bom humor e simpatia, que prendia o auditório, da primeira à última palavra. Falava como se fosse uma cachoeira, em catadupas torrenciais.

Sua copiosa adjetivação se continha em sínteses fabulosas, com um vocabulário justo, a imagem legítima e o gesto oportuno e sóbrio.

Era um expositor, estilista e profundo, universalizante e telúrico. Era rei onde chegava, porque sabia tudo e de tudo. Era também um sábio e um gênio, eruditos.

Ele tem sido muito aplaudido, pelas gerações ensinadas, como professor da província, agarrado à sua terra, que sempre achou boa, acolhedora e generosa.

E que se sentia feliz em ter a casa cheia dos seus fiéis alunos, a pedir-lhe explicações, que ele dava com boa vontade, cultura e sabedoria.

~ A geração que herdou um grande mestre

Inteiro, de corpo e alma, nossa geração herdou o poeta, o orador, o historiador, o folclorista, o etnógrafo, o patriarca, o profeta e o mestre de toda a nossa geração.

Hoje, diz-se dele que era um gênio, com olhos azuis e redondos, uma cabeça grande e leonina, uma cabeleira de poeta da *belle époque*, os cachos voando e se misturando com o rosto. Os ombros eram curtos, as bochechas cheias e o andar um tanto incerto e hesitante, próprio de quem não tem pressa nem obrigação de ir a lugar nenhum.

Através de uma campanha liderada pelo jornalista Paulo Macedo, instalou-se em Natal, dirigido pela sua neta Daliana, o “Memorial Câmara Cascudo”, num prédio antigo, construído nas últimas décadas do século XVIII, que, em estilo neoclássico, já servira no Império como sede da Delegacia Fiscal e mais recentemente como Quartel-General da 7.^a Região Militar, mas hoje está totalmente restaurado.

No seu andar térreo, funciona um museu com temas ligados ao folclore e à cultura populares; e no andar superior, existe a biblioteca particular de Cascudo, com 10 mil volumes, além de sua documentação pessoal, cartas, diplomas, medalhas, comendas, condecorações, diplomas, faixas, fotos, seus óculos, seus manuscritos e sua rede.

Com o objetivo de homenagear o maior nome intelectual de nossa terra, ali estão informações preciosas sobre a vida e a obra, vivas e presentes no cotidiano de um povo que ninguém, até hoje, amou mais do que ele.

A velha casa na Rua Junqueira Aires, onde morou durante a maior parte de sua vida, foi tombada pelo Patrimônio Cultural do Estado.

Cascudo foi cantado em prosa e verso, na literatura de cordel, nos repentistas e nos desafios dos cantadores nordestinos, como este do vaqueiro Chico Traíra:

*Eis o doutor Cascudinbo.
Que valoroso tesouro!
Lá no sertão também tem,
Cascudo, aranha e besouro.
Os de lá não valem nada.
Mas este aqui vale ouro.*

O folclore cascudiano, segundo o Acadêmico Diógenes da Cunha Lima, é vasto e generoso.

Certo dia, ao apresentar-se a um figurão da terra:

– Câmara Cascudo, com muito prazer.

– Câmara Cascudo? Parece que já ouvi falar no seu nome.

E Cascudo, rápido:

– O senhor é muito mais feliz do que eu, que nunca ouvi falar no seu.

Uma senhora da alta sociedade de Natal, que não simpatizava muito com ele, confessou-lhe:

– O senhor sabe que nunca li um livro seu...

E Cascudo, peremptório:

– Engraçado. Nem eu.

Num exame, reprovou um aluno:

– É o cúmulo. O senhor devia ser reprovado, porque colocou o São Francisco como afluente do Amazonas, mas não o reprovou porque esta sua colocação podia até resolver o problema da seca no Nordeste.

Certa vez, um passageiro do seu lotado bonde do Tirol perguntou-lhe:

– O senhor tem assento?

E ele lhe respondeu:

– Assento eu tenho. E é grande. Só não tenho, no momento, onde colocá-lo.

De um dos poucos adversários, declarou Cascudo:

– Nem depois de morto me encontrarei com ele. Porque eu vou pro céu...

Certa vez estava ele assistindo ao ensaio de um fandango, quando o mestre da Nau *Catarineta* exclamou: “Vamos nas *ôndias* do mar” ...

Cascudo indignou-se:

– Pára. Pára. Eu já disse mil vezes que a palavra não é *ôndias*. Respeitem aqui o mestre Cascudo. Eu já disse mil vezes que a palavra certa é *ôndegas*...

~ Acompanhado pelo povo em lágrimas

Já no fim da vida, não mais saía de casa e da sua biblioteca. Praticamente imobilizado numa cadeira de rodas e na sua rede preferida, enfrentou os

últimos dias de vida. Estava vendo pouco, “o que me assegura a inocência”, e ouvindo menos ainda, numa surdez quase total, “o que me poupa de ouvir boatos e fofocas e me possibilita escutar apenas o que quero”. Para comunicar-se com ele, tinha de ser por escrito e em letras garrafais.

Não chegaria a concluir o seu grande livro de memórias, para o qual já tinha até um título: “Antes da noite”.

Chovia muito em Natal quando ele, naquele domingo de 27 de julho de 1986, deu entrada na Casa de Saúde São Lucas, com uma crise nos pulmões e no coração. Morreria três dias depois.

No dia 30 de julho de 1986, justamente há 20 anos, completados em 2006, o corpo de Luís da Câmara Cascudo foi velado no Salão Nobre da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, por ele fundada 50 anos antes.

Dali seu ataúde foi acompanhado pelo povão, em lágrimas, a pé, de carro, de bicicleta ou de moto, até à sua última morada no Cemitério do Alecrim, numa comovente homenagem, a que eu assisti e que ele tanto previu, naquilo que chamava “a sua última viagem”.

No cemitério, o Acadêmico Oswaldo Lamartine, inconsolável, perguntava a Diógenes da Cunha Lima, ambos da nossa comum Academia Norte-Rio-Grandense de Letras:

– Agora, com a morte de Cascudo, a quem nós vamos perguntar as coisas?

Naqueles dias de luto, quando o Rio Grande do Norte em peso se debruçou numa unânime reverência à sua memória, prestei na Academia Brasileira de Letras, para que ficasse inscrita em seus *Anais*, a modesta homenagem deste seu conterrâneo e ex-aluno, que hoje, na ABL, ocupa uma cadeira que, de direito, bem poderia ter sido justamente sua.



Da latinidade à lusofonia

EVANILDO BECHARA

Ao Amigo e Colega Francisco da Silva Borba, da Unesp – Araraquara, pelo muito que tem contribuído para os estudos lingüísticos no Brasil.

Um dos caminhos menos formais de se entrar na história da língua portuguesa como veículo da Lusofonia, sem empanar o rigor do método histórico e lingüístico filológico da disciplina científica, é penetrar na mensagem extraordinariamente feliz contida no soneto de Olavo Bilac em honra e ufanía do nosso idioma:

Professor Titular
e Emérito da
Universidade do
Estado do Rio
de Janeiro e da
Universidade
Federal
Fluminense.

Língua Portuguesa

*Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que, na ganga impura,
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

*Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!*

*Amo o teu viço e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

*Em que da voz materna ouvi: “meu filbo!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!*

(*Tarde*, 1919. *Poesias*, p. 286)

~ Flor do Lácio

Cabe primeira referência à “flor do Lácio”, mediante a qual nosso poeta alude à origem latina do português. O Lácio era uma pequena e desvalida região às margens do rio Tibre, povoada por humildes pastores que lutavam para vencer as dificuldades oferecidas por uma terra pantanosa e insalubre. Esta condição de comunidade rural vai deixar marcas profundas no léxico do latim, como veremos mais adiante.

Nessa época a Península Itálica agasalhava povos das mais variadas origens, indo-européias, como o osco e o umbro, e não indo-européias, como os etruscos.

O latim era um modesto dialeto de pastores que fundaram Roma e que viviam numa pequena região do Lácio, às margens do rio Tibre, cercado pelos dialetos itálicos e pelo etrusco. Esses pastores tiveram de lutar para vencer dificuldades advindas de uma terra insalubre e pantanosa e, a pouco e pouco, foram dominando as comunidades vizinhas e se preparando para o grande destino que desempenharia no futuro do mundo ocidental. Mas antes de chegar a

este apanágio, veículo dos encantadores discursos de Cícero, da heroicidade descrita por Virgílio, dos tons plangentes de um Horácio ou das Liras amorosas de um Catulo, o latim era um modesto veículo do conteúdo de pensamento de humildes pastores, condição refletida no seu vocabulário ligado à terra e à fertilidade do solo. Marouzeau, latinista francês dos melhores, nos apresenta vários exemplos disto: *arbor felix* ('árvore feliz') é aquela que produz frutos; a honestidade do homem se chama *homo frugi* ('de boa produção') passando ao significado moral de probidade; ou então é comparado ao animal de bom preço que se destaca do rebanho: *homo egregius*; a decadência do homem é comparada ao fruto que cai: *homo caducus* (de *cadere* 'cair'); ao ato de enganar-se dizia-se *delirare*, que significava originariamente sair do rego, do sulco que em latim se chamava *lira* (*delirare*, que caiu fora da lira); ao que se debate pelo direito ao mesmo canal de irrigação é o *rivalis* (= port. *rival*, derivado do latim *rivus*, 'rio'). Até palavras que servem à prática da vida literária têm origem rural; é o caso, por exemplo, de escrever, latim *scribere*, que significa 'gravar', 'fazer uma incisão'; o ato de falar, o discurso, se dizia *sermo*, de *serere* 'entrançar'; ler se dizia em latim *legere*, que significava 'colher'.

Mas às vezes a explicação exige análise mais profunda. É o caso de se dar como exemplo de palavra da língua comum de origem da atividade rural o termo *pecus* 'gado', que dá o derivado *pecunia* com o significado de 'dinheiro'. É um dos exemplos de Marouzeau, que se vê repetido noutras ocasiões. Ora, Emilio Benveniste, um dos maiores lingüistas do século XX, mostrou à saciedade que *pecus* significou originariamente 'o conjunto da posse móvel privada, tanto homens quanto animais', 'riqueza móvel', e que, só por especialização de significado, *pecus* passou a designar o 'gado'. Todos os autores da latinidade antiga e clássica não autorizam o estabelecimento de um elo entre *pecunia* e *pecu* 'rebanho, gado': *pecunia* significa sempre 'fortuna, dinheiro', numa prova evidente de que o primitivo *pecu* significa 'posse móvel'. O mesmo se há de dizer de *peculium* 'posse ou economia do escravo', evidenciando que o significado do primitivo *pecu* não se refere especialmente a 'gado'. É, portanto, uma lição que deve ser alterada nos manuais de semântica histórica.

Última flor do Lácio

Se já estamos em condições de entender por que Bilac chamou o português “flor do Lácio”, ainda não conseguimos entender a motivação que levou o poeta a classificá-lo “última” flor do Lácio. Sem sombra de dúvida, não havia no adjetivo a alusão à condição qualitativa a que no grupo das línguas românicas é das menos estudadas. Esta solução não é de todo impossível, se nos reportarmos a que o poeta, em versos abaixo, não deixa de salientar ser a nossa língua “desconhecida e obscura” ou, mais adiante, “ó rude e doloroso (= que acompanha a dor) idioma”. Bilac era um apaixonado da língua portuguesa, considerada por ele talvez o traço mais fundo da identidade nacional, e, numa conferência proferida no Centro de Letras, em Curitiba, em 1916, repetia uma afirmação do nosso primeiro gramático. Fernão de Oliveira, em 1516, que dizia que “os homens fazem a língua, e não a língua os homens”: “O povo, depositário, conservador e reformador da língua nacional, é o verdadeiro exército da sua defesa, mas a organização das forças protetoras depende de nós: artífices da palavra, devemos ser os primeiros defensores, a guarnição das fronteiras da nossa literatura, que é toda a nossa civilização” (*Últimas Conferências e Discursos*, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927, pág. 208).

Outra solução, a nosso ver plausível, é a que se pode atribuir ao adjetivo “última” o significado locativo: situada a antiga província Lusitania na parte mais ocidental não só da Península Ibérica, mas também do orbe romano ocidental, era natural que lá tivessem chegado por último os generais, os soldados, os colonos, os comerciantes e toda a sorte de integrantes da sociedade romana, para lançar as raízes de sua civilização.

Se esta foi a verdadeira motivação pretendida pelo poeta, não lhe dá razão a história da expansão romana, e Bilac, a confirmar a hipótese, imaginou a expansão atravessando o rio Pó ou Ádige e caminhando em direção do Norte, penetrando na atual Suíça pelos Alpes, chegando ao sul da França, atravessando os Pireneus e, internando-se pela atual Espanha, rumou em direção à região mais ocidental da península para acabar no atual Portugal.

Este trajeto jamais estaria na estratégia de um general romano, já que por aí encontraria dois inimigos então quase invencíveis: o terreno extremamente montanhoso dos Alpes, que prejudicaria a caminhada dos soldados e dos artefatos de guerra provenientes de Roma. O exército romano só iria beneficiar-se desses recursos depois do contacto com os gauleses, hábeis na engenharia de estradas e de carros. Não é sem razão que o léxico do latim acusa numerosos empréstimos aos gauleses nessa área de atividade: *carrus*, *benna carpentem*, *petorritum*, *ploxenum*, todos denominações de diversos tipos de viaturas, além de *cant(h)us* ‘roda’.

O outro inimigo, que nos tempos modernos, em outros sítios, derrotou o exército de Napoleão e parte do de Hitler, seria o frio. No norte da Península Apenina estão os Alpes italianos e suíços que descoroçoariam qualquer investida militar. Destarte, temos de voltar à verdadeira orientação da expansão romana até chegar à Península Ibérica.

Apesar das circunstâncias inóspitas do terreno às margens do Tibre, o Lácio gozava de feliz situação geográfica, pois, instalada numa região de intensas rotas de tráfego comercial, permitia a comunicação entre a Itália do Norte e a do Sul. Depois de um período de submissão aos etruscos – submissão que, do ponto de vista de progresso material, lhes foi proveitosa, uma vez que a dinastia dos Tarquínios deu novo alento à região e fundou a cidade de Roma, nome que, ao que parece, é de origem etrusca, e, além de exercer sobre os latinos influência na religião e no campo das artes divinatórias, foi por intermédio dos etruscos que o alfabeto latino, de origem mais próxima grega, chegou aos romanos.

Pela razão antes exposta, a expansão territorial dos romanos caminhou rumo ao sul, depois de lutar e subjugar as comunidades mais próximas a Roma. Estas vitórias sobre as populações às margens do Mediterrâneo levaram os romanos a defrontar-se com os cartagineses, habitantes de Cartago, região ao Norte da África, e senhores quase absolutos do comércio marítimo mediterrâneo. Foram duras lutas, ora vencidas, ora perdidas, que acabaram por dar a vitória final aos generais de Roma, durante a terceira guerra púnica, no século II a.C.; estava assim aberto o caminho para a conquista do sul da Península Ibérica, pela atual Espanha. O Mediterrâneo bem mereceu dos romanos o título de *mare nostrum*.

Assim, o latim penetrou como língua do conquistador na *Hispania*, no ano 197 a.C., e daí em diante outras regiões passaram a engrossar o império romano, a tal ponto que a História não conheceu outro povo de tão larga e profunda dominação: *Illyricum*, em 167; *Africae Achaia* (nome da Grécia), em 146; *Asia* (isto é, Ásia Menor), em 129; *Gallia Narbonensis* (isto é, a antiga Provença, nome originado de província, por ser a província por excelência), em 118; *Gallia Cisalpina*, em 81; *Gallia Transalpina*, em 51, depois da campanha de Júlio César, a respeito da qual escreveu o *De bello Gallico*; *Aegyptus*, em 30; *Rhaetia* e *Noricum*, em 15; *Pannonia*, em 10 d.C.; *Cappadocia*, em 17; *Britannia*, em 43; e finalmente a *Dacia* (região onde hoje se situa a Romênia), em 107.

Por este quadro, vê-se que a atual língua portuguesa, de procedência originariamente galega, não poderia ser, com toda certeza, a “última” flor do Lácio, embora a romanização da Península Ibérica tivesse levado dois séculos para completar-se definitivamente.

Cabe lembrar, para concluir este comentário, que algumas províncias conquistadas, especialmente as mais longínquas e as de menor interesse comercial ou estratégico, nunca foram totalmente romanizadas, enquanto outras, como a *Britannia* (= Inglaterra), conheceram um domínio muito curto, mas de penetrante influência cultural. Assim, chegamos a poder afirmar que a língua portuguesa foi das primeiras a se formar no quadro das línguas românicas; como afirmou o notável romanista Gustavo Gröber, o início de cada língua românica teve lugar no momento que o latim foi transplantado para as regiões conquistadas e aí entrou em contacto com o substrato cultural de diferentes povos e, ora mais rígidos, ora mais lassos os cordões ligados ao poder central de Roma, os conquistadores se foram diferenciando do primitivo latim.

Esta presença muito cedo do latim na Península Ibérica é responsável por certas características lingüísticas arcaicas do chamado latim hispânico, de que resultaram o galego-português e o espanhol, quer na fonologia, quer na gramática (morfologia e sintaxe), quer no léxico. Assim nesse latim hispânico ocorrem os seguintes fatos, desconhecidos de outras línguas românicas:

- a) a sobrevivência do pronome relativo *cujus*, genitivo de *qui, quae, quod*: português *cujo*, espanhol *cuyo*;
- b) a sobrevivência da série tríplice dos pronomes demonstrativos *iste, ipse, ille* (na forma reforçada (*accu + ille*): port. *este, esse, aquele*; espanhol *este, esse, aquel*);
- c) a conservação do mais-que-perfeito em *-ra* (*amara*) e do imperfeito do subjuntivo em *esse* (*amasse*);
- d) a evolução fonológica de *mb* passando a *m*; espanhol: *palumba* dando *paloma*.

No léxico, a exemplificação ainda é mais representativa, porque o português e o espanhol em geral conservam a palavra mais antiga, enquanto o italiano e o francês adotam a palavra mais recente no latim.

Esta diferenciação toca num ponto de lingüística geral de que teremos ocasião de falar, quando comentarmos distinções entre o português de Portugal e o português do Brasil: as regiões geograficamente periféricas ou marginais e as regiões centrais em relação ao centro cultural. Portugal e Espanha – bem como a Romênia – pertencem a áreas periféricas, enquanto Itália e França são áreas centrais relativamente a Roma; as primeiras são áreas conservadoras e as segundas inovadoras, e, em parte, isto se explica porque muitas inovações não tiveram a força de expansão para chegar ou implantar-se nas áreas mais afastadas ou periféricas. Vejam-se os seguintes exemplos, sabendo-se que as áreas conservadoras usam as palavras mais antigas no latim:

	Português	Espanhol	Italiano	Francês	Romeno
Latim: <i>FORMOSUS</i>			<i>BELLUS</i>		
	formoso	hermoso	bello	beau	frumos
Latim: <i>PLECARE</i>			<i>*ARRIPARE</i>		
	chegar	llegar	arrivare	arriver	a pleca
Latim: <i>MAGIS</i>			<i>PLUS</i>		
	mais	más	più	plus	mai
Latim: <i>RIVUS</i>			<i>FLUMEN</i>		
	rio	río	fiume	fleuve	riu

~ Inculta e bela

O adjetivo *inculta* referente à “flor do Lácio” prende-se à fase inicial da Filologia ou Lingüística Românica que chamava ao latim fonte das línguas românicas, isto é, suas continuadoras ininterruptas no tempo e no espaço (português, galego, espanhol, occitânico, catalão, francês, franco-provençal, italiano, sardo, reto-românico, dalmático e romeno), *latim vulgar*, e o caracterizava como a modalidade popular falada pelas camadas sociais que não tinham acesso à escolaridade e, por isso mesmo, falavam muito diferentemente do latim escrito e literário, chamado *latim clássico*.

Daí o nosso poeta não só estigmatizá-la como “rude”, mas ainda “desconhecida e obscura”, já nas suas relações genealógicas com a língua portuguesa.

Hoje esta concepção de latim vulgar muito se modificou, principalmente pela visão de que uma língua histórica se constitui de um conglomerado de línguas dentro de si, aquilo a que os lingüistas costumam chamar um “diassistema”, isto é, um conjunto complexo e variado de tradições lingüísticas, repartidas entre variedades *diatópicas* (regionais ou locais, os dialetos), *diastráticas* (sociais ou socioletos) e *diafásicas* (estilísticas).

Destarte, o latim, como língua de sociedade e do império romano, apresentava-se também polifacetado, de modo que o percurso do latim a línguas românicas não se pode atribuir, exclusiva ou preponderantemente, a determinada modalidade “popular” ou a qualquer outra, pois já apareceu tese de que elas “provinham” do latim clássico. Nesse processo histórico, com maior ou menor participação, esse latim fonte das línguas românicas é um depositário de isoglossas comuns oriundas de elementos populares, literários, da classe média e do latim dos cristãos, de elementos rústicos e itálicos, quer da atividade falada, quer da língua escrita.

Por isso, podemos dizer que Bilac, até certo passo, na sua intuição de poeta (que, pelo visto, não é só um fingidor, mas um futurólogo...), se antecipou à concepção diassistêmica de lingüistas hodiernos, pois não deixou de pressentir, na pretensa uniformidade do latim vulgar, a presença da multiformidade do latim *tout court*, do latim sem adjetivos, conjunto de isoglossas que se depre-

ende vivo em qualquer momento histórico por que se queira estudar e descrever o latim.

Parece ser dentro desta nova visão de teoria lingüística que Bilac aproxima – sem contradição! – ... inculta e bela.

És, a um tempo, esplendor e sepultura:

Ouro nativo, que na ganga impura

A bruta mina entre os cascalhos vela (= cobre com um véu para ocultar o ouro nativo).

Antes de prosseguir na exegese do soneto, paremos para apreciar a adequação e a justeza do léxico de Bilac; ao comparar o português com o ouro *in natura* (“ouro nativo”), reporta-se ao vocabulário especial ou técnico da mineralogia: “*ganga*”, dizem os dicionaristas, é o “resíduo, em geral não aproveitável, de uma jazida filoniana, o qual pode, no entanto, em certos casos, conter substâncias economicamente úteis”. Daí, nada mais normal do que se lhe aplicar a adjetivação “impura” e a referência a “cascalhos”. A noção técnica de jazida filoniana do verbete dicionarístico está representada em “a bruta mina”, em que “bruta”, com o significado de ‘tal como é encontrada na natureza’, retoma a noção de “nativo” em “ouro nativo”, já que “nativo” significa ‘o que é natural’.

Cabe aqui uma curiosidade para os que conhecem pouco a atividade literária e cultural de Olavo Bilac: o exímio poeta e excelente prosador preparou um dicionário analógico que, parece, chegou a ser entregue ao livreiro Francisco Alves, da qual obra e do seu paradeiro, infelizmente, não se tem hoje notícia. Ainda a relação das obras do autor que aparece na edição das *Últimas Conferências e Discursos* (1927) arrola o Dicionário Analógico, com a informação: “no prelo”.

O poeta, no 2.º quarteto do soneto, já vai falar da língua portuguesa literariamente constituída, deixando um vazio, entre o 1.º quarteto (a latinidade do português) e o 2.º, vazio que procuraremos preencher nas linhas que se seguem.

Estabelecida a origem latina do idioma, cumpre lembrar que, chegados os romanos à Península Ibérica no século III a.C., só no I a.C. estava a região romanizada. Ao lá chegarem, encontraram os conquistadores povos que já habitavam a península, povos de que não temos seguras notícias nem vestígios que não ofereçam muitas dúvidas. Fala-se numa base indígena de povos da cultura chamada capsense, bem como se aponta como possível um substrato mediterrâneo.

Menéndez Pidal, lingüista espanhol do mais alto valor, acreditava na existência de um povo de raiz lígure ou que, para Serafim da Silva Neto, o mais competente filólogo brasileiro da história do português, convivia chamar “ambroílrio”, que habitava o Norte de Portugal, Galiza, Astúrias e a parte ocidental de León, do qual temos alguns vestígios concretos, entre os quais lembraremos os sufixos -asco, -antia, -entia, -ace, -ice, -oce.

Ainda antes dos romanos, no século VIII a.C., penetram nessa região os celtas, povo de origem indo-européia. De nível cultural superior aos primitivos habitantes, devem ter-lhes exercido salutar influência, sem deixar de haver contribuições recíprocas, como sempre ocorre nesses convívios de culturas. As notícias desses povos que chegaram até nós procede de historiados greco-romanos, que descrevem esses habitantes como homens que viviam em constantes lutas tribais, dormiam no chão, e se alimentavam principalmente de bolotas ou frutos do carvalho e carne de ovelha preparada com manteiga, enquanto as mulheres se entregavam aos afazeres domésticos e ao trabalho agrícola. É nesses historiadores que encontramos a notícia de um produto usado no cozimento da comida até então desconhecido por eles: a manteiga. Realmente, só no português e no espanhol (*mantequilla*) existe a palavra manteiga; nas demais línguas românicas, exceto o romeno, prevalecem os remanescentes do grego *bútyrum*, *butúrum*, *butírum*: italiano *burro*, francês *beurre*, occitano *burre*, reto-românico *bütír*.

Já vimos que a romanização militar, política e administrativa trouxe à região e a seus habitantes muitos benefícios, por estarem os romanos num grau de civilização bem superior, o que, como é óbvio, facilitou também a romaniza-

ção lingüística. Saídos de seus sítios montanhosos, logo se misturaram ao sistema de vida dos romanos, assimilando não só novos padrões de vida, mas conhecendo novas técnicas de agricultura, de engenharia e de indústria; entre outros benefícios, as rivalidades tribais foram a pouco e pouco desaparecendo. Jovens incorporavam-se ao exército e, com as legiões, saíam para conhecer novos aspectos da sociedade romana em outras colônias conquistadas, contacto facilitado pela extraordinária rede de estradas abertas pelos romanos.

Fator assaz importante de congregação foi o cristianismo, cuja época de introdução na península não está de todo fixada, mas sabemos que já na metade do século III a Hispania já se achava fortemente evangelizada. Esta influência se reflete na visão moral do mundo, na severidade dos costumes e até no respeito às normas estabelecidas, como foi o caso de adotarem a determinação da Igreja de fugirem dos cultos e divindades pagãs, substituindo-os pelos preceitos cristãos. Explica-se assim o fato de o galego-português ser o único a adotar as denominações cristãs dos dias de semana na base de *féria* (segunda-feira, terça-feira, etc.), em vez das denominações pagãs *lunes, lundí, lunedì*, etc., como permaneceu nas demais línguas românicas, inclusive no espanhol.

No século V os germânicos penetram na península, sendo a região da Gallaecia invadida pelos suevos, depois derrotados pelos visigodos, povos que já anteriormente tinham tido contacto com os romanos, razão por que a língua da região não sofreu grande influência da língua dos conquistadores, exceção feita ao léxico, parte do qual chegou já introduzida no latim.

No século VIII, em 711, é a vez de os árabes invadirem a península, provocando a quebra da hegemonia visigótica, e a região, que de há muito vinha conhecendo certa independência política, cultural e lingüística de Roma, acentuou esta independência, o que favoreceu a progressiva diferenciação não só do latim hispânico da região, mas também de seus vizinhos do Oriente.

Esta é a língua do antigo reino da Galiza, que se estende pelo que é hoje a Galiza e a Galiza do Sul, chamada condado de Portugal. Tal situação iria propiciar a que o galego se constituísse numa das primeiras línguas literárias da Península.

Como a língua acompanha os acontecimentos histórico do povo que a fala, o idioma da região vai experimentar os passos políticos que Galiza conheceu nos fins do século XI: em 1090 o rei Afonso VI concede a Raimundo de Borgonha, que chegara à Península com os cavaleiros católicos, militares procedentes do centro da atual França, com a tarefa de reforçar a Reconquista do território invadido pelos árabes, a mão de sua filha primogênita D. Urraca e, como presente, concede-lhe o título de conde e oferece-lhe o governo da atual Galiza, incluídos os territórios entre o Minho e o Mondego, e logo depois, em 1093, não podendo impor a ordem em tão vasto território, é constituído o condado portugalense no espaço geográfico que se situa entre os rios Minho e Douro, que foi oferecido a seu primo Henrique de Borgonha, casado com D. Teresa, filha natural do rei Afonso VI.

Já em 1128 constitui-se a nação portuguesa, independente da coroa integrada por Galiza, Leão e Castela, e em 1139 ou 1140 Afonso Henriques, filho de Henrique de Borgonha e D. Teresa, se proclama rei de Portugal.

Os limites políticos da região, definidos por esses acontecimentos históricos, não correspondem, a princípio, aos limites lingüísticos, prevalecendo entre Galiza e Portugal características idiomáticas comuns. Avançando cada vez para o Sul, empenhada na reconquista das cidades tomadas pelos árabes, a corte portuguesa instala-se em Coimbra, depois em Santarém, e já no tempo de Afonso III, aclamado rei em 1248 – reinado que durou até 1279, com excelente administração e proveito para Portugal – Lisboa começa a figurar como capital do reino.

Este espalhar-se em direção ao Sul foi favorecendo uma paulatina desgaleguização da fala dos conquistadores, ao lado de uma mútua adaptação lingüística destes aos usos da extensa população moçárabe – isto é, cristãos que, não se refugiando ao Norte durante as conquistas árabes, permaneceram, entre os infiéis, praticando o seu latim hispânico-romano-gótico e seus primitivos costumes e suas crenças.

Assim, não foi o falar do Norte de Portugal, trazido pelos conquistadores cristãos, que serviu de base à constituição do que hoje se chama *língua histórica por-*

tuguesa, mas sim, como já defendiam os lingüistas Francisco Adolfo Coelho e José Leite de Vasconcelos, se forjou no Centro e no Sul com a província da Estremadura como limite meridional. Um dos testemunhos, entre outros, deste fato histórico na prática lingüística desta língua comum está no desaparecimento, na língua comum, do fonema nortenho /tx/ ouvido em palavras como *chave*, *chapéu*, *chover*, substituído por /x/; das consoantes africadas /ts/ e /dz/ ouvidas em *cervo* e *prazer*, simplificadas em /ss/ e /z/; do *s* implosivo, que se ouve como /x/ diante de consoante surda (*os cães*) ou como /j/ diante de consoante sonora (*os gatos*), conforme hoje se profere o “chiamento” em Lisboa e no Rio de Janeiro, por exemplo; dos destinos dos ditongos nasais com a perda do -n- intervocálico.

Se do lado da desgaleguização do português ocorreram estes e outros fenômenos, do lado do galego outros fenômenos iriam contribuir para maior afastamento da relativa unidade originária, como, por exemplo, a desonorização das consoantes (*genro* > *xenro*) não penetrou na região do Minho.

Em resumidas considerações, podemos concluir, com a lição de excelentes lingüistas galegos e lusitanos, que a nossa língua, no decorrer de um período cujos limites não se podem com precisão fixar, nasce do galego do Sul ou da região portugalense, que se desgaleguizou na sua caminhada para o Sul, ao influxo também da situação lingüística moçárabe. A unidade primitiva galego-portuguesa está presente na perspectiva dos primeiros romanistas que estudaram conjuntamente as línguas românicas ou neolatinas; é o caso de Frederico Diez, fundador da Filologia Românica em 1836, que assim se expressa, na tradução francesa de sua *Gramáticas das Línguas Românicas*: “le portugais et le galicien [...] sont une seule et même langue, comme des savants indigènes eux-mêmes l’on reconnu et démontré avec des chartes rédigées dans les deux pays” (vol. I, pág. 91).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portugalense e em 1139 Afonso Henriques se proclamou o primeiro rei de Portugal, como já dissemos.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII; mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testa-*

mento de Afonso II e a Notícia de torto. Curiosamente, a denominação “língua portuguesa” para substituir os antigos títulos “romance” (“romanzo”), “língua-gem”, só passa a correr durante os escritores da casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, “companheira do império”, se espria pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo e, na voz do Poeta, “se mais mundo houvera lá chegara” (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Daí a 2.^a quadra de Bilac, completada pelos dois tercetos:

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

*Em que da voz materna ouvi: “meu filbo!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!*

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca dantes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo uma afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre:

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio rei

1425-1436 – Madeira e Açores

1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462

1446 – Guiné

1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de São Tomé e Príncipe

1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique

1500 – Brasil

1511 – Malaca e Malucas

1515 – Ormuz

1518 – Colombo

1536 – Damão

1547 – Macau

além das ilhas de Sumatra, Java e Timor.

Tomado o século XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos lingüísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças lingüísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte e, finalmente, constituir elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências lingüísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e com o português do Brasil sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo de 22.

Adotamos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

- a) português arcaico: século XIII ao final do XIV;
- b) português arcaico médio: I.^a metade do século XV à I.^a metade do século XVI;
- c) português moderno: 2.^a metade do século XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do século XVIII);
- d) português contemporâneo: século XVIII aos nossos dias.

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos e de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci-Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar toda Sela*, de D. Duarte, as Crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui de Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo de Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, dos *Diálogos* de Amado Arrais, dos *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus, e da *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo; mas, a todos excede Luís de Camões, que, não sendo “propriamente o criador do português moderno [...], libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as idéias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camonianiana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias”.¹

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista lingüístico, um lugar à parte, na literatura quinhentista, às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha, que tem em Gil Vicente seu principal representante, pro-

¹ Said Ali: GH, 4.

duções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Pres-tes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da sociedade e dos costumes do século XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No século XV assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa suave de Manuel Bernardes e os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminam na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista lingüístico o português contemporâneo fixado no decorrer do século XVIII chega ao século seguinte sob o influxo de novas idéias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

~ Expansão da língua portuguesa e o Brasil

Como vimos, no I.º terceto o poeta alude aos novos domínios a que chegara a língua portuguesa levada pelos capitães, pela marujada, pela soldadesca e, depois, pelas famílias portuguesas e por religiosos que nas regiões conquistadas lançaram as raízes da fé católica e da civilização lusitana. Na África, o português comum europeu estendeu-se como idioma aos centros de civilização européia portuguesa de Angola e Moçambique, do arquipélago de Cabo Verde, e das ilhas de São Tomé e do Príncipe; na Índia, a Din, Damão

e Goa; na China, a Macau; na Malásia, à parte da ilha de Timor; e, na América do Sul, ao Brasil. Hoje, as cinco repúblicas africanas adotaram o português como língua oficial, a par de seus vários dialetos nacionais, e o Brasil o tem como língua nacional.

Em Portugal, pelas regiões históricas e políticas de que já falamos, encontra-se uma grande divisão dialetal entre o Norte e o Sul, que admitem diferenças regionais menores, e uma zona de transição entre estes dois espaços lingüísticos na área do Centro, constituída pela Beira.

No Brasil, a classificação dialetal que parece melhor refletir a nossa diferenciação diatópica é a proposta por Antenor Nascentes, segundo a qual o país está dividido em duas grandes áreas: a do Norte e a do Sul, cuja linha demarcatória está, a partir do litoral, entre Espírito Santo e Bahia, com prolongamento até a cidade de Mato Grosso, depois de cortar os Estados de Minas Gerais e Goiás.

Para Nascentes estes espaços apresentam três traços diferenciadores fundamentais:

- a) a abertura das vogais pretônicas no Norte em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios terminados em *-mente*: *lêvar* / *levar*;
- b) a cadência do ritmo frasal, “cantada” no Norte, e normal ou descansada no Sul;
- e) estes espaços admitem subfalares: no Norte o amazônico e o nordestino; e no Sul o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista.

Este ritmo vocabular e frasal ainda atual no Brasil, sem que as vogais átonas sejam absorvidas ou “engolidas” como fazem, em geral, os portugueses, é marca registrada da língua que os nossos colonizadores no século XVI. Fernão de Oliveira, autor da primeira gramática do português, dá-nos disto testemunho: “e outras nações cortam vozes apressando-se mais em seu falar, mas nós falamos com grande repouso como homens assentados” (pág. I).

Além do testemunho de Oliveira, temos os dos poetas e, entre estes, especialmente lembremos Luís de Camões; os versos de *Os Lusíadas* lidos pelo poeta

como de dez sílabas métricas, também o são na pronúncia geral do Brasil e, não sem razão, o saudoso lingüista e filólogo patricio Silvio Elia o considerava o primeiro poeta brasileiro.

A um português de hoje, os mesmos versos poderão parecer metricamente mal elaborados, era o que pensava Antônio Feliciano de Castilho ao ler Camões com pronúncia lusitana do século XIX.

Esta identidade relativa entre a observação de Fernão de Oliveira sobre o ritmo cadenciado do português do século XVI e a pronúncia normal brasileira, que evita a síncope das vogais e sugere ao ouvinte uma pronúncia mais lenta, se explica pelo conservadorismo à língua transplantada; o português do Brasil não conheceu as mudanças que o português europeu experimentou depois do século XVI: a intensificação da sílaba tônica que favoreceu a queda de vogais átonas; a mudança de *e* fechado a *a* fechado em contacto com fonema palatal: *beijo* → *bâijo*; *espelho* → *espâlho*; *bem* → *bâi* (rimando *mãe* com *também*).

Chegando ao Brasil em 1500 com nossos descobridores, praticamente só em 1534 foi introduzida a língua portuguesa com o início efetivo da colonização, com o regime das capitânicas hereditárias. Conclui-se que a língua que chegou ao Brasil pertence à fase de transição entre a arcaica e a moderna, já alicerçada literariamente.

~ Expansão da língua portuguesa e o Brasil

No Brasil dessa época encontraram os descobridores e colonizadores portugueses uma variedade de falares indígenas, no cômputo aproximado de 300, hoje reduzidos a cerca de 170, na opinião de um dos seus mais categorizados conhecedores, Aryon Dall'Igna Rodrigues. Grande extensão territorial da nova terra era ocupada pela família Tupi-Guarani, que apresentava pouca diferenciação nas línguas que a integram.

Veio depois a contribuição das línguas africanas em suas duas principais correntes para o Brasil: ao Norte, de procedência sudanesa, e ao Sul, de procedência banto; temos, assim, no Norte, na Bahia, a língua nagô ou iorubá; no Sul, no Rio de Janeiro e Minas Gerais, o quimbundo.

A pouco e pouco, à medida que se ia impondo, pela cultura superior dos europeus, o desenvolvimento e progresso da colônia e do país independente, a língua portuguesa foi predominando sobre a “língua geral” de base indígena e dos falares africanos, a partir da segunda metade do século XVIII. É bem verdade que no século XVI tínhamos tido no Brasil um Bento Teixeira em Pernambuco, um Frei Vicente do Salvador e um Gregório de Mattos na Bahia, e um Padre Antônio Vieira, todos pela ação benfazeja dos colégios religiosos.

Creemos que a consciência do português como língua nacional e língua materna, como disse bem o historiador José Honório Rodrigues, citado por Sílvio Elia, está patente no trabalho do povo:

“O espantoso no Brasil é que a conquista da unidade lingüística não é obra da educação, mas do esforço do povo sem nenhuma ajuda oficial.”

~ A lusofonia e seu futuro

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da lusofonia, acompanhados dos intelectuais, religiosos, políticos, cientistas e do povo em geral em todos os substratos sociais, souberam garantir este patrimônio lingüístico de tanta história e de rica tradição.

Em Portugal brilham os gênios dos Herculanos, dos Castilhos, dos Garretes, dos Camilos, dos Eças, dos Aquilinos, dos Pessoas, das Florbelas. No Brasil, as luzes dos Machados, dos Alencares, dos Azevedos, dos Ruis, dos Correias, dos Alves, dos Casimiros, dos Oliveiras, dos Bilaques, dos Andrades, dos Bandeiras, dos Veríssimos, das Clarices, das Cecílias. Em Cabo Verde os Jorges Barbosas, os Lopes, os FONSECAS, os Mirandas, os Virgínios. Em Guiné, São Tomé, Angola e Moçambique brilham os talentos dos Soromenhos, os Ribas, os Milheiros, os Antônios de Assis, os Bessas, os Osórios, as Lílias, os Antônios, os Galvões, os Mendes, as Noêmias, as Costas Alegres, os Tenreiros, os Duartes. Na Índia Portuguesa, os Fredericos Gonçalves, os Gomes, os Barretos, os Leais, os Aires, os Costas.

Patrimônio de todos e elo fraterno da lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes – a que, na opinião de Rodrigues Lapa, se podem juntar os galegos – espalhados por todos os continentes, continuemos os votos de Antônio Ferreira, no século XVI:

*Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!*

~ Bibliografia para leituras posteriores

- Atas do Congresso sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa: ICALPE, 1985.
- CUNHA, Celso. *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ELIA, Silvio. *A Língua Portuguesa no Mundo*. São Paulo: Ática, 1989.
- HOUAISS, Antônio. *O Português no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A Língua do Brasil*. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1986.
- MORAIS-BARBOSA, Jorge. *A Língua Portuguesa no Mundo*. 2.^a ed. Lisboa: Agência Geral do Vetrancar, 1969.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas Brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1986.
- RODRIGUES, José Honório. *Brasil e África*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- SILVA NETO, Serafim. *Introdução no Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.
- SPINA, Segismundo. *História da Língua Portuguesa (séc. XVI e XVII)*. São Paulo: Ática, 1987.



As sandálias de José

PAULO COELHO

Há muitos anos, tantos anos que já esquecemos a data exata, vivia em uma aldeia do Sul do Brasil um menino de sete anos, chamado José. Tinha perdido os pais muito cedo, e fora adotado por uma tia avarenta que, embora tivesse muito dinheiro, quase não gastava com o sobrinho. José, que jamais tinha conhecido o sentido do amor, achava que a vida era assim mesmo, e não se incomodava com isso.

Como viviam em um bairro de gente rica, a tia forçou o diretor da escola a aceitar seu sobrinho, pagando apenas um décimo da mensalidade, e ameaçando protestar junto com o prefeito se não fizesse isso. O diretor não teve escolha, mas sempre que podia mandava seus professores humilharem José, esperando que se comportasse mal e tivessem um pretexto para expulsá-lo. José, entretanto, que jamais conhecera o amor, achava que a vida era assim mesmo, e não se incomodava com isso.

Conto de Natal, baseado em um conto de François Coppée (de 1903), enviado às colunas de Paulo Coelho em diversos jornais do mundo em dezembro de 2006.

Chegou a noite de Natal. Todos os alunos foram obrigados a assistir à missa em uma igreja distante do povoado, já que o padre local estava de férias. No caminho, os meninos e meninas foram conversando sobre o que iriam encontrar em seus sapatos na manhã seguinte: roupas da moda, brinquedos caros, chocolates, patinetes e bicicletas. iam bem-vestidos, como sempre acontece em dias especiais, exceto por José – que continuava com as roupas maltrapilhas e as sandálias gastas e pequenas para seus pés (a tia lhe dera quando ainda tinha quatro anos, dizendo que só receberia outro par quando completasse dez anos). Alguns meninos perguntaram porque era tão miserável, e disseram que se envergonhavam de ter um amigo que se vestia e se calçava daquela maneira. Como José não conhecia o amor, não se incomodava com as perguntas.

Entretanto, quando entrou na igreja, escutou o órgão tocando, as luzes acesas, as pessoas vestidas com o que havia de melhor, as famílias juntas, os pais abraçados com os filhos, José sentiu-se a mais miserável das criaturas. Depois da comunhão, ao invés de voltar para casa com o grupo, sentou-se na soleira da capela e começou a chorar; mesmo que não conhecesse o amor, agora entendia o que era estar sozinho, desamparado, abandonado por todos.

Nesse momento, reparou um menino ao seu lado, descalço, parecendo tão miserável como ele. Como jamais o tinha visto, deduziu que devia ter caminhado muito para chegar até ali. Pensou: “os pés deste garoto devem estar doendo muito. Vou dar-lhe uma das minhas sandálias, assim pelo menos alívio a metade do seu sofrimento.” Porque embora não conhecesse bem o amor, José conhecia o sofrimento, e não desejava que outros sentissem a mesma coisa.

Deixou uma das sandálias com o menino, e voltou com a outra; volta e meia a trocava de pé, de modo a não machucar muito com as pedras no caminho. Assim que chegou em casa, sua tia viu que o sobrinho tinha perdido uma das sandálias, e o ameaçou: se não conseguisse recuperá-la até a manhã seguinte, seria duramente castigado.

José foi para a cama com medo, pois conhecia os castigos que a tia de vez em quando lhe aplicava. Tremeu a noite inteira, mal conseguiu conciliar o sono, e quando estava quase conseguindo dormir, escutou muitas vozes na sala

de visitas. Sua tia entrou correndo no quarto, perguntando o que tinha acontecido. Ainda tonto, José foi até a sala e viu que a sandália que havia deixado com o menino estava no centro da sala coberta de todo tipo de brinquedos, bicicletas, patinetes, roupas. Os vizinhos gritavam, dizendo que seus filhos tinham sido roubados, já que não haviam encontrado nada em seus sapatos quando acordaram.

Foi quando o padre da igreja onde celebraram a missa apareceu esbaforido; na soleira da capela havia surgido a estátua de um Menino Jesus vestido de ouro, mas com apenas uma sandália nos pés. Imediatamente o silêncio se fez, a comunidade louvou a Deus e os seus milagres, a tia chorou e pediu perdão. E o coração de José foi possuído pela energia e o significado do Amor.



O sentido da vida

GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI

O sentido da vida não envolve grandes e complicadas especulações filosóficas. Desperta vivamente nas crianças ao ouvirem as primeiras histórias infantis. Transmite-se de geração para geração nos provérbios populares. Pervive no enredo e nos personagens da literatura oral veiculada boca a boca por nossos antepassados mais remotos.

O sentido da vida pode ser lido na fisionomia das pessoas que passam; nas faces dos jovens que se atiram, confiantes, ao futuro, sabendo ser a vida uma operação que se faz para a frente; no rostinho do menino e da menina deslumbrados com o presente, indicando que a vida é aqui e agora; no rosto da mãe que espera o primeiro filho e do trabalhador que galga o primeiro emprego; na expressão dos amantes que olham para a mesma direção; nas rugas das pessoas mais velhas e no adeus dos moribundos que partem deste mundo encerrados no seu último segredo.

Jornalista e ensaísta, publicou entre outros livros: *Fernando Pessoa, o Outro, Império e Terror, A Pátria Descoberta, Idéia do Brasil – A Arquitetura Imperfeita, A Identidade Nacional e Outros Ensaios*. É colaborador regular nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*.

O sentido da vida está impresso na paisagem que amamos, transparece no rumor dos ventos brincando com as folhas das árvores e no brilho do sol glorificando a manhã. Mas emana também da paisagem ameaçadora que nos deprime e entristece. Está presente na *happy hour* entre companheiros de trabalho, numa festa de aniversário ou de casamento, na refeição em família e no monólogo do bebedor solitário. No adeus de quem parte e no júbilo de quem regressa de longa viagem. Arde em certas emoções antigas e fora de moda, como no amor da pátria e nas mãos postas em oração. Insinua-se na pesquisa do cientista, na dúvida do agnóstico e até na negação arrogante do ateu ao proclamar que não há Deus. Vinca a testa atormentada do juiz ao proferir uma sentença, disfarça-se na ansiedade do empresário devorando chocolate para acalmar-se, alimenta o projeto do estadista, anima as festas populares, acompanha no gramado a bola de futebol, domina o culto das igrejas e geme nas valsinhas de esquina.

O sentido da vida permeia tudo o que fazemos e nos acontece. Acusa-se nas conversas íntimas, na densidade de um olhar casual, no gesto imprevisto de carinho. O sentido da vida persegue a inquietação de quem corre, desabalado, no encalço de seus objetivos, e pousa ao lado dos que não têm pressa e permanecem sentados, deixando as coisas correrem em vez de correrem eles. Inspira, pateticamente, o gênio, o santo, o herói, consumidos na febre criadora, e espreita também o vagar do pescador de fim de semana, os folguedos infantis, os exercícios esportivos e a impassibilidade do fumador de cachimbo. O sentido da vida revela-se no cuidado de Madre Teresa de Calcutá pelos que sofrem, e cintila, meio despercebido, na beleza atordoadora da modelo que em meio a um desfile parece perguntar-se “– Que estou fazendo aqui?!”

O sentido da vida não é pergunta feita só por doutores, teólogos ou profetas, por poetas e artistas, mas se inclui na sabedoria das classes mais humildes, bem como se formula em silêncio nos líderes das classes dominantes quando se surpreendem na solidão do poder, em entrevista íntima com o destino.

Recuperamos o sentido da vida engolfados na grande arte, na música que flui das nascentes das coisas, na pintura que imortaliza os grandes e os menores gestos, no discurso do teatro e da prosa sobre as últimas coisas, ou naquele ver-

so perdido em meio a um poema ciclópico. Também recuperamos o sentido da vida embebidos no encanto da paisagem, à sombra das árvores, respirando na natureza uma espiritualidade difusa que nos une misteriosamente à totalidade das coisas. É esta a *pedagogia da paisagem*, silenciosa, sutil, impregnante, mais profunda do que a pedagogia ostensiva dos pregadores de sistemas. Outro tanto se diga ao nos encontrarmos no seio de certas cidades dotadas de máxima condensação histórica. Imersos em suas perspectivas suntuárias, ou cativados por seus recantos mais íntimos, colhidos pela força simbólica dos monumentos e da arquitetura, queremos reinventar nossa existência em escala épica e toques discretos de intenso lirismo.

II

Vida, eis aí uma palavra excessiva, muito ampla e demasiado vaga. É dessas palavras em que nos perdemos, sem nenhum apoio em sua desmedida. Parece desorientador falar no “sentido da vida”. De que vida se trata? Da vida biológica, por acaso? A vida biológica pode ser até muito complexa e enigmática em sua origem, mas oferece um plano perfeitamente definido e invariável, do qual participam todos os membros da mesma espécie. A função da pedra é cair, do vegetal crescer, florir, frutificar; do animal, comer, beber, reproduzir-se; pastar mansamente como as ovelhas e os bois no campo, ou lutar ferozmente pela sobrevivência, como o leão, o tigre, o lobo.

A vida biológica está dada de uma vez para sempre. É fixa, invariável e idêntica para toda a espécie. Esta é sua diferença da vida humana, que é vida em sentido *biográfico*, não biológico. A vida humana, em sentido próprio e rigoroso, é a vida de cada qual, a *minha vida*. A vida do outro – diz Ortega – do amigo, da amada, é algo que surge no cenário da *minha* vida, a vida de cada qual. É para mim mero espetáculo, como a rocha, a árvore, etc. Só com minha vida tenho compenetração e transparência. Minha dor de cabeça é inquestionável. Já a dor de cabeça do outro, que só conheço por sinais externos, será sempre para mim algo derivativo, secundário e problemático.

A vida humana, minha vida (a tua, a dele), não está dada e programada como a dos animais e das plantas. Minha vida – ensina Ortega – me é dada, mas não me é dada feita. Tenho eu que fazê-la por mim mesmo. Vida é *quefazer*. Eu tenho que programar passo a passo, momento a momento, o que vou fazer, o que vou ser, e ninguém pode fazer isso por mim.

Ora bem, a nota principal a ser acentuada na vida humana é que a minha vida é a realidade radical. Não a única, nem a mais importante, mas, simplesmente, aquela na qual estão radicadas todas as outras realidades. É no âmbito da minha vida que eu encontro todas as coisas, das mais humildes às mais sublimes.

Nas palavras de Ortega: “Ao chamá-la ‘realidade radical’ não significo que seja a única nem a mais elevada, respeitável ou sublime ou suprema, sim que é a raiz – de onde radical – de todas as demais, no sentido de que estas, sejam quais forem, têm, para ser-nos realidade, que fazer-se de algum modo presentes ou, ao menos, anunciar-se nos âmbitos estremecidos de nossa própria vida. É, pois, esta realidade radical – minha vida – tão pouco egoísta, tão nada ‘solipsista’ que é por essência a área ou cenário oferecido e aberto para que toda outra realidade nela se manifeste e celebre seu Pentecostes. Deus mesmo, para ser-nos Deus, tem que dar-se um jeito para denunciar-nos sua existência e por isso fulmina no Sinai, põe-se a arder na retama à beira do caminho e açoita os cambistas no átrio do templo e navega sobre Gólgotas de três mastros, como as fragatas.”¹

Realidade é tudo o que eu encontro, tal como o encontro, e é no âmbito da minha vida que eu encontro o que chamo de realidade. Por isso, minha vida é a realidade radical, e tudo o mais que nela se encerra são as realidades radicadas. Conforme explica Marías: “A realidade como tal, a realidade enquanto realidade constitui-se em minha vida, e a esta cumpre referir toda realidade, ainda que o que é real possa transcender, de qualquer modo, minha vida. Em outros termos, a minha vida é o pressuposto da noção e o sentido mesmo da realidade, e esta só resulta inteligível dentro dela.”²

¹ ORTEGA Y GASSET, “El hombre y la gente”, OC, VII, p. 101.

² MARÍAS, Julián, *Historia de la Filosofía*, Obras, I, p. 439.

Em suma, minha vida é o critério único e decisivo para determinar se algo é real ou irreal. “Real” é tudo o que encontro ou posso encontrar dentro da minha vida; e “irreal” é tudo o que eu não encontro nem posso encontrar dentro dela.

III

O que ganhamos até aqui com o que foi dito? Ganhamos a determinação precisa da extensão da vida humana. Esta não se apresenta mais como algo desmedido e desorientador, sim que ganhou contorno preciso, na realidade da minha vida, que é a realidade radical. Daqui para frente, perguntar pela vida humana significa indagar pela minha vida, um conceito mais restrito e mais controlável do que a idéia genérica de vida com sua extensão ilimitada e nebulosa.

Vida aqui significa não vida biológica, ligada por exemplo à evolução das espécies, e sim vida biográfica, vida humana, a minha vida, ou seja, a de cada qual. Vida é a vida que eu vivo. E quem sou eu? “Eu sou eu e minha circunstância”, segundo a conhecida fórmula de Ortega, que sintetiza toda sua filosofia. É preciso entender o que diz o filósofo naquele enunciado, algo que até os especialistas em filosofia desconhecem.

“Minha vida – repara Ortega – consiste em que eu me encontro forçado a existir numa circunstância determinada. Não há vida em abstrato. Viver é cair prisioneiro de um contorno inexorável. Vive-se aqui e agora. A vida é, neste sentido, absoluta atualidade.”³

Não há vida ubíqua, vaga e genérica. Vida humana é a minha vida, a qual está vinculada sempre a determinada circunstância. No texto orteguiano “circunstância” não se deve entender na acepção banal de ocorrência eventual e aleatória que pode afetar a conduta da pessoa desta ou daquela forma (“tudo depende das circunstâncias”, “circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis”, “dobrei-me às circunstâncias”, etc.).

³ ORTEGA Y GASSET, “Prólogo a una edición de sus obras”, VI, pp. 347-8.

A circunstância, no texto orteguiano, responde à etimologia da palavra. É tudo o que está à minha volta (*circum me*), tudo o que não sou eu, *mas com que estou inexoravelmente vinculado*: o século e o país em que vivo, a sociedade de que faço parte e a língua que eu falo, os usos sociais, as instituições, as crenças básicas em que me apóio, a cidade onde vivo, minha família, meu legado histórico, e você, meu amigo, com quem falo agora. Circunstância é tudo o que eu encontro junto a mim, inclusive meu corpo e minha alma. Eu não sou nem meu corpo, nem minha alma, encontro-me com ambos, como me encontro com uma herança ou neste compartimento em que trabalho.

Minha circunstância não sou eu, mas ela é inseparável de mim, estou inape-lavelmente ligado a ela, e sem ela eu não vivo. Eu e minha circunstância estamos integrados desde sempre, não como dois elementos separados que se juntam, mas como dois pólos da mesma realidade. Esta realidade é minha vida, na sua inteireza e na sua unidade. “Eu” e “circunstância” são dois momentos abstratos dessa unidade inteiriça na qual ambos se absorvem, minha vida. Minha circunstância faz parte constitutiva de mim, sem ela eu não sou eu. Por isso Ortega, depois de assegurar que “eu sou eu e minha circunstância”, prossegue no mesmo enunciado “e se não a salvo, não me salvo eu” (“Meditaciones del Quijote”, OC, I, 322). Por exemplo, se não me esforço para salvar minha pátria, minha sociedade, não me salvo eu.

Se minha circunstância é tudo o que não sou eu, então quem sou eu? Eu sou aquele que tem que fazer algo com minha circunstância para viver, para me manter à tona na existência. A circunstância não é unilateral, não me impõe uma atuação única e forçosa. Pelo contrário, a circunstância abre para mim um teclado de possibilidades e urgências entre as quais tenho que escolher aquela que melhor se ajusta com quem eu projeto ser. Portanto, quem eu sou é um *projeto*. Pois minha vida me é dada, mas não me é dada feita. Para fazer minha vida, escolho, entre as várias possibilidades postas pela circunstância, a possibilidade mais adequada comigo mesmo. Para que esta escolha se efetive, tenho que determinar previamente quem vou ser, quem projeto ser. “Por isso – indica Marías – o homem *não pode viver* sem um projeto vital, original ou anônimo,

diferenciado ou tosco: tem que ser, bem ou mal, novelista da própria vida, tem que imaginar ou inventar o personagem que pretende ser.”⁴

Eu sou meu projeto vital, o que significa que eu sou quem ainda não sou. “Advirta-se o estranho e perturbador do caso. Um ente cujo ser consiste não no que já é e sim no que ainda não é, um ser que consiste em ainda não ser” (Ortega, “Meditación de la técnica”, OC, V, 338). Por isso, completa Ortega, o homem não é uma coisa, e sim uma pretensão, a pretensão de ser um ou outro. Tudo o que sou enquanto coisa, meu corpo e minha alma, só serve de material para alimentar a flama invisível daquele que eu pretendo ser, daquele que sou chamado (vocado) a ser, meu projeto vital. Eu não sou coisa, sou constitutivamente um drama, a luta frenética para conseguir ser de fato o que sou em projeto.

A opção que escolho dentre o leque de possibilidades que me abre a circunstância, esta opção depende e é orientado pelo meu projeto. O projeto permeia minha vida por inteiro e está presente em toda decisão que eu tomo. Neste momento opto por fazer isso, e não aquilo, porque estou identificado com este projeto, e não aquele.

E na medida em que meu *quefazer* responde a determinado projeto vital, justifico cada uma de minhas opções em função do meu projeto. O que significa que minha vida é *intrinsecamente* moral. Como tenho que justificar a cada passo o que vou fazer, a ética não consiste numa qualidade acrescida ao que eu faço, sim que consiste no próprio fazer desde que justificado pela minha pretensão vital. Vida é responsabilidade e esta é a substância da moral.

IV

Como a vida humana não está feita (à semelhança do animal e da planta) o homem tem que fazê-la por si mesmo. Por isso não pode deixar de ser livre. De onde se segue que o homem é *forçosamente livre*. São palavras textuais de Ortega,

⁴ MARÍAS, Julián, *Historia de la Filosofía*, Obras, I, 444.

pronunciadas pela primeira vez no ano de 1929, num curso público de filosofia intitulado “Que es filosofia?” (OC, VII). Muito antes de Sartre sustentar em *O Ser e o Nada* que o homem “está condenado” a ser livre (1943).

O ser humano é infinitamente plástico e cambiante, adota múltiplas personalidades através da história e em sua história pessoal. Da mesma forma que a moral, a liberdade é *constitutiva* do homem. A raiz da liberdade – acentua o filósofo – *consiste em carecer de identidade constitutiva, não estar adscrito a nenhum ser determinado, poder ser outro distinto do que se era e não poder instalar-se de vez e para sempre em nenhum ser determinado.*⁵

Em meio a essa disponibilidade ilimitada para ser este ou aquele, tenho que escolher um determinado projeto no qual meu ser, variável, cambiante e instável, adquira certa estabilidade e identidade, na qual eu esteja em verdade comigo mesmo, para poder edificar minha vida de forma autêntica e legítima. Os projetos de que disponho são múltiplos e variados: projetos medíocres ou diferenciados, anônimos ou originais, mesquinhos ou generosos, toscos ou refinados, etc. etc. Entre tantos e tão divergentes caminhos, qual será o caminho certo, o *meu* caminho? Esta é a questão, proposta em termos hamletianos: *to be, or not to be?*

“Esses diversos projetos vitais ou programas de vida que nossa fantasia elabora, e entre os quais nossa vontade, outro mecanismo psíquico, pode livremente escolher, não se nos apresentam com o mesmo cariz; uma voz estranha, emergindo de não sabemos que íntimo e secreto fundo nosso, nos chama a escolher um deles e a excluir os demais. Todos se nos apresentam como possíveis – podemos ser um ou outro – mas somente um, só um se nos apresenta como o que temos que ser. Este é o ingrediente mais misterioso e estranho do homem.”⁶

Minha liberdade continua a mesma. O homem pode ser quem quiser. “Por um lado – prossegue Ortega – é livre: não tem que ser à força nada, como se passa com o astro, e, sem embargo, perante sua liberdade alça-se sempre algo com o caráter de necessidade, como que nos dizendo: ‘podes ser

⁵ *Historia como sistema*, OC, VI, p. 34.

⁶ ORTEGA Y GASSET, “En torno a Galileo”, OC, V, pp. 137-8.

o que quiseses, mas só se queres ser de determinado modo, serás quem tens que ser'. Quer dizer que cada homem, entre seus múltiplos seres possíveis, encontra um que é o seu ser autêntico. E a voz que o chama para este ser autêntico é o que chamamos 'vocação'. Mas a maior parte dos homens dedica-se a calar e a não ouvir a voz da vocação. Procura fazer ruído dentro de si, ensurdecer-se, distrair-se para não ouvi-la e estafar-se a si mesmo substituindo seu autêntico ser por uma falsa trajetória vital. Em compensação, somente se vive a si mesmo, só vive de verdade, quem vive sua vocação, quem coincide com seu verdadeiro si mesmo."⁷

Ora, minha vocação, sublinha Ortega, não consiste num projeto ideado ou inventado por mim. Este projeto já se encontra formado em mim ao encontrar-me vivendo. Não o adoto por livre deliberação ou arbítrio. Minha vocação é compulsiva e não posso contrariar sua voz sob pena de falsificar-me. Numa palavra, para usar uma palavra das mais fortes, minha vocação é meu *destino*. E com o destino não se discute.

Será a vocação o limite de minha liberdade? Limite não é porque eu continuo livre para aceitá-la ou não. Além disso, não é o limite da minha liberdade, porque ao adotá-la eu ainda conservo toda a liberdade para desenvolvê-la e aperfeiçoá-la de modo a levá-la à plenitude. Pois a vocação, de início, não passa de um esquema de vida meio impreciso e sem arestas bem definidas. Ao alimentar minha vocação com tarefas, obras e resultados, usando de minha livre iniciativa, é que eu a completo e preencho de conteúdo. De um esquema vago e impreciso, graças à minha liberdade criadora, minha vocação se desenvolve e se robustece até conquistar forma e figura de máxima nitidez.

Esta conclusão não se encontra claramente explícita em Ortega, mas não foge às suas premissas anteriores. Recordemos que, segundo o filósofo, a vida é sempre um drama porque tenho que lutar com todas as forças para vir a ser de fato aquele que sou idealmente. Não seria usando de minha liberdade que atuo de modo a encarnar o mais perfeitamente possível minha vocação? Na-

⁷ ORTEGA Y GASSET, "En torno a Galileo, OC, V, pp. 137-8.

quela luta para realizar minha vocação, nenhuma tarefa, nenhum movimento, nenhuma estratégia, nenhuma obra está predeterminada. Dante não resolveu ser deliberadamente o poeta Dante Alighieri. Esta foi sua vocação, imposta pelo destino, à que não poderia fugir sem se trair a si mesmo. Mas ao encarnar sua vocação, não estava determinado que escreveria a *Divina Comédia*, livre floração de seu gênio criador. Beethoven também não escolheu ser Beethoven. Mas a Nona Sinfonia emanou livremente de sua inspiração tumultuosa e ascensional.

As obras alimentam e robustecem a vocação, levando-a à perfeição, mas as obras não estão determinadas juntamente com a vocação, sim que nascem do exercício da liberdade dentro da moldura forçada da vocação.

De onde se segue que a vocação não é o “limite”, mas a medida da minha liberdade, em princípio desmedida. Minha liberdade somente se concretiza e se torna produtiva e fecunda, ao limitar-se a si mesma no módulo da vocação; do contrário ela se perderia na infinidade de opções à sua disposição. A vocação não é o limite da liberdade, mas o ponto de apoio, o trampolim do qual minha liberdade se utiliza para saltar além de seus limites, os limites impostos pela circunstância. A vocação é como o pé ou o tema forçado que se impõe ao artista para ele desenvolver livremente seu talento.

Do jovem Byron conta-se que, ainda menino de escola, recebeu em classe um tema forçado para dissertação: as Bodas de Canaã. Cada aluno apresentou uma composição diferente, comprovando que a forçosidade não tolhe nem predetermina a liberdade pessoal. O primeiro a entregar o texto, depois de um minuto, foi lord Byron, que escreveu uma só e única linha:

“A água viu o seu Senhor e enrubescu.”

Foi aprovado “*cum laude*”, por saber juntar tão bem a criatividade e a concisão.

A vocação é compulsiva e determinada, mas o exercício da vocação é livre e desimpedido. Por isso cabe dizer que na vocação fatalidade e liberdade coincidem.

V

Wilhelm Dilthey (1833-1911), pioneiro da filosofia da vida na Alemanha, declarou, gravemente: “A vida é uma trama misteriosa de acaso, destino e caráter.” O destino sofre a interferência do acaso e do caráter. E vice-versa. Embora se imponha de modo categórico, o destino, na prática, é matizado ou modulado pelos caprichos do acaso, de um lado, e pela contumácia do caráter, de outro.

Acaso é o inesperado, o imprevisível, aquilo que ocorre por acidente, fora da expectativa ordinária: o fortuito. Exemplos de acaso, feliz ou infeliz, são o encontro com certas pessoas, um livro, enfermidades, acidentes físicos, aventuras de viagem, ganhos e perdas eventuais. O acaso pode acrescentar e enriquecer nosso destino, contribuindo eficazmente para sua realização, ou pode abalar seriamente nosso destino, nossa vocação, quando assume a forma de alguma perda irreparável, de uma catástrofe física ou social, ocorrências que desestabilizam nossa vida, ameaçam-na de destruição e comprometem nosso futuro. De qualquer maneira, feliz ou infeliz, o acaso, no limite, tem o condão de obrigar-nos a refazer nossos planos, devolvendo-nos àquela liberdade originária, ao marco zero, do qual saímos mais fortes, ou totalmente aniquilados. Unamuno chegou a considerar o acaso (*el azar*) como a própria raiz da liberdade.

Quanto ao caráter, é aquilo que somos de fato, em confronto com o que queremos ser idealmente. O caráter é a pessoa com suas qualidades e defeitos, sua formação ética, suas convicções, seus impulsos e sentimentos, simpatias e antipatias, desejos e expectativas. O caráter representa aquele alvéolo psicofísico no qual se instala a vocação. A música de Beethoven reflete o ímpeto tempestuoso do caráter do compositor, assim como o caráter expansivo e extrovertido de Balzac marca toda sua obra, e o seco hermetismo de Carlos Drummond de Andrade está impresso em sua poesia.

VI

A vocação nem sempre coincide com os dotes. Nosso amigo Alfredo é muito dotado para a matemática, mas sua vocação é a literatura. Carlos Alberto está soberbamente capacitado para a administração de empresas, mas sua inclinação é mesmo o esporte, a corrida de automóvel. Aquele médico, cardiologista brilhante, de repente abandona o consultório para dedicar-se totalmente à sua vocação secreta, a gastronomia, como chefe de cozinha.

A vocação sem os dotes fica improdutiva, atrofiada. Já os dotes sem a vocação resultam em puro virtuosismo, muita habilidade formal, espantosa agilidade, sem nenhum espírito criador. São conhecidos muitos casos de pessoas magnificamente dotadas em múltiplas direções, mas incapazes de descobrir seu caminho. O excesso de dotes desorienta e perturba a descoberta da vocação. No limite, alguém pode ser extremamente dotado na luta pela vida, capaz de performances notáveis, com o maior garbo e ousadia, mas sem vocação para nada. Representa com facilidade vários papéis sucessivos, mas não se identifica com nenhum deles. Esta é a descrição do aventureiro puro-sangue, que Ortega define como a “vocação de não ter vocação”. Quantos desbravadores de terras, mar e ar, quantos líderes admiráveis pela coragem e pelas iniciativas arrojadas, e inventores originais não se enquadram neste molde?

A vocação também não coincide com as carreiras. Seria empobrecer miseravelmente a amplitude e a complexidade da vocação querer reduzi-la às profissões disponíveis no mercado, ao que faz a pessoa para ganhar a vida. A vocação pertence não à ordem do fazer, mas à ordem do ser. E o ser, meu ser, engloba muitos aspectos que estão fora das carreiras, aspectos personalíssimos, ligados às minhas tendências humanísticas, morais, estéticas, religiosas e políticas. A vocação diz respeito, por exemplo, ao meu amor a certa mulher, e não a qualquer mulher, ao enredo de minha conduta amorosa com ela, todo feito de detalhes e intimidades, algo que escapa ao formalismo de qualquer carreira. A vocação para a santidade vai muito além do sacerdócio e pode entrar em conflito com este. A vocação do saber, em seu nível mais profundo, adquire um percur-

so que nada tem a ver com o enquadramento nas academias e universidades. A vocação é o destino, ninguém a escolhe. Mas o exercício da vocação é livre, imprevisível, profundamente original.

Na lição de Ortega lemos: “A vida é uma trajetória individual que o homem tem que escolher para ser. Mas as carreiras são trajetórias genéricas e esquemáticas: quando se escolhe uma por vocação, o indivíduo adverte muito bem que, não obstante, esta trajetória não coincide com a linha exata da vida que seria, a rigor, sua precisa e individual vocação. Sem dúvida, quer ser médico, mas de um modo especial em que se incluem muitos outros fazeres vitais que nada têm a ver com a medicina e sua prática. Isto nos permite aperfeiçoar a idéia anteriormente emitida sobre a vocação. A rigor, é uma abstração dizer que se tem vocação para uma carreira. *A vocação estrita do homem é uma vocação para uma vida concretíssima, individualíssima e integral, não para os esquemas sociais que são as carreiras, as quais, entre outras coisas, deixam de fora muitas ordens da vida sem determiná-las.*”⁸

VII

Conclusão

A pergunta pelo sentido da vida, em seu alcance abstrato e indeterminado, que desorienta o espírito, vai ganhando mais nitidez à medida que restringe sua extensão. Não se trata da “vida” em geral, nem da vida biológica ou na linha da teoria da evolução, e sim da vida humana, da vida biográfica. E dentro desta, o que se tem em vista é a vida de cada qual, a minha vida. A minha vida é a única que guarda compenetração e transparência consigo mesma. Indagar pelo sentido da vida significa, rigorosamente, perguntar pelo sentido da minha vida. É no âmbito da minha vida que encontro todas as demais realidades; por isso minha vida é a realidade radical; nela tem assento tudo o que eu encontro ou posso encontrar à minha volta.

⁸ ORTEGA Y GASSET, “Sobre las carreras”, OC, V, pp. 171-2.

Minha vida é livre para assumir os mais diversos papéis, mas ela só possui sua *mesmidade*, sua verdade, na vocação, esse projeto que se impõe a mim como aquele que eu tenho que ser. Vocação não se escolhe, é fatalidade, destino, mas o exercício da vocação, que alimenta e robustece a vocação, é sempre livre.

A vocação não se confunde com os dotes, nem com as carreiras, “trajetórias genéricas e esquemáticas”. A vocação não diz respeito ao que devo fazer, mas ao que devo *ser* na realização total da minha vida, que ultrapassa de muito a carreira. “*A vocação estrita do homem é vocação para uma vida concretíssima, individualíssima e integral...*”.

Em suma, perguntar pelo “sentido da vida” significa indagar pelo sentido da vida humana. Esta é a minha vida, a de cada qual. E a espinha dorsal da minha vida, que garante seu prumo e sua sustentação, é a minha vocação, aquele projeto que assume minha vida na totalidade e a inspira nos menores detalhes, numa atitude, num pequeno gesto, numa palavra.

É na vocação, assim concebida, que se traduz, em última análise, o sentido da vida humana. A vocação, unida aos dotes correspondentes, resulta na inspiração. A inspiração move a pessoa como um sopro criador, e nasce da vocação madura. Tal e qual o artista inspirado, que atina sempre com a palavra certa, a pincelada precisa, a nota adequada, a pessoa vocacionada, inspirada, não se permite hesitar em nenhuma atitude, ou gesto, ou palavra, ou nuance de comportamento, colocando-as todas no plano de sua vida com rigor aproximado ao do poema no qual cada palavra ocupa seu lugar certo. E falo em rigor “aproximado” porque a vocação é utópica, nunca se realiza totalmente, ao contrário da obra de arte, sempre perfeita e irretocável. Aquele que foi assumido por sua vocação legítima sabe, não de modo teórico e abstrato, mas vivido e concreto, em estado de inspiração, qual é o sentido da vida.

Plenilúnio, de Lêdo Ivo

LINHARES FILHO

O livro *Plenilúnio*,¹ de Lêdo Ivo, com 47 poemas escritos entre 2001 e 2004, constitui, a partir da sugestão do título, que também nomeia o primeiro poema com variadas e subjetivas visões sobre a lua, a plenitude de um legado artístico, espécie de realização plurívoca ou conclusiva missão poética ante a consciência de finalização existencial, sinalizada esta pela neve e o silêncio:

*E a neve cai em mim e cai na desolada
Noite escura da alma, a neve do silêncio,
a imaculada e frígida alvura do nada.* (p. 1027)

Há uma aparente contradição na imagem da neve, no soneto de que provêm esses versos: ela se compara com “um branco seminal”, portanto fecundo, e com o branco do nada, que é esterilidade, mas explica-se o contraditório, porque o nada torna-se motivo da própria criatividade, que o supera.

¹ IVO, Lêdo. *Obra Completa: 1940-2004*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

Professor de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Ceará, mestre em Literatura Portuguesa e doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ, poeta e ensaísta crítico, sócio de numerosas instituições culturais nacionais e estrangeiras, professor visitante na Universidade de Colonia e Aachen (Alemanha), pesquisador na Universidade Clássica de Lisboa. Publicou livros sobre Fernando Pessoa, Miguel Torga e Carlos Drummond de Andrade. Seu livro mais recente é *Notícias de Bordo* (poemas selecionados), editado pela Universidade Federal do Ceará.

No livro há várias sugestões da vivência de uma quadra última do existir, impregnada de desencanto, dispersão, oscilando a proposta poética entre a aceitação ou o registro do não-ser e a reação ou o desafio, às vezes mascarados os dois últimos, à circunstância existencial. Assim é que, se, por um lado, encontramos poemas como “Soneto da Porta” (p. 1043) e “Água Fria” (p. 1042), com um tom a denunciar fracasso e desilusão, lemos outros, como “Soneto Injuriioso” (p. 1041), “O Vencedor” (p. 1047) e “O Desejo” (pp. 1063-1064) que revelam uma reação de ânimo desafiador ou, pelo menos, velador de decepção ou impossibilidade.

Em poemas como “O Perdedor” (p. 1040) surge a proposta de uma atitude intermediária. Apresenta-se aí um ânimo frustrado, uma situação de quem não se achou, buscando remediar o fracasso, (sendo esse um caso de aproveitamento da própria perda como motivo de evasão), e precaver-se para não perder mais, o que é uma atitude de esperança:

*Quem já vai perdido
deve ter cuidado:
não perder a perda
que é o seu achado.
Já que perdeu tudo,
não perder mais nada. (p. 1040)*

O “cuidado” que se focaliza nesse poema reaparecerá, insistentemente, no poema exortativo, portanto didático, intitulado “Recomendações de Ano Novo” (pp. 1059-1061). Tal composição traz o tom da didática de poemas de *Estação Central*, como se constituísse um compêndio de últimas advertências ao filho do poeta, a quem se dirigem ensinamentos nesse livro, mas podem referir-se ao próprio eu lírico, tratado em segunda pessoa. As admoestações do poema em foco são freqüentemente no sentido de fuga a coisas e situações ligadas à morte como na primeira estrofe, em que a figura do ladrão evoca o da advertência bíblica:

*Mais uma vez devo dizer-te:
cuidado com o ladrão
que se aproveita da escuridão
para pôr a mão gelada
no teu coração. (p. 1059)*

Os objetos do cuidado selecionam-se segundo uma ótica subjetiva, e alguns se designam por palavras terminadas em “ão”, daí o teor da derradeira estrofe, que revela uma fuga obsessiva, como se fosse a de um fantasma:

*E, finalmente, te digo:
tem o maior cuidado
com tudo o que termina em ão
mesmo a palavra de cinza
que é a tua cremação. (p. 1061)*

Leiamos o “Soneto da Porta”:

*Quem bate à minha porta não me busca.
Procura sempre aquele que não sou
e, vulto imóvel atrás de qualquer muro,
é meu sócia ou meu clone, em mim oculto.*

*Que saiba quem me busca e não me encontra:
sou aquele que está além de mim,
sombra que bebe o sol, angra e laguna
unidas na quimera do horizonte.*

*Sempre andei me buscando e não me achei.
E ao pôr-do-sol, enquanto espero a vinda
da luz perdida de uma estrela morta,*

*sinto saudades do que nunca fui,
do que deixei de ser, do que sonhei
e se escondeu de mim atrás da porta. (p. 1043)*

Trata-se de um texto de profunda dimensão existencial-ontológica. Versa o tema da dispersão. E Ivan Junqueira aproxima-o acertadamente do Sá-Carneiro que alude ao “labirinto”² que é, e que está justamente no poema “Dispersão”.³ A primeira estrofe apresenta o poeta confessando esconder-se diante daquele que o busca. A segunda estrofe mostra que a essência do poeta está “além” de si mesmo. E surgem as belas metáforas dos dois derradeiros versos da estância. Parece construir-se nesta, ainda, um modo altivo de quem não se quer entregar. Mas na estrofe seguinte aparece o verso chave, em que declara o poeta não se encontrar a si mesmo: “Sempre andei me buscando e não me achei.” A “luz perdida de uma estrela morta” pode referir-se à perda da amada. O primeiro verso da última estrofe constitui o processo da “presença da ausência”, próprio da poesia pura de Mallarmé, além de lembrar as saudades de inexistências de Sá-Carneiro.⁴ Os dois versos finais sugerem a essência do poético, a qual coincide com o sentido de ser e da realização humana, e que ficou talvez latente no menino e acaso brincava com este de esconde-esconde “atrás da porta”, repercutindo isso no adulto.

Observemos “O Vencedor”:

*Quero tudo a que tenbo direito,
desde o laivo que arroxeia o pôr-do-sol
ao peixe que se debate com o anzol
na minha pescaria imaginária.*

² Cf. JUNQUEIRA, Ivan. Quem tem medo de Lêdo Ivo? In: IVO, Lêdo. *Ibidem*, p. 42.

³ SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poesias*. Estudo crítico de João Gaspar Simões. Lisboa: Ática, 1973, pp. 61-65.

⁴ *Ibidem*, p. 64.

*De nada abrirei mão enquanto estiver vivo.
Reclamo tudo o que for em meu proveito,
desde uma mulher nua estendida no meu leito
à água casta que corre por entre os seixos.*

*Tenho um horror sagrado aos que não querem nada,
não gostam do crepúsculo nem de uma boa salada
de rúcula, cebola, alface crespa e tomate.*

*Sei que a vida não passa de uma luta renbida.
Quando acordo, já estou pronto para o combate
e sempre levo os outros de vencida. (p. 1047)*

Psicologicamente, esse poema parece máscara de triunfador aparente, lembrando a atitude do pícaro, do anti-herói, a blasonar qualidades, e opondo-se a poemas reveladores de fraqueza e dispersão como o “Soneto da Porta” recém-estudado e “O Espantalho” (p. 1049). Constitui uma confissão lírica e realista de ambicioso e lutador com sentimentos pouco nobres e não disposto a renúncias, consciente de que o homem é lobo do homem. O cotidiano prosaico da terceira estrofe é expediente próprio do Modernismo, e o poético do texto está sobretudo na confissão inusitada e franca de tais sentimentos, mais evidentes em processos pós-modernos.

Em “Nascimento” (p. 1054) depara-se outra face do poeta. Primeiramente, a ausência extrema de algo faz crer no seu oposto: “Diante do gelo / acredito no fogo” [...] “Diante da chuva / acredito no sol”. Depois, vem o testemunho do que é passageiro, da própria morte. Finalmente, ocorre a solidariedade inarredável. A constatação do mútuo sugere um sentimento talvez de medo ou necessidade de ajuda: “Vamos de mãos dadas / no caminho longo // entre a chuva e o sol, / entre o gelo e o fogo.” Esses sentimentos completam-se com os de “Mesmo quando Sozinho”, (p. 1056) onde a consciência comunitária existe, sobretudo na participação da dor humana: “E fluido como a água e

duro como as rochas / estou sempre onde está a dor do mundo. / Mesmo quando sozinho, caminho entre os homens.”

Observemos “Minha Pátria” (pp. 1027-1028). Há aí metáforas presas a uma ótica subjetiva, formando uma alegoria. Lê-se: “Minha pátria não é a língua portuguesa. / Nenhuma língua é a pátria. / Minha pátria é a terra mole e peganhenta onde nasci / e o vento que sopra em Maceió.” Vê-se que a mola provocativa da gênese do poema é a conhecida declaração de Fernando Pessoa: “Minha pátria é a língua portuguesa.” Acontece no poema, por ser Lêdo Ivo afeito a comportamentos criativamente antitéticos, uma réplica à declaração pessoana. Afinal, ambos os poetas, em suas peculiaridades líricas, têm razão, como tem razão a atitude dialética de cada personalidade pessoana, todas objetivando traduzir a diversidade cósmica.

O presente livro de Lêdo Ivo abriga, sem prejuízo da novidade criativa, uma reprodução, até certo ponto, das várias tendências do poeta, assumidas ao longo de sua trajetória. Assim é que o poema em estudo autotextualiza-se com a peça “Minha Terra” (pp. 527-529) e outras de *Finisterra*, livro em grande parte dedicado às origens telúricas do autor.

Em “O Porta-Voz” (pp. 1028-1029) a missão de ser poeta é exercida amplamente. O poeta é aí mostrado como um mensageiro, um Hermes, um intérprete, alguém que usa a voz, a palavra. Destaque-se a subjetividade prosopopéica: “As estrelas se curvam / para ouvir o que digo / na noite iluminada.” Porque o poeta é todo verbo até latentemente, escreve: “Mesmo quando estou mudo / ouço em mim a torrente / da voz inestancável.” E, falando “em nome dos amantes”, segue, nestas sugestões eróticas: “Guiando a mão que encontra / a água de um mar escuro / na concha entreaberta.”

Sente-se que “Sombra Perdida” (p. 1032) é um poema simbólico: “Perdi a minha sombra / no caminho entre as árvores.” Trata-se de algo íntimo e precioso? Possivelmente da companheira. Apresentam-se belamente inquirições prosopopéicas a aspectos do ambiente sobre a sombra do eu lírico: “à fonte fria”, “ao rio claro”, “ao sol que me ilumina”. O tom romântico do texto contrabalança com outras posições do poeta em outros poemas, as quais se in-

clinam para soluções realistas, inclusive com o final da presente composição, de uma simbólica que forja a idéia realista de morte: “há sempre à tua espera / um grande rio escuro / – um rio de águas frias.”

“O Mormaço” (pp. I033-I035) constitui uma volta ao clima de *Finisterra*. Poema telúrico, em que o poeta inveja facetas da terra e identifica-se com ela, sugerindo ser sua pátria sua Maceió. Predomina no texto a incidência do sensorial através da concretização do abstrato e, depois de uma visão subjetiva, descrevendo algo inefável (estrofes nona e décima), ocorrem símiles e uma metáfora identificadora do poeta com sua terra: “Como o fogo e a água / sou o meu lugar de nascimento.”

“O Inseto” (pp. I044) traz jogos de contrastes que lembram certa dicção pessoana, que se encontra noutros poemas do autor. Esse poema revela a relatividade do mundo, feito de “claro” e “escuro”, de “tudo” e “nada”, de “sombra e claridade”, de “sol” e “chuva”, de “pedras e pétalas”. Talvez o desencantado e pessimista ânimo do poeta seja o de quem descobre o lado imperfeito da vida ou do universo, querendo mostrar realistamente que este não é só esplendor:

*O instante é um inseto imóvel
na grama que cobre a erosão
do tempo sempre desnudo.*

*Mundo de raios e relâmpagos!
O esplendor da vida vã
rasteja na escuridão.*

O senso do real no poeta leva-o a avaliar diversos ângulos da vida no poema “A Realidade” (p. I036) através de símiles algo irreverentes e/ou desmistificadores, formulados por uma ótica subjetiva, de tal modo que o real pode ser tão absurdo que força a normalidade, como o de “Uma palavra sexual”, que “é tão real como o trem / que atravessa o laranjal.” Propõe-se que tanto o sublime como o grotesco, dependendo da situação, podem ser reais: “Como a lágri-

ma vertida / durante um funeral / ou uma banana // tudo é real no mundo”. E, assim, a realidade concebida pela visão poética, como a do presente poema, chega a marcar-se pela espera da novidade, talvez da transformação, como a descrita nos versos terminais do poema, segundo os quais o mundo “vive sempre à espera / de uma aurora boreal.”

No presente livro, Lêdo Ivo sugere prender-se, em várias composições, à idéia de despedida da vida, como que conscientizando encontrar-se na “Estação Final” (p. 1035), título de poema cujo significado dialoga com o do livro *Estação Central* (pp. 433-521), volume que registra uma quadra intermediária da vida do autor, com poemas de preocupações sociais, panoramas de viagens e com o nascimento de um filho, ocorrência focalizada na parte “Chegamento do Varão” (pp. 483-521). “Estação Final” apresenta um recorte subjetivo da realidade, vista através do signo do silêncio, palavra repetida anaforicamente, em várias frases condensadas, mercê da elipse verbal, até a frase última e definitiva, o verso conclusivo, que modela a morte: “o silêncio dos lábios calados para sempre.”

Não só nesse poema, mas ainda em outros de *Plenilúnio*, como já afirmamos, o poeta vislumbra o fim próximo. Destarte, várias vezes se encontra em meditações sobre o contraste entre a exuberância da vida a seu redor, representada pelo “esplendor desperdiçado” (p. 1037) e a verificação da “batalha perdida”. (Ibidem)

A recorrência ao silêncio e o *Leitmotiv* da “estação” aparecem ainda no “Soneto Injuriioso” (p. 1041), em que até com palavrão (“velha puta escrota”) se refere à morte:

*O silêncio sucede ao barulho infernal.
Assim será a morte, assim será o dia
em que a morte virá, fria como uma jia,
trem que pára afinal na estação terminal.* (Ibidem)

Em “Água Fria” (p. 1042), a frieza apaga o próprio fogo do amor, porque “Assim é a morte. / A água fria apaga / O fogo que ardia.” (Ibidem) Enquan-

to isso, no “Rumo à Praia” (ibidem) há ignorância de ser, há especulação e incerteza. Procurando-se a si mesmo, o poeta confessa-se “perplexo” em seu caminho, “antes que tudo em mim em mim se esvaia”.

Na idéia obsessiva da morte, até o “Fogo Crematório” (p. 1048), no poema sob esse título, focaliza o poeta. Aí se encontra a constatação do efêmero, do enganoso, do funéreo. E, enquanto na peça “O Interesse” (p. 1050), o autor exorciza o pássaro que lhe parece “escarninho”, surgido “na manhã irônica”, expressão rica pela hipálage, opta pela idéia oposta à de morte, a de vibração vital, idéia representada pela abelha, que conduz o “zumbido da vida” e transmite-lhe “uma lição de mel”.

Leiamos “O Espantalho” (p. 1049), anterior ao recém-estudado texto, e que se insere no âmbito dos poemas que, no livro em causa, se relacionam com a contradição entre a vida e a morte, a partir de reflexões campestres:

*O dia me espera no campo
como um espantalho
E seu fulgor já me cansa.*

*Aspiro à escuridão,
ao grande silêncio maternal
que antecedeu a todos os estrondos.*

*Não suporto mais as coisas claras.
Como na infância, quero esconder-me
de todos e de mim mesmo.*

*Mulher, último refúgio da noite,
é em ti que me escondo
no dia incomparável. (pp. 1049-1050)*

O poema é de rendição. O desânimo do poeta está longe da empáfia do estudado “O Vencedor” (p. 1047). Há nesse outro texto o cansaço da claridade

e o desejo de recolhimento. O dia, personificado, espanta-o com o “seu fulgor”, como se a luz penetrasse no íntimo do poeta para revelar segredos, salientar torturas, desvelar mazelas, fracassos ou sofrimentos. A segunda estrofe revela comovidamente o anseio de colo e mesmo de útero, do antigo menino que o adulto não esqueceu. Na terceira estrofe a fuga de si mesmo mostra a dispersão ôptica, que lembra a brincadeira de esconde-esconde, suscitada pelo “Soneto da Porta” (p. 1043).

Na última estrofe, partindo da apóstrofe e da bela metáfora, o poeta, sentindo-se adulto, apela para a Mulher, a quem recorre como derradeiro abrigo para consolo; a ela, que, como verdade psicológica profunda, substitui a Mãe nas adversidades do “dia incomparável”, transpostas todas as possíveis barreiras edípicas. Claro está que a articulação da quarta estrofe com a segunda autoriza-nos a pensar não apenas na figura da Mulher como substituta espiritual da Mãe conselheira e conciliadora, mas também na figura daquela como objeto de libido consciente, substituto do prazer inconsciente da fase intra-uterina.

“Canção de Embalo” (p. 1057) é poema de tom proverbial por seus conceitos. De espírito ou clima neo-simbolista no ritmo e vocabulário. Trata da perda fluida da vida, que se evapora, segundo a ótica do poeta, num embalo efêmero e num desejo anônimo: “Quem vive perde a vida / levada pela brisa. [...] E assim a vida vai / e assim a vida vem: // aragem, maresia, / suspiro de ninguém.”

“Antes e Depois” (pp. 1061-1062) constitui metafísica do futuro. Apresenta o tempo previsto por quem, algo desencantado ou entediado, sente que já viveu tanto e sabe com antecedência o que virá: “Debaixo do sol / ou junto do farol / o que vem depois / é o que vem antes.” No jogo do tempo, tudo é tão efêmero: “O amanhã passou / e durou um instante”. Ocorre mesmo uma antecipação do futuro: “O fantasma existe / antes do castelo. / Antes que te mires / já estás no espelho.” Valoriza-se no poema o tempo psicológico em confronto com o cronológico e chega-se à concepção do antegozo e do pós-goza: “O orgasmo acontece / muito antes que os corpos / se unam nas camas. / Só depois do fim / começa o começo / carta sem

carimbo / e sem endereço.” Reflexões como as desse poema só concebe a sensibilidade madura de um grande poeta.

A busca de Deus na Natureza, do inseto às constelações, é o que se verifica no poema “Uma Busca Incessante” (pp. 1062-1063). No limiar entre a vida e a morte cabe como nunca a meditação sobre Deus, que encarna o eterno, por parte de quem, como um livre-pensador e com a força do poder poético da linguagem, já especulara esse tema nos vários poemas ora angustiados, ora irreverentes de “Vida de Sempre” no livro *Noite Misteriosa* (pp. 671-686). A mesma angústia existencial da busca daqueles poemas acontece aqui: “Ainda não desisti de encontrar Deus.” E, dedicando “o dia inteiro à procura incansável”, desconfia que Deus se “esconde” sob as “asas” do “gavião” ou sob a “saboria” dos “sonhos”. Evita “pisar a formiga negra”, pois Deus pode nela adotar “um de seus disfarces”. Contudo conclui que “Deus passeia incólume entre as constelações”.

O último poema de *Plenilúnio*, “O Desejo” (pp. 1063-1064), representa uma explosão de revolta subjacente na sua escolha do que é passageiro, na aparente conformação com o efêmero. Trata-se da máscara criativa de quem no íntimo cultiva a altivez diante do fim próximo. Ocorre o que, em Psicologia, se chama racionalização, um mecanismo defensivo do ego. O da fábula d’ “A Raposa e as Uvas”, de Esopo, o mesmo adotado por Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa. Pela elevada significação do poema, transcrevamo-lo na íntegra:

*Não quero a eternidade,
a trama interminá
velde uma roca que fi
aum dia após um di
ana duração perpétua.
Quero ser o que passa:
a leve nuvem branc
aque se desfaz no espaço,*

a fumaça de um jat
ono céu vazio e claro.
Não me agrada ou sedu
zviver após viver.
Antes quero o relâmpa
goque rasga o céu sombrio,
uma folba de álam
ono chão de uma viag
eme a chuva momentâ
neaque cai sobre as cidades.
Prefiro um vôo de pássa
roa tudo o que é eterno.
A tudo o que é duráv
elprefiro o perecível:
a sombra fugid
iano dia lumino
sodos narcisos e rosas;
os instantes que regem,
na noite indecorosa,
o amor dos amantes,
seus gritos e gemidos;
a pétala fuga
zferida pelo outono.
Contenta-me o traje
toentre uma porta abert
ae uma porta fecha
daem plena madrugada
daou na manbã mais cândida.
O meu Deus é relâmpago,
o breve esplend
orantes do grande sono.

*Recuso-me a dura
re a permanecer.
Nasci para não ser
e ser o que não é
após tanto sonha
re após tanto viver.*

Essa página atinge de modo digno a catarse. Pretende disfarçar o trágico e porta belamente uns traços elegíacos confundidos com uns laivos epopéicos. Como no poema “O Vencedor” (p. 1047), que parece disfarçar a ineficiência ou fraqueza, acontece na presente composição o possível fingimento de o poeta não querer ser eterno, e esse é o ponto mais criativo desses versos através do elogio metafórico, muitas vezes com o cultivo do sensorial. Essa fingida escolha do efêmero é que se constitui não apenas numa catarse do livro, mas da obra poética de Lêdo Ivo, que, como que constrói uma resposta altaneira contra a vida madrasta, um como desafio de quem quer sentir-se um vencedor, “recusando-se a durar / e a permanecer” como um Miguel Torga, que se declarou “dono das minhas horas”.⁵

Diante da morte esperada próxima e “aceita” pelo poeta como “vazio do mundo / após a palavra / que quis dizer tudo / e não disse nada” (p. 686), lêem-se os quatro últimos versos de “O Desejo” como a confissão final do desencontro e dispersão existenciais (“Nasci para não ser”) ao lado do fingimento poético (“e ser o que não é”) na exaustão do poetar e do existir (“após tanto sonhar / e após tanto viver”). Não obstante a sugestão de cansaço de viver, permanece o repto da recusa, mascarando o desejo de eternizar-se.

Mas, ao contrário do que afirma Lêdo Ivo, achando que “não disse nada”, os seus leitores são levados a entender que disse tudo o que um alto poeta se destinou a dizer, de tal forma que ele ficará não como um relâmpago, que é passageiro, mas como um permanente clarão nos céus da Literatura Brasileira e da Poesia do mundo.

⁵ TORGA, Miguel. *O outro Livro de Job*. Coimbra: Coimbra Editora, 1958, p. 84.



Um confronto, ou um itinerário?

FERNANDO CRISTÓVÃO

Neste longo metapoema de Pedro Lyra, *Confronto*, em que a extrema liberdade de expressão através do verso livre e branco é precedida e estimulada por um novo tipo de público – o dos *blogs*, *fotologs*, *scraps* e outras expressões rápidas e emotivas –, o auditório especialmente visado é mais vasto e adulto. E tanto na vida como na cultura.

Aqui o confronto faz-se comparando dois textos, o do homem de todos os dias, apressado e efémero, e o intemporal transmitido pela *Bíblia* e pela fé cristã. Só ocasionalmente o confronto é afrontamento, especialmente nos momentos em que as contradições e a incompreensão atingem o clímax.

Confronto este de grande modernidade, ou melhor, de pós-modernidade, na medida em que exprime o estado de espírito do homem contemporâneo e multicultural, jogado entre a diversidade das opções, das decepções, do relativismo na escolha das propostas, e na dificuldade em aceitar um caminho que lhe parece apertado em excesso.

Professor Titular
de Literatura
Brasileira da
Universidade
Clássica de
Lisboa.

Caminho esse outro, formulado em um discurso monológico que apela para valores e atitudes que não estão na moda, apesar de prometerem a realização da verdadeira condição humana começada neste mundo e realizada em plenitude numa vida posterior que promete ser eterna.

Para melhor nos embrenharmos nesta pequena “*selva oscura*”, como a de Dante a caminho do Paraíso, verificámos que, estruturalmente, o processo de enunciação repousa muito sobre o emprego dos pronomes pessoais, porque eles identificam os grandes protagonistas do confronto.

E por uma ordem de frequência e importância que, só por si, já indicia o teor da apóstrofe: o “Tu” referido a Deus, o “nós” referido à humanidade, o “eu” sob as formas de “me”, “mim” e inclusões verbais, apontando o principal reclamante.

Seguiremos essa opção pronominal por se revelar muito apropriada para o conhecimento do *Confronto*, em que a liberdade das formas, ditada pela tradicional mimese, cede frequentemente o seu lugar à circunstância das inquirições.

~ I. Predominância do “Tu” (Deus) como destinatário

Salta ela logo à vista numa primeira leitura. E pela simples interpelação do “Tu-Deus” e da sua envolvência, ficamos a saber, até por eventual denegação freudiana, que o poeta admite que Deus existe, é onipotente, havendo direito, por parte do homem, a que Ele responda, se justifique ou corrija os males por que é dado como responsável.

Mas antes, há que apresentar, definir e responsabilizar o TU-Deus. O poeta fá-lo, em especial, no segundo poema: “Do supremo ser” assim caracterizado: “Energia universal, / eterna e criadora [...] / (Eterno, tinhas que prescindir do tempo: / criador, tinhas que incluir o tempo.” As estrofes seguintes insistem: “Espírito perfeito”, “insuperável”, “substância autoprodutora”, “motor imoto”, “causa primeira”, “sentido último”, “ideia da perfeição”, “O Pastor”. Contudo, o “eu” do poeta não quer comprometer-se, escusando-se: “Ou tão somente esta chuva de metáforas?”

A leitura dessas estrofes, e de outros poemas, explica o mesmo que São Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, ao ensaiar as cinco vias para se chegar ao conhecimento de Deus: o *movimento* (ver o poema “X – Das necessárias mudanças”), a *actividade* manifestada na produção de novos seres (“IV – Da criação”), a *contingência* da efemeridade da vida (“VIII – A dimensão da vida”), a *imperfeição* (“V – Do humano ser”), a *ordem* do Universo (“Da dúbia omnipotência”).

É tão insistente a interpelação do TU-Deus, mesmo quando nos poemas cujo eixo significativo é o “nós”, que na segunda parte deles tudo é reconduzido para o mesmo destinatário.

E o Deus destinatário de todos os poemas não é uma entidade abstracta, pois “não te encontramos pela essência”: é o Deus que se revela em Cristo evocado em diversas etapas, especialmente na ressurreição: “Foi apenas para cumprir a profecia? [...] Os Deuses gregos não sofriam [...] nem precisavam de ressuscitar, pois muito menos morriam. / Será somente porque não nos amavam? [...] Não nos remiu aquela dor, mesmo tão grande [...] nem nos lavou aquele sangue, mesmo tão puro. [...] Pois tu ressuscitaste – e voltaste para a glória” (“XVI – Do dúbio sacrifício”).

Assim se compreende que, em consequência, desiludido da fragilidade humana, o poeta implora o regresso do Salvador à Terra, especialmente nos poemas finais “XXII – Razões do primeiro apelo”, “XXI – Segundo apelo”, “XXXVIII – Último apelo e suas razões”, e na revolta das “XLII – Contra-razões do último apelo”, porque “se não voltas, acabamos...”.

Nas estrofes desses poemas se atinge o clímax do dramatismo, porque sendo o uso da segunda pessoa pronominal típica do drama e do diálogo, o *pathos* é atingido nesse grau pela veemência dos sentimentos. Preparam-no o processo das anáforas: “volta”, “então, porque não voltas”, “já é hora: vem”, “então volta, mas agora, / agora antes que seque a utilidade de voltar”...

2. O interpelante explícito do “Tu-Deus”

É um tanto surpreendente que o interpelante explícito do “Tu-Deus” não seja o “eu” do poeta, mas o “nós”, que aparece em segundo lugar em número de ocorrências e importância.

Se alguma coisa, aparentemente, se perde quanto ao *tonus* dramático final, muito se ganha quanto ao entendimento deste confronto: é que o poeta fala em nome da condição humana, e não em seu nome pessoal. Aparentemente, porque o questionamento do “eu” é menor (será?), diluído no coro geral dos reclamantes.

O poema assume, deste modo, o papel tradicional romântico em que, membro do género humano, fala em nome do povo, como profeta ou como tribuno.

É então neste espaço colectivo que as razões mais fortes do confronto surgem à luz do dia: Deus falhou na sua criação, pois o mundo está mal feito; a paixão, morte e ressurreição de Cristo redundaram em desastre; os humanos são um fracasso ainda maior; Deus pouco ou nada se preocupa com o mundo.

Assim o expressa, especialmente, no poema “IX – A natureza do mundo”:
“E um mundo tão mal feito: / gelo num pólo, fogo no outro; / seca num canto, dilúvio no outro. / Sempre em desequilíbrio e à beira do fim, que nunca chega. [...] sempre a mesma cósmica rotina, há bilénios.”

Ainda em maiores contradições, os humanos se interrogam: “E que viemos fazer aqui, / aqui, neste nicho do universo? [...] Apenas testar tua criatividade?”, “uns poucos se acrisolam por uns imaginários paraísos / e uns tantos se pulverizam pelos infernos reais”. “Todos em guerra contra todos, sempre” (“VII – Da humana peripécia”).

E assim se procede, tanto na esfera social, económica e política, como na ética individual, simbolicamente evocada pelo poeta constatando a violação de todos e cada um dos dez Mandamentos, para concluir: “fizemos tudo ao contrário: / não amamos, senão a nós próprios; nem respeitamos, senão ao interesse” (“XXXIX – A inútil interdição”).

Mais ainda, a própria vida parece absurda e trágica: “...somos / o único animal que nasce em dor / lúgubre castigo / ou lúcido prenúncio? [...] solitários no Universo, / sem outra espécie a agredir como inimiga, / inventamos inimigos dentro da própria espécie” (“VI – O trágico específico”); “Só isto, a vida humana: / um breve rastejar, entre o Big Bang e o Apocalipse” (“VIII – A dimensão da vida”).

E o mais trágico desse cenário é que ele contrasta com a grandeza e onipotência de Deus que se comporta na mais completa indiferença, quer perante os desvarios humanos, quer perante as tragédias naturais. Pior ainda, não se coíbe de castigar, o que é injusto. Será porque, independentemente da sua vontade, o mundo tinha mesmo de existir, ou porque, “produto satânico”, teria sido criado por um anti-deus?: “se nada havia, de que material fizeste o cosmos? / Esta massa não pode não ter existido: não cabe no Não-Ser. [...] Ou foi um anti-deus que o criou, mais verosímil. / Pois deu no que deu.” (“IV – Da criação”).

Por que tamanha indiferença da parte de Deus? Seguindo uma velha tradição filosófica e teológica, o poeta vai ao fundo da questão, “provocando” directamente a divindade, em apóstrofe dilemática: “Pois bem: / abriste o mundo para o Bem, o sumo Bem / e o mundo é a câmara do Mal, o ubíquo Mal. / Se o podes destruir e o não queres, serás / um potentado insensível; / se o queres e não podes, / um sensibilizado impotente; / se o não podes e o não queres, impotente e insensível. / Em todos estes casos, apenas uma nula aberração.” (“XXXII – Da persistência do Mal”).

Esta foi uma questão, na procura de uma resposta, que aproximou grandes pensadores, e de que o exemplo mais emblemático foi o do filósofo Leibniz, do século XVIII.

Reflectindo o princípio cartesiano da dúvida metódica, e retomando o argumento ontológico de Santo Anselmo sobre a existência de Deus, Leibniz defende como ponto de partida que duas verdades não podem ser contraditórias, pelo que não pode haver oposição entre a filosofia e a fé, explicando o universo pelo princípio da razão suficiente, razão que é a perfeição. Levado por essa lógica inicial conclui que, dentro da infinidade dos mundos possíveis, este em que vivemos foi o que Deus escolheu e é o melhor mundo possível.

Justifica essa conclusão pelo argumento de que não podia ser de outra maneira, pois Deus só agiria de outro modo se não pudesse ou não quisesse fazê-lo, hipóteses que exclui, liminarmente, dada a onipotência e infinita ciência de Deus. Daí que o optimismo leibniziano vai ao ponto de concretizar no

seu *Discurso da Metafísica*: “não creio que seja possível a existência de um mundo sem o mal, preferível ao nosso, pois se isso fosse melhor, Deus o teria criado.”

O autor de *Confronto* retoma o silogismo leibniziano, concordando com a premissa maior “Deus, se não cria mundo melhor, é porque não sabe ou não quer”, e quanto à premissa menor (este mundo, tal como é, foi criado por Deus) tem muitas dúvidas, porque acha o mundo um verdadeiro desastre e não sabe a quem o atribuir.

Quanto à conclusão, forçosamente ela é ambígua, mas também disso não tem a certeza...

Para maior perplexidade, o poeta admite, implicitamente, que haja explicações-justificações para o problema da existência do mal, e dentre algumas hipóteses enunciadas sarcasticamente para os que “sonham um lugar no Céu / a preço de esmola”, não deixa de apontar uma, também ela armadilhada, sobre que se interroga com alguma seriedade: “ou é para extrair, / do sumo Mal, o sumo Bem / – para quem fosse digno de o pretender – / e é essa, a da provocação, a via única?” (“XXXII – Da persistência do Mal”).

Às interrogações sobre esta magna questão do Mal e da pretensa indiferença divina vem juntar-se ainda o paradoxo da resposta divina falhada da paixão, morte e ressurreição de Cristo.

Teoricamente, a redenção de Cristo seria a resposta negadora da indiferença divina, mas assim não aconteceu por ter sido, segundo o poeta, uma acção fracassada.

Nessa perspectiva, censura que Deus pudesse “infligir ao próprio filho (e era único!) um martírio tão ferino”, até porque, além de inexplicável, foi inútil: “não nos remiu aquela dor, mesmo tão grande, [...] nem nos lavou aquele sangue, mesmo tão puro. [...] o mundo não tombou, / não precisou tombar / para ser este sorvedouro de virtudes e esperanças. / E julgaste que era bom! / Sem sequer um esboço de exercício de autocrítica...” (“XIV – Do dúbio sacrifício”).

E como se não bastasse a inutilidade, aconteceu a retirada para os céus: “Tu ressuscitaste – e voltaste para a glória. [...] Não parece que Te doa um fracas-

so tão redondo / – e Tu podias fazer tudo; / a nós, em círculos, doi / – e não podemos fazer nada.” (*Ibidem*).

Contudo, perpassa ao longo destas acusações uma grande falta de convicção. Elas são mais arrastadas pela lógica dos pensamentos anteriores do que por algum reforço de argumentação.

A prová-lo estão os últimos capítulos do apelo: “Então, porque não voltas?” que já atrás referimos como o momento mais dramático de todo o poema. Com o receio de que essa volta não se realize, o poeta insiste: “Se não voltas, acabamos / crestando nossa alma em nosso próprio fogo. [...] a decisão é tua” (“XLII – Contra-razões do último apelo”).

Mas será esta afirmação, “A decisão é tua”, a mais coerente na lógica do poema?

Parece que sim na lógica do gênero, mas certamente que não na sua substância significativa e circunstancial.

~ 3. Arrastado por esta última interpelação, aparece em cena o protagonista principal, o “eu”, até ali discreto, nos bastidores.

Assim, subscrevendo tão insistentes apóstrofes do *Confronto*, surge finalmente, nos últimos poemas do livro, a identificação do interpelante, em número de ocorrências muito menor que as do “tu” e do “nós”.

E essa identificação, mesmo sendo formal, é velada, pois nunca aparece sob a forma explícita do “eu”, mas sempre de maneira declinada, conjugada, ou em função possessiva ou reflexiva: “a mim”, “vou-me”, “vais-me castigar”, “declaro”, “determinei”, “meu cadáver”, “deixa-me”, “usei teu nome”...

Mesmo assim, o poeta destaca-se do fingimento poético e do estatuto de verosimilhança próprios do gênero, para arriscar o jogo da verdade, levando o mais longe possível a revelação da sua pessoa.

Embora declare “nunca dobrei os joelhos”, tem a humildade de desejar e esperar uma resposta “A mim / na mais plena da solidões – a do decrescente, / no mais receptivo dos silêncios – o do interpelante [...] Se não voltares, / é

que é mesmo a nossa vida este concreto rastejar” [...]. Porque afinal o chamar do poeta resume-se em “um incrédulo pedido de clemência / – A quem?”

À maneira de Dante, “*Nel mezzo del cammin di nostra vita, / mi retrovai per una selva oscura*”, ainda que um tanto mais tarde, não hesita em revelar a sua identidade: “Sabias – há 55 anos – que o haveria de escrever.”

E logo, confuso, de novo recolhe ao seu estatuto genológico de poeta, ao clássico fingimento poético que só exige a verosimilhança e não necessariamente a verdade, classificando esta “longa e sofrida indagação” de “simplesmente poesia”.

Não deixa de ser de grande relevância poética e humana este vaivém de perplexidade entre a incredulidade e a fé, a afirmação e a negação. O certo é que, como escreveu Vitorino Nemésio, grande poeta das coisas de Deus, em circunstâncias semelhantes: “Nessa óptica cultural, a poesia irmana-se à metafísica e à mística. Poetas e filósofos falam, fundamentalmente, do mesmo [...] o universo inteligível é tão conceptual como alegórico.”

Questionar poeticamente Deus e a condição humana, contrariamente ao que pensam os que ignoram a natureza da poesia, é, pois, tentar uma aproximação maior do mistério, porque mais amplamente, através do simbólico que do literal, se torna possível uma aproximação do Absoluto.

Contudo, a este *Confronto* falta qualquer coisa para o transformar de monólogo em diálogo: a fala do Outro ouvida quando no trato com o divino, sem juízos prévios, para se conhecerem as razões d’Ele e, simultaneamente, o “eu” interpelante confessar a sua participação pessoal nos erros do “nós”. Esta uma das razões por que este confronto tem tudo o que é próprio de um itinerário.

Até lá, pode dizer-se que se repete a situação enigmática ficcionada por Eça de Queirós num dos seus famosos contos, em que o Eterno, como resposta às acusações que lhe faziam, sentado no alto de um monte de livros, lia Voltaire e sorria!

Muitas leituras pode ter este sorriso, e certamente uma das mais prováveis é a da benevolência irónica. Talvez a mesma com que acolheu a ansiosa pergunta do poeta de *Confronto*: “Como recebeste aí estes versículos? / Lê bem: / isto não é uma blasfêmia. [...] Vais-me castigar por esta apóstrofe?”

Adeus aos telhados

NELSON SALDANHA

As novas gerações são insuficientemente instruídas sobre a história e não se surpreendem com as realidades de hoje, por não saberem como eram as coisas antes. Coisas como os quantitativos demográficos, a presença da técnica, os hábitos de convivência. Também não sabem como eram as ruas e os bairros de sua cidade há trinta ou quarenta anos: não alcançaram a visão dos telhados. Sua visão urbana é a dos apartamentos e dos escritórios alojados em altos edifícios.

Até uns tantos decênios a imagem de uma cidade era sobretudo a de um conjunto de telhados. O que se via, ao contemplar o conjunto desde uma elevação, eram filas de telhados, discretos e coniventes, acompanhados de árvores e de praças que retinham uma peculiar dignidade. A visão de uma cidade tinha sua unidade e sua identidade, como na fascinante “Vista de Delft” de Vermeer, em que os reflexos na água confirmam e valorizam a fisionomia do todo. Ou como em Florença, ou em Bolonha, com os telhados agrupados em quarteirões e um grave toque de sépia em vários trechos.

Escritor e ensaísta, nasceu no Recife, em 1933. Professor universitário, membro da Academia Pernambucana de Letras, publicou vários livros, entre os quais: *História das Idéias Políticas no Brasil*; *Sociologia do Direito*; *Humanismo e História*; *O Jardim e a Praça*.

A imagem da cidade seiscentista era a de um grande grupo de perfis e de cores, estas como aqueles unificados pelo estilo ou pelo longo trato histórico. Assim também no século dezoito. No dezenove (vão aqui evidentes simplificações), ainda os telhados, entre os quais começavam a aparecer chaminés industriais. Nos chamados logradouros públicos, homens de casaco preto.

A vaga estranheza com a qual os jovens de hoje vêem as figuras do passado corresponde ao fato de terem o espírito preso aos artefatos “modernos”: surpreendem-se ao pensar em épocas em que não havia TV, em que poucos possuíam telefone, em que mesmo pessoas de classe média alta não tinham automóvel. Pertencem a um tempo em que as máquinas fazem (e desfazem) tudo. Antes o pulsar da vida, nas ruas e nas casas, provinha mais diretamente da presença dos seres humanos; hoje a experiência do viver está presa aos motores e às buzinas.

O furor imobiliário abate aos poucos as antigas casas, e com elas o conceito de morar, que é o conceito da relação entre o homem e o chão entre as portas e o telhado. Entronizou-se o prédio de apartamento, sucedâneo longínquo das precárias *insulae* de Roma. Sabe-se que a cidade vem colocando os homens em apartamentos (Ortega observou, ainda em 1930, a diminuição da espessura das paredes), nos quais se acumulam não apenas as pessoas mas também os automóveis, as mobílias, bem como as máquinas subir a água e os habitantes. Entre finais do século dezenove e inícios do vinte, tempo da *belle époque* e do impressionismo, alteraram-se vestimentas e ideologias; ocorreu a Primeira Guerra; começou o reinado do automóvel (Hermann Hesse o chamaria, em “O Lobo da Estepe”, de objeto-rei). Começava também o reinado da fotografia.

O estranhamento das pessoas de hoje diante de toda referência ao viver passado, isto é, às imagens e expressões de quase todo passado, inclusive o não tão passado e até algo recente, corresponde a um crescente e perigoso distanciamento dos homens em relação ao que já não tem vigência. Para aquelas pessoas, parece que o “mundo” sempre foi assim, que o viver social nunca foi diferente, que o aspecto e o sentido das coisas atuais não teve origem nem antecedentes. Ou então, que essas coisas eram, no passado, bizarras e irracionais,

como parecem os valores e os costumes de duzentos anos atrás, ou de cem, ou de trinta. Vive-se, então, em um universo sem história; vive-se um atualismo gratuito, convive-se com o virtual e com o momentâneo.

As frases clássicas sobre o homem, que se encontram nos clássicos (os gregos e romanos), tinham por trás de si uma série de notícias, precárias mas expressivas, de povos outros e de épocas pretéritas, épocas e povos que se apresentavam com reis e palácios, espadas e cavalos, e que pareciam ser diferentes, até certo ponto, mas em alguma medida análogas aos dos próprios clássicos. Com isto relacionava-se a figura mesma do homem, idêntico e diverso, o mesmo contudo.

No século vinte tivemos ao mesmo tempo grandes acréscimos no conhecimento do homem, e entretanto um posicionamento ambíguo, por parte do Ocidente, em relação ao passado e à pluralidade de povos: coisa que sempre existiu de alguma forma mas agora agravado pelo incremento das técnicas de comunicação. Até o século quatorze, ou quinze, as armas dos europeus eram as mesmas dos antigos persas, ou dos gregos, o que, aliás, permitiu que o “mundo clássico” não parecesse tão estranho para um estudioso do século quinze, Petrarca, por exemplo. Do mesmo modo que as armas, as casas, as colunas, os navios. As diferenças começam aí pelos séculos dezesseis ou dezessete: surgiram, por exemplo, as armas de fogo, os canhões que as gerações anteriores não conheciam. Nos séculos dezanove e vinte vieram os motores e com eles novos meios de transporte; mudanças maiores nas comunicações e na educação. Mudanças desconcertantes vieram no século vinte.

O *homem* se reconhece então, cada vez menos, nas imagens do passado. Com isto o conhecimento da História, no sentido didático, se fez mais constante, porém mais difícil. Nos séculos dezesseis ou dezessete, grandes pintores figuravam personagens bíblicos em trajes de seu próprio tempo; no dezanove, isto já não ocorre, mas a pintura se afasta dos temas mais antigos. À medida que os homens ignoram a vida de seus antepassados, e não reconhecem as figuras e as realidades da existência deles, tendem a cair no vazio os questionamentos da antropologia filosófica, as alusões ao “homem” e o apelo das frases dos classi-

cos. O homem de hoje é isto só, um ser de hoje: será ou não o de amanhã, e não é propriamente o do passado. Um tropel de problemas, de debates e de alterações dificulta toda linha de continuidade. Colaboram para isso, entre outras coisas, a TV, a ficção científica, o cinema de “efeitos especiais”.

Na Indonésia dois edifícios enormes são duas supertorres que nada têm a ver com o passado étnico do país. Os Estados Unidos começaram a corrida pelas edificações deste tipo, desde o “Empire State” que há décadas espantava os espíritos provincianos; mas hoje o prestígio dos prédios muito altos, inclusive os residenciais, ocorre em várias partes, entre elas as regiões subdesenvolvidas. Nestas a onda de aumentos demográficos obriga as cidades a adotarem o padrão “moderno”, e nisto entra também o surto da violência (no Brasil, por exemplo) e, portanto, grave fator, a insegurança. Falei nisto acima; o surto imobiliário, que é uma onda tão forte quanto a que desmata e desertifica regiões inteiras, torna obsoletos os velhos telhados. Torna obsoletos também os antigos quintais domésticos, coisa de que as novas gerações quase nada sabem, criadas que foram, já, na dimensão específica dos apartamentos, com seus insuficientes *play-grounds* e suas áreas para festas.

Olhava-se de cima e viam-se os telhados. Hoje, o “de cima” está nos prédios mais altos, e é deles que se pode olhar, mas para ver outros prédios. Os telhados, com as respectivas casas, desaparecem, ou rareiam, ocultos e diminuídos, à espera da demolição.

Recife, junho de 2005.

Racionalidade e espiritualidade

URBANO ZILLES

Na sociedade de consumo, aparentemente, há pouco espaço para valores espirituais. Vivemos na sociedade da tecnologia, na qual somos absorvidos cada vez mais pelos meios. Vivemos em função das máquinas que criamos: automóvel, computador, televisão, etc. Vivemos em função de metas imediatas. Os meios precisam produzir antes de serem superados por mais novos e mais velozes. Evitamos projetos a mais longo prazo. Numa democracia, o mandato dos governantes é breve e, por isso, pouco lhes interessam projetos a longo prazo. Tudo isso ocorre no mundo material.

Vivemos numa sociedade que aposta na tecnologia, na racionalidade científica. Mas esta não cumpre as promessas messiânicas de resolver os mais profundos problemas humanos, pois instrumentalizou, não só a razão, mas o próprio homem, reduzindo-o à razão instrumental. Não ouve os apelos mais profundos do coração humano em busca de sentido. Perguntamos: ainda há espaço no mundo da tecnologia para falar de espiritualidade?

Conferência proferida no Ciclo “Razão e Espiritualidade” da Academia Brasileira de Letras, em 8 de agosto de 2006.

A sociedade industrial não cumpriu a promessa de oferecer um mundo segundo a medida do homem todo e de todos os homens. Trouxe-nos como parâmetro de valor o critério da produtividade, da manipulação das pessoas, a atrofia dos sentimentos, a poluição ecológica, a violência. Nesse mundo, produto da racionalidade técnico-científica, encontramos o homem contemporâneo, tentando reconquistar sua espiritualidade, como podemos observar em fenômenos amplamente difundidos, como o recurso ao ocultismo, o interesse dos ocidentais pela meditação oriental, a explosão de movimentos religiosos e a sensibilidade pelo transcendente da experiência.

Em dimensões universais, observamos o renascimento da magia e da astrologia. Entre nós amplo espaço é dado ao horóscopo nos meios de comunicação. Magos, cartomantes e astrólogos organizam-se para dividir seus clientes. O recurso religioso ao ocultismo parece ser um manifesto contra a sociedade centrada por demais na racionalidade instrumental, tecnológica e burocrática, em busca do mistério mais profundo, oculto no mistério do cosmo. Já dizia o cientista, filósofo e literato francês, Blaise Pascal, que “o coração muitas vezes tem razões que a própria razão desconhece”. Ao lado do tarô e da quiromancia, no mundo ocidental, há certa fascinação pela mística asiática, as formas de meditação da ioga e do Zen. No seio das Igrejas cristãs florescem movimentos religiosos autônomos que correspondem à exigência de comunicação e de segurança afetiva do homem de hoje. Acentuam aspirações mais profundas, como a redescoberta de Deus. O homem de hoje sente-se envolvido por um Ser superior, pois experimenta um mistério que o transcende. Quer olhar para além das coisas às quais somos reduzidos também nós. Esta constatação até permite indagar se as Igrejas tradicionais se distanciaram da evolução histórica ou se se tornaram elas mesmas vítimas do racionalismo iluminista. Por outro lado, encontramos, no maravilhoso mundo criado pelas conquistas da tecnologia, uma juventude com grandes interrogações: que significa, por exemplo, o consumo alarmante de narcóticos? Nesse fenômeno complexo, certamente há fuga, alienação, hedonismo. Mas não expressará tudo isso uma aspiração para o transcendente? O que caracteriza a eminente dignidade da pessoa hu-

mana, não é só sua singularidade e imanência, mas também a transcendência. Não será o consumo de drogas, a violência homicida e suicida o substitutivo para um vazio religioso? Onde os homens rejeitam a Deus como Pai comum, será inútil o grito por solidariedade fraterna, pois homens tentarão usurpar o lugar de Deus, para serem senhores e explorarem seus semelhantes, abrindo caminhos para todas as formas de corrupção e violência.

Depois de F. Nietzsche (1844-1900) ter proclamado “a morte de Deus”, a Revolução Francesa ter entronizado a deusa Razão, a história parece zombar das previsões racionalistas e científicas. Quando tudo parecia anunciar os funerais de Deus e o fim da religião, quando a sociedade ocidental convencionara ser de bom-tom não falar de assunto religioso em público, o mundo foi invadido por miríades de deuses e demônios, por um novo fervor religioso, por fanatismos e fundamentalismos, que antes sequer imaginávamos, tanto pela intensidade quanto pela variedade de suas formas, enchendo os espaços profanos do mundo que se proclamara secularizado. As palavras de Plutarco (50-120) tornam-se nova realidade no mundo da tecnociência: “Podereis encontrar uma cidade sem muralhas, sem edifícios, sem ginásios, sem leis, sem uso de moedas como dinheiro, sem cultura das letras. Mas um povo sem Deus, sem oração, sem juramentos, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, tal nunca se viu” (cit. por Caetani, Francesco M. *Deus*. Lisboa: Sampedro, 1961, p. 41). Poderia alguém dizer que isso diziam os antigos. Mas no século XX o filósofo alemão Max Scheler (1874-1928) confirma: “Há uma lei essencial: todo o espírito finito crê ou em Deus ou em um ídolo” (*Vom Ewigen im Menschen*, p. 261). O homem sempre se inclina, ou diante de um Deus, ou diante de ídolos que se criaram no Ocidente e no Oriente: ante a força, ante o Estado, ante a raça, ante o capital, ou ante as obras de sua própria inteligência. E esses deuses são mortais. Em nossa civilização, o homem cria seus deuses, mesmo que, geralmente, não tragam o rótulo de religião, mas são venerados como se fossem objetos religiosos. Em nossa exposição, tentaremos mostrar que racionalidade e espiritualidade não se excluem, mas se complementam mutuamente.

~ Ciência e espiritualidade

O conceito de ciência é ambíguo, pois as ciências são muitas e múltiplas. Podemos distingui-las em formais, empírico-formais e hermenêuticas. As empírico-formais caracterizam-se pela racionalidade e objetividade. O problema surge quando reduzimos a realidade ao que se pode ver, medir, pesar. Há realidades profundamente humanas, que escapam aos critérios da verificação empírica, como fé, amor, esperança e fidelidade.

A estrutura do conhecimento científico é *triádica*. Provo algo a alguém. A estrutura da fé, do amor e fidelidade é *diádica*, pois expressa atos que não se demonstram com um ato da razão, mas se testemunham. Envolvem, pois, não só nossa razão, mas todo o nosso ser.

A ciência procura compreender a natureza. Para isso busca, na diversidade dos fenômenos observados, certas regularidades, certos padrões de comportamento. Mas a natureza sempre será maior e mais complexa que o conjunto das regularidades observadas. A observação é a base de toda a ciência, seja a observação natural ou a provocada por nós, mediante experiências. As possibilidades de observação sensitiva, no decurso do tempo, foram ampliadas, através do telescópio, microscópio, detectores de radiação, etc. O que foi observado precisa ser sistematizado em forma de regras ou teorias. Alguns gênios, no decurso da História, conseguiram, a partir das teorias existentes, avançar em direção ao novo, revolucionando a Ciência e as idéias da Humanidade.

O que hoje conhecemos como Ciência tem suas raízes na Antiga Grécia. Aristóteles elaborou uma síntese de filosofia da natureza, a partir da observação. Seu legado é a curiosidade para a observação e o estudo da natureza, a convicção de que esta é regida por leis universais, a fé na capacidade humana de poder conhecer essas leis. Mas, Aristóteles, enquanto cientista, não considerava o papel fundamental da experiência na elaboração de uma teoria científica e, possuindo um espírito científico, carecia de método científico.

A gigantesca obra de Aristóteles permaneceu praticamente esquecida, durante boa parte da Idade Média, no Ocidente, passando a ser difundida a partir de 1200, sobretudo na Espanha e na Itália. Com isso trouxe novamente à tona

a discussão sobre a relação entre a filosofia grega e a fé cristã. Tomás de Aquino fez uma grande síntese entre a fé e o conhecimento. Para ele, há uma só verdade que, em parte, pode ser reconhecida pela razão e a observação, e outra foi revelada por Deus mediante a Bíblia. Assim o Aquinate pôde cristianizar Aristóteles, que pressupunha, na hierarquia ordenada do Cosmos, a existência de um Ser supremo, responsável pelo funcionamento de todo o Cosmos. E Tomás chama esse Ser supremo “movente não-movido”, havendo dois caminhos para chegar a ele: o da revelação e o da razão, dois caminhos compatíveis com a espiritualidade.

O atual método científico foi sistematizado nos tempos modernos, sobretudo por Galileu, nos *Discursos sobre Duas Novas Ciências* (1638). A revolução científica do século XVII chegou ao apogeu com Newton, com a formulação de uma teoria científica. Galileu, apesar de todas as suas divergências com a Igreja católica da época, permaneceu católico. Newton, no final de sua obra *Principia*, escreve: “Esse belíssimo sistema do Sol, dos planetas e dos cometas só poderia provir do plano e da sabedoria de um Ser inteligente e poderoso. (...) Esse Ser rege todas as coisas, não como a alma do Universo, mas como o Senhor de todas as coisas; e, em virtude de seu domínio, ele sói ser chamado de Senhor Deus, ou Senhor do Universo. (...) Ele não é apenas virtualmente, mas também substancialmente onipresente, pois a virtude não pode subsistir sem a substância. Nele estão contidas e se movem todas as coisas. (...) É isso o que eu tinha a dizer de Deus, e suas obras constituem o objeto de estudo da Filosofia Natural (...)”.

A questão de Deus, a separação entre fé e razão, agrava-se com a Mecânica Clássica desenvolvida por Newton, pois eliminou qualquer teleologia e marcou profundamente a ciência moderna e contemporânea. É conhecida a concepção de Laplace, segundo a qual o universo é uma máquina na qual todas as interações de seus componentes seriam regidas pelas leis da Mecânica, dispensando a “hipótese de Deus”. Essa concepção mecanicista está na raiz ocidental da separação entre religião e ciência, pois extrapolou o âmbito de sua competência.

Esta separação repercute, de maneira análoga, na vida das pessoas. Por um lado, é indiscutível o progresso da tecnociência. Por outro, estabeleceu-se uma divisão no sujeito. Tudo que não cabe dentro da universalidade racional e objetiva da tecnociência é empurrado para a subjetividade. Reduzindo a razão humana à razão instrumental, o próprio sujeito da tecnociência passa a ser instrumentalizado. Fechando-se no mundo da tecnociência, declara esse como a única realidade, esquecendo que o mundo da vida é muito mais amplo, mais rico e mais complexo que o mundo da ciência. No mundo da vida, existem questões fundamentais do ser humano que não encontram resposta na ciência, tais como a fé, o amor e a dimensão espiritual, que dá sentido à própria existência e ao próprio trabalho. Nessa perspectiva, ciência e fé são complementares. Ser cientista pode ser um caminho em direção a Deus, pois ele é autor, não só do Universo, mas também de nossa inteligência. Eliminar a dimensão espiritual é mutilar a vida humana, da mesma maneira como se mutilaria o ser humano ao eliminar sua capacidade racional.

Parece-me que os obstáculos para falar da espiritualidade hoje são menores no campo das ciências exatas que nas ciências humanas e, nessas, não tanto por causa da cientificidade quanto por opções ideológicas.

No passado, a visão do mundo era a de um mundo repleto do divino. Mas essa era uma visão dualista, separando espírito e matéria. No pensamento analítico da Antiga Grécia, instaurou-se a dicotomia corpo-alma. Platão considerava o corpo como a prisão da alma. A vida espiritual tinha como meta a libertação da alma. A visão pejorativa do corpo aplicou-se, sobretudo, à sexualidade. Por isso cultivou-se uma visão preponderantemente negativa com relação ao humano, ao mundo, ao corpo, à matéria, etc.

No cristianismo, a espiritualidade beneditina, com seu “ora et labora”, ainda apresenta equilíbrio. O mesmo nem sempre ocorre depois, sobretudo a partir do século VIII, quando se perdeu, no Ocidente cristão, a visão global do mistério pascal para concentrar-se na morte de Cristo na cruz.

Na passagem do medievo para a modernidade opera-se outra mudança. A afirmação do indivíduo traz como conseqüência a afirmação de sua autono-

mia. Com o Iluminismo vem a entronização da deusa Razão, que conduz aos movimentos de emancipação: emancipação da tradição, da autoridade. O homem busca sua autonomia, reconhecendo como tribunal unicamente o da própria razão. Considerando-se a si mesmo protagonista da história, sujeito livre e autônomo, o homem ocidental navega para o mundo secularizado. Nele não há lugar próprio para Deus. Há um pluralismo de visões de um mundo que funciona “como se Deus não existisse”. O Iluminismo anunciou o cidadão livre, liberto das amarras da religião e de Deus (Nietzsche) e, aos poucos, toma consciência de que ele mesmo entra em agonia. O homem não se exaure na singularidade e imanência de cada pessoa. Sente-se órfão, quando fechado à transcendência. Quando, em meados do século XX, o homem ocidental ainda apostava na tecnociência como caminho de solução para os seus problemas, no final do mesmo século, já desconfia da limitação do conhecimento científico. Nas últimas décadas, observamos uma busca do religioso, do sagrado, enfim, do mistério. E o mistério não se conhece, mas se reconhece, aceitando-o ou rejeitando-o. A ciência trata de problemas, que se resolvem. O mistério permanece mistério. Renasce a consciência da dimensão espiritual da existência humana. O homem sai em busca de uma identidade perdida, numa explosão religiosa antes nunca vista.

Quando abordamos o tema da espiritualidade, não devemos esquecer que, no passado, esse assunto foi tratado de maneira, muitas vezes, dissociada ou separada do corpóreo e material. Hoje retornamos para mais perto do pensamento globalizante da Bíblia. Não se pode departamentalizar a vida humana, separando o espiritual e o material. Espírito e matéria são duas dimensões do ser humano. Espiritualidade designa uma forma de viver que abrange todas as dimensões da existência humana. É a vida humana vivida com espírito, pois os limites da pessoa transcendem os limites de sua pele.

Todas as religiões têm, cada uma, sua espiritualidade ou mística e alimentam a vida espiritual de seus adeptos, através de seus ensinamentos, tradições e ritos. Sem ela, não passariam de ideologia. Aqui limito-me à perspectiva cristã. O ponto de partida para uma reflexão sobre espiritualidade é a encarnação.

Somos espírito em corpo. Há uma diferença entre um cadáver e uma pessoa viva. A espiritualidade diz respeito à pessoa como um todo: em seu corpo e em sua alma, quando trabalha ou descansa, quando come ou reza; em seus desejos e pensamentos. A espiritualidade não é um acréscimo. Ela exprime a própria identidade numa situação concreta. A vida espiritual é um processo sempre inacabado, imperfeito, mas perfectível enquanto somos peregrinos.

Podemos perguntar: o que é espiritualidade na Bíblia?

Nos livros sagrados dos judeus e cristãos, ou seja, na revelação bíblica, a espiritualidade se define como uma forma de ser no mundo. O homem bíblico lê os acontecimentos do mundo à luz da fé para libertar-se da idolatria e viver em solidariedade com os semelhantes. Aliás, esse ideal de realização humana, como cristãos, vemos-lo concretizado no homem Jesus de Nazaré. A vocação dos que o seguem é levar adiante essa sua obra em nossa história de graça e de pecado.

Quando se fala em humanização, não se deve esquecer a dimensão transcendente. Silenciá-la é despir o homem de sua eminente dignidade. Por isso, para conhecer o homem, é preciso conhecer e respeitar, de alguma forma, a sua transcendência. Ninguém deixará de crer em Deus por causa da ciência, nem a fé impedirá alguém a ser cientista, ao menos não a fé cristã. As ciências podem ajudar-nos em muito a melhor conhecer aspectos do ser humano, sem, todavia, exauri-lo. As diferentes ciências, sobretudo as chamadas humanas, podem ajudar-nos à organização da vida humana e social. Mas fé e razão, na vida concreta, não devem ser separadas. Se não nos cuidarmos, poderemos ser vítimas e prisioneiros da unilateralidade da razão, tentando construir uma visão coerente, totalizante do universo, a partir de dados e enfoques parciais. Nesse caso, construiremos falsos deuses, achando que o mundo real se reduz ao mundo da ciência. Onde se nega a existência de tudo que não se logra abordar dentro do âmbito estrito desta ou daquela ciência, tudo aquilo que suas categorias e seus instrumentos não conseguem apreender, instaura-se o totalitarismo de uma visão parcial. O conhecimento científico tem limites e a ele inere o caráter da relatividade.

Segundo Aristóteles, “todos os homens desejam saber”. As ciências humanas podem trazer relevante contribuição para conhecer melhor o ser humano. A pedagogia indica para o poder da educação e do desenvolvimento humanos. A medicina ajuda-nos a viver com mais saúde. A sociologia faz-nos compreender melhor o ser humano no seu contexto social e cultural e as possibilidades de realizar suas opções. A psicologia conduz-nos ao interior da pessoa, mostrando as potencialidades e os condicionamentos nela existentes. Mas a soma de todos os conhecimentos não exaure a profundidade misteriosa do ser humano enquanto espírito.

A logoterapia de Viktor Frankl vê o homem constituído por uma dimensão biológica, somática, uma psíquica e uma espiritual. Segundo ele, a dimensão somática coordena os fenômenos corporais. Na dimensão psíquica situam-se as disposições, sensações, impulsos, esperanças, aspirações, ou seja, os fenômenos psíquicos, seus talentos, seus costumes e padrões comportamentais. A dimensão espiritual designa o núcleo no qual livremente se tomam decisões em relação a condições impostas, por parte do corpo e da psique. Nessa dimensão espiritual, para Frankl a mais profunda, realizam-se as decisões pessoais da vontade, o interesse, o senso artístico, o pensamento, a intencionalidade, o senso ético e estético, a compreensão de valor.

Victor Frankl afirma que a dimensão espiritual, como a psíquica, também inclui uma parte inconsciente na qual situa a religiosidade inconsciente, a ser compreendida como relação de transcendência entre o eu e o tu. Sendo inconsciente, pode ser evocada a partir de uma psicoterapia, por exemplo, a logoterapia, e resgatada a partir do espiritual. Segundo Frankl, a religião tem mais a ver com decisão pessoal, até ao nível inconsciente, do que com arquétipos religiosos do inconsciente coletivo, como queria Carl Jung. Portanto, religiosidade é uma decisão, não um impulso.

Carl G. Jung (1875-1961), com sua longa experiência de psicólogo, atesta: “Entre todos os meus pacientes de mais de trinta e cinco anos, não há nenhum cujo problema definitivo não fosse o da religião religiosa. A raiz da enfermidade de todos está em terem perdido o que a religião deu a seus cren-

tes, em todos os tempos; e ninguém está realmente curado enquanto não tiver atingido, de novo, seu enfoque religioso” (*Psychologie des Gottesglaubens*. Zürich, 1940, p. 9).

Percebemos que a era iluminista, no afã de eliminar crenças e superstições, com a luz da razão, deixou um grande vazio, provocando uma explosão esotérica, uma verdadeira indústria e comércio da religião. Parece vingança do inconsciente espiritual. A busca do sagrado ressurgiu de forma desordenada, com apelos à magia. Mas essa busca indica uma necessidade reprimida para além da aparente satisfação do consumo materialista das conquistas da tecnociência. O sujeito da ciência não se reduz ao ser cientista, pois, como ser humano, é muito mais. Quando descuida este “mais”, pode degenerar em barbárie.

A autonomia da ciência no campo da racionalidade permite passar da oposição ao diálogo. O conhecimento científico é limitado. A fé não oferece recursos à pesquisa científica, mas estimula o cientista a progredir em suas pesquisas e a resolver eventuais conflitos aparentes. A razão articula-se numa pluralidade de ciências. Enquanto ciência, o próprio saber teológico também é limitado, pois é a fé que busca entender, mediante métodos racionais. Isso possibilita superar o peso histórico da relação entre a Igreja e a ciência, facilitando um diálogo em pé de igualdade na elucidação de novos problemas. Assim poderá chegar-se a uma aproximação maior entre a experiência científica e a concepção religiosa da realidade, possibilitando uma melhor compreensão recíproca a serviço da vida e da dignidade do homem.

Perguntamos: qual a contribuição que a teologia poderá dar ao novo projeto?

~ Teologia e espiritualidade

A teologia abrange uma multiplicidade de disciplinas e cada qual com métodos próprios. O sujeito, tanto da fé como da razão, é o homem, seja como um todo ou seja somente na sua dimensão racional. O diálogo entre razão e fé não só é salutar, mas necessário para todos. Para o diálogo há alguns problemas de interesse comum, como a cosmologia quântica, mecânica quântica e a

ação de Deus no mundo, os desafios da teoria evolutiva, a biogenética, etc. Na construção de um mundo mais humano, é indiscutível a responsabilidade das ciências, de modo particular das ciências humanas, e da religião, de modo especial da teologia. Nem as ciências nem a filosofia, nem a teologia darão conta de sua responsabilidade enquanto enclausuradas em torres de cristal. As novas conquistas da tecnociência em si são ambíguas, podendo conduzir ao sucesso ou a uma catástrofe humana sem precedentes. A religião, que para muitos ainda parece ser sinônimo de ódio e violência, precisa ser um lugar de diálogo, para construção de uma unidade com espaço para diferenças. Para os cristãos, não basta mostrar que a fé é razoável, mas é preciso mostrar aos homens de nosso tempo que a fé em Cristo é relevante para o destino da humanidade. Os teólogos não podem ignorar as perguntas que os novos descobrimentos científicos colocam e as questões filosóficas atuais. Entre elas está, sem dúvida, a questão da transcendência e da espiritualidade.

O que se entende hoje por espiritualidade?

O Concílio Vaticano II falou numerosas vezes de “vida espiritual”, mas apenas duas vezes de espiritualidade. Na tradição da Igreja ortodoxa, não encontramos esse termo, porque a tradição oriental não distingue entre mística e teologia, entre experiência pessoal dos mistérios e dogmas eclesiais. No Oriente, fala-se de teologia espiritual, de teologia ascética e mística, de contemplação.

Entretanto, o termo espiritualidade já ocorre na Patrística. Num texto, datado do início do século V, atribuído a Pelágio, dirigido ao recém-batizado Tesifonte, lemos: “Já que, ó digno e caríssimo irmão, pela graça te foi eliminada toda causa de lágrimas, age, guarda-te, corre, apressa-te. Comporta-te de modo a progredir na espiritualidade. Guarda-te para não perder, por imprudência e negligência, o que recebeste de bom. Corre para não esqueceres. Apressa-te para compreender ainda mais celeremente... Enquanto tivermos tempo, devemos semear no Espírito, para colher a messe dos bens espirituais” (PL 30, p. 105-116). Analisando o contexto, conclui-se que o conceito de espiritualidade já é usado no sentido de “vida segundo o Espírito de Deus”, segundo a graça do batismo.

Para o teólogo cristão, a espiritualidade é a vida de graça que, pela ação do Espírito Santo, conforma o fiel ao próprio Cristo. A espiritualidade identifica-se inequivocamente com a vida cristã, enquanto seguimento a Cristo na fé, na esperança e na caridade. Nesse sentido, o conceito teológico de espiritualidade distingue-se de uma noção ampla muito freqüente na linguagem corrente, que a identificaria com “a atitude prática ou existencial fundamental de uma pessoa, conseqüência e expressão de sua maneira de entender a vida religiosa ou, em sentido mais geral, a vida eticamente comprometida” (Balthasar, Hans Urs von. *Puntos centrales de la fe*. Madrid: BAC, 1985, p. 283).

O conceito de espiritualidade, no cristianismo, deve ser visto na perspectiva dinâmica da encarnação, a partir do Deus feito homem. Como em Jesus se unem divindade e humanidade sem confusão, sem mudança, sem divisão nem separação, conservando cada natureza sua propriedade, a vida da graça tampouco suprime, anula, subverte ou se justapõe à humanidade agraciada por Deus. A graça não destrói nem suprime a natureza humana, mas a supõe e aperfeiçoa. Errou o filósofo e literato francês Jean-Paul Sartre, quando afirmou que “o homem é apenas o que faz de si mesmo”. Antes de mais nada, o que somos e temos de mais profundamente humano é graça. A própria vida é, antes de tudo, dom.

Ver a espiritualidade a partir da encarnação de Deus significa que o cristianismo se encarna na história e aspira a transformar o homem concreto em sua situação cultural. Quando se radicaliza a transcendência da fé, unicamente a partir da infinita diferença qualitativa entre Deus e o mundo, a conseqüência é a rejeição absoluta e categórica das culturas para evitar o sincretismo. Com isso se dissociam a fé da história, o ser crente e o ser homem. Tal atitude conduziu ao atual drama da ruptura entre Evangelho e cultura. O cristianismo deverá consentir em ser questionado para descobrir e viver de forma nova os valores evangélicos. A força do cristianismo dos primórdios decorre da coragem de Paulo sair da sinagoga e enfrentar a praça de Atenas. S. Teresa de Ávila, apresentando o itinerário espiritual do cristão de seu tempo, afasta-se do plano cosmológico da Idade Média e propõe um caminho de interiorização até ao centro da alma, onde encontra Deus e a si mesma.

Como o modo de ser do homem no mundo é ser em corpo, a espiritualidade cristã se expressa na cultura. A espiritualidade cristã deve ousar a *kénosis*, isto é, morrer na cultura para ressuscitar em busca da Palavra em novas culturas. É como o fermento absorvido pela massa. A espiritualidade distingue-se das culturas, em termos de transcendência e encarnação. Age como consciência crítica, em nome da esperança de um homem novo, de um mundo novo, mais justo e mais fraterno.

A noção de espiritualidade assume o homem aqui e agora. Segundo Hans Urs von Balthasar, o encontro do ser humano com Cristo realiza-se sempre na emergência de uma forma singular: “O ser cristão é, de fato, forma. E como poderia não ser, se é graça, possibilidade da existência aberta para nós pelo Deus que nos justifica, mais ainda, pelo Deus feito homem que nos redime?” (*Glória: uma estética teológica*. V. I, Milão: Jaca Book, 1985, p. 292). Dessa maneira, a teologia de von Balthasar permite compreender as diferentes espiritualidades ou místicas cristãs – a inaciana, a beneditina, a franciscana ou carmelita – como formas diversas de configuração da recepção da única graça salvífica, que é o encontro do ser humano com Cristo. As diferenças decorrem da dinâmica encarnatória da salvação. Na medida em que em Cristo é assumida a multifacetada realidade humana e cósmica, a experiência da única graça será múltipla e variada.

Entretanto, não se deve confundir o conceito cristão de espiritualidade com simples espiritualidade humana. Não existe espiritualidade cristã ou vida cristã sem espiritualidade humana, pelo simples fato de que o ser cristão pressupõe o ser humano. Ambas se articulam de acordo com o dogma cristológico de Calcedônia, mas uma não se reduz à outra.

Historicamente, surgiu um divórcio entre teologia e espiritualidade, máxime a partir do século XVI, o que foi prejudicial para ambas. Isso dissociou muito, por um lado, a teologia do mundo real e vivido pelos cristãos e, por outro, enfraqueceu o vigor da espiritualidade. A teologia sentiu os efeitos da redução do homem à sua razão e desta à razão instrumental, sobretudo a partir do Iluminismo.

Para tratar dessa questão, é preciso perguntar: qual a fonte do saber teológico? Já os escribas e fariseus, no tempo de Jesus, perguntavam: “Donde lhe vem essa sabedoria?” (Mt 13,54). A fonte primeira do teólogo é a revelação de Deus, testemunhada nas Sagradas Escrituras. Cabe-lhe traduzir a revelação para dentro de novas linguagens e culturas. Como processo de conhecimento, o teólogo também precisa recorrer à razão, pois a revelação de Deus dirige-se ao ser humano todo: inteligência, vontade, liberdade, sensibilidade e memória. O teólogo, como ser humano, sabe dos limites de nossa inteligência. Nesse sentido, no uso de sua inteligência, sabe que não sabe. Por outro lado, o teólogo também não ignora que a Palavra de Deus se revela na palavra humana. Por isso deve superar atitudes simplórias que o conduzam ao fundamentalismo ou ao fideísmo, repetindo a palavra bíblica sem a necessária hermenêutica.

Consciente dessas limitações, admitindo plenamente o Deus da Bíblia, o teólogo move-se no terreno do conhecimento racional e o assume. Faz isso, reconhecendo os direitos estritos da razão a se pronunciar sobre a realidade. Busca as razões de sua fé (1Pd 3,15). Sendo o Autor da criação e da redenção o mesmo, a fé não pode ser absurda. Cabe ao teólogo o uso do instrumental especulativo e científico. Embora Deus ultrapasse todo o entendimento humano, não o suprime. Por isso também pode e deve ser pensado racionalmente, sabendo da diferença permanente entre conceito e realidade. Nenhum conceito exaure o mistério de Deus.

A teologia parte de um saber recebido. Por isso a pergunta é: pode fazer-se ciência com honestidade e ser crente? Pode assumir-se a fé, sem renunciar à responsabilidade intelectual? A fé é uma experiência globalizante e radical que envolve a pessoa em sua totalidade, incluindo a dimensão racional. A experiência da fé purifica e desafia a razão, dando sentido à sua própria atividade rigorosa e teórica como também à prática.

~ Espiritualidade cristã no contexto atual

Na vida do dia-a-dia, por espiritualidade entendemos a atitude de deixar-se interpelar pelas interrogações do coração humano, pelos acontecimentos, pelo

outro e pela abertura ao totalmente outro. Espiritualidade não se restringe à atitude passiva de parar, silenciar e contemplar. Parar e silenciar é condição para estabelecer um diálogo ativo consigo, com os outros e com o transcendente. Quem não sabe pensar e silenciar não saberá dizer palavras novas, palavras falantes. Contenta-se com a repetição de palavras faladas por outros. E o palavrório vazio desvia-nos do sentido da vida, assemelhando nosso discurso a uma multidão de latinhas rolando no asfalto. Quanto mais vazias mais barulhentas são.

Parar e silenciar é condição necessária, mas não suficiente. Há diferentes caminhos de espiritualidade. Essas diferenças acompanham as diversas culturas e suas mudanças. Cada cultura possibilita caminhos espirituais, com valores, ritos e linguagens diferentes. Aqui nos restringimos à espiritualidade cristã.

Se, em meados do século XX, para os cristãos, o grande desafio parecia ser a secularização, no início do século XXI a explosão do religioso ameaça a verdadeira identidade cristã. Enquanto as Igrejas tradicionais vivem a tentação de ressuscitar velhas fórmulas rituais, velhos cenários religiosos, se consomem num monólogo de preocupações doutrinárias, no silêncio a presença de Deus retorna à consciência de muitos. Tudo indica que uma Igreja clerical é incapaz de enfrentar os novos problemas suscitados pelo indiferentismo à identidade religiosa. Será essa a tarefa de uma comunidade cristã e participativa, solidária e fraterna? De intelectuais leigos e religiosos?

Muitos cristãos vivem pessimistas diante do futuro, com nostalgia de um passado. A volta ao passado pode significar uma fuga do presente e renúncia ao futuro, ou, ainda, uma volta ao conservadorismo reacionário. Alguns sacralizam um passado mítico, sucumbindo num mundo sem valores. Outros instalam-se no mundo da tecnociência, onde também há uma barbárie antes inimaginável. Quem elaborará uma síntese?

Os cristãos precisam voltar a falar do futuro da humanidade, respondendo às exigências de sentido e ao vazio ético. No passado, os cristãos faziam isso, através do anúncio da esperança para além da morte, através dos novíssimos: morte, juízo, inferno, céu. Era um discurso em perspectiva mais antropocêntrica do que teológica. Hoje se anuncia a vinda do Reino de Deus, esquecendo,

muitas vezes, sua significação para o homem contemporâneo. O Deus que se revelou em Jesus Cristo é um Deus conosco e para nós. Talvez os cristãos, sobretudo os clérigos, estejam demais preocupados em propor doutrina, esquecendo a espiritualidade. Que é a Igreja, sem a ação do Espírito Santo, senão uma organização humana ao lado de tantas outras?

Não é fácil falar de espiritualidade cristã, no pluralismo cultural e religioso de hoje. Para tanto, há valores inamissíveis, como o primado da pessoa sobre a técnica e a eficiência, da fidelidade sobre a permissividade, da solidariedade sobre o egoísmo. O autêntico humanismo cristão pressupõe o respeito ao homem, o homem todo e a todos os homens, desmascarando a idolatria do consumo, do prazer pelo prazer, do poder, da eficiência de uma vida sem sentido. É preciso superar a nostalgia do passado mítico, buscando palavras de vida, de esperança e solidariedade fraterna mediante o discernimento do espírito profético. Espiritualidade aqui significa “viver segundo o Espírito de Deus”.

Na Bíblia não aparece o termo espiritualidade. Entretanto encontramos os conteúdos, com sentidos diversos. Paulo, por exemplo, sublinha a oposição de viver “segundo o espírito” ou “viver segundo a carne”. Paulo fala do homem espiritual. Mas o termo “espiritual” não deve ser entendido como sinônimo de imaterial. Segundo o NT, espiritual é o dinamismo da existência pelo qual a pessoa toma decisões, faz opções motivadas e positivas. A esse espírito do homem, enquanto dinamismo de ações responsáveis, corresponde o Espírito de Deus. Ambos chamam-se *pneuma*. O homem espiritual é o homem em seu dinamismo decisório. É o homem animado e potencializado pelo Espírito de Deus.

Quando se fala do *homem carnal*, exprime-se o dinamismo antitético ao espírito, o dinamismo no qual predomina o egoísmo. O dinamismo espiritual, ao contrário, conduz à fraternidade. O convite que Paulo faz a que todos vivam como “homens espirituais” (1 Cor 2,13; Rm 8,9) é um convite a deixar guiar-se pelo Espírito, que resgata a pessoa na sua interioridade profunda e radical. Paulo quer mostrar um estilo de vida do cristão. Tal vida deve ser entendida como vida dominada pela “lei do Espírito, que dá a vida em Jesus Cristo” (Rm 8,2). Portan-

to, o Espírito envolve corporeidade e cosmos, ou seja, pneumatiza toda a existência. Falar do homem espiritual, no sentido paulino, é afirmar a existência como nova criatura, que inclui materialidade e corporeidade da salvação.

Quando falamos de espiritualidade, no sentido bíblico, não opomos o “ser espiritual” e “ser material”. Já Ireneu de Lião (cerca do ano 200) argumentou que o homem inteiro, corpo e alma, entra na vida nova: “Todos aqueles que tenham a Deus e crêem no evento de seu Filho e que, pela fé, dão espaço em seus corações ao Espírito de Deus, merecem ser chamados puros, espirituais e viventes por Deus” (*Adv. haer.* V 9,2). S. Basílio de Cesaréia, em seu famoso tratado sobre o Espírito Santo, afirma que o verdadeiro espiritual não é aquele que exercita a inteligência para “especular” sobre Deus, mas aquele que é guiado pelo Espírito e conforma sua vida aos “movimentos” caritativos do Espírito. E o Espírito de Deus age no mundo como o vento. Vemos os efeitos de sua ação, mas não a Ele mesmo.

Depois dos grandes escolásticos, perdeu-se a visão unitária entre teologia e santidade, pois o saber teológico fragmentou-se e houve uma explosão de formas de piedade popular. Separou-se o “caráter científico” e comunicável da experiência espiritual da vida de piedade do povo. A consequência é que, abandonando a centralidade da relação interpessoal entre o crente e o Espírito Santo, chegou-se a um acentuado antropocentrismo. Claro, surgiram novos termos, como vida devota, caminho da perfeição, valores do espírito, etc., para designar a vida no Espírito. Fala-se, por outro lado, de teologia mística, teologia ascética, teologia da perfeição, escolas de espiritualidade, etc.

A Exortação Apostólica *Christifideles laici*, de João Paulo II, descreve bem a vivência espiritual cristã:

“A vida segundo o Espírito, cujo fruto é a santificação (cf. *Rm* 6,22; *Gl* 5,22), suscita e exige de todos e de cada batizado o seguimento e a imitação de Jesus Cristo, na acolhida das suas bem-aventuranças, na escuta e na meditação da Palavra de Deus, na consciente e ativa participação na vida litúrgica e sacramental da Igreja, na oração individual, familiar e comunitária, na

fome e sede de justiça, na prática do mandamento do amor, em todas as circunstâncias da vida e no serviço aos irmãos, especialmente aos menores, os pobres e os sofredores” (n. I6).

A sabedoria de vida não se esgota na racionalidade científica e filosófica. No mundo da tecnociência, por um lado, e no mundo do mal-estar, por outro, não se pode ignorar um novo interesse pela espiritualidade. Mas esta precisa passar por uma reavaliação. O recurso ao passado é insuficiente. É mister reconhecer novas experiências da imediatez do divino, através da solidariedade fraterna e do amor, da experiência da não-violência, do diálogo inter-religioso, da preocupação ecológica e cósmica. Surgem caminhos novos em relação às categorias e aos modelos clássicos.

Há anos estava em voga o fascínio do Oriente, com sua sabedoria e capacidade de harmonia entre corpo, alma, ambiente e senso do absoluto. Sem necessidade de nos perdermos nos detalhes, temos necessidade cultural de explorar as vias da globalidade e da harmonia. Nisso o Oriente pode contribuir.

Há algum tempo, assistimos ao fenômeno da *New Age*, forma religiosa sincretista. Busca-se, outrossim, uma religião epistemológica, embora não-organizada. Desprezando as fórmulas dogmáticas, buscam-se novas espiritualidades, que transcendam os limites religiosos e culturais para fazer surgir uma nova consciência universal. O teólogo J. Ratzinger, em 1992, descreveu essa situação nos seguintes termos:

“Constata-se a existência de uma disposição de ânimo, muito difundida e, ao mesmo tempo, vaga, que poderia ser definida como uma espécie de nostalgia de espiritualidade e de religiosidade vivenciada... Esta nostalgia provém muitas vezes de uma desilusão provocada pela insuficiência do mundo da ciência e da técnica; esconde uma inclinação ao passado e, sobretudo, um profundo ceticismo em relação à vocação do homem para a verdade. Com efeito, a verdade lhes parece historicamente desacreditada, exatamente por causa da intolerância daqueles que se crêem seus seguros detentores” (citado por Secondi, p. I05).

Talvez também se possa interpretar esse fenômeno como insuficiência das formas tradicionais de espiritualidade para as novas transformações. Mas, sem dúvida, é difusa a necessidade do divino experienciável de modo imediato. No contexto da sociedade imediatista de consumo, existe uma busca do divino imediatamente disponível. Esse fenômeno, por um lado, é o sucesso comercial das Igrejas eletrônicas e, por outro, possibilitado pelo distanciamento da nova cultura, por parte das Igrejas tradicionais. Ao mesmo tempo, manifesta o mal-estar do homem tecnopolitano violentamente unidimensionado e expropriado de muitos elementos afetivos e emotivos, mas sobretudo ignorado em sua dimensão espiritual.

Tudo indica que caminhamos para uma situação de integração mais complexa entre cosmos, Deus e homem, superando a unidimensionalização do homem pela tecnociência. A globalização do fenômeno espiritual promete novas perspectivas também para a espiritualidade cristã. Certamente a sobrevivência da humanidade requer, por parte de todos e de cada um, respeito pelo outro e abertura para o novo, sem suprimir ou banalizar as diferenças e sem renunciar à grande riqueza das diversas tradições. Por outro lado, o abismo criado entre o mundo da ciência, ou seja, da racionalidade instrumental, e o mundo da vida, postula o reconhecimento do primado da experiência, pessoal ou coletiva, como lugar e fonte de toda verdadeira espiritualidade.

O homem de amanhã será mais espiritual e místico, ou perecerá. Para isso não deverá ser menos racional, pois racionalidade e espiritualidade não se excluem, mas se complementam mutuamente. Para o cristão, o mundo não é deus, mas o caminho para chegar a Deus. Reconhecida a autonomia de duas ordens distintas de conhecimento, a da fé e a da razão, é hora de passar da oposição conflituosa ao diálogo, todavia, sem querer reduzir a religião à ciência, nem à ciência uma religião. A religião não se fundamenta na ciência, nem esta é prolongamento da religião.

Para resumir, do ponto de vista cristão, a relação entre a razão e fé pode ser reformulada nos seguintes termos: a) Fé e razão são diferentes modos de conhecer; b) Fé e razão não se podem contradizer, porque o autor de ambas é Deus; c) Embora a razão seja suficiente para conhecer as verdades fundamen-

tais da ordem natural e seja autônoma no estudo das coisas naturais, por si só é incapaz de penetrar nos mistérios de Deus. Por isso Deus se revelou a nós enquanto necessário para nós, e sua revelação pode iluminar nossa razão em suas atividades; d) A razão exerce papel fundamental na formulação da fé, seja nos preâmbulos, seja para ilustrar, por meio de semelhanças e dessemelhanças, seja para refutar o que a contraria.

Enfim, concluímos com S. Agostinho: “Meu coração está inquieto até repousar em Deus.”

~ Bibliografia

- BALTHASAR, Hans Urs von. *Ensayos Teológicos I: Verbum Caro*. Madrid: Guadarrama, 1964.
- FIORES, S. de e GOFFI, T. (Org.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FRANKL, Viktor. *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *A Presença Ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- GALILEA, S. *O Caminho da Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1984.
- LUKAS, Elisabeth. *Logoterapia, a Força Desafiadora do Espírito*. São Paulo: Loyola, 1989.
- PAPANICOLAU, Jorge. *La relevancia del diálogo de la teología con las ciencias*. In: *Consonancias* (Buenos Aires) n. 16, ano 2006.
- RATZINGER, J. *Svolta per l'Europa?* Cinisello Balsamo: Paoline, 1992.
- SECONDIN, Bruno. *Espiritualidade em Diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- _____. *Por uma Espiritualidade Criativa*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SCHELER, Max. *Vom Ewigen im Menschen*. 5. ed. Bern-München: A. Francke AG, 1968.
- VANINI, Marco. *Introdução à Mística*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ZILLES, Urbano. *Crer e Compreender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Razão e espiritualidade: uma conversa imemorial

LUIZ PAULO HORTA

Meus amigos, minhas amigas.

Eu queria inicialmente agradecer ao professor Tarcísio Padilha o convite para participar de um ciclo tão expressivo quanto esse que aborda as relações entre a razão e a espiritualidade. E eu queria começar essa nossa conversa fazendo o elogio da razão. Nós precisamos da luz clara da razão, mais do que nunca, numa época que parece, de novo, abrir as portas a todos os fanatismos, inclusive de natureza religiosa. O fundamentalismo religioso é certamente um dos grandes problemas da nossa época.

Mas a razão que eu quero elogiar não é a razão abstrata de algumas filosofias: é a razão impregnada de humanidade, que tenha alguma coisa de bom senso – do *common sense* que os ingleses tanto apreciam; que chegue perto do que antigamente se praticava com o nome de sabedoria.

Sempre me pareceu estranho que, em tempos modernos, a gente tenha de buscar esse tipo de sabedoria menos nos filósofos do que

Conferência
proferida no
Ciclo “Razão e
Espiritualidade”
da Academia
Brasileira de
Letras, em 15 de
agosto de 2006.

nos poetas, nos romancistas. Se nós quisermos encontrar o que o Harold Bloom chama de *wisdom literature*, vamos ter de procurar em Shakespeare, em Cervantes, em Goethe, num romance da George Eliot. Esse desvio é o preço que nós pagamos pela aventura racionalista, pela idéia de uma razão pura desligada das contingências da vida. Por causa dessa idéia da “razão pura”, me parece, é que razão e espiritualidade deixaram de se entender; por causa disso é que quando se propõe um tema como “razão e espiritualidade”, a nossa tendência é ler “razão *versus* espiritualidade”, como se fossem duas coisas em princípio antagônicas.

Eu queria, se vocês me permitem, fazer um retorno aos dias dos meus 20 anos – começos dos anos 60 – em que nós procurávamos em Sartre uma espécie de última palavra quanto aos assuntos filosóficos. Como nós levamos Sartre a sério! Até mais do que aquela figura tão digna do Albert Camus, com a sua integridade, a sua ética. O nome era Sartre; o ponto de referência era Sartre; e aquilo, mesmo na minha ignorância juvenil, me deixava descontente.

Um dia, quase que por acaso, caiu-me nas mãos o primeiro livro importante de um grande vulto do Oriente – eram as Memórias de Rabindranath Tagore, numa tradução da Rachel de Queiroz (provavelmente tradução do francês). E eu fiquei maravilhado, na época não entendi muito bem por quê. Hoje eu sei por quê: eu tinha esbarrado com um universo que não estava preso na camisa-de-força do racionalismo. E eu me dizia: que coisa nova, surpreendente! Quanta vida, quanto colorido...

A verdade é que a razão – para voltar ao nosso tema inicial – não precisa viver em crise com a espiritualidade, ou com a sabedoria. Existe uma razão natural que pode perceber, ou intuir, aquilo que Emerson, aquele belo pensador americano, chamou de “the splendour of meaning that plays over the visible world”.

Aproveitando aquela citação do Oriente, eu queria dar um exemplo, se vocês me permitem, de uma filosofia onde a razão me parece muito bem situada nesse grande mistério do cosmos onde nós vivemos. Por favor, não se espantem se eu falar aqui de Confúcio, um homem cujo pensamento moldou

a civilização chinesa durante mais de dois mil anos – caso talvez único na história da humanidade. É uma filosofia que leva em conta a realidade do dia-a-dia – mas que sabe que o nosso aparelho cognitivo é incapaz de esgotar as complexidades do real.

Nós podemos falar de um humanismo confuciano que tinha como pedra de toque a idéia da piedade filial.

Um conceito básico, aqui: *jen*, que é a idéia da humanidade, não como coletividade, mas como aquela série de atributos que fazem um verdadeiro homem.

Um outro ponto que merece ser salientado é o que, nessa filosofia, se chama O Caminho do Céu – *tien tao*, aquela idéia, muito chinesa, de que há uma harmonia entre o céu e a terra. Isso não se realiza sem alguns ritos – há um aspecto ritual no confucionismo (falar no Templo do Céu).

Então, voltando àquela idéia central do *jen*, humanidade: ela tem um sentido de troca. Falando do homem correto, Confúcio diz: “desejando aprimorar o seu próprio caráter, ele também se preocupa com o aprimoramento do caráter dos outros; desejando destacar-se ele mesmo, ele ajuda os outros a destacar-se”.

Vocês podem dizer que isso é uma visão muito otimista da humanidade, e Confúcio realmente acreditava na perfectibilidade da espécie. Mas o importante é que, mais ou menos bem-sucedida, essa idéia remete a uma troca harmoniosa entre o indivíduo e o seu grupo. E isso tem a ver com aquela idéia de ouro da filosofia grega, tão presente em Platão, na *República*: a correspondência entre a organização da cidade e a estrutura interna do homem justo, do homem virtuoso. Organizar a cidade é organizar a si mesmo, e vice-versa.

Mas a pedra de toque dessa filosofia é a doutrina da piedade filial; e aqui, já entramos um pouco na metafísica. A reverência dos filhos para com os pais é, antes de tudo, o ato primordial de justiça; devolvemos a eles o que eles nos deram – que, afinal de contas, é tudo. Nessa reverência aos pais você é forçado a quebrar as suas tendências egoístas; a reconhecer que nós viemos de algum lugar, que nós tivemos uma origem, e que essa origem não dependia absolutamente de nós, era anterior a nós. Isso introduz um sentimento de gratidão; e essa piedade filial serve de padrão, de paradigma, para a piedade num sentido

lato. Piedade não como sinônimo de compaixão, e sim de um certo amolecimento do coração, através do qual você enxerga toda a realidade como um dom, como uma graça. Nós recebemos coisas extraordinárias, como a nossa natureza humana; e devemos ser gratos por isso. Nesse caminho, talvez fiquemos mais capacitados a meditar sobre a origem das coisas; a refletir sobre o grande mistério que tanto o taoísmo como o confucionismo chamam de *Tao*, o princípio de todas as coisas.

Essa filosofia tão humana, tão profunda, plasmou de um modo extraordinário a sociedade chinesa. Nenhuma outra filosofia chegou perto disso, em termos de eficácia para os indivíduos e para a sociedade. Ainda no século XVIII, restava bastante dessa velha ordem chinesa para que os missionários franceses instalados em Pequim mandassem para casa uma coleção famosa: as *Lettres curieuses et édifiantes sur la Chine*, que desencadearam uma verdadeira moda na Europa – incluindo as peças de porcelana que eram chamadas de *chinoiserie*. Um Voltaire, por exemplo, acabava de descobrir que a Europa não era o centro do mundo; que podia existir, num lugar bem distante, uma civilização capaz de dar lições aos europeus. E é interessante saber que hoje, depois da fúria iconoclasta do maoísmo, a China pensa em resgatar as suas tradições confucianas – pelo menos, foi isso que eu li nos jornais.

A pergunta é: tivemos nós, no Ocidente, algo de comparável? Nós tivemos duas grandes tradições: a tradição greco-romana e a judaico-cristã. Em mais de um momento, elas se entrelaçaram. Foi assim, por exemplo, no período crucial de formação de uma filosofia cristã, nos séculos III e IV. Foi assim, de modo ainda mais característico, na grande conversa que se estabeleceu entre São Tomás e Aristóteles, que é um fenômeno do maior interesse. Que esses dois grandes pensadores pudessem conversar e se entender a uma distância de 1.500 anos é, para mim, a maior prova da validade do diálogo entre a razão filosófica e a metafísica, entre razão e espiritualidade.

Mas nada nesse mundo dura para sempre. Aquele mundo medieval que tivera as suas qualidades e os seus defeitos – mais qualidades do que costumamos reconhecer – um dia mergulhou numa agonia mortal. Houve a Guerra

dos Cem Anos, entre franceses e ingleses; houve a Peste Negra, que dizimou um terço da população européia em torno de 1350; houve a luta acirrada entre a autoridade dos reis e a dos papas – porque aquela foi a época da afirmação dos Estados nacionais, superando o antigo conceito de cristandade.

Esses cataclismas históricos produzem medo. A Renascença tinha um ânimo jovial; abriu muitas possibilidades novas, que estão na gênese do mundo moderno. As ciências da natureza ganharam extraordinário destaque. Mas houve também as guerras de religião, consequência da Reforma protestante. As pessoas tinham medo, sentiam-se inseguras. O Barroco dos 1600 é um período de drama – não por acaso, ele corresponde ao nascimento da ópera, com Monteverdi. E assim entra na História essa figura extraordinária que é o Chevalier Descartes. Um homem íntegro, cristão, que se propunha a enfrentar as sombras do primeiro Barroco com uma confiança ilimitada nos poderes da razão.

O bom e honesto Descartes queria, sobretudo, estabelecer um método, que oferecesse segurança aos processos do raciocínio. E o coração desse método é a dúvida sistemática. “Duvide de tudo, até que você chegue a alguma coisa de que não possa mais duvidar.” Assim nasceu o homem cartesiano, pai do homem moderno; e não espanta que, naquele mesmo momento, Shakespeare estivesse criando o seu melancólico príncipe da Dinamarca.

Duvidando sempre, o homem cartesiano chega ao que ele acha que é um ponto de parada, ou de amarração: “penso, logo existo”. *Cogito, ergo sum*. Sobre isso, acha Descartes, não cabem dúvidas. E o outro fato indiscutível é que, para além desse processo interior, vivemos no meio de formas, que se movimentam à nossa volta. E assim surgem os dois pólos do universo cartesiano: a *res cogitans*, que é o ser pensante; e a *res extensa*, os corpos que identificamos no espaço. É uma visão quase que geométrica do mundo. O próprio corpo humano é considerado *res extensa*. O que levou os ingleses, com o seu *sense of humour*, a chamar o homem cartesiano de “the ghost in the machine” – o fantasma na máquina.

A esse desejo de clareza e precisão deve curvar-se tudo o que existe. Assim surgirão aqueles jardins franceses onde até os arbustos recebem formas geomé-

tricas. Luís XIV, pensando ser o soberano mais poderoso da Europa, estava, na verdade, realizando o ideal cartesiano na sua Versalhes.

Para essa filosofia, só o que o homem pensa é real. E nesse caso, você só terá confiança naquilo que é construído pelo homem. É um processo duplo: de um lado, você decompõe a realidade nos seus menores elementos – é o método analítico. Em seguida, você a reconstrói, com base no que Descartes chamava “as idéias claras e distintas”. Na sua vida modesta, ele forjou toda uma civilização. Ele foi o verdadeiro Roi Soleil.

Mas nesse caminho, tinha-se quebrado o laço nupcial entre o homem e a natureza, entre a razão humana e a realidade. Nunca mais esta foi uma relação de confiança. Podemos comparar esse quadro ao das primeiras páginas do Gênesis: é o mistério da Queda, que não acontece num momento preciso da História: é um romance infundável, onde você pode abrir-se ou fechar-se para o mistério das coisas. Na esteira do racionalismo cartesiano, nós fomos dividindo a realidade em compartimentos estanques. Fascinados com o mundo visível, nós perdemos o caminho de nós mesmos.

Como é que se faz o caminho de volta? Por percursos muitas vezes inusitados. O sofrimento às vezes é um instrumento para que a gente consiga libertar-se da ilusão existencial e ir além das aparências, dos fenômenos da filosofia kantiana. Eu queria contar uma história que me acompanhou a vida inteira, que é a história de Dostoiévski.

Como muitos de vocês saberão, Dostoiévski fez sucesso muito cedo como romancista, naquela Rússia de 1840/1850. Foi um sucesso tão grande, que ele ficou com a cabeça meio virada, entrou em crise existencial. Ao mesmo tempo, toda aquela geração fazia a experiência de uma espécie de nihilismo que ia chegar ao seu ponto culminante com Nietzsche. Dostoiévski retratou esse nihilismo na figura impressionante de Ivan Karamazov.

Para aqueles jovens, conspirar contra o regime autocrático de Nicolau I constituía quase uma necessidade vital. Era uma conspiração de literatos, liderada por um certo Petráchevski. Sem muita dificuldade, a polícia secreta, que é uma especialidade russa, chegou a eles. Foram todos presos, e condenados ao

fuzilamento. Na ultimíssima hora, quando eles já estavam amarrados a um poste, apareceu um correio do czar a galope anunciando a comutação da pena em prisão perpétua – uma espécie de teatrinho com que os poderosos às vezes se divertem.

Dostoievski tirou dali uma primeira lição, que ele jamais esqueceria: a do valor absoluto da vida humana, que nós às vezes tratamos como uma coisa banal. Prisioneiro na Sibéria, ele passou quatro anos misturado com os piores criminosos. No começo ele se queixava disso, e das condições absurdas da vida na prisão. Depois, alguma coisa mudou dentro dele. E desses anos de prisão surgiu o escritor que emocionou a Rússia com o *Recordações da Casa dos Mortos*.

É um livro absolutamente extraordinário, que está na gênese de tudo o que fez o Dostoievski maduro. E ali ele conta como, nas piores condições possíveis, ele chegou a um outro modo de ver as coisas. Ele escreve a um amigo: “Na prisão, durante quatro anos, finalmente eu conheci o homem. Acredite, entre aqueles criminosos há personalidades profundas, fortes, belas; e era uma alegria, debaixo daquela casca grossa, encontrar ouro. E não só um, nem dois, mas vários. Alguns a gente não pode deixar de respeitar, e outros são, positivamente, admiráveis.”

Isso é o que a gente poderia chamar de uma mudança do coração, uma conversão no sentido mais profundo da palavra. E isso é o que há de mais característico na filosofia cristã: se você encontra realmente o Outro, você encontra ouro, você está salvo do pecado fundamental que é o egoísmo. Esse Dostoievski da prisão, na minha opinião, está perfeitamente afinado com aquela noção confuciana do *jen*, o essencialmente humano, o “fator humano”, como diria Graham Greene.

Essa é uma história de crescimento interior, de como você escapa da armadilha dos conceitos. Seria bom que as coisas seguissem sempre esse caminho, e que no fim da vida a gente pudesse passar aquela impressão de maturidade completa, de quase iluminação, que um grande artista como Dostoievski nos transmite.

Mas essa relação entre razão e espiritualidade também tem os seus pontos cegos, os seus momentos de crise – momentos em que elas parecem se chocar

frontalmente, e em que podemos ouvir a razão gritando dentro da noite. Nesse sentido, eu queria contar, se vocês me permitem, mais uma história – a de um grande escritor inglês chamado C.S. Lewis.

Não sei se o nome é familiar a vocês. Lewis foi um escritor inglês do século XX (na verdade, era irlandês, da Irlanda do Norte, que é inglesa) e um ilustre professor de Oxford, depois de Cambridge. Em Oxford, ele pertenceu àquele grupo que tinha o Tolkien e um outro intelectual, acho que se chamava Charles Williams. Como professor de Oxford, produziu obras eruditas (mas sempre boas de ler), como um estudo precioso sobre a literatura inglesa do século XVI, mas ele é muito mais conhecido pelo seu lado literato. Escreveu uma trilogia que a gente pode chamar de “Theology fiction”, cujo segundo volume é um romance admirável, *Perelandra*. E escreveu, sobretudo, as *Crônicas de Narnia*, dedicadas às crianças, que acabam de resultar num filme maravilhoso.

Lewis teve uma vida afetiva meio complicada, teve um caso com a mãe de um colega de escola, bem mais velha do que ele, e depois ficou sozinho, quando ela morreu. Ele devia ter uns cinqüenta e poucos anos quando apareceu em Oxford uma americana divorciada, com dois filhos pequenos, que era leitora dos seus livros – os que eu citei e mais os que Lewis produzia na sua condição de apologista do cristianismo. Ele era um grande argumentador, tinha um pouquinho daquela veia polêmica que nós associamos a Chesterton, e chegou a fazer, com muito sucesso, uns programas de rádio em que ele abordava temas cristãos, numa linguagem bem acessível, numa Inglaterra que estava em plena guerra, recebendo as bombas dos nazistas.

Então aparece a Joy em Oxford, com os dois filhos pela mão, e ela era uma pessoa atraente, ainda não tinha 40 anos, e tinha uma espécie de personalidade combativa, um cérebro ágil. Isso foi fatal para aquele solteirão erudito que nunca tinha desenvolvido uma vida afetiva satisfatória. Em pouco tempo, os amigos de Lewis perceberam que ele estava perdidamente apaixonado, ele começou a andar de mãos dadas com a Joy; e quando as coisas pareciam caminhar para um desfecho natural, ela foi parar no hospital, com dores nos ossos, e o diagnóstico foi um câncer incurável.

Isso, em vez de acabar com a relação deles, precipitou as coisas. Eles se casaram, foram morar juntos, e aconteceu uma coisa que tinha um ar de milagre: o câncer estacionou, e parecia até estar em franco retrocesso. E com isso eles tiveram uns três ou quatro anos de vida em comum, até que o câncer voltou, dessa vez em estágio terminal. Toda essa história romântica foi contada numa boa biografia, e depois se transformou num filme muito bem feito, que se chama *Shadow Land*, com Anthony Hopkins. É tudo muito comovente, o que se refere à fase final da doença da Joy, e o modo como ela morreu relativamente feliz, porque tinha vivido uma grande história de amor.

Lewis dava toda a impressão de estar arrasado. Os amigos se aproximavam dele para aquele gesto tradicional de prestar solidariedade; e sendo ele, Lewis, um grande expoente do cristianismo na Inglaterra, houve mais de uma pessoa que fez referência a isso, dizendo, como a gente costuma dizer: bem, você tem a sua fé... E Lewis depois contou que, cada vez que alguém dizia isso, ele tinha vontade de dar um berro. Porque ele continuava a ser cristão, mas isso não fazia a dor menor, ou menos suportável.

Um pouco como desaguadouro dessa dor, ele escreveu um livro muito pequeno, chamado *A Grief Observed* – a tradução literal seria “Um sofrimento observado”, em que ele faz como que um diário do que aconteceu a ele com a morte da Joy. É um livro de dor; mais que isso, um grito de dor, de uma pessoa que, exatamente, se supunha ter grandes recursos para lidar com a dor e, no entanto, se sentia tão desamparada, tão ferida, quanto o mais comum dos mortais. Eu vou ler para vocês uns trechos curtos desse livro, porque me parece que, nessa explosão emocional, está uma discussão muito séria sobre isso que nós chamamos de fé, e sobre a imagem que um cristão possa se fazer da Divindade.

“E nesse meio tempo, onde está Deus? Esse é um sintoma inquietante. Quando você está feliz, tão feliz que não tem a impressão de precisar dele, tão feliz que você tende a achar que as exigências dele são uma intrusão, se você cai em si e volta-se para ele em gratidão e ação de graças, você será – ou assim parece – recebido de braços abertos. Mas vá até Ele quando a sua pre-

cisão é enorme, quando qualquer outra ajuda é vã, e o que você encontra? Uma porta batida na cara, e o som de uma fechadura que é fechada por dentro, uma e duas vezes. Quanto mais você espera, mais enfático se torna o silêncio. Não há luz nas janelas; podia ser uma casa vazia. Terá sido habitada algum dia? Parecia ser. E essa aparência era tão forte quanto a de agora. Que é que isso pode significar? Por que seria Ele tão presente nos tempos da bonança, e tão ausente na hora da dificuldade?

Tentei colocar esses pensamentos a um amigo nessa tarde. Ele observou que a mesma coisa parece ter acontecido com o Cristo: ‘Por que me abandonaste?’ Eu sei. Mas isso ajuda a entender?

Não que eu esteja (acho eu) em perigo real de não acreditar mais em Deus. O verdadeiro perigo é começar a acreditar em coisas terríveis a respeito dele. A conclusão que eu temo não é tanto ‘Então, afinal, não existe mesmo Deus’, mas ‘Então isso é o que ele é de fato. Não tenha mais ilusões’.”

Aqui, uma reflexão que me parece profundíssima sobre a questão da fé:

“Você nunca sabe o quanto você realmente acredita numa coisa até que a sua verdade ou falsidade se tornem para você uma questão de vida ou morte. É fácil dizer que uma corda é suficientemente forte na medida em que ela está segurando um pacote. Mas vamos supor que essa corda esteja segurando alguém na beira de um precipício. Você não descobriria imediatamente até onde você confia nela? Só um risco verdadeiro testa a realidade de uma crença. Aparentemente, a fé (eu achava que era fé) que me leva a rezar pelas pessoas mortas só pareceu forte porque eu nunca me importei (não desesperadamente) se elas de fato existiam ou não.

Pessoas amáveis me dizem: ‘ela está com Deus’. Num certo sentido, isso é verdade. Ela é, como Deus, incompreensível e inimaginável.

‘Ela está nas mãos de Deus’. Mas se é assim, ela esteve nas mãos de Deus todo esse tempo, e eu vi o que fizeram com ela. Será que de repente eles ficaram gentis no momento em que saímos do corpo? E se é assim, por quê? Se

a bondade de Deus não combina com os nossos sofrimentos, então ou Deus não é bom ou não existe Deus; porque na única vida que nós conhecemos, ele nos fere para além dos nossos piores temores, e para além do que podemos imaginar. E sendo assim, por que ele não poderia nos ferir também depois da morte?

Cedo ou tarde, devo enfrentar a questão em linguagem simples. Que razão nós temos, a não ser o nosso desesperado desejo, para acreditar que Deus, por qualquer padrão concebível, é bom? Será que a evidência não sugere exatamente o contrário?

Nós colocamos o Cristo no outro prato da balança. Mas, e se Ele estivesse enganado? Suas últimas palavras podem ter tido um sentido bem claro. Ele teria descoberto que o Ser a quem ele chamava Pai era horrivelmente diferente do que Ele tinha imaginado. A armadilha, tão cuidadosamente preparada, teria se concretizado finalmente na cruz.

Isso eu escrevi na noite passada. Foi antes um grito do que um pensamento. Deixe-me tentar de novo. Seria irracional conceber um Deus mau? Uma espécie de cósmico sadista?

Sentimentos, sentimentos, sentimentos. Em vez disso, tentemos pensar. Do ponto de vista racional, que novo fator teria sido introduzido no problema do universo pela morte de Joy? Que argumento isso me dá para duvidar de tudo em que eu acredito? Eu já sabia que coisas assim, e piores, acontecem diariamente. Eu tinha levado tudo isso em conta. Eu tinha sido advertido – e tinha advertido a mim mesmo – para não repousar numa felicidade simplesmente terrena. Sofrimentos nos foram prometidos. Eles faziam parte do programa. Tinham até nos dito: ‘Bem-aventurados os que choram’, e eu aceitei. Naturalmente, é diferente quando uma coisa acontece com você mesmo, não com os outros, e na realidade, não na imaginação. Certo; mas para um homem sensato, isso deveria fazer tanta diferença assim? Não; e não faria para um homem cuja fé fosse uma fé verdadeira, e cujo interesse pelo sofrimento dos outros fosse um interesse real. A questão me parece bem simples. Se a mi-

nha casa veio abaixo com um único golpe, isso acontece porque era um castelo de cartas. A fé que levava em conta todas essas coisas não era fé, mas imaginação. Se eu tivesse realmente pensado (como achava que pensava) nos sofrimentos do mundo, eu não teria ficado tão esmagado quando chegou o meu próprio sofrimento. Então era uma fé imaginária lidando com rótulos: doença, sofrimento, morte, solidão. Eu achei que confiava na corda até que tinha a ver comigo o fato de ela agüentar ou não. Agora tinha, e eu descobri que ela não agüentava. E eu devo admitir – Joy me faria admitir rapidamente – que se a minha casa era um castelo de cartas, melhor ela ter vindo abaixo. E só o sofrimento poderia ter feito isso. Mas nesse caso, o Cósmico Sadista se torna uma hipótese desnecessária.”

Depois, ele muda um pouquinho de tom:

“Você não pode ver nada corretamente enquanto os seus olhos estão cheios de lágrimas. Na maior parte dos casos, você não consegue o que quer se você quer muito desesperadamente. No mínimo, você não consegue extrair o melhor dessa situação.

Imagens, eu suponho, têm sua utilidade, ou não seriam tão populares. Mas para mim, elas incluem um óbvio perigo. Imagens do Sagrado facilmente se transformam em imagens sagradas – sacrossantas. A minha idéia de Deus não é uma imagem divina. Ela tem de ser desfeita periodicamente. Ele mesmo a desfaz. Ele é o grande iconoclasta. Não poderíamos talvez dizer que essa destruição periódica é uma das marcas da sua Presença? A Encarnação é o exemplo supremo. Ela deixa em ruínas todas as idéias anteriores sobre o Messias.”

E agora uma coisa maravilhosa: “Toda realidade é iconoclasta. A amada terrena, mesmo nessa vida, triunfa constantemente sobre a simples idéia que nós fazemos dela. E você quer que seja assim; você a quer com todas as suas resis-

tências, todos os seus pecados, toda a sua imprevisibilidade. Isto é, na sua irrecusável e independente realidade.” E isso que o Lewis está dizendo sobre a Joy também pode se aplicar à idéia do divino.

Eu acho tudo isso de uma pungência, de uma relevância extraordinária, se a gente quer refletir sobre esses assuntos tão complexos, e que têm a ver com o tema dessas nossas palestras. Alguém já disse que esse pequeno livro do C. S. Lewis é um paralelo moderno ao Livro de Jó. E eu concordo. A verdade é que, para quase toda situação humana, a gente tem um paradigma na Bíblia. E o Livro de Jó é um dos pontos altos da Bíblia.

Ele é um pouco mais abrangente que o livro de Lewis, porque Lewis está falando de um drama individual – embora de conseqüências vastíssimas. Já o Livro de Jó põe em questão as bases da religião judaica.

Quem conhece o Antigo Testamento sabe a importância que desempenha ali a idéia de justiça. É uma idéia belíssima, de uma profundidade insondável, e nós encontramos correspondências disso, como já foi dito, na filosofia grega. A Bíblia faz o tempo todo o elogio da justiça, do homem justo, como no primeiro Salmo, que eu não consigo deixar de citar:

“Feliz o homem que não procede conforme o conselho dos ímpios, não trilha o caminho dos pecadores e nem se assenta entre os escarnecedores. Feliz aquele que se compraz no serviço do Senhor e medita a sua lei de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto à corrente das águas: ela dá fruto na época própria, e sua folhagem não murcha. Tudo o que ele empreende prospera. Não assim os ímpios, que são como a palha que o vento leva. Por isso não suportarão o juízo, nem permanecerão na assembléia dos justos. Porque o Senhor vela pelo caminho dos justos; mas o caminho dos ímpios leva à perdição.”

Esse é o elogio da justiça, que nós poderíamos definir como fazendo parte de uma teologia catafática – aquela que afirma, por oposição à teologia apofática, que caminha na obscuridade. Este Salmo reafirma a convicção básica do

velho Israel: se você seguir na trilha da Justiça, será recompensado, e não numa vida futura, mas aqui, nesta terra, com a proteção de Deus. Assim os patriarcas da Bíblia receberão terras, rebanhos, concubinas.

Mas o Livro de Jó abre um outro tipo de perspectiva, de discussão intelectual. Porque Jó era um justo, andava nos caminhos do Senhor, e tinha recebido todas aquelas recompensas que eu acabei de mencionar – inclusive muitos filhos, condição básica para a felicidade de um clã. Mas de repente, todas as desgraças caem sobre a sua cabeça.

O Livro de Jó é um livro tardio dentro do cânone judaico. E não pretende ser um livro de história. É antes um poema de conotações metafísicas, abordando esse mesmo problema que, quarenta anos atrás, quase levou o C. S. Lewis à loucura e à perda da fé. É costume datar esse poema de Jó em alguma coisa como o século III ou IV antes da era cristã – período quase que de fechamento do cânone judaico. Os grandes dias de Israel tinham passado. A Palestina é dominada por uma série de impérios – talvez, naquele momento, pelos sucessores de Alexandre, alguns dos quais foram perseguidores do judaísmo. Então o livro corresponde àquela curva em que uma tradição abandona o tom épico para meditar sobre os nossos dramas subjetivos. E o drama de Jó tem uma importância crucial para a reflexão judaica. Porque ele parece contrapor-se ao Israel dos patriarcas. É uma história da miséria humana, de onde Deus parece ter-se retirado totalmente.

De um momento para o outro, Jó vai perdendo todas as suas prerrogativas. O livro começa com um artifício literário em que o diabo discute com Deus, e diz, num tom de desafio, que Jó só se comporta bem porque teve todas as compensações materiais. Se esses bens terrenos sumirem – provoca o demônio – Jó vai blasfemar como qualquer ser humano. E o Deus da Bíblia dá ao demônio o direito de provocar Jó, atingindo-o em todos os seus bens, inclusive no físico, e na vida dos seus filhos.

As tragédias se sucedem, e a mulher de Jó diz a ele que só lhe resta blasfemar contra o Senhor que o tratou tão mal. Mas Jó não quer blasfemar. Entra, então, o coro dos amigos, falando um de cada vez, e chamando Jó à racionalida-

de. Dizem eles: “Se essas desgraças acontecem com você, é porque você pecou, reconheça os seus erros, e Deus poderá perdoá-lo.” Mas Jó, numa eloqüência que vai num crescendo, nega ter pecado, ou ter feito qualquer coisa que desagrade ao Senhor. Ele contesta primeiro os seus amigos; depois, dirige-se ao próprio Criador, e, sem recorrer à blasfêmia, chega a maldizer o dia em que nasceu. É um grande drama humano – o do sofrimento do inocente – exposto com uma eloqüência que transformou esse livro numa obra-prima da literatura sapiencial.

A tensão, no livro, vai aumentando; até que, no que seria o ponto culminante, ouve-se a voz de Deus. O leitor que estava esperando uma solução racional para o desafio representado pela história de Jó vai ficar sem essa solução.

Eu cito a primeira parte da intervenção divina. Diz a Bíblia:

“Então, do seio da tempestade, o Senhor deu a Jó esta resposta:

Quem é aquele que obscurece assim a Providência com discursos sem inteligência? Cinge os teus rins como um homem, vou interrogar-te e tu me responderás. Onde estavas quando lancei os fundamentos da terra? Fala, se estiveres informado sobre isso. Quem lhe tomou as medidas, já que o sabes? Quem sobre ela estendeu o cordel? Sobre que repousam as suas bases? Quem colocou nela a pedra de ângulo, sob os alegres concertos dos astros da manhã, sob as aclamações de todos os filhos de Deus? Quem fechou com portas o mar, quando brotou do seio maternal, quando lhe dei as nuvens por vestimenta, e o enfaixava com névoas tenebrosas; quando lhe tracei limites e lhe pus portas e ferrolhos, dizendo: ‘Chegarás até aqui, não irás mais longe: aqui se deterá o orgulho de tuas ondas’?

Algum dia na vida deste ordens à manhã? Indicaste à aurora o seu lugar, para que ela alcançasse as extremidades da terra, e dela sacudisse os maus? Foste até as fontes do mar? Passaste até o fundo do abismo? Apareceram-te, porventura, as portas da morte? Viste, por acaso, as portas da tenebrosa morada? Abraçaste com o olhar a extensão da terra? Fala, se sabes tudo isso.”

A esse discurso cósmico, que se prolonga ainda um pouco, Jó responde com uma humildade que surpreenderá os que o viram raciocinando, antes, com tanto desembaraço e até com indignação. É uma resposta muito curta, em que ele diz: “Falei de maravilhas que me superam e que eu não conheço.” E um pouco adiante: “Meus ouvidos tinham escutado falar de ti, mas agora meus olhos te viram. É por isso que me retrato, e arrependo-me no pó e na cinza.”

É uma resposta que pode não satisfazer o homem de hoje, mas que faz sentido num contexto diferente. O livro – que, como eu disse, não pretende ser uma narrativa “realista” – se refere aqui à experiência que nós poderíamos chamar de “teofania”, de manifestação do divino. Jó pode ter tido uma visão, um encontro direto. Mas com visão ou sem visão, o que o livro sugere é que existem questões para as quais não há uma resposta cabal no plano da nossa vida prosaica, governada pelo raciocínio discursivo. Para entender alguma coisa dos maiores mistérios, você teria de mudar de plano; passar, por exemplo, pelo que os budistas (num contexto muito parecido) chamam de iluminação. Isso aconteceu com São Paulo, no famoso episódio da estrada de Damasco, em que ele teve um encontro, segundo os Atos dos Apóstolos, com o próprio Cristo ressuscitado. A partir desse encontro, ele muda completamente, e se transforma no maior propagador do cristianismo, e no primeiro grande teólogo.

E nós, que não somos São Paulo, e que não tivemos nenhuma grande iluminação? Você teria de passar por experiências extraordinárias para ter acesso a esse conhecimento que vai além da razão comum?

Não é o que sugere a realidade das coisas, e nem o que ensinam os grandes mestres. A vida de todos os dias tem uma consistência às vezes bem espessa. Para o poeta Drummond, a máquina do mundo se fechou, numa estrada pedregosa de Minas, depois de ter-se oferecido, num rápido momento, “às pupilas gastas na inspeção contínua e dolorosa do deserto”.

E, no entanto, se vocês permitem que eu utilize uma palavra de que nós às vezes abusamos, existe um milagre de amor espalhado pelo mundo, apesar de tudo o que a gente lê nos jornais, e que dá vontade de desanimar. Quem explora bem esse tema é uma escola muito interessante do judaísmo, o hassidis-

mo, que teve no século XX o dr. Martin Buber como seu grande intérprete – um pensador onde a razão e a espiritualidade se dão as mãos com a maior naturalidade.

O hassidismo diz que centelhas do divino estão espalhadas por todo o mundo, embutidas nas coisas, escondidas no dia-a-dia. E que nós podemos e devemos descobrir essas centelhas, fazer com que elas atuem de novo, dêem sentido e colorido às nossas vidas.

A razão verdadeira – não a razão abstrata – pode muito bem ir em busca disso. O olhar desanuviado – o olhar do poeta, o olhar de um grande romancista – é capaz de enxergar, uma e muitas vezes, o milagre do mundo. Você lê, por exemplo, um romance como *Guerra e Paz*: aquele vasto painel de humanidade não poderia ser construído só com a razão pura. É preciso uma outra coisa, que a gente poderia chamar de “a sabedoria do coração”.

Vocês agora me acusarão de ter ficado sentimental, e de jogar com as palavras. Mas eu não estou inventando nada. Tradições antiqüíssimas, as mais veneráveis, sempre falaram do conhecimento do coração como algo de superior à razão pura. E isso tem pouco ou nada a ver com os sentimentos. O coração, para essas tradições antigas, é capaz de ver para além da razão, mais fundo ou mais alto que a razão. É o que tradicionalmente se chamou de metafísica – o que está além da física, além da química, além da razão.

Mas, e o homem comum? Ele também faz a sua metafísica. A jovem mãe que segura o seu filhinho nos braços está contemplando, nessa criança, uma realidade absoluta – aquela “coisa em si” que os filósofos racionalistas procuraram em vão. E eu não estou sendo nem um pouco original quando digo que o amor humano nos introduz no mistério da Transcendência. Por isso é que existe, na Bíblia, um livro chamado “Cântico dos Cânticos”, que é um canto de amor.

Os eruditos se espantam com isso; sustentam, engenhosamente, que aquele cântico não passa de poesia erótica, introduzida sub-repticiamente no cânone sagrado. Mas os grandes místicos, como São Bernardo, não pensaram assim. Afirmaram que o verdadeiro amor humano, tal como expresso naquele Cânti-

co, abre as portas de um conhecimento superior – assim como foi dito aqui, no início, da piedade filial definida por Confúcio. E com alguns versos do “Cântico dos Cânticos” eu gostaria de encerrar essas considerações:

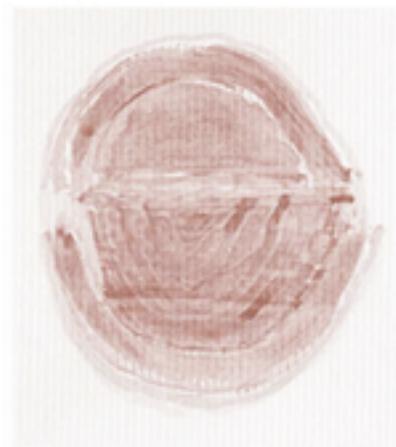
“Quem é esta que sobe do deserto, apoiada em seu bem-amado? Sob a macieira eu te despertei, onde em dores te deu à luz a tua mãe, onde em dores te pôs no mundo a tua mãe. Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre os teus braços, porque o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol. Suas centelhas são centelhas de fogo, uma chama divina. As torrentes não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir.”

Corpo

RICARDO DAUNT



O dia desprende-se
do solo.
Paira
inventando-nos.



Por que ainda as lâminas
do medo
nesta hora.

Romancista, contista, ensaísta e crítico literário, doutor em Literatura Portuguesa e Literatura Comparada, professor universitário. Publicou, entre outras obras: *Juan, Homem na Prateleira* e *Endereços Úteis* (contos), *Manuário de Vidal*, *A Muralha da China* e *Anacrusa* (romances), *Poses* (2005), reunião de contos e novelas escritos nos últimos 15 anos, e *Obra Poética Integral de Cesário Verde*. Organização, apresentação, tábua cronológica e cartas reunidas (2006).



Sei quando a palavra
incendeia nossas folhas
e o chão
revela nossas marcas.





Não esquece.
Leva o gume dolorido
das ondas.



Uma cicatriz
no olhar.
Sempre este o milagre.



7 Poemas inéditos – Rodolfo Alonso

TRADUZIDOS POR
ANDERSON BRAGA HORTA

Uma poesia que não usa as palavras pela sensualidade que desprendem, mas pelo silêncio que concentram: assim é a de Rodolfo Alonso. Poesia que tenta exprimir o máximo de valores no mínimo de matéria vocabular, impondo-se uma concisão que chega à mudez: *Hay cosas que ni digo*. E que, por isso mesmo, se julga com severidade: *¿Para salvar / un minuto / escribo / en lugar de vivir?*

Em verdade, escrever, sob tamanha exigência, é um ato de vida, liberta de violências, mistificações e compromissos. E restaura a vida essencial, captando o que, na sucessão do tempo, nem é percebido pelos que têm gula de chegar a um ponto inexistente. Rodolfo Alonso observa, por exemplo, uma cicatriz. Aparentemente, é uma obra acabada da natureza. Mas, por baixo dela, o poeta descobre o fogo central da chaga, permanente, a consumir e alimentar. *La herida ya no sabe si existe. Sólo la cicatriz, pero viviente, zumba y resiste, negándose a morir, negándose a vivir.*

Talvez que a ambição deste poeta – como saber ao certo a ambição da poesia? – seja trazer para a vida de todos os dias o fogo de uma chaga viva de amor, ardendo no maior silêncio de compreensão.

Carlos Drummond de Andrade (1968)

Rodolfo Alonso (Buenos Aires, 1934) é uma das vozes mais reconhecidas da poesia latino-americana contemporânea. Publicou mais de 20 livros, incluindo também ensaio e narrativa. Primeiro tradutor de Fernando Pessoa na América Latina. Desde muito jovem, é o mais ativo tradutor de grandes poetas brasileiros ao castelhano, começando por seus amigos Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, e culminando entre outros com Manuel Bandeira e Olavo Bilac. A Thesaurus publicou em Brasília sua *Antologia pessoal*, bilíngüe. A Academia Brasileira de Letras acaba de outorgar-lhe suas Palmas Acadêmicas.

Dones para donar

*Te doy lo que me dieron:
aquel sagrado olor
a la tierra mojada,
y esa voz que es el viento
entre las ramas altas.*

*Devuelvo lo que tuve:
los árboles hermanos,
las flores que modula
la niebla, el grillo, el pájaro
cantando en la garúa.*

*Ni herencia, ni legado.
Sólo pasión y tiempo.
La intensa vida, el aire,
la mañana radiante
y cielos en los ojos.*

*No nos llevamos nada.
¿Es que lo merecimos?
La llama del instante,
colores en el sol,
el crepúsculo juntos.*

*El fuego de la hoguera
donde vamos ardiendo.*

*¿Y veo lo que me ve?
En el momento justo,*

Dons para dar

O que me deram dou-te.
Dou aquele sagrado
cheiro a terra molhada
e essa voz que é o vento
por entre as ramas altas.

Quanto tive devolvo:
as árvores irmãs,
as flores que modula
a névoa, o grilo, o pássaro
cantando na garoa.

Sem herança ou legado.
Tão-só paixão e tempo.
A intensa vida, o ar,
a manhã radiante
e a celagem nos olhos.

Nada levamos, nada.
É o que merecemos?
A chama do momento,
colorações no sol,
o crepúsculo juntos.

O fogo da fogueira
em que vamos ardendo.

E vejo o que me vê?
No exato instante, o liso,

*el liso resplandor
del neto mediodía
sobre una mesa blanca*

*y frutas entonadas
como parientes próximos:
la luz, la gama, el iris,
limones con bananas
y la manzana verde.*

*En la lluvia cabemos,
instantáneos, de pronto,
íntimos y gregarios,
ceranos y distantes.
La lluvia es nuestro templo.*

*La canción evidente,
la palabra encarnada,
lo que llegó de afuera
porque sonaba dentro.
¿O es que no somos, lengua?*

*Y el fuego de la especie,
horizonte y pasado.*

o claro resplendor
do meio-dia nítido
sobre uma mesa branca

e frutas entoadas
como parentes próximos:
a luz, a gama, o íris,
bananas com limões
e com a maçã verde.

Cabemos bem na chuva,
instantâneos, de súbito,
íntimos e gregários,
próximos e distantes.
A chuva é nosso templo.

A canção evidente,
a palavra encarnada,
o que chegou de fora
porque soava dentro.
Ou não seremos, língua?

E o fogo da espécie,
horizonte e passado.

No hay día de la muerte

a la memoria de
José Augusto Seabra

*Inmóvil, incesante,
la muerte, árida, impura.*

*Infiel, infame, injusta,
la dura muerte dura.*

*Impaciente, infecunda,
la inútil muerte, muda.*

*Indudable, no duda
la muerte ávida y pura.*

Epifanía

*Como luz en la luz
suena el invierno, al sol.
Serena madurez,
sabor desnudo
que suspende y sostiene
sin sospechar que sabe,
secreto, sólo en sí,
siente sin sentimiento,
a simple sed,
a simple ser,
solo y sumo en el sol
sagrado del silencio
seco, soberbio, suelto
sobre ese frío encendido.*

Não há dia da morte

*na lembrança do
José Augusto Seabra*

Imóvel, incessante,
a morte, árida, impura.

Infidel, infame, injusta,
a dura morte dura.

Impaciente, infecunda,
a inútil morte, muda.

Não duvida, e é sem dúvida,
a morte ávida e pura.

Epifania

Qual luz dentro da luz
soa o inverno, ao sol.
Serena madurez,
sabor desnudo
que suspende e sustenta
sem suspeitar que sabe,
secreto, só em si,
sente sem sentimento,
a simples sede,
a simples ser,
só e sumo no sol
sagrado do silêncio
seco, soberbo, solto
sobre esse frio incendiado.

Antropofagia

Sobre la playa apenas mancillada, casi virgen aún, no espanta el pie de Viernes sino la implícita amenaza: otros, el Otro, que acaso nos incluye.

En lo alto de la colina de los pájaros

El mismo mar, después de todo, de cobalto entre ramas, a esta hora. Y el sordo retumbar del tsunami al otro lado del planeta, rebelión de la Tierra, tortura que la Tierra se inflige, sin proyecto ni enigma.

Aquí las golondrinas abrumadas de calor continúan trazando de improviso, aceleradas, en la comba del aire, la precisa fugacidad de sus ondas de vuelo. Y hay torcacitas, loros, tijeretas, palomas, tordos, chalchalersos, gaviotas y hasta desconocidos de vistoso plumaje, de bellos pardos y aún grises, revoloteando indiferentes, abajo o en lo alto, volando desplegados, entre el mar y nosotros.

Entre el azar y la necesidad.

Consecuencias

Un día, mirando sin haberlo previsto el hueco entre el pulgar y el índice de mi mano derecha, yo me he visto latir. Es decir, me he sorprendido vivo, he visto a la vida haciendo su trabajo, a mi cuerpo haciendo su trabajo, por su cuenta, sin que yo tuviera nada que ver en todo eso.

Antropofagia

Sobre a praia apenas esflorada, quase virgem ainda, não espanta o pé de Sexta-Feira senão a implícita ameaça: outros, o Outro, que acaso nos inclui.

No alto da colina dos pássaros

O mesmo mar, depois de tudo, de cobalto entre ramos, a esta hora. E o surdo retumbar do tsunâmi do outro lado do planeta, rebelião da Terra, tortura que a Terra se inflige, sem projeto nem enigma.

Aqui as andorinhas angustiadas de calor continuam traçando de improviso, aceleradas, na curva do ar, a precisa fugacidade de suas ondas de vôo. E há trocazes, louros, tesourinhas, pombas, tordos, zorzais, gaivotas e até desconhecidos de vistosa plumagem, de belos pardos e também grises, revolteando indiferentes, embaixo ou no alto, voando desenvoltos, entre nós e o mar.

Entre o acaso e a necessidade.

Conseqüências

Um dia, fitando impremeditadamente o vão entre o polegar e o índice de minha mão direita, *eu me vi pulsando*. Quer dizer, me surpreendi vivo, vi a vida fazendo o seu trabalho, meu corpo fazendo o seu trabalho, por sua conta, sem que eu tivesse nada que ver *com tudo isso*.

Coda a los ganados y a las mieses

*Atrás quedó el futuro.
El mañana fue ayer.
Nuestras horas no incluyen
porvenir ni horizonte.*

*Hubo un tiempo en que había
olores de esperanza.
Hoy es haber perdido
lo que ayer fue mañana.*

*Hubo. Ya no hay. Ni aquellos
sueños que nos soñaban
hoy se dejan soñar.*

*De haber sido futuro
henos sólo pasado.
Pasado del futuro.*

“Ese no puede ser, sido.”
CÉSAR VALLEJO

Coda aos gados e às messes

Atrás ficou o futuro.
Foi ontem o amanhã.
Não entra em nossas horas
porvir nem horizonte.

Houve um tempo em que havia
odores de esperança.
Hoje é haver perdido o
que ontem foi amanhã.

Houve. Não mais. Nem mesmo os
sonhos que nos sonhavam
se deixam já sonhar.

De haver sido futuro
eis-nos tão-só passado.
Passado do futuro.

“Ese no puede ser, sido.”
CÉSAR VALLEJO



W. H. Auden

Poemas da língua inglesa

TRADUÇÃO DE
BENEDICTO FERRI DE BARROS

~ Prefácio

Reúno aqui, no estado em que hoje se encontram, a tradução de 176 poemas da língua inglesa. Uns poucos incompletos, grande número dependendo de uma revisão final que jamais termina. Por isso mesmo, apresento-os como hoje estão.

Na escolha dos poemas e dos poetas não obedeci a nenhum critério corrente. Apenas traduzi poetas e poemas que me encantaram, à medida que os conheci e quis conhecê-los melhor.

A tradução é um tipo especial de prazer: é a maneira mais profunda e íntima de se conviver com o poeta e o poema e sentir mais intensamente sua poesia. Assim praticada, como prazer, a tradução não tem objetividade alguma: ela é necessariamente a maneira não só pela qual lemos o poema, como a maneira pela qual somos capazes de dizê-lo em nossa língua.

Entretanto, pode-se ser mais – ou menos – fiel ao original, e mais ou menos feliz na linguagem encontrada para se falar em nossa lín-

Dos 176 poemas traduzidos foram selecionados, para este número da *Revista Brasileira*, os poemas de H. W. Auden e Dylan Thomas.

gua o poema original. Em qualquer tradução esta fidelidade impõe uma opção indeclinável: ser-se mais fiel à poesia, ao sentido e ao *pathos* do original, ou tentar-se dar em nossa língua uma versão formal a mais próxima possível do original. Por outras palavras: ou se prefere reproduzir a poesia, ou os versos originais. Seria ideal ser-se fiel ao fundo e à forma, simultaneamente; mas isto, sim, é impossível em qualquer tradução de poesia.

Pessoalmente, sempre que é indeclinável optar, opto pela poesia, rejeitando a mímica da forma original. A mimese da versejação, buscada à *outrance*, frequentemente adultera o sentido do poema, dizendo o que o poeta não disse, descambando em muitos casos para o infiel, o falso e até o grotesco.

Por isso, penso que toda tradução deve ser acompanhada de seu original e, em segundo lugar, acho que deva haver o maior número possível de traduções de um mesmo poema, pois, inevitavelmente, cada uma apanhará detalhes e nuances não captados ou não transmitidos pelas outras.

O bom, mesmo, é que, com a edição bilíngüe, o leitor consiga, lendo a tradução e se reportando imediatamente ao original, reconstituir no seu próprio entendimento e na sua própria sensibilidade o poema como o sentiu e disse seu autor. Não passa o tradutor de um bordão, de um auxiliar, de um guia, que nunca lê o original como outro leitor o faria e que nem sempre é capaz de dizê-lo em sua própria língua com a felicidade com que o poeta o fez na sua.

W. H. AUDEN

Ist september 1939

*I sit in one of the dives
On the Fifty-second Street
Uncertain and afraid
As the clever hopes expire
Of a low dishonest decade:
Waves of anger and fear
Circulate over the bright
And darkened lands of the earth,
Obsessing our private lives;
The unmentionable odour of death
Offends the September night.*

*Acurate scholarship can
Unearth the whole offence
Fom Luther until now
That has driven a culture mad,
Find what occurred at Linz,
What hugh imago made
A psychopatic god:
I and the public know
What all schoolchildren learn,
Those to whom evil is done
Do evil in return.*

*Exiled Thucydides knew
All that a speech can say
About Democracy,
And what dictators do,
The elderly rubbish they talk
To an apathetic grave;*

I.º de setembro de 1939

Incerto e temeroso
sento-me a um dos parapeitos
da 52.^a Avenida
quando falecem as espertas esperanças
de uma década baixa e desonesta:
ondas de ira e medo circulam
sobre as brilhantes e sombrias terras do planeta
obsedando nossas vidas.
O inominável cheiro da morte
conspurca a noite de setembro.

Estudos acadêmicos precisarão
o fatal erro que enlouqueceu uma cultura
desde Lutero aos nossos dias,
revelarão o acontecido em Linz,
que imago enorme engendrou
um deus psicopático.
O povo e eu sabemos
o que as crianças aprendem nas escolas:
quem faz o mal recebe-o de volta.

Tucídides exilado sabia tudo
o que dizer se pode sobre a democracia,
o que esperar de ditadores,
o lixo que revolvem
de um túmulo apático.
Tudo está em seu livro.
A racionalidade repelida
a inculcação de hábitos

*Analysed all in his book,
The enlightenment drive away,
The habit forming pain,
Mismanagement and grief;
We must suffer them all again.*

*Into this neutral air
Where blind skyscrapers use
Their full height to proclaim
The strenght of Collective Man,
Each language pours its vain
Competitive excuse:
But who can live for long
In an euphoric dream;
Out of the mirror they stare,
Imperialism's face
And the international wrong.*

*Faces along the bar
Cling to their average day:
The lights must never go out,
The music must always play,
All the conventions conspire
To make this fort assume
The furniture of home;
Leste we should see where we are,
Lost in a haunted wood,
Children afraid of the night
Who have never been happy or good.*

*The windiest militant trash
Important Persons shout
Is not so crude as our wish:*

malversações e luto –
por tudo isso teremos de passar de novo.

Neste ar neutro
em que arranha-céus se elevam cegos para o céu
a fim de proclamar a força do Homem Coletivo,
em cada língua se proclamam desculpas conflitantes.
Quem entretanto pode viver indefinidamente
num sonho eufórico?
O espelho nos devolve a face do imperialismo,
do erro universal.

No bar, se aferram os rostos
aos rictus rotineiros.
Devem as luzes continuar acesas
e a música tocando.
As convenções se mancomunam
para que a fortaleza conserve a aparência de um lar.
Para que não vejamos
em que lugar nos encontramos:
numa assombrada floresta
como crianças assustadas
em noites que não são boas
e muito menos felizes.

Personagens importantes
nos afirmam que o lixo
de hordas militantes
é menos rijo que somos;
o que o louco Nijinsky disse
de Diaghilev é a verdade
sobre todo ser humano,

*What mad Nijinsky wrote
About Diaghilev
Is true of the normal heart;
For the error bred in the bone
Of each woman and each man
Craves what it cannot have,
Not universal love
But to be loved alone.*

*From the conservative dark
Into the ethical life
The dense commuters come,
Repeating their morning vow;
'I will be true to the wife
I'll concentrate more on my work.
And helpless governors wake
To resume their compulsory game:
Who can release them now,
Who can reach the deaf,
Who can speak for the dumb?*

*Defenceless in the night
Our world in stupor lies;
Yet, dotted everywhere,
Ironic points of light
Flash out wherever the Just
Exchange their messages:
May I, composed like them
Of Eros and of dust
Beleaguered by the same
Negation and despair,
Show an affirming flame.*

pois o erro medular de cada homem e mulher
aspira não a querer amor universal
mas ao que não pode ter:
de ser amado sozinho.

Do lado conservador
a onda dos comutantes
invade a vida moral
com sua prece matinal:
“Serei fiel à esposa
Me esforçarei no trabalho.”
Os chefes atarantados
pelas manhãs reassumem
sua rotina habitual.
Quem pode desonerá-los?
quem pode falar aos surdos?
e pelos mudos falar?

Nosso mundo estuporado
jaz indefeso na noite.
Contudo, pontos de luz
cintilam por toda a parte
onde quer que haja um justo
emitindo sua mensagem.

Só de amor e poeira
como eles feito,
eu possa a eles juntar-me
e sitiado por iguais
negação e desespero,
só de amor e poeira
compor um raio de luz.

Law like love

*Law, say the gardeners, is the sun,
Law is the one
All gardeners obey
To-morrow, yesterday, to-day.*

*Law is the wisdom of the old
The impotent grandfathers feebly scold;
The grandchildren put out a treble tongue,
Law is the senses of the young.*

*Law, says the priest with a priestly look,
Expounding to an unpriestly people
Law is the words in my priestly book,
Law is my pulpit and my steeple.
Law, says the judge as he looks down his nose,
Speaking clearly and most severely,
Law is as I've told you before,
Law is as you know I suppose
Law is but let me explain once more,
Law is *The Law*.*

*Yet law-abiding scholars write;
Law is neither wrong nor right,
Law is only crimes
Punished by places and by times,
Law is the clothes men wear
Anytime, anywhere,
Law is Good-morning and Good night.*

A lei como o amor

A lei é o sol
O jardineiro diz
A lei é ele
Que os jardineiros todos
Hoje, amanhã, depois, obedecem.

A lei é a sapiência obsoleta
O impotente ralho esganiçado dos avós;
Os netos peidorreiam com a língua:
Os moços é que sabem qual a lei.

A lei – o sacerdote prega
Com ar sacerdotal à plebe ímpia –
A lei são as palavras de meu livro
O que do púlpito prego à diocese.

A lei, diz o juiz sobre o nariz olhando
Falando claramente e com firmeza:
Como lhes disse, a lei,
Como bem sabem, a lei, pois bem:
Mais uma vez lhes digo –
A lei é lei.

Não obstante os mestres de direito
Explicam – a lei não é direita
Nem errada: a lei são simplesmente
Crimes que tempos e lugares penalizam;
A lei são hábitos vestidos pelos homens
A toda a hora em diferentes climas
Bom-dia e boa-noite é lei.

*Others say, Law is our Fate;
Others say, Law is our State;
Others say, others say
Law is no more
Law has gone away.*

*And always the loud angry crowd
Very angry and very loud,
Law is We,
And always the soft idiot softly Me.*

*If we, dear, know we know no more
Than they about the law,
If I no more than you
Know what we should and should not do
Except that all agree
Gladly or miserably
That the law is
And that all know this,
If therefore thinking it absurd
To identify Law with some other word,
Unlike so many men
I cannot say Law is again,
No more than they can we suppress
The universal wish to guess
Or slip out of our own position
Into an unconcerned condition.
Although I can at least confine
Your vanity and mine
To stating timidly*

Dizem terceiros: a Lei é nosso Fado;
E outros: a Lei é o nosso Estado;
Outros repetem, repetem:
Não há mais lei.
Ora! a lei...

E a multidão ululante
Vituperante vocifera
“Somos a lei.”
E o idiota reitera:
“A lei sou eu.”

Se bem sabemos nós, querida,
Que mais que eles não sabemos
Sobre a lei, e eu não sei
Mais que você o que devemos
E o que não fazer – se não
Que alegre ou miseravelmente
Estamos todos de acordo
Em que há lei e todos sabem disso,
Se nos parece absurdo assimilar a Lei
A qualquer outra coisa,

Diversamente de tantos
Sou incapaz de dizer
Que a lei existe de novo;
Não mais que eles podemos
Deter a paixão de adivinhar
Ou escapar do que somos
Para um não se preocupar.

*A timid similarity,
We shall boast anyway:
Like love I say.*

*Like love we don't know where or why,
Like love we can't compel or fly,
Like love we often weep,
Like love we seldom keep.*

Inobstante posso confinar
Sua vaidade e a minha
A tímida asserção
De posição similar:
De sobre amor.

Ignoramos também do amor
onde e quando.
Também do amor não podemos
obrigar ou fingir.
Também do amor
Muitas vezes choramos
E muito pouco, também,
Do amor guardamos...

In memory of W. B. Yeats
(Jan. 1939)

I

*He disappeared in the dead of winter:
The brooks were frozen, the airports almost deserted,
An snow disfigured the public statues;
The mercury sank in the mouse of the dying day.
What instruments we have agree
The day of his death was a dark cold day.*

*Far from his illness
The wolves ran on through the evergreen forests,
The peasant river was untempted by the fashionable quays;
By mourning tongues
The death of the poet was kept from his poems.*

*But for him it was his last afternoon as himself,
An afternoon of nurses and rumours;
The provinces of his body revolted,
The squares of his mind were empty,
Silence involved the suburbs,
The current of his feeling failed; he became his admirers.*

*Now he is scattered among a hundred cities
And whole given over to unfamiliar affections,
To find his happiness in another kind of wood
And be punished under a foreign code of conscience.
The words of a dead man
Are modified in the guts of the living.*

À memória de W. B. Yeats (Jan. 1939)

I

Ele se foi no vértice do inverno:
quando os riachos estavam congelados
vazios quase os aeroportos;
quando a neve desfigurava estátuas públicas
e ao cair do dia o mercúrio despencava.
Os instrumentos todos acusaram
que este dia foi sombrio e frio – muito frio.

Alheios à sua doença, nas florestas verdejantes
os lobos prosseguiram em suas correrias;
o rio campesino não se deteve nos cais ultramodernos
nem os lamentos associaram a morte do poeta a seus poemas.

Mas para ele foi esta a tarde derradeira como Yeats,
tarde de enfermeiras e de sussurros.
Revoltaram-se as províncias de seu corpo
esvaziaram-se as praças de sua mente
e o silêncio invadiu os seus subúrbios;
interrompeu-se a torrente de seus sentimentos
restaram dele os admiradores.

Agora ele disperso está entre centenas de cidades,
completamente entregue a inusitados sentimentos
buscando ser feliz em terra de outro tipo
e ser punido por outro tipo de consciência.
O que um morto disse assume outro sentido

*But in the importance of to-morrow
When the brokers are roaring like beasts on the floor of the
Bourse,
And the poor have the sufferings to which they are fairly accustomed,
And each in the cell of himself is almost convinced of his
freedom,
A few thousand will think of this day
As one thinks of a day when one did something slightly unusual.
What instruments we have agree
The day of his death was a dark cold day.*

II

You were silly like us; your gift survived it all:

*The parish of rich women, physical decay,
Yourself. Mad Ireland hurt you into poetry.
Now Ireland has her madness and her weather still,
For poetry makes nothing happen: it survives
In the valley of its making were executives
Would never want to tamper, flows on south
From ranches of isolation and the busy griefs,
Raw towns that we believe and die in; it survives,
A way of happening, a mouth.*

III

Earth, receive an honoured guest:

*William Yeats is laid to rest.
Let the Irish vessel lie
Emptied of its poetry.*

nas vísceras dos vivos.
 Mas no ruído importante do amanhã,
 quando na Bolsa os corretores como animais rugirem,
 e os pobres conservarem os sofrimentos a que se acham
 acomodados,
 e em sua concha cada um sentir-se quase livre,
 alguns, poucos milhares, lembrarão de hoje
 como de um dia quando se fez alguma coisa inusitada.
 Concordam todos nossos instrumentos
 Que o dia de sua morte foi dia escuro e demasiado frio.

II

Foste tolo como somos; teu dom porém sobreviveu a tudo:

à paróquia das mulheres ricas, à decadência física,
 a ti próprio. A Irlanda louca impeliu-te à poesia
 e continua louca e com seu louco clima, pois a poesia
 não desfecha em nada; sobrevive apenas no seio do seu vale
 no qual executivos jamais se atreveriam,
 e derivando de ranchos e pesares isolados, passa ao largo
 das pólis rústicas em que acreditamos e morremos
 como um jeito de acontecer, como uma voz.

III

Recebe, Terra, um hóspede honorável:

William Yeats repousa sobre ti.
 Fica a Irlanda sem sua poesia.

*In the nightmare of the dark
All the dogs of Europe bark,
And the living nations wait,*

*Each sequestered in its hate;
Intellectual disgrace
Stares from every human face,
And the seas of pity lie
Locked and frozen in each eye.*

*Follow poet, follow right
To the bottom of the night,
With your unconstraining voice
Still persuade us to rejoice;*

*With a farming of a verse
Make a vineyard of the curse,
Sing of human unsuccess
In a rapture of distress;*

*In the deserts of the heart
Let the healing fountain start,
In the prison of his days
Teach the free man how to praise.*

Na escuridão, todos os cães da Europa
latem seu pesadelo e as nações se encolhem
no esconso de seus ódios.

Em cada face estampa-se o pesar da inteligência
e oclusos, congelados, jazem nos olhos
os mares da piedade.

Ide, poeta, diretamente ide à escuridão da noite
e continue sua voz a conclamar
que nos rejubilemos.

Da maldição fazei uma vindima ao cultivar um verso,
cantai o insucesso humano
num arrebatamento de inconformidade.

Fazei brotar no coração humano a fonte saneadora
e ensina o homem livre a louvar
o calabouço de seus dias.

Lullaby

*Lay your sleeping bead, my love,
Human on my faithless arm;
Time and fevers burn away
Individual beauty from
Thoughtful children, and the grave
Proves the child ephemeral:
But in my arms till break of day
Let the living creature lie,
Mortal, guilty, but to me
The entirely beautiful.*

*Soul and body have no bounds:
To lovers as they lie upon
Her tolerant enchanted slope
In their ordinary swoon,
Grave the vision Venus sends
Of supernatural sympathy,
Universal love and hope:
While an abstract insight wakes
Among the glaciers and the rocks
The hermit's sensual ecstasy.*

*Certainty, fidelity
On the stroke of midnight pass
Like vibrations of a bell
And fashionable madmen raise
Their pedantic boring cry:
Every farthing of the cost,
All the dreaded cards foretell,*

Acalanto

Repousa meu amor tua sonolenta cabeça
sobre meu braço infiel:
tempo e febres consomem
a beleza das crianças sonhadoras
e a tumba mostra que as crianças
são efêmeras – contudo, até que surja
o dia, repouse entre meus braços
a viva criatura, mortal e pecadora, sim,
mas para mim eternamente bela.

Não há limites entre corpo e alma:
para os amantes que repousam
da íngreme escalada em seu comum desmaio,
Vênus concede tolerante uma visão
de esperança, de simpatia sobrenatural,
de universal amor; enquanto entre
rochedos e glaciares
uma abstrata intuição desperta
um êxtase sensual nos eremitas

Certeza, fidelidade, soada a meia-noite
ao murmurar do dia se dissipam
e os pomposos idiotas do momento
repetem sua pedante advertência:
cada centavo do custo, como está dito
nas cartas, há – de se pago – mas
desta noite um pensamento, um sussurro,
um beijo e um olhar sequer sejam perdidos.

*Shall be paid, but from this night
Not a whisper, not a thought,
Not a kiss nor look be lost.*

*Beauty, midnight, vision dies:
Let the winds of dawn that blow
Softly round your dreaming head
Such a day of sweetness show
Eye and knocking heart may bless,
Find the mortal world enough;
Noons of dryness see you fed
By the involuntary powers,
Nights of insult let you pass
Watched by every human love.*

Epitaph on a tyrant

*Perfection, of a kind, was what he was after
And the poetry he invented was easy to understand;
He knew human folly like the back of his hand,
And was greatly interested in armies and fleets;
When he laughed, respectable senators burst with laughter,
And when he cried the little children died in the streets.*

Beleza, meia-noite, visão, tudo perece:
deixa que as brisas matinais
que passam sobre tua cabeça sonhadora
suavemente te mostrem quão doce é este dia;
que teu olhar e coração feridos reconheçam
quanto é mortal o mundo – em demasia;
que os meios-dias áridos te encontrem
pelos poderes telúricos nutrida
e sobre ti deixa rolar os pesadelos
sob a vigília de todo humano amor.

Epitáfio para um tirano

Ele buscava perfeição (de um certo tipo).
A poesia que inventava era entendida fácil.
Conhecia a loucura (dos homens) como as próprias mãos.
Como ninguém, se interessava por exércitos e armadas.
Quando sorria, respeitáveis senadores explodiam em gargalhadas.
E quando ele chorava criancinhas morriam nas calçadas.

Chorus

(From *The Dog Beneath the Skin*)

*Happy the hare at morning, for she cannot read
The Hunter's waking thoughts. Lucky the leaf
Unable to predict the fall. Lucky indeed
The rampant suffering suffocating jelly
Burgeoning in pools, lapping the grits of the desert,
The elementary sensual cures,
The hibernations and the growth of hair assuage:
Or best of all the mineral stars disintegrating quietly into
light
But what shall man do, who can whistle tunes by heart,
Know to the bar when death shall cut him short, like the cry
of the shearwater?
We will show you what he has done.
How comely are his places of refuge and the tabernacles
of his peace,
The new books upon the morning table, the lawns and the
afternoon terraces!
Here are the playing fields where he may forget his
ignorance
To operate within a gentleman's agreement: twenty-two
have here a certain licence.
Here are the thickets where accosted lovers combatant
May warm each other with their wicked hands,
Here are the avenues for incantation and workshops for the
cunning engravers.
The galleries are full of music, the pianist is storming
the keys,
The great cellist is crucified over his instrument,
That none may hear the ejaculations of the sentinels
Nor the sigh of the most numerous and the most poor; the thud of their falling bodies
Who with their lives have banished hence the serpent and the
faceless insect.*

Coro

Feliz a lebre incapaz de ler
As matutinas intenções do caçador.
Feliz a folha que não presente a queda.
Feliz, feliz de fato, a sufocante, exuberante
Geléia esverdeada jazente nas lagoas
Os líquens que revestem as pedras no deserto,
As curas sensuais, elementares,
Os pêlos que hibernam para crescer depois
E – mais que tudo – as minerais estrelas
Se desfazendo quietamente em luz.
Mas que fará o homem capaz de assobiar na solidão?
Saber de cor – como se ouvira o grito de uma procelária –
Quando virá sua morte o amputar?
Repare o que ele fez:
Quão elegantes seus nichos de refúgio, seus tabernáculos de paz,
Os livros novos sobre a mesa matinal
Seus gramados novos sobre a mesa matinal
Seus gramados, suas varandas vesperais!
Eis seus campos de esporte onde pode olvidar
Sua ignorância e com a convivência de seus pares
Dentro de regras cometer cem erros.
Repare nos complacentes acolchoados onde deitados
Os amorosos combatentes com suas mãos perversas se acalentam.
Veja as aldeias para o encantamento
E as oficinas onde se aplicam hábeis gravadores.
Cheias de música estão as galerias,
O pianista tempestua sobre as teclas,
O virtuose está crucificado sobre o seu violoncelo
o seu violoncelo
Para que se não ouça bradar as sentinelas
Nem o suspiro da legião dos pobres,
Nem o baque dos seus corpos quando tombam,
Eles, que com sua vida permitiram
Se mantivesse à distância a serpente e o verme inominável.

The quest

*All had been ordered weeks before the start
From the best firms at such work; instruments
To take the measure of all queer events,
And drugs to move the bowels or the heart.*

*A watch, of course, to watch impatience fly,
Lamps for the dark and shades against the sun;
Foreboding too insisted on a gun
And colored beads to soothe a savage eye.*

*In theory they sound on Expectation
Had there been situations to be in:
Unluckily they were their situation:*

*One should not give a poisoner medicine,
A conjurer fine apparatus, nor
A rifle to a melancholic bore.*

O laudo

Semanas antes da partida
As encomendas tinham sido colocadas
Entre as melhores firmas: os instrumentos
Necessários à medida dos mais inusitados
Fatos, medicamentos para acionar
Os intestinos ou – fosse o caso – o coração.

Um medidor para medir passar a impaciência;
Para o escuro, lâmpadas, e sombras contra o sol;
Contra a premonição levava-se um revólver
E contas coloridas para aplacar olhos selvagens.

Houvesse situações a enfrentar,
Tudo, em teoria, achava-se previsto,
Mas, desgraçadamente, a si próprios
Não previram:

Que armas não se dão a assassinos
Equipamentos a conjuradores
Veneno a hipocondríacos.

The novelist

*Encased in talent like a uniform,
The rank of every poet is well known;
They can amaze us like a thunderstorm,
Or die so young, or live for years alone.*

*They can dash forward like hussars: but he
Must struggle out of his boyish gift and learn
How to be plain and awkward, how to be
One after whom none think it worth to turn.*

*For, to achieve his lightest wish, he must
Become the whole of boredom, subject to
Vulgar complaints like love, among the Just.
Be just, among the Filthy filthy too,
And in his own weak person, if he can,
Must suffer dully all the wrongs of Man.*

O novelista

O fado do poeta constringido
à farda do talento é conhecido:
pode espantar-nos como um temporal
ou morrer moço
ou muitos anos viver na solidão.

São capazes de cargas como hussares;
ele, porém, a partir de um dom pueril,
é obrigado a lutar para aprender
a ser simples e estranho, alguém
que ninguém julgue digno imitar.

Pois para alcançar seu mínimo desejo
terá de mergulhar no tédio o mais profundo,
de se infectar de coisas como o amor,

ser justo entre os justos, imundo
entre os imundos, e embora frágil,
se possível provar todos os males
correntes entre os homens.

∞ DYLAN THOMAS

A refusal to mourn the death, by fire, of a child in London

*Never until the mankind making
Bird beast, and flower
Fathering and all humbling darkness
Tells, with silence the last light breaking
And the still hour,
Is come of the sea, tumbling in harness*

*And I must enter again the round
Zion of the water bead
And the synagogue of the ear of corn
Shall I let pray, the shadow of a sound
Or sow my salt seed
In the least valley of sackcloth to mourn*

*The majesty and burning of the child's death.
I shall not murder
The mankind of her going with a grave truth
Nor blaspheme down the stations of the breath
With any further
Elegy of innocence and youth.*

*Deep with the first dead lies London's daughter,
Robed in the long friends,
The grains beyond age, the dark veins of her mother,
Secret by the unmourning water
Of the riding Thames.
After the first death, there is no other.*

Recusa de carpir a morte de uma criança pelo fogo em Londres

Não antes que a geração de humanidade
E a gestação de flores, aves e animais
E toda humilde escuridão com seu silêncio diga
Que a derradeira aparição da luz e a derradeira hora
Do mar vieram tropegando em seus jaezes

E eu deverei me recolher de volta ao Sião
Da gota germinal do mar e à sinagoga do germe primordial
Emitirei a sombra de um murmúrio ou plantarei
O sal de uma semente minha no derradeiro vale
De uma roupagem de burel, para carpir

A majestade da criança que morreu queimada.
Não apunhalarei a humanidade com a verdade grave
De sua ida, nem aos limites de meu fôlego blasfemarei
Uma elegia a mais da inocência e juventude.

De seus velhos amigos amortalhada,
No que foi, independentemente da sua idade,
No secreto silêncio das águas rolantes do Tâmis
Que não chora, com o primeiro morto jaz a menina de Londres:
Depois que houve a primeira, não há segunda morte.

Do not go gentle into that good night

*Do not go gentle into that good night,
Old age should burn and rave at close of day;
Rage, rage against the dying of the light.*

*Though wise men at their end know dark is right,
Because their words had forked no lightning they
Do not go gentle into that good night.*

*Good men, the last wave by, crying how bright
Their frail deeds might have danced in a green bay,
Rage, rage against the dying of the light.*

*Wild men who caught and sang the sun in flight,
And learn, too late, they grieved it on its way,
Do not go gentle into that good night.*

*Grave men, near death, who see with blinding sight
Blind eyes could blaze like meteors and be gay,
Rage, rage against the dying of the light.*

*And you, my father, there on the sad height,
Curse, bless, me now with your fierce tears, I pray.
Do not go gentle into that good night.
Rage, rage against the dying of the light.*

Não vos deixeis levar a essa noite boa docilmente

Não vos deixeis levar a essa noite boa docilmente.
Devera a idade delirar e comburir-se ao se encerrar o dia.
Irai-vos contra esse morrer das luzes.

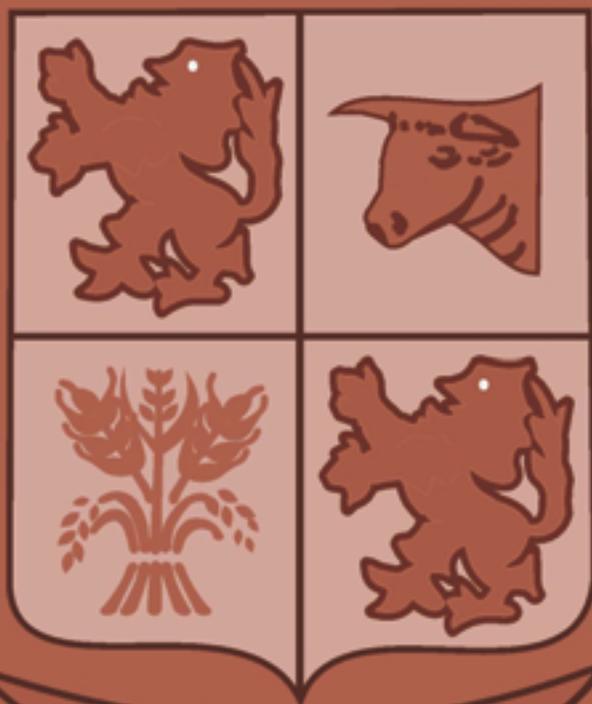
Conquanto saiba aos sábios boa no seu fim a escuridão
Por não se terem feito luzes suas palavras, nem assim
Se vão por essa noite boa adentro docilmente.

Homens bons, ao se escoar a derradeira vaga,
Bradando quanto seus pobres feitos não brilharão
Numa baía plácida, se iram contra esse morrer das luzes.

Homens ferozes, que em seus vôos flecharam contra o sol
E o cantaram e só se deram conta muito tarde de o terem molestado
Não vão por essa noite boa adentro docilmente.

Homens austeros, próximos da morte, que com suas vistas mortíferas
Finalmente enxergam que olhos cegos poderiam também brilhar de alegria
Clamam irados contra o cerrar das luzes.

E vós, meu pai, que estais nesse soturno píncaro,
Amaldiçoai, bendizei-me com vossas lágrimas ferozes.
Eu vos imploro: não ide mansamente a noite boa adentro.
Irai, clamai, contra o morrer das luzes.



Centenário do nascimento de Mario Quintana: O poeta, o poema, a obra e a entrevista

RICARDO VIEIRA LIMA

Não tive o prazer – e sobretudo o privilégio – de conhecer pessoalmente o poeta Mario Quintana.

Nosso contato se deu ao longo do ano de 1993: foi circunstancial (eu pretendia entrevistá-lo) e durou alguns meses – entre trocas de cartas e ligações telefônicas complementares, atendidas, em Porto Alegre, pela enfermeira do poeta, a sempre prestativa Mara. Naquela altura, Quintana já não falava ao telefone, devido a um avançado problema de surdez.

Desse modo, a entrevista foi sendo feita aos poucos, sem pressa. Fui insistente, e o poeta, paciente. Por vezes, tive que reenviar perguntas e, mais de uma vez, cobrar respostas.

O desfecho, no entanto, foi bastante compensador: obtive uma bela e longa entrevista. Lembro-me até hoje da emoção que senti, ao receber, pelo correio, um exemplar da *Antologia Poética de Mario Quintana*, autografado com aquela inconfundível letrinha tremida: “Para Ricardo Vieira Lima, um abraço do amigo velho Mario Quintana”.

Ricardo Vieira Lima é jornalista, crítico literário e poeta. É diretor do Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro e colaborador das revistas *Poesia Sempre* e *Metamorfoses*, editada pela Cátedra Jorge de Sena/UFRJ. Seu livro inédito, *Ariete*, ganhou o Prêmio Jorge Fernandes de Poesia, da União Brasileira de Escritores – RJ.

Talvez por preguiça ou por estar envolvido em múltiplos afazeres (advocacia, jornalismo, crítica literária e poesia), não publiquei a matéria de imediato.

No ano seguinte – para ser mais preciso, 5 de maio de 1994, a terrível notícia: morria o poeta, aos 87 anos, em sua amada Porto Alegre, cidade que escolhera para viver e terminar seus dias. Contudo, sua morte fora abafada pela comoção nacional e internacional, decorrente da trágica perda de um jovem poeta das pistas – Ayrton Senna –, que falecera quatro dias antes do poeta gaúcho.

Triste e emocionado, cheguei à conclusão de que a melhor homenagem que poderia prestar à memória do autor de *O aprendiz de feiticeiro*, seria com a publicação da até então inédita entrevista. Preparei o material em alguns dias e ofereci ao jornal carioca *Tribunal da Imprensa*, que, por problemas de pauta, somente veio a publicar a matéria no dia 5 de julho de 1994.



Em maio de 1997, o Centro Cultural Banco do Brasil inaugurou, no Rio de Janeiro, a exposição “A cor do invisível – vida e poesia de Mario Quintana”. Organizado pela *designer* Gisela Magalhães, que contou com a participação direta da pesquisadora Eloí Calage e da atriz, sobrinha-neta e herdeira do poeta, Elena Quintana, o evento atraiu milhares de pessoas e apresentou ao grande público facetas até então pouco conhecidas da insólita personalidade de Mario: amante, desde a infância, da poesia do português Antônio Nobre; simpaticante das ciências esotéricas, tendo feito, inclusive, um mapa astral; admirador da atriz Greta Garbo (tal como o foi Carlos Drummond de Andrade), da música de Mahler e da pintura de Hieronymus Bosch, Quintana deixou a seguinte mensagem num caderno de anotações, posteriormente encontrado por sua sobrinha e exibido na exposição: “Sugestão para um epitáfio: Eu não estou aqui”. No mesmo caderno, havia um recorte de uma propaganda de uma planta medicinal, a *Pfaffia Paniculata*, que, segundo o anúncio, “curava males do corpo e do espírito”. Quintana guardara o recorte porque ficara impressionado com a

sonoridade e a estranheza contidos no nome da erva. Pretendia escrever um poema sobre isso, mas não houve tempo.

Essa revelação tocou-me, e saí da exposição decidido a escrever o poema que Mario Quintana quase fizera. Poucos dias depois, escrevi o seguinte texto:

~ Anotações para um quase poema de Mario Quintana

*Não mais o silêncio garboso de Greta, a Quarta Sinfonia
de Mahler, o quarto-casulo de hotel, ou o féérico
universo pictórico de Hieronymus Bosch.*

*“Eu não estou aqui”: sugestão para o epitáfio daquele que
se retirou em surdina, atrelado à absoluta ausência
do poema que não veio, não vem, não virá.*

*Entre os guardados do poeta, encontra-se um reclame
sobre os ruidosos benefícios da Pfaffia Paniculata.*

Ainda sob o impacto da exposição, resolvi fazer uma matéria sobre o evento — novamente para a *Tribuna da Imprensa*, que a publicaria em julho daquele ano — e entrevistei, por telefone, Elena Quintana. A sobrinha-neta do poeta declarou que, pouco antes de morrer, Mario pediu-lhe que cuidasse de sua obra, principalmente dos poemas inéditos: “Meu tio passou a se preocupar com esse assunto após a morte de Drummond, quando muitos poemas menores desse grande poeta brasileiro foram divulgados sem que fossem tomadas as devidas precauções”, afirmou. Segundo Elena, ao contrário de outros poetas, Quintana jamais quis publicar sua poesia completa porque, de fato, acreditava que “a obra de um poeta só se completa com a morte deste”. Não obstante, a sobrinha e herdeira de Mario revelou: “Meu tio sonhava em ter sua obra completa publicada pela editora Nova Aguilar”.



Julho de 2006. Dez anos mais tarde, no mês do centenário do nascimento do autor de *Caderno H* (Quintana nasceu no dia 30 de julho de 1906), emocionou-me ao folhear a edição da *Poesia Completa* de Mario Quintana, lançada há dois meses pela Nova Aguilar. Inegavelmente, é a realização de um velho sonho do poeta gaúcho. Afinal, foi o próprio Mario quem disse: “Uma vida não basta ser vivida: também precisa ser sonhada.”

Organizada pela professora Tania Franco Carvalhal, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a obra reúne, pela primeira vez, os quinze livros de poesia publicados em vida por Mario Quintana; o livro póstumo *Água* (organizado por Elena Quintana e Eduardo San Martin compõe-se de doze poemas, com versões em português, inglês e espanhol. Colagens de textos anteriores que se converteram em novos poemas, são os últimos textos aprovados pelo autor para publicação, a qual efetivamente ocorreu em 2001, pela editora Artes e Ofícios, de Porto Alegre) e os cinco livros de poemas para a infância – *O Batalhão das Letras* (1948), *Pé de Pilão* (1978), *Lili Invento o Mundo* (1983), *Sapo Amarelo* (1984) e *Sapato Furado* (1994), sendo os dois primeiros compostos exclusivamente de poemas inéditos. *Poesia Completa* apresenta, ainda, um excelente estudo introdutório, escrito pela organizadora da edição, além das já tradicionais cronologia, iconografia e fortuna crítica do poeta. Devido à sua importância, posso afirmar, sem dúvida, de que se trata do livro de poesia mais importante do ano.

Por tudo isso, creio que a republicação da entrevista que fiz, há treze anos – agora em sua versão integral –, contribui para uma melhor compreensão do universo da vida e da obra deste que é um dos maiores poetas líricos da história da literatura brasileira.

~ A Quintessência do “Velho Quincas” Entrevista a Ricardo Vieira Lima¹

Descoberto por Erico Veríssimo, amante de Camões, Shakespeare e Machado de Assis, leitor de ficção científica, tradutor de Proust, Voltaire e Virginia

¹ Publicada parcialmente no jornal *Tribuna da Imprensa*, em 5 de julho de 1994.

Woolf, Mario Quintana afirmou-se, ao longo dos anos, como um dos maiores poetas líricos do país. Mas para Porto Alegre, cidade que escolheu para viver e morrer (ele era gaúcho, de Alegrete), Quintana era, antes de tudo, o “Velho Quincas”, apelido adquirido durante suas famosas caminhadas pelas ruas da cidade, onde tentava, sem sucesso, manter-se incógnito. Toda essa timidez, no entanto, não impediu que a sua poesia ressoasse nos quatro cantos do Brasil, sendo reconhecida e saudada unanimemente, a exemplo do poeta Manuel Bandeira, que lhe dedicou os seguintes versos: “Quinta-essência de Cantares... / Insólitos, singulares... / Cantares? Não! Quintanares!” (“A Mario Quintana”).

Como muitos poetas, era um solitário. Sempre cultivou o hábito de morar em hotéis, “porque não gosto de incomodar a família”, e era avesso à fama e a entrevistas. Mas aceitou responder a algumas perguntas por carta, no final de 1993 – pouco antes de se agravarem as complicações renais e cardíacas que o vitimaram em maio de 1994 – e enviou, juntamente com suas respostas, dois poemas de sua autoria para posterior publicação. A seguir, a entrevista inédita do poeta gaúcho e os poemas por ele selecionados, pertencentes ao último livro publicado em vida, *Velório sem Defunto* (Editora Mercado Aberto, 1990).

RICARDO VIEIRA LIMA – *O espetáculo de dança Quintana, do Ballet Contemporâneo do Rio de Janeiro, apresentado no ano passado, nesta cidade, foi sucesso de público e de crítica. O que essa homenagem significou para o senhor?*

MARIO QUINTANA – Fiquei muito orgulhoso, mas não vaidoso. Ouvi dizer que o espetáculo é muito bonito. Mas me incomodam as homenagens: geralmente são feitas para nos mostrar que o nosso fim está próximo, e que faremos falta. Certa vez, a prefeitura de Alegrete, minha cidade natal, inaugurou um busto meu na praça principal, e o prefeito, na época, convidou-me para redigir palavras que seriam gravadas numa placa de bronze, abaixo do busto. Eu o adverti: “Um engano em bronze é um engano eterno!” E preferi que eles gravassem essa frase, pura e simplesmente. Para mim, o único ponto realmente positivo numa homenagem é que, com essas manifestações de carinho, a figura do

poeta, em si mesma, é cada vez mais reconhecida. Eu costumo dizer que, antes, ser poeta era uma agravante. Depois, passou a ser uma atenuante. Hoje, ser poeta é uma credencial.

RVL – O seu mais recente livro, Velório sem Defunto, revela que o senhor continua plenamente lúcido e criativo. A idade avançada impõe limites ao artista? O senhor acredita que um grande poema pode ser escrito depois dos 80 anos?

MQ – A idade avançada não impõe nenhum limite a um verdadeiro artista. Ela é o menor sintoma da velhice. Eu costumo dizer que só existem duas idades: ou se está vivo, ou se está morto. Estou vivo. Logo, não tenho limites.

RVL – Por falar nisso, qual é o seu segredo para viver tanto? Como se obtém a longevidade?

MQ – Interessando-se pelo mundo e pelos outros. É o que eu venho fazendo durante esse tempo todo. O difícil não é morrer. Deixar de viver é que é difícil...

RVL – O senhor morou em hotéis durante quase toda a sua vida. Hoje mesmo mora em um hotel. Por que o senhor cultivava esse hábito tão singular?

MQ – Porque não gosto de incomodar a família. Vivo em mim mesmo. Gosto dos hotéis, esses estranhos e fascinantes lares, onde fico livre das coisas práticas, e pronto para a poesia, que me visita, sempre, nas madrugadas, quando ninguém visita, ninguém telefona e ninguém fala. Nos hotéis, me sinto isolado do mundo, como se estivesse numa redoma. Morei durante 12 anos no Hotel Majestic. Depois, fui para o Hotel Presidente, Hotel Royal (propriedade do ex-jogador de futebol Paulo Roberto Falcão, que custeou a estada do poeta), e hoje moro no Porto Alegre Residence Hotel, com minha sobrinha-neta Elena, que cuida de mim junto com minha enfermeira e amiga Mara.

RVL – *Por falar no Hotel Majestic, o mesmo foi transformado na Casa de Cultura Mario Quintana, em 1983. Faz bem para o ego uma homenagem desse porte, ainda em vida?*

MQ – Claro. Porque nas homenagens póstumas, o homenageado não fica sabendo de nada. Mas, ainda assim, confesso que prefiro ser alvo de um atentado, a ser alvo de uma homenagem.

RVL – *Seus poemas falam muito de amor. No entanto, o senhor não se casou, não teve filhos. Como explica isso?*

MQ – Eu andei demais, fiz coisas demais... Talvez tenha faltado tempo. Ou, quem sabe, não ocorreu a conjunção astrológica adequada. É isso: a culpa é dos astros!

RVL – *O senhor sempre morou no Rio Grande do Sul e, durante quase toda a sua vida, em Porto Alegre. Isso retardou a divulgação da sua obra?*

MQ – Não. Absolutamente, sou muito conhecido em vários lugares.

RVL – *O senhor estreou em 1940, com um livro clássico de sonetos (A Rua dos Cataventos). Entretanto, o senhor não é considerado um poeta da Geração de 45, apesar de pertencer, cronologicamente, a esse período. O senhor é um poeta sem geração?*

MQ – Pertencer a uma escola poética é o mesmo que embarcar num barco que pode ir ao fundo, quando esta escola sair da moda. O melhor é seguir cada um no seu barquinho, e talvez alguns consigam chegar à outra margem. Isto é: chegar à posteridade.

RVL – *Desde a sua estréia, o senhor elegeu o soneto como uma de suas formas poéticas prediletas. Por quê?*

MQ – Porque o soneto, no meu tempo, estava muito desmoralizado, e eu quis provar com meu livro de sonetos, que um soneto podia ser um poema

verdadeiro. Um poema preciso na métrica e na rima, dentro dos quatorze versos clássicos. Um soneto que fosse como a voz de um brasileiro comovido qualquer, falando sem complicações com a gente.

RVL – *Há um soneto, no seu livro de estréia, que abre com os seguintes versos: “Eu nada entendo da questão social. / Eu faço parte dela, simplesmente...” O senhor é contra a poesia engajada?*

MQ – Não é que eu seja contra... É uma questão de temperamento. Não se pode ignorar o peso da questão social para um poeta como Castro Alves, mas querer que todos os poetas sejam como Castro Alves, não é possível. O fato é que uma boa causa social jamais salvou um mau poeta. Esse pessoal pode fazer mais pelo povo, candidatando-se a vereadores.

RVL – *Como é o seu processo de composição? Como nasce um poema seu?*

MQ – Nasce da minha vida e da minha sinceridade. Tudo isso, filtrado pela forma poética. E é preciso muito tempo para se apurar a forma, e se adquirir aquela coisa chamada vivência. Acho que a cadência e a melodia dos meus versos se aproximam da música angustiada de Mahler, sobretudo da 4.^a sinfonia, com aqueles motivos se desenvolvendo, se entrelaçando, sem que haja uma solução final.

RVL – *Sendo assim, qual é a importância da elaboração formal para a sua poesia?*

MQ – Minha poesia é construída com palavras simples, meus recados são simples. Mas essa simplicidade só pode ser alcançada com muito trabalho e esforço. O rigor formal – no melhor sentido dessa expressão – sempre esteve presente em toda a minha obra. O coloquial e o erudito são irmãos: devem caminhar lado a lado. Por isso, sou extremamente cuidadoso com as palavras. Trabalho muito, até obter a dosagem exata dos elementos poéticos. Como um farmacêutico manipulador de fórmulas. Durante algum tempo, fui prático de far-

mácia, realmente. Trabalhei com meu pai, que era farmacêutico por profissão e por vocação. A farmácia e a literatura possuem alguma misteriosa relação. Alguns dos maiores poetas e escritores brasileiros foram farmacêuticos. Drummond, Alberto de Oliveira e o romancista Erico Veríssimo, para citar só os mais conhecidos. Sobre Alberto de Oliveira, que já foi considerado o príncipe dos poetas brasileiros, conta-se uma história curiosa a esse respeito. Dizem que um dia entrou lá na Academia Brasileira de Letras um poetaastro de quinta categoria, que foi logo se dirigindo para o Alberto de Oliveira, de braços abertos, exclamando: “Como vai, colega?”. Ao que o grande poeta respondeu: “Colega? O senhor também é farmacêutico?”

RVL — *Por falar em Academia, já se tentou eleger o senhor por três vezes, embora sem sucesso. Isso o aborreceu muito?*

MQ — Não vou dizer que “as uvas estão verdes”, mas sempre me dei com gente de lá. Amigos meus achavam que eu devia pertencer à Academia Brasileira de Letras, então resolveram me candidatar. Afinal, é a “Casa de Machado de Assis”. Não foi possível, porque uma coisa é a literatura, e outra, a vida literária. Mas, na verdade, eu jamais quis pertencer à Academia mesmo. Não tenho, nunca tive espírito acadêmico.

RVL — *Freqüentemente, o senhor escreve um poema e deixa-o durante anos na gaveta. Todos os seus livros, praticamente, trazem poemas “antigos”. Por que o senhor procede assim? Não tem medo dos poemas envelhecerem?*

MQ — A verdadeira poesia não envelhece nunca.

RVL — *No curto período em que o senhor morou no Rio de Janeiro, veio a conhecer Cecília Meireles, que marcou profundamente a sua obra. Fale sobre esse encontro e sobre a própria Cecília.*

MQ — Em 1930, eu estava com muita vontade de conhecer o Rio de Janeiro, na época, Capital Federal da República. Para isso, alistei-me como voluntário no

Sétimo Batalhão de Caçadores de Porto Alegre, e parti para o Rio. A Revolução de 30 fervia! Passei seis meses no Rio, mas não cheguei a dar nenhum tiro, pois o poder constituído aderiu. É sempre assim, no Brasil: as revoluções sempre ficam pela metade, pois o poder adere na última hora. Durante essa estada na cidade maravilhosa, conheci Cecília, que era então diretora do Suplemento Literário do *Diário do Rio de Janeiro*. Foi ela quem publicou os meus poemas no Rio de Janeiro pela primeira vez, e em várias revistas importantes. A admiração mútua aumentou nossa amizade.

RVL – *O senhor, desde cedo, traduziu diversos autores. Essa ocupação ampliou seus horizontes literários? Proust foi a tradução mais difícil?*

MQ – A tradução surgiu na minha vida de forma curiosa. Falo francês desde criancinha. Aprendi as primeiras noções com meus pais. Meu pai foi conspirador da Revolução de 23. Então, para os criados não entenderem as conspirações e também as coisas íntimas, falava-se em francês lá em casa. Aos 28 anos, fiz minha primeira tradução para a editora Globo. Com o final da 2.^a Guerra Mundial, todo mundo começou a estudar inglês, mas o Erico Veríssimo lembrou que eu era o único conhecido que falava francês, e me indicou para a editora Globo. Traduzi, durante muito tempo, diversos autores, entre os quais: Conrad, Voltaire, Virginia Woolf, Maupassant, Graham Greene, Balzac e Mérimée. Sem dúvida, Proust foi a tradução mais difícil. Uma tradução significa a estréia do livro ou do autor na língua portuguesa. Tudo o que está escrito em português se incorpora inevitavelmente ao acervo cultural da língua. É muita responsabilidade! Traduzir *Em busca do Tempo Perdido*, de Proust, foi uma tarefa muito árdua, mas, dessa forma, cresci muito como poeta.

RVL – *Que novos valores o senhor apontaria na poesia brasileira?*

MQ – Estou numa época que, em vista do pouco tempo disponível, apenas releio os velhos autores, sendo os meus prediletos Machado de Assis e o Padre Manuel Bernardes.

RVL – *O senhor está escrevendo algum trabalho novo? Tem algum livro inédito?*

MQ – Tenho um livro em preparo: *Um Dia o Meu Cavalo Voltará Sozinho* (segundo a enfermeira Mara, houve um pedido expresso do poeta para que não se publicasse o livro postumamente, permanecendo, até o momento, inédito).

RVL – *Como é o seu dia-a-dia?*

MQ – Muito bom. Leio, escrevo, vejo muita TV. Adoro filmes de terror e de ficção científica. Ainda não fiquei rico. Só tenho uma aposentadoria e o dinheirinho dos meus livros. Felizmente estou na moda, agora. Mas não sei até quando durará esta minha imortalidadezinha.

~ Poemas selecionados por Mario Quintana

Achados e Perdidos

*Eu conduzo minha poesia como um burro-sem-rabo
Nesta minha Porto Alegre de incríveis subidas e descidas.
Suo como o diabo
E desconfio
Que os meus melhores poemas terão caído pelo caminho...
Mas como saber quais são?!
Alguém por acaso os pegará do chão
E vai ficar pensando que o espantoso achado
Pertence a ele... unicamente a ele!*

São Jorge

*Um dia um papa decretou que São Jorge jamais havia existido.
Meu Deus! a falta que nos faz São Jorge...
Se ninguém se atrever a montar no seu Cavallo Branco,
O Dragão Negro nos apanhará!*

O claro enigma de Mario Quintana

LUCIANO ROSA

No início da década de 1980, o crítico Fausto Cunha afirmava: “Os quintanólogos são poucos, mas conhecem a matéria a fundo.”¹ No último quarto de século certamente se ampliou de modo considerável o círculo de admiradores e estudiosos da obra de Mario Quintana, fato que pode ser facilmente constatado pelas inúmeras homenagens no centenário de nascimento do poeta, comemorado em 2006. O que não surpreende, haja vista a qualidade de sua poesia, iluminada ao longo dos anos por estudos reveladores, entre os quais se destacam os do próprio Fausto Cunha, um dos maiores “quintanólogos”. Naqueles já distantes anos 80, o crítico identificava a causa (ou uma das causas) do pouco interesse que o poeta gaúcho então despertava entre os que se dedicam às questões literárias:

Mestre em
literatura
brasileira pela
Faculdade de
Letras da UFRJ.

¹ CUNHA, Fausto. O último lírico Mario Quintana (prefácio). In: _____. *Melhores Poemas de Mario Quintana*. São Paulo: Global, 1985. p. 10.

“Criou-se entre nós a mística de que só se devem estudar os autores difíceis, constituindo dificuldade, para esse critério, o hermetismo da linguagem, o inusitado do vocabulário e da sintaxe, que de fato permitam elucubrações e interpretações no mais das vezes gratuitas. Não só Mario Quintana, outros poetas e romancistas brasileiros têm pago por parecerem demasiado fáceis para a sede decifratória de nossos especialistas.”²

Desde a estréia de Quintana, com os sonetos de *A Rua dos Cataventos* (1940), a “simplicidade” é reiteradamente aludida como traço fundamental de sua poesia. Esta característica, manifestada tanto na escolha do motivo poético quanto no trato formal dispensado ao texto, saltou aos olhos dos que em algum momento se debruçaram em sua obra. Gustavo Corção, por exemplo, na entusiasmada crítica dedicada a *Poesias* (livro lançado em 1962, que reunia os cinco títulos de Quintana publicados até então), alude à “felicidade [e à] casual facilidade”³ com que leu o volume. Em antológico poema-tributo, Manuel Bandeira afirma: “[...] são simples, invulgares, / Quintana, os teus Quintanares.” Já Paulo Mendes Campos destaca a trivialidade de seu verso: “Os objetos que te impressionam são comuns: a caneta com que escreves, os telhados, as tabuletas, a vitrine do brique. [...] As sensações que te fazem pulsar são as mais cotidianas, como a de um gole d’água bebido no escuro.”⁴ Já Paulo Rónai menciona a “naturalidade total”⁵ e a falta de pedantismo das minimáximas do *Caderno H*. Augusto Meyer, por sua vez, atesta a “cristalinidade”⁶ da obra de Quintana. O próprio Mario ensina que “o verdadeiro poeta faz poesia com as coisas mais simples e corriqueiras deste e dos outros mundos”.⁷ Tantas referências suscitam a questão: como se configura a “simplicidade” na escrita de Quintana?

² Idem, *ibidem*.

³ CORÇÃO, Gustavo. Um encontro com Mario Quintana. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1962.

⁴ CAMPOS, Paulo Mendes. Carta a Mario Quintana. In: ___. *O Anjo Bêbado*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

⁵ RÓNAI, Paulo. O mundo redefinido. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 mar. 1974.

⁶ MEYER, Augusto. O “fenômeno Quintana”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1951.

⁷ QUINTANA, Mario. Da simplicidade. In: ___. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 352.

A resposta mais imediata parece estar no plano da linguagem. O que de pronto chama a atenção quando se lê Mario Quintana é o despojamento do texto poético, seja em verso ou prosa. Sua expressão é límpida, desimpedida de vocábulos raros ou torneios sintáticos. Mais do que pendor natural, a clareza parece ser uma preocupação do poeta, cultivada como recurso que lhe assegure, já no primeiro nível de leitura, a comunicabilidade irrevogável e necessária à plena consumação do fenômeno poético. Muito embora afirme que “a beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras que diz”,⁸ ou ainda que “um poeta vale, feiticeiramente, pelo seu poder encantatório”,⁹ Quintana não descuida da compreensibilidade de seu discurso. Sob o encantamento que não raro emana de sua frase – materializado no ritmo, nas assonâncias, nas aliterações, no jogo de palavras, na poderosa imagística – há uma nítida construção de sentido.

Convém lembrar que nem sempre a decifração de um poema é tarefa simples e de eficácia garantida. Há poetas cuja predileção pelo malabarismo verbal acaba por prejudicar a clareza do texto. Às vezes deparamos com poemas que, interessados tão-somente em embalar com fluidez rítmica e melódica, reduzem-se a uma cantilena envolvente que para alguns se confunde com a própria arte poética; seus versos, no entanto, debatem-se num enunciado de inteligibilidade precária. É o caso dos “Hermetismos”, ironizados por Quintana no *Caderno H*:

“Leitor ideal, mesmo, é o que, quanto menos entende, mais admira. Se não fora essa claqué providencial, o que seria dos autores herméticos? Não seria... Não porque sejam uns farsantes, uns e outros. Eles são assim, já nasceram assim. Uns para os outros.”¹⁰

⁸ _____. Poesia & magia. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 281.

⁹ _____. A fórmula mágica. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. pp. 806-7.

¹⁰ _____. Hermetismos. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 354.

Decerto o leitor de Quintana, habituado ao reconhecimento de um discurso poético a partir da inteligência do texto que o veicula, não tomaria parte nessa “claque providencial”.

Ressalte-se que, no caso de Quintana, o verso fluido não camufla uma poética simplista, tampouco simplória. Ao contrário, sob a comunicação fácil se arquitetava um universo lírico de elaboração sofisticada, permeado de consciência penetrante, repleto de sutilezas e ambigüidades, hábil em conjugar o belo e o singelo. Neste sentido, atento à beleza e à simplicidade capaz de instaurá-la, o poeta compara: “Um poema tanto mais belo é quanto mais parecido for com um cavalo. Por não ter nada de mais nem nada de menos é que o cavalo é o mais belo ser da Criação.”¹¹ Sua escrita, então, parece orientada pelo desejo de incorporar esta simplicidade, identificada como economia de meios na consecução do efeito estético do poema. É o que se depreende em “Eu queria trazer-te uns versos muito lindos”,¹² de *Apontamentos de História Sobrenatural*, em que se articulam componentes fundamentais dos quintanares:

~ Eu queria trazer-te uns versos muito lindos

*Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
colhidos no mais íntimo de mim...
Suas palavras
seriam as mais simples do mundo,
porém não sei que luz as iluminaria
que terias de fechar teus olhos para as ouvir...
Sim! uma luz que viria de dentro delas,
como essa que acende inesperadas cores
nas lanternas chinesas de papel.
Traço-te palavras, apenas... e que estão escritas
do lado de fora do papel... Não sei, eu nunca soube
o que dizer-te*

¹¹ _____. Carta. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 343.

¹² _____. Carta. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 343.

*e este poema vai morrendo, ardente e puro, ao vento
da Poesia...
como
uma pobre lanterna que incendiou!*

Este poema sintetiza vários aspectos da poesia de Mario Quintana. De saída chama atenção a imagem das lanternas chinesas, boa metáfora para essa poética cheia de nuances, assentada em armações leves e sutis, que se acende em cores inusitadas e intensidades as mais diversas. Uma breve análise aponta outros elementos que permeiam toda a sua obra. Os quatro primeiros versos apresentam três linhas-mestras da lírica quintaniana: a busca da beleza, atributo indispensável no jogo de sedução travado com o leitor; o cultivo da subjetividade, a um só tempo fonte de emoção e matriz de uma forma de compor personalíssima; e a simplicidade como garantia de comunicação. Se a beleza é, via de regra, desejo de toda criação artística, o subjetivismo e a simplicidade representam traços que, a critério de cada autor, podem ou não condicionar sua forma de expressão. Na obra de Quintana, a emoção e outros elementos “colhidos no mais íntimo” do poeta assumem importância capital, como deixa entrever a seguinte sentença do *Caderno H*: “Sempre achei que a semente de onde germina um poema é uma interjeição. Isto é, um sentimento muito elementar, instintivo. Mas um sentimento, sempre.”¹³ Tal impressão também está na “Carta”, publicada no mesmo *Caderno H*, em que se lê: “Todo poema é, para mim, uma interjeição ampliada; algo de instintivo, carregado de emoção. [...] Deve, sim, trazer uma carga emocional.”¹⁴ Em passagem de *A Vaca e o Hipogrifo*, o poeta indica as características do “belo verso”: “ritmo e emoção – sem o que, meu caro senhor, não há poesia”.¹⁵ No mesmo fragmento afirma: “[...] não nos toca a poesia feita a frio, de fora para dentro, mas a que nos surge do coração como um grito, seja de amor, de dor, de ódio, espanto ou encantamento.”

¹³ _____. Poesia & interjeição. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 307.

¹⁴ Idem, p. 11.

¹⁵ _____. Poesia & emoção. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 525.

Envolta em linguagem singela, a emotividade latente nos quintanares se revela de maneira sutil, como, por exemplo, em “Eu queria trazer-te uns versos muito lindos”. O poema sugere uma atmosfera evanescente, na qual se misturam afeto brando e tristeza suave, o que lhe confere uma delicadeza de resto encontrada em toda a obra do poeta. Talvez a escolha das “palavras mais simples do mundo” se justifique por comunicar de modo mais eficiente a emoção – no caso de Quintana revestida de certa ternura – que o poeta reputa essencial na expressão lírica. Segundo o poema, quando articuladas nos domínios da poesia, tais palavras adquirem luminosidade peculiar – sonora, não visual, como insinua a sinestesia do sexto verso –, cuja natureza não se distingue com precisão. Não obstante, é essa luz misteriosa, de “inesperadas cores”, que ilumina os “versos lindos” aludidos na linha inicial.

Adiante, o poema (ou a arte poética, por extensão) ganha contornos de manifestação precária e vã, de vez que seu lastro seriam *apenas* palavras trazidas por alguém que “nunca soube / o que dizer”. A palavra poética se transmudaria, assim, numa espécie de fogo-fátuo, de brilho intenso e fugaz, semelhante à chama que ilumina as lanternas de papel. Por fim, a efemeridade e a autoconsumição extinguiriam poema e lanterna: um “vai morrendo, ardente e puro”, a outra se incendia. No entanto, à margem de quaisquer parâmetros utilitários de valoração, o poema e a lanterna de papel se irmanam a partir de uma existência definida e justificada tão-somente pela beleza fulgurante que deles irrompe, fonte real do poder encantatório de que nos fala Quintana, poder que ele próprio maneja com mestria. Se o lampejo da criação poética é aqui referido como cintilação que incandesce as palavras “mais simples do mundo”, de outra feita o poeta evidencia-lhe o condão de expandir-se e intensificar-se, a ponto de transcender sua própria transitoriedade e fixar o instante. É o que afirma uma breve sentença de *Porta Giratória*, intitulada (de modo bastante significativo) “Poesia”: “Às vezes tudo se ilumina de uma intensa irrealidade, e é como se agora este pobre, este único, este efêmero minuto do mundo estivesse pintado numa tela, sempre...”¹⁶

¹⁶ _____. Poesia. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 833.

Tal qual em “Eu queria trazer-te...”, o gosto pelo verso fluente revela-se em “De gramática e de linguagem” (de *Apontamentos De História Sobrenatural*), cujo desfecho confirma a aposta no poema para ser desfrutado:

*Eu sonho com um poema
Cujas palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca.*¹⁷

Diferentemente de João Cabral de Melo Neto, que preferia o verso como “um grão imastigável, de quebrar dente”,¹⁸ Quintana assume outra postura ante o exercício da escrita e a expectativa de fruição de sua poesia. O intuito de oferecer “palavras sumarentas” reafirma-se a cada poema, a cada convite para que o leitor saboreie a “polpa de fruto maduro” e se nutra de seu sumo lírico.

A predileção pela expressão simples se ratifica pela crítica a certos artificialismos responsáveis pelo obscurecimento do texto. Em passagem de *Sapato Florido*, o poeta refere com humor *nonsense* um “Trágico acidente de leitura”, provocado por uma palavra pouco usual que se transfigura na própria “pedra no meio do caminho”:

“Tão comodamente que eu estava lendo, como quem viaja num raio de lua, num tapete mágico, num trenó, num sonho. Nem lia: deslizava. Quando de súbito a terrível palavra apareceu, apareceu e ficou, plantada ali diante de mim, focando-me: ABSCÔNDRITO. Que momento passei! [...] O terrível silêncio do condenado ante o pelotão do fuzilamento, quando os soldados dormem na pontaria e o capitão vai gritar: – Fogo!”¹⁹

¹⁷ _____, De gramática e de linguagem. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 435.

¹⁸ NETO, João Cabral de Melo. Catar feijão. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2003. pp. 346-7.

¹⁹ QUINTANA, Mario. Trágico acidente de leitura. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 174.

Na alegoria proposta, o deslocamento súbito e radical do leitor para a posição de condenado na iminência da execução dá a medida de como o poeta percebe o grau de embaraço dos maneirismos que de alguma forma obstam a clareza do texto. Daí a preocupação de não transmitir ao leitor desconforto semelhante ao experimentado no episódio. A propósito, ressalte-se a escolha nada casual do preciosismo que lhe estorva a leitura: segundo o *Aurélio*, “abscôndito” significa, como adjetivo, “escondido, oculto”; como substantivo, “coisa secreta; segredo”. Para o *Houaiss*, pode significar “de difícil compreensão”. Subliminarmente, para além da perturbação deflagrada por uma palavra incomum, a repulsa ao “abscôndito” incide sobre o que de obscuro ou ininteligível pode haver no texto.

O repúdio à retórica postiça é registrado amiúde na obra de Quintana, no mais das vezes em anotações coalhadas de ironia. É o que se observa em “O trágico acidente”²⁰ (esse, enfeixado em *A Preguiça como Método de Trabalho*, estabelece imediata correlação com o escrito quase homônimo de *Sapato Florido*). Desta vez, o “desastre” é provocado por certa construção frasal – “Isso ensina-la-á a atacar” – que o assalta durante a “leitura de um belo livro” e que o leva a comentar: “Fura-me literalmente os ouvidos esta derrapagem fatal”. Em “Triste história” (de *Porta Giratória*), outro chiste disparado contra a expressão afetada e desnatural, diametralmente oposta ao coloquialismo de sua dicção:

“Há palavras que ninguém emprega. Apenas se encontram no dicionário como velhas caducas num asilo. Às vezes uma que outra se escapa e vem luzir-se desdentadamente, em público, nalguma oração de paraninfo. Pobres velhinhas... Pobre velhinho!”²¹

O palavrório engalanado, metaforizado no barroquismo usual dos discursos de paraninfo, enseja também a imprecisão bem-humorada de “Palavras e palavrões”, de *Porta Giratória*:

²⁰ _____. O trágico acidente. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 716.

²¹ _____. Triste história. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 784.

“Se você recorrer a um dicionário a fim de catar palavras difíceis para um discurso de paraninfo ou outras barbaridades, quando chegar a sua hora, cairá de chofre no inferno e os demônios o xingarão com palavrões que por enquanto ainda não existem na face da terra.”²²

O interesse pelo cotidiano, legado modernista que constitui a pedra de toque da obra de Mario Quintana, se manifesta de diversas maneiras em sua poética. Para além da linguagem corrente, a inclinação para as coisas simples revela-se também – de modo ainda mais definitivo – quando o poeta consagra sua atuação lírica ao homem comum, conforme se vê nos versos iniciais do poema emblematicamente intitulado “Dedicatória”,²³ de *A Cor do Invisível*:

Dedicatória

*Quem foi que disse que eu escrevo para as elites?
Quem foi que disse que eu escrevo para o bas-fond?
Eu escrevo para a Maria de Todo o Dia.
Eu escrevo para o João Cara de Pão.*

O compromisso poético de Quintana firma-se, então, com a vida que se constrói todos os dias, mediana e corriqueiramente, em torno de personagens comuns e situações triviais, o que decerto influencia de forma determinante sua expressão. Natural, pois, que a transfiguração lírica desse cotidiano se opere, no plano da linguagem, por meio de um estilo coloquial e acessível, conforme o poeta consigna nos derradeiros versos de “Dedicatória”:

*E por isso as minhas palavras são quotidianas como o pão nosso de cada dia
E a minha poesia é natural e simples como a água bebida na concha da mão.*

²² _____. Palavras e palavrões. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 707.

²³ _____. Dedicatória. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 862

Repita-se que o verso coloquial, apropriado ao registro poético do cotidiano, não reflete, em absoluto, uma poesia de poucos recursos ou efeito estético limitado. Ao propor a linguagem clara em lugar do “abscondito”, Quintana opta pela simplicidade como mecanismo eficaz de interlocução com o destinatário de seus versos – a “Maria de Todo o Dia”, “o João Cara de Pão”. Diga-se, no entanto, que, nesta poesia aberta a tantos desdobramentos, a investigação do que nela há de “simples” não a explica ou traduz de modo total. Como bem assinalou Fausto Cunha, quando abordamos a obra do poeta, “estamos diante de um artesão irônico e astuto, com grande domínio de seu instrumento de trabalho”.²⁴ Ele sabe que “a comunicação poética, no seu mais profundo sentido, [...] é subliminar”,²⁵ mas não ignora que a clareza da expressão é atributo que franqueia o acesso às várias camadas de significado latentes na (boa) poesia. É dessa consciência que surge sua simplicidade, porta de entrada para múltiplas possibilidades de leitura, o que é próprio do texto literário de boa cepa. Aprendiz de feiticeiro – ou melhor, mestre dos sortilégios da palavra –, Quintana soube decifrar com “olhos de ver” tantos enigmas “deste e dos outros mundos”, fazendo de seus quintanares, como disse Drummond, “uma tradução para o simples de muitos mistérios”.²⁶

²⁴ CUNHA, Fausto. Poesia e poética de Mario Quintana. In: _____. *A Leitura Aberta: estudos de crítica literária*. Rio de Janeiro: Cátedra / INL, 1978.

²⁵ QUINTANA, Mario. Natureza. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005. p. 328.

²⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. O poeta Quintana. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 jan. 1966.

Duas cartas inéditas de Machado de Assis

MÁRIO ALVES DE OLIVEIRA

Foi em Portugal, em 1999, ao pesquisar o acervo literário de Júlio César Machado (1835-1890), tido por muitos como o maior folhetinista lusitano do século XIX, que encontramos duas cartas que lhe foram dirigidas por Machado de Assis. E ainda que elas pouco acrescentem ao perfil do nosso grande romancista, não nos parece justo deixá-las esquecidas.

O espólio de Júlio César Machado era vasto e fora legado ao grande jurista Vicente Rodrigues Monteiro por D. Maria das Dores Silva Machado, sua prima por afinidade e viúva do escritor, falecida a 10 de novembro de 1901 na aldeia de A-dos-Ruivos, no concelho de Bombarral, a 75 quilômetros de Lisboa.

Posteriormente, mas sempre dentro da família, o espólio dividiu-se em duas partes, sendo que a maior delas acabaria por ser doada em 1971 pela Sra. Maria Betina Basto da Cunha Monteiro, nora do citado jurista, ao Museu Municipal de Bombarral. E foi ali, em meio a volumosa correspondência que inclui nomes como os de

Victor Hugo, Giuseppe Verdi e Ramalho Ortigão, que nos foi dada a sorte de achar uma das cartas de Machado de Assis (a que trata do Dr. Alvarenga), de que tivemos oportunidade de obter fotocópia.

Quanto à segunda parte do espólio, menor mas não menos importante, encontra-se em Lisboa. Pertence aos Andrade e Sousa, também descendentes de Vicente Rodrigues Monteiro, cuja neta, a escritora Maria Filomena Monteiro de Andrade e Sousa, nos permitiu examinar o acervo de Júlio César Machado e copiar a breve e bela carta com que Machado de Assis agradece os elogios ao seu livro *Falenas*. Eis as duas cartas, em que fizemos algumas atualizações ortográficas, e às quais juntamos umas notas que esclarecem certos pontos:

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1871

Meu caro Júlio César Machado.

Não sei de que modo lhe agradeça o magnífico e mais que benévolo artigo da “América” a respeito das minhas “Falenas”. De longe, e há muito, admirava o seu talento vivaz e brilhante. Era porém uma homenagem do espírito. Fala-lhe agora a voz do coração, de um coração que é seu, porque uma voz benévola que nos vem de tão longe só não cativaria um ingrato, e não o é nem o será nunca este seu admirador.

*Machado de Assis.*¹

¹ 1) O artigo elogioso saíra em março de 1871 em *A América*, de Lisboa. 2) No original, no trecho “... porque uma voz benévola...”, fica-se em dúvida se é *uma* ou *sua*. 3) Não foi possível fotocopiar a carta, mas a copiamos fielmente, com todo cuidado.

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1872.

Regressa brevemente a Portugal o Dr. Alvarenga, com quem, por intermédio de V. Ex.^a, travei relações que sobremaneira me honraram e de que me não hei de esquecer. Sua vasta capacidade e a nomeada que tão justamente goza na Europa, já de si o designavam à minha admiração; mas eu estimei especialmente a circunstância de me ser apresentado por um homem do talento e do caráter de V. Ex.^a, a quem de longe admiro e preso. Unicamente lastimo não lhe ter podido prestar todos os serviços a que tem direito o ilustre professor, seu compatriota, e meu também, pois que viu a luz em terras brasileiras.

O Dr. Alvarenga leva da minha parte muitas e muitas recomendações a V. Ex.^a.

Não sei se já terá recebido um romance meu, há algum tempo enviado por intermédio do meu amigo o Sr. Conselheiro J. F. de Castilho. Vale pouco; mas, como dizia um patricio meu ao ilustre Garrett, – o coração só dá bagatelas.

Como sempre, seu admirador e amigo

*Machado de Assis.*²

² 1) O Dr. Alvarenga é Pedro Francisco da Costa Alvarenga, nascido no Piauí, um dos maiores nomes da medicina portuguesa no século XIX. Dele, diz o *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio Francisco da Silva, que pertencia a mais de 30 sociedades médicas fora de Portugal. Era fundador e redator da *Gazeta Médica de Lisboa*, e agraciado com títulos e comendas de vários países. Sua viagem ao Brasil resultou em livro, publicado em 1873. Faleceu em Lisboa a 14 de julho de 1883. 2) O romance enviado a Júlio César Machado seria forçosamente *Ressurreição*, saído no mesmo ano da carta, 1872, único no gênero que o escritor publicara até então. Quanto ao Conselheiro, trata-se de José Feliciano de Castilho, que vivia no Brasil desde 1847. Era irmão do célebre poeta português Antônio Feliciano de Castilho, e foi sempre muito ligado a Machado de Assis, que em 1866 chegou a dedicar-lhe “*Os deuses de casaca*”. 3) a) Provavelmente por distração, Machado de Assis inicia a carta sem citar o destinatário, passando diretamente da data para “*Regressa brevemente...*” b) Fica-se em dúvida sobre o dia da carta, mas parece ser mesmo 23. c) Machado de Assis faz alusão a uma frase que aparece em dedicatória do poeta brasileiro José Maria do Amaral a Almeida Garrett: “*O coração nunca oferece senão bagatelas; as dádivas suntuosas são do amor-próprio.*”

**PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n. 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Nelson Pereira dos Santos
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Hélio Jaguaribe
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Afonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Zélia Gattai
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domício Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	José Mindlin
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Moacyr Scliar
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT.





Revista Brasileira

FASE VII 🍀 JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO 2007 🍀 ANO XIII 🍀 N.º 50

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.

MACHADO DE ASSIS

ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS 2007

DIRETORIA

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*
Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*
Segundo-Secretário: *Domício Proença Filho*
Diretor Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

MEMBROS EFETIVOS

Affonso Arinos de Mello Franco,
Alberto da Costa e Silva, Alberto
Venancio Filho, Alfredo Bosi,
Ana Maria Machado, Antonio Carlos
Secchin, Antonio Olinto, Ariano
Suassuna, Arnaldo Niskier,
Candido Mendes de Almeida,
Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar,
Celso Lafer, Cícero Sandroni,
Domício Proença Filho, Eduardo Portella,
Evanildo Cavalcante Bechara, Evaristo de
Moraes Filho, Pe. Fernando Bastos de
Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira,
Ivo Pitanguy, João de Scantimburgo,
João Ubaldino Ribeiro, José Murilo de
Carvalho, José Mindlin, José Sarney,
Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles,
Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça,
Moacyr Scliar, Murilo Melo Filho,
Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos,
Paulo Coelho, Sábato Magaldi,
Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha,
Zélia Gattai.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR

João de Scantimburgo

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Nejar, Arnaldo Niskier,
Lêdo Ivo, Alfredo Bosi

PRODUÇÃO EDITORIAL

Nair Dametto

ASSISTENTE EDITORIAL

Monique Cordeiro Figueiredo Mendes

REVISÃO, INDEXAÇÃO E
CONSOLIDAÇÃO

EQUIPE DA BIBLIOTECA ACADÊMICA

LÚCIO DE MENDONÇA (BALM):

Alice Maria Magalhães Gianoti, Aurileide
Freitas Deppe da Costa, Luiz Antônio de
Souza, Paula Lima de Freitas Gomide,
Suzie Helena Soares Pires, Tatiana de
Almeida e André Saman.

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Av. Presidente Wilson, 203 – 4^a andar
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021
Telefones: Geral: (0xx21) 3974-2500
Setor de Publicações: (0xx21) 3974-2525
Fax: (0xx21) 2220-6695
E-mail: publicacoes@academia.org.br
site: <http://www.academia.org.br>
As colaborações são solicitadas.



Revista Brasileira

FASE VII 🍀 JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO 2007 🍀 ANO XIII 🍀 N.º 50

Índice acumulado da
Fase VII – N.ºs I a 50
Outubro de 1994 a março de 2007



Nota explicativa

Com o objetivo de reunir a contribuição literária contida nos cinquenta – 50 – números da REVISTA BRASILEIRA, FASE VII, publicada pela Academia Brasileira de Letras, dirigida pelo Acadêmico João de Scantimburgo, foi elaborado este índice que abrange os números – I, out./nov./dez. 1994, ao número 50 jan./fev./mar. de 2007. Coube a Nair Dametto a indexação dos números I a 36; os outros 14 (37 a 50), bem como a consolidação e revisão do índice, ficaram a cargo da equipe da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça.

Este índice complementa o índice iniciado por Plínio Doyle, no volume *História de Revistas e Jornais Literários*, que abrangeu as fases anteriores, inclusive a de (1975-1980), dirigida por Josué Montello.

Foram considerados, para efeito de registro, os números e páginas, nessa ordem, por possuírem uma seqüência lógica.

O arranjo é alfabético e em VERSAL-VERSALETE o sobrenome dos autores, sendo que a maioria deles aparece também como assunto. Nesse caso há uma variação na impressão tipográfica.

Ex.:

ASSIS, Machado (como autor)

Joaquim Nabuco e Machado de Assis – Correspondência. n. 19, 131-157

ASSIS, Machado de (como assunto)

Cartas de Graça Aranha n. 4, 133-147

A presente publicação é fundamental para a recuperação das informações contidas nos 50 números, publicados ao longo dos últimos 13 anos. Ademais, é quase certo que o pesquisador e o estudioso da literatura brasileira, de um modo geral, encontrarão importantes subsídios para a realização de seus estudos, pois assim como nas fases precedentes, foram publicados artigos, ensaios, monografias e trechos de livros, imprescindíveis à compreensão da literatura e cultura nacional.

Índice acumulado da Fase VII – N.ºs I a 50

Outubro de 1994 a março de 2007

A

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

- 7 poemas inéditos – Rodolfo Alonso n. 50, 151-161
- A ABL e a consciência nacional – Miguel Reale. n. 34, 11-13
- A Academia Brasileira de Letras – Miguel Reale n. 11, 44-50
- A Academia Brasileira de Letras e o *Jornal do Commercio*
– João Luso – Guardados da Memória. n. 32, 309-313
- A formação da Academia – Joaquim Nabuco, n. 11, 8-17
- A inauguração da Academia – Discurso de Machado de Assis . . n. 11, 7
- A missão da Academia n. 19, 7-17
- A missão da Academia Brasileira de Letras na defesa da
língua portuguesa – Arnaldo Niskier n. 31, 35-53
- Afrânio Peixoto e a Academia Brasileira de Letras –
Alberto Venancio Filho n. 11, 65-100
- Antônio José da Silva: seu percurso e o juízo da Academia
– Paulo Roberto Pereira n. 45, 131-142
- As mulheres na Academia – Alberto Venancio Filho. n. 49, 7-43
- Atividades da Academia – Celso Furtado n. 34, 9-10
- Breve história de tenacidade e imaginação – Antonio F. de
Bulhões Carvalho. n. 14, 20-24
- Breve histórico da ABL n. 11, 134-143

Clementino Fraga na Academia – Assis Chateaubriand – Guardados da Memória	n. 28, 167-169
Como nasceu o ritual da visita aos acadêmicos – M. Pio Corrêa – Guardados da Memória	n. 25, 188-189
Construção de nova sede da Academia Brasileira de Letras	n. 12, 293-298
Culto da Imortalidade – João de Scantimburgo	n. 42, 5-6
Discurso de inauguração do retrato de Rachel de Queiroz – Ubiratan Aguiar	n. 50, 15-25
Discurso de posse na presidência da ABL – Marcos Vinícios Vilaça	n. 50, 7-10
Discurso de Roberto de Athayde	n. 12, 307-309
Era de Austregésilo na Academia – Rachel de Queiroz	n. 12, 269-271
Está aberta a sessão – Lygia Fagundes Telles	n. 11, 61-64
Fidélis, o São Pedro da Academia – Joel Silveira e Francisco de Assis Barbosa – Guardados da Memória	n. 26, 165-173
Galeria dos acadêmicos (falecidos) desde a fundação da ABL (até 1997)	n. 11, 145-149
Homenagem do Senado Federal pelo centenário da ABL	n. 11, 18-34
Inauguração da galeria dos ex-presidentes da ABL – Tarcísio Padilha	n. 50, 11-13
Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Souza Coutinho	n. 46, 301-320
Lúcio de Mendonça e a Fundação da Academia Brasileira de Letras – Alberto Venancio Filho	n. 38, 9-28
Machado de Assis e a Academia – Domicio Proença Filho	n. 40, 99-130
Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal – Eros Roberto Grau	n. 47, 21-39
Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal: discurso – Marcos Vinícios Vilaça	n. 47, 40-42
Memórias – doação do Petit Trianon – Afrânio Peixoto – Guardados da Memória	n. 44, 243-247
O “demônio” da Academia – Assis Chateaubriand – Guardados da Memória	n. 48, 271-275
O conflito da Academia – Josué Montello	n. 27, 117-125
O paciente da febre verde – João de Scantimburgo	n. 27, 133-151
O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio Filho	n. 47, 43-69
Os 250 anos do livro júbilos da América da Academia dos seletos – Paulo Roberto Pereira	n. 42, 209-217
Palácio Austregésilo de Athayde – Discurso do acadêmico Evaristo de Moraes Filho	n. 12, 301-305

- Palácio Austregésilo de Athayde: um sonho tornado realidade
 – Donald Stewart Júnior. n. 17, 46-49
- Por quê Pitanguy na Academia – Austregésilo de Athayde n. 12, 114-115
- Reminiscências acadêmicas – Afonso Celso – Guardados da
 Memória n. 2, 167-171
- Rubén Dario na Academia Brasileira – João Ribeiro –
 Guardados da Memória n. 1, 123-131
- Visita do Ministro da Educação Paulo Renato de Souza
 à ABL. n. 8, 230-237
- Visita do Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza,
 à Academia Brasileira. n. 8, 230-237
- ACCIOLLY, Marcus**
 Cinco poemas. n. 2, 143-147
- Da fonte à foz do dilúvio. n. 46, 285-287
- Sextina a Marcos Vilaça. n. 42, 247-248
- Sinos para Marcantonio. n. 39, 265-266
- ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de**
 Coronel, Coronéis no 40.º aniversário de seu lançamento: obra
 de Marcos Vilaça e Roberto Cavalcanti de Albuquerque
 – Tarcísio Padilha. n. 47, 131-133
- O caminhão, a circulação das idéias e o poder dos coronéis
 no Nordeste – Afrânio Garcia Junior. n. 39, 83-99
- Sobre a nova edição de Coronel, coronéis – I – Alberto da
 Costa e Silva n. 35, 99-102
- Sobre a nova edição de Coronel, coronéis – 2 – Gilberto
 Velho. n. 35, 103-104
- ALENCAR, José de**
 A polêmica entre Joaquim Nabuco e José de Alencar –
 Leodegário A. de Azevedo Filho n. 19, 69-80
- José de Alencar e a língua do Brasil – Evanildo Bechara n. 28, 73-93
- ALENCAR, Mário de**
 Entrevista de Mário de Alencar – Guardados da Memória n. 18, 152-156
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de**
 Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio
 de Moraes – 2001. n. 28, 108-113
- ALIGHIERI, Dante**
 A divina comédia – Canto Primeiro – Tradução de Oscar
 Dias Corrêa n. 9, 116-129

A divina comédia – Canto XXXIII – Tradução de Oscar

Dias Corrêa n. II, 152-165

ALMEIDA, Agassiz

Celso Furtado: legenda dos tempos..... n. 45, 107-111

ALMEIDA, Candido Mendes de ver MENDES, Candido

ALMEIDA, Guilherme de

Antologia poética:

- A ânfora de argila..... n. 15, 108
A dança das horas..... n. 15, 102-103
A hóspede..... n. 15, 153
A lição..... n. 15, 156
A rua das rimas..... n. 15, 142-143
A tentação..... n. 15, 111-112
A visita..... n. 15, 166
Abracadabra..... n. 15, 128-130
Acalanto..... n. 15, 165
Acalanto de Bartira..... n. 15, 178-191
Álibi..... n. 15, 162
As estâncias..... n. 15, 113-144
As três coroas..... n. 15, 131-132
Balada do solitário..... n. 15, 92
Boite..... n. 15, 174
Branca rosa..... n. 15, 168-169
Canção entre parêntesis..... n. 15, 141
Canção sem importância..... n. 15, 148
Cantiga dos olhos que choram..... n. 15, 139-140
Carta ao meu amor..... n. 15, 149-152
Concepção..... n. 15, 124
Do amor..... n. 15, 160
Dona Tareja..... n. 15, 170-171
Dor oculta..... n. 15, 99
É minha vida!..... n. 15, 135-136
Epígrafe..... n. 15, 119
Era uma vez... .. n. 15, 115
Essa que eu hei de amar... .. n. 15, 95
Esta vida..... n. 15, 96-97
Felicidade..... n. 15, 100
Haicais..... n. 15, 159
Harmonia vermelha..... n. 15, 105
Mandinga..... n. 15, 125

Minha mãe	n. 15, 177
Modinha do pernilongo	n. 15, 146-147
Mormaço	n. 15, 123
Narciso	n. 15, 117-118
O atropelado	n. 15, 172
O cântico dos cânticos	n. 15, 109-110
O ciúme	n. 15, 106
O domador	n. 15, 120
O estrangeiro	n. 15, 138
O foragido	n. 15, 94
O herói	n. 15, 93
O ídolo suave	n. 15, 104
O indiferente	n. 38, 203-204
Oferenda	n. 15, 107
Onda	n. 15, 144-145
Os desconhecidos	n. 15, 116
Poema interjetivo	n. 15, 163
Por quê?	n. 15, 154
Prelúdio no I	n. 15, 122
Pronto socorro	n. 15, 173
Raça	n. 15, 126-127
Reprise	n. 15, 164
Rondó do muito triste	n. 15, 176
Rosamor	n. 15, 175-176
Saudade	n. 15, 98
Segunda canção do peregrino	n. 15, 155
Silêncio	n. 15, 121
Simple toada	n. 15, 161
Simplicidade, felicidade	n. 15, 91
Soneto único	n. 15, 167
Soneto X	n. 15, 157
Soneto XVI	n. 15, 101
Soneto XVII	n. 15, 158
Velocidade	n. 15, 133-134
Versos brancos	n. 15, 137

Prosa:

A paineira de Euclides – Guardados da Memória	n. 30, 217-218
A poesia de “ <i>Os sertões</i> ” – Guardados da Memória	n. 30, 205-215
O último heleno: (Coelho Neto) – Guardados da Memória	n. 18, 157

Traduções poéticas:

De F. Arvers, C. Baudelaire, S. Prudhomme, Verlaine e F. Villon	n. 4, 112-121
--	---------------

ALMEIDA, Guilherme de

O poeta Guilherme de Almeida – Antonio Olinto. n. 15, 83-90

ALMEIDA, Manuel Antônio

Salvo melhor juízo – Josué Montello n. 13, 55-59

ALMEIDA, Miguel Osório de

Cinquentenário da morte de Miguel Osório de Almeida. n. 39, 213-245

Depoimento – Alberto Venancio Filho n. 39, 213-236

Miguel Osório – Ivo Pitanguy. n. 39, 243-245

Miguel Osório de Almeida: o médico, escritor e pesquisador

– Augusto Paulino Netto n. 39, 237-242

ALONSO, Rodolfo

7 poemas inéditos. n. 50, 151-161

ALVARENGA, Octavio Mello

Afonso Arinos e o retrato de noiva n. 26, 81-102

Saudação a Affonso Arinos de Mello Franco n. 26, 103-107

ALVES, Constâncio

Herma de Machado de Assis – Guardados da Memória n. 18, 158-161

O meu Laet – Guardados da Memória n. 14, 157-163

Os livros vão e não voltam – o que se encontra dentro deles

– Guardados da Memória. n. 44, 249-256

Rio Branco – Guardados da Memória n. 46, 341-345

ALVES, Castro

Castro Alves e as bandeiras de conveniência – M. Pio Corrêa. . . n. 25, 164-165

Castro Alves e seu canto do sertão – Fernando Sales n. 23, 44-62

Uma fonte de Castro Alves – Josué Montello – Guardados

da Memória n. 27, 221-226

ALVES, Dário Moreira de Castro

A idade da eternidade (Carlos Nejar) n. 28, 95-101

Sobre o Eça, no Brasil, com amor!. n. 31, 211-22

ALVES, João Luís

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa

Coutinho n. 46, 301-320

Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal – Eros

Roberto Grau n. 47, 21-39

O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio

Filho. n. 47, 43-69

AMADO, Genolino

- Eia, eia, Genolino, avante – Austregésilo de Athayde n. 12, 110-112
 Genolino Amado e crônica literária – Carlos Heitor Cony n. 33, 127-136
 Genolino e a tradição da crônica – Antonio Olinto n. 33, 119-125
 O amado Genolino – Arnaldo Niskier n. 33, 107-118
 Um menino sergipano – Austregésilo de Athayde n. 12, 109-110

AMADO, Gilberto

- A propósito de Canudos: Machado de Assis e Gilberto Amado
 – Sergio Paulo Rouanet n. 6, 40-47

AMADO, Jorge

- Jorge, o feiticeiro – Austregésilo de Athayde n. 12, 95-97
 Nosso Dickens – José Guilherme Merquior n. 29, 161-165
 O dengo que o Amado tem – Ana Maria Machado n. 49, 91-96

AMARAL, Amadeu

- Poesia de ontem e de hoje – Guardados da Memória n. 5, 88-93

AMARAL, Roberto

- Variações em torno do discurso (a propósito de um sermão
 de Vieira) n. 5, 22-28

AMPARO, Flávia Vieira da Silva do

- A redescoberta do feminino em Quaderna de João Cabral de
 Melo Neto n. 49, 169-181

ANCHIETA, Pe. José de

- A Companhia de Jesus e a colonização do Brasil – Eduardo
 Prado n. 13, 23-53
 A poesia ao Divino do Padre Anchieta – Nicolas Extremera
 Tapia n. 4, 38-65
 A produção literária de Anchieta em português, espanhol e
 língua geral – Leodegário A. de Azevedo Filho n. 18, 71-79
 Anchieta e a comunicação – Pe. Hélio A. Viotti S.J. n. 4, 66-73
 Anchieta e o Poema da Virgem – Leodegário A. de Azevedo
 Filho n. 22, 139-151
 Anchieta, a literatura novilatina e o Barroco – Leodegário
 A. de Azevedo Filho n. 13, 71-80
 Anchieta, paradigma do clero brasileiro – Pe. Hélio Abranches
 Viotti S.J. n. 13, 61-69
 Anchieta: os quatro centenários – Armando Alexandre dos
 Santos n. 13, 81-95
 Exegese anchietana – Leodegário A. de Azevedo Filho n. 20, 48-58

O educador José de Anchieta – Arnaldo Niskier	n. 22, 42-53
O santo poeta Anchieta – Pe. Armando Cardoso S.J.	n. 13, 105-128
Significação nacional do centenário anchietano – Joaquim Nabuco	n. 13, 9-22

ANDERSEN, Sophia de Mello Breyner

Sophia de Mello Breyner Andersen: na respiração do azul e da luz – Maria João Coutinho	n. 45, 91-97
--	--------------

ANDRADE, Carlos Drummond de

Poemas clássicos:

Confidência do itabirano	n. 36, 223
José	n. 36, 224-226
No meio do caminho	n. 36, 226
Poema de sete faces	n. 36, 221-222
Soneto da perda da esperança	n. 36, 222-223

ANDRADE, Carlos Drummond de

Alguma prosa de Drummond – João Adolfo Hansen	n. 32, 139-181
Carlos & Mário: encontros – Lélia Coelho Frota	n. 36, 85-106
Drummond e Machado de Assis: uma filosofia da dúvida (ou o ceticismo irônico) – Marcos Almir Madeira	n. 36, 157-163
Drummond: a máquina do mundo na máquina do poema – Carlos Nejar	n. 36, 75-84
Drummond: um poeta além do tempo – Affonso Romano de Sant’Anna	n. 36, 107-128
Itinerário poético de Drummond – Afonso Arinos Filho	n. 36, 129-155
O privilégio de ler Drummond – Gilberto Mendonça Teles	n. 32, 81-137

ANDRADE, Mário de

Carta de Mario de Andrade à Carlos Lacerda – Guardados da Memória	n. 39, 273-280
Noturno de Belo Horizonte	n. 38, 205-219

ANDRADE, Narciso de

Narciso de Andrade, o poeta do vento e das maresias – Adeldo Gonçalves	n. 41, 207-225
--	----------------

ANJOS, Augusto dos

Poemas célebres	n. 9, 135-151
---------------------------	---------------

ANJOS, Augusto dos

Augusto dos Anjos: eterno e universal – Murilo Melo Filho	n. 9, 130-134
Augusto dos Anjos: universal e eterno – Murilo Melo Filho	n. 44, 81-93

ANJOS, Cyro dos

- Cyro dos Anjos ficcionista e memorialista – Antonio Olinto . . . n. 47, 70-74
 Cyro dos Anjos e o romance – Lêdo Ivo n. 47, 75-78

ANTUNES, José Pinto

- O liberalismo de José Pinto Antunes – Roque Spencer Maciel
 de Barros n. 22, 107-114

ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de

- A ruína e a selva: a teoria literária de Domingos José Gonçalves
 de Magalhães – Lêdo Ivo n. 2, 22-29
 Paris, berço do Romantismo brasileiro: Gonçalves de
 Magalhães e Araújo Porto-Alegre – Massaud
 Moisés. n. 43, 67-81

ARANHA, Graça

- A vida realista de Antônio Prado – Guardados da Memória. . . . n. 18, 162-188
 Cartas a Machado de Assis – Guardados da Memória. n. 4, 133-147

ARANHA, Graça

- Ruptura e tradição – Austregésilo de Athayde n. 12, 106-108

ARAÚJO, Paulo Cabral de

- Discurso – Centenário de Austregésilo de Athayde e cinqüentenário
 da Declaração Universal dos Direitos do Homem – Sessão
 comemorativa do Tribunal Federal da 5.ª Região n. 18, 27-33

ARAÚJO, Pedro Ernesto de

- Dois poemas. n. 40, 219-221

ARINOS, Afonso ver FRANCO, Afonso Arinos de Melo

ARINOS, filho, Afonso

- Bernanos, Virgílio e Afonso. n. 43, 83-91
 Carlos Castello Branco. n. 36, 61-66
 Depoimento – 20.º aniversário de falecimento de Alceu
 Amoroso Lima. n. 39, 199-205
 Depoimento – 90.º aniversário de Evandro Lins e Silva n. 33, 147-151
 Itinerário poético de Drummond n. 36, 129-155
 Lembranças de Otto Lara Resende n. 36, 171-175
 Magalhães de Azeredo e Afonso Arinos n. 29, 245-246
 Morcegos e goiamuns – Uma apresentação n. 26, 153-154
 Nabuco, acadêmico e diplomata n. 40, 77-98

ARINOS, filho, Afonso

- Saudação a Affonso Arinos de Mello Franco
 – Octavio Mello Alvarenga. n. 26, 103-107

ARVERS, Félix

Sonnet imité de l'italien – Soneto imitado do italiano n. 4, 114-115

ASSIS, Machado de

A morte de Eça de Queirós – Guardados da Memória n. 38, 307-308

Discurso – A inauguração da Academia n. 11, 7

Joaquim Nabuco e Machado de Assis (correspondência)

– Guardados da Memória n. 19,
131-157)

Soneto de Natal – Guardados da Memória n. 17, 189

ASSIS, Machado de

“O jogo do bicho” e a clarividência machadiana – Rubens

Eduardo Ferreira Frias n. 39, 105-118

A filosofia na obra de Machado de Assis – Miguel Reale n. 44, 7-33

A propósito de Canudos: Machado de Assis e Gilberto

Amado – Sergio Paulo Rouanet n. 6, 40-47

A trilogia do trágico em Machado de Assis – Mauro Márcio

de Rosa n. 6, 48-81

Almir Madeira n. 36, 157-163

Cartas de Graça Aranha – Guardados da Memória n. 4, 133-147

Dom Casmurro, um estudo – Benedicto Ferri de Barros n. 11, 112-128

Drummond e Machado de Assis: uma filosofia da dúvida

(ou o ceticismo irônico) – Marcos

Duas cartas inéditas de Machado de Assis – Mário Alves

de Oliveira – Guardados da Memória n. 50, 223-225

Herma de Machado de Assis – Constâncio Alves –

Guardados da Memória n. 18, 158-161

Insight: Machado de Assis – Fernando Fortes n. 44, 131-134

Juan Valera e Machado de Assis: um diálogo possível –

um estudo das categorias tempo, ser e memória em Genio

y Figura e Dom Casmurro – Mauro Rosa n. 45, 63-89

Lá e cá: algumas notas sobre a nacionalidade da literatura

brasileira – Ana Maria Machado n. 47, 107-126

Machado de Assis – do *sense of humour* ao moralista – João

de Scantimburgo n. 11, 101-111

Machado de Assis e a Academia – Domício Proença Filho n. 40, 99-130

Machado de Assis e a estética da fragmentação – Sergio

Paulo Rouanet n. 3, 59-82

Machado de Assis e os judeus – Arnaldo Niskier n. 5, 5-8

O alienista: a razão que enlouquece – Ivo Barbieri n. 14, 52-61

- O homem de uma cidade só: M. de A. e o Rio de Janeiro –
 Sílvio Castro n. 33, 209-236
- O poeta Machado de Assis visto por Alberto de Oliveira –
 Guardados da Memória n. 25, 183-187
- O presidente Machado de Assis – Austregésilo de Athayde n. 12, 97-99
- O presidente Machado de Assis – Josué Montello..... n. 11, 35-43
- O reflexo no espelho – Pérola de Carvalho – Guardados da
 Memória n. 3, 171-178
- O teatro político nas crônicas de Machado de Assis – Alfredo
 Bosi..... n. 41, 37-75
- Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro –
 Mauro Márcio de Paula Rosa..... n. 47, 145-187
- Presença da filosofia em Machado de Assis – Maria Luiza
 Penna..... n. 48, 131-164
- Teatro e tragédia na produção romanesca de Machado de Assis:
 ênfase em Memórias
- Universidade de Coimbra e o centenário de Dom Casmurro
 – Arnaldo Niskier..... n. 20, 26-32
- Vinte e quatro cartas a Machado de Assis – Miguel de Novaes
 – Guardados da Memória..... n.3, 179-229

ASSUNÇÃO, Newton

- As poesias ‘proibidas’ de Bernardo Guimarães
 – Guardados da Memória..... n. 9, 166-168

ATHAYDE, Austregésilo de

- A glória exemplar de Manguinhos..... n. 12, 116-117
- A lâmpada velada – Guardados da Memória n. 6, 148-151
- A sabedoria dos instintos – Guardados da Memória n. 6, 143-147
- A velha *Tribuna* n. 12, 63-66
- Adeus a Múcio Leão n. 16, 12-13
- As memórias de Luís Edmundo..... n. 12, 87-89
- Austregésilo de Athayde, um jovem de 95 – (entrevista a
 Arnaldo Niskier)..... n. 12, 209-214
- Cartas de Mário a Manu n. 12, 85-87
- Cátedras universitárias para estudar Gilberto n. 12, 113-114
- Coelho Neto..... n. 12, 101-103
- Construção de nova sede da Academia Brasileira de Letras n. 12, 293-298
- Crime e impunidade..... n. 12, 78-80
- Declaração Universal dos Direitos Humanos (discurso
 proferido na sessão de 10 de dezembro de 1948)..... n. 12, 118-119
- Discurso a Péricles n. 12, 74-76

Eia, eia, Genolino, avante	n. 12, 110-112
Encantação do fogo	n. 12, 80-82
Entrevista ao programa “Debate em Manchete” – (entrevista a Arnaldo Niskier)	n. 12, 199-208
Filosofia básica dos Direitos Humanos.	n. 12, 120-134
Filosofia de vida	n. 12, 291-292
Gilberto Freyre, um davinciano livre	n. 12, 112-113
Homens notáveis (obra de M. de Medeiros)	n. 12, 103-105
Inauguração do Centro Cultural do Brasil: discurso.	n. 12, 299-300
Iniciação à vida académica	n. 12, 82-85
Iniciação de coroinha	n. 12, 33-36
Intoxicados do exílio	n. 12, 59-61
Jorge, o feiticeiro	n. 12, 95-97
José Lins do Rego e as letras	n. 26, 5-22
Magalhães de Azeredo	n. 12, 99-101
Meio século depois.	n. 12, 44-46
Mestre e companheiro	n. 12, 108-109
Mestre João Ribeiro.	n. 12, 93-95
Meu amigo Garcia Lorca	n. 12, 57-59
Miguel Reale na flor dos oitenta	n. 12, 117-118
Movimento do pêndulo	n. 12, 68-70
Mr. Paul Hazard – Guardados da Memória.	n. 6, 152-154
Mundo perdido	n. 12, 66-68
O disco dos meus sonhos.	n. 12, 48-50
O mito divino de Shakespeare.	n. 12, 72-74
O presidente Machado de Assis	n. 12, 97-99
O santo padre Quinderé	n. 12, 46-48
O vermelho e o negro.	n. 12, 36-38
Olinda dos meus amores	n. 12, 38-40
Paz e justiça	n. 12, 76-78
Pequenos quadros da infância	n. 12, 40-42
Por que Pitanguy na Academia?.	n. 12, 114-115
Quadro antigo	n. 12, 61-63
Recepção na Academia Brasileira de Letras, 14 de novembro de 1951 (discurso de posse)	n. 12, 135-183
Ruptura e tradição	n. 12, 106-108
Santificação do tempo	n. 12, 50-52
Tema à margem de Menotti	n. 12, 89-91
Terra de Caruaru	n. 12, 31-33
Tolstoi contra Shakespeare	n. 12, 70-72
Trecho do exílio.	n. 12, 55-57

Um menino sergipano	n. 12, 109-110
Um trecho de tempestade	n. 12, 91-93
Um varão da justiça	n. 12, 42-44
Uma bravata de mosqueteiro	n. 12, 53-55

ATHAYDE, Austregésilo de

A morte de um acadêmico da vida – José Alberto Braga	n. 12, 287-290
A serviço do Brasil – Barbosa Lima Sobrinho.	n. 12, 253-255
Abnegação e devotamento – Barbosa Lima Sobrinho	n. 12, 189-191
Adeus a Austregésilo de Athayde – Josué Montello.	n. 12, 215-217
Adeus, Athayde – João de Scantimburgo	n. 12, 283-284
As três de Austregésilo – Dom Marcos Barbosa.	n. 12, 265-267
Athayde, jornalista – Laura Sandroni	n. 46, 7-19
Athayde, um século – José Sarney.	n. 12, 281-282
Austregésilo – Roberto Marinho.	n. 12, 285-286
Austregésilo de Athayde – Miguel Reale	n. 12, 261-263
Austregésilo de Athayde: amigo e companheiro – Josué Montello	n. 12, 257-260
Breve história de tenacidade e imaginação – Antonio F. de Bulhões Carvalho.	n. 14, 20-24
Centenário de Austregésilo de Athayde e cinqüentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem – sessão comemorativa do Tribunal Federal da 5a Região	n. 18, 5-35
Cronologia de Austregésilo de Athayde	n. 12, 9-21
Dez anos sem Austregésilo de Athayde.	n. 39, 153-167
Depoimento – Sergio Corrêa Costa	n. 39, 153-158
Depoimento – Tarcísio Padilha	n. 39, 159-162
Depoimento – Cícero Sandroni	n. 39, 162-166
Depoimento – Roberto Athayde	n. 39, 167
Discurso de Roberto de Athayde	n. 12, 307-309
Era de Austregésilo na Academia – Rachel de Queiroz.	n. 12, 269-271
O cacique Athayde – Marcos Vinícios Vilaça	n. 12, 273-277
O seminarista da Prainha – Barbosa Lima Sobrinho	n. 12, 193-196
Obras e conferências de Austregésilo de Athayde (bibliografia). . .	n. 12, 23-30
Palácio Austregésilo de Athayde – Discurso do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho	n. 12, 301-305
Palácio Austregésilo de Athayde: um sonho tornado realidade – Donald Stewart Jr.	n. 17, 46-49
Sessão de saudade em memória de Austregésilo de Athayde	n. 12, 219-250
Um ilustre cidadão do mundo – Rachel de Queiroz	n. 12, 197-198
Um mestre na eternidade – Arnaldo Niskier	n. 12, 279-280

- ATHAYDE, Maria José de Queiroz Austregésilo de*
A primeira-dama da Academia – Josué Montello n. 12, 185-188
- ATHAYDE, Roberto de*
Discurso (Palácio Austregésilo de Athayde) n. 12, 307-309
Depoimento – Dez anos sem Austregésilo de Athayde n. 39, 167
- A TRIBUNA**
A velha Tribuna – Austregésilo de Athayde n. 12, 63-66
Mundo perdido – Austregésilo de Athayde n. 12, 66-68
- AUDEN, Wystan Hugh*
Notas sobre alguns poetas da língua inglesa – Benedicto Ferri
de Barros n. 39, 119-150
- ÁVILA, Pe. Fernando Bastos de, S.J.*
Homenagem a Dom Marcos Barbosa O.S.B. n. 49, 75-90
O pensamento social da Igreja n. 36, 165-169
- AZEREDO, Carlos Magalhães de*
Cartas de Magalhães de Azeredo a Afonso Arinos de Melo
Franco n. 29, 247-302
- AZEREDO, Carlos Magalhães de*
Lembrança do Amigo Ausente – Afonso Arinos de Melo Franco . . n. 29, 271-276
Magalhães Azeredo – Austregésilo de Athayde n. 12, 99-101
Textos esparsos – Afonso Arinos de Melo Franco n. 29, 303-332
- AZEVEDO, Álvares de*
A idéia da morte em Álvares de Azevedo – Alexei Bueno n. 35, 39-62
Álvares de Azevedo: o amante da morte – Carlos Heitor Cony. . n. 35, 9-16
Eros e errância em Álvares – Sérgio Martagão Gesteira n. 35, 17-37
- AZEVEDO, Fernando de*
Fernando de Azevedo: a educação na encruzilhada –
Arnaldo Niskier. n. 11, 51-60
Fernando de Azevedo: um humanista na educação –
Alberto Venancio Filho n. 3, 40-58
- AZEVEDO, Sânzio de*
Da Costa e Silva e o sincretismo n. 41, 121-147
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de**
A construção de mundos possíveis na ficção de Josué Montello . . n. 48, 47-54
A lírica de Camões e a relativização do português quinhentista . n. 4, 30-37
A polémica entre Joaquim Nabuco e José de Alencar n. 19, 69-80

Anchieta e o <i>Poema da Virgem</i>	n. 22, 139-151
Anchieta, a literatura novilatina e o Barroco	n. 13, 71-80
Arte, tópica e método de Vieira no Sermão da Sexagésima	n. 10, 56-62
Cecília Meireles: poesia do momento fugaz ou poesia do	n. 17, 143-152
eterno instante	n. 17, 187-188
Da atribuição à existência: Um estudo de Rouanet sobre	
Freud, suas fontes literárias e o estatuto da interpretação	n. 42, 195-204
Em defesa da língua portuguesa.	n. 25, 147-151
Exegese anchietana	n. 20, 48-58
No centenário de Cecília Meireles.	n. 28, 9-23
O caminho de Gladstone Chaves de Melo	n. 34, 53-56
O valor literário de Os sertões.	n. 7, 60-71
Os estudos lingüísticos ao tempo de Rui Barbosa	n. 21, 244-249
Parel Teyssier e o teatro de Camões	n. 31, 149-157
Portella e a poética da reconstrução	n. 41, 149-160
Sobre o mestre de Apipucos	n. 23, 76-78
Sobre uma exegese filosófica da poesia camoniana	n. 16, 73-96
Um aspecto da latinidade na virada do milênio	n. 35, 173-176

B

BALZAC, Honoré de

Balzac e as duas colunas da ordem – João de Scantimburgo	n. 20, 5-7
--	------------

BANDEIRA, Antônio Rangel

O peixe, Lirismo violentíssimo	n. 5, 67
Poesia	n. 5, 68

BANDEIRA, Manuel

Vou-me embora pra Pasárgada	n. 38, 231-232
---------------------------------------	----------------

BANDEIRA, Manuel

A tradução de Manuel Bandeira em italiano – Vera Lúcia de	
Oliveira	n. 34, 103-123
Da magia do unicórnio aos rios da vida – Per Johns	n. 39, 101-104
Os astros na vida de Manuel Bandeira: 120 anos de nascimento	
– Elvia Bezerra.	n. 48, 83-88

BARBIERI, Ivo

O alienista: a razão que enlouquece.	n. 14, 52-61
--	--------------

BARBOSA, Dom Marcos

As três de Austregésilo	n. 12, 265-267
Poesia religiosa	n. 8, 135,136-159

BARBOSA, Dom Marcos

- Dom Marcos Barbosa, poeta – Josué Montello n. 8, 133-134
 Homenagem a Dom Marcos Barbosa O.S.B. – Pe. Fernando
 Bastos de Ávila. n. 49, 75-90

BARBOSA, Francisco de Assis

- Fidélis, o São Pedro da Academia – Guardados da Memória . . . n. 26, 165-173

BARBOSA, Rui

- Prece de Natal – Guardados da Memória. n. 17, 190-192

Poesias:

- A M. n. 21, 269-272
 Ao grito da tuba, que a guerra proclama n. 21, 273-274
 Astro que vogas-me n. 21, 285-287
 Lenda de sangue. n. 21, 275-284

BARBOSA, Rui

- Da inquietação religiosa de Rui Barbosa – João de Scantimburgo n. 30,
 153-157

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa

- Coutinho n. 46, 301-320

- Lições de Rui – Miguel Reale n. 21, 14-19

- O advogado Rui Barbosa – Alberto Venancio Filho n. 21, 82-121

- O escritor Rui Barbosa – Lêdo Ivo n. 21, 57-65

- O jornalista Rui Barbosa – Josué Montello n. 21, 9-13

- O maître à penser – João de Scantimburgo. n. 39, 5-7

Os estudos lingüísticos ao tempo de Rui Barbosa – Leodegário

- A. de Azevedo Filho n. 21, 244-249

- Preito a Rui Barbosa – Paulo Napoleão Nogueira da Silva n. 21, 250-257

- Rui Barbosa e a educação – Arnaldo Niskier n. 21, 20-31

Rui Barbosa e a política financeira do primeiro governo

- republicano – Celso Furtado n. 21, 169-172

- Rui Barbosa e o desenho industrial – Evaristo de Moraes Filho . n. 21, 32-56

- Rui Barbosa e os direitos humanos – Evandro Lins e Silva n. 21, 173-198

- Rui Barbosa e os moços – Antonio Olinto. n. 21, 158-168

- Rui Barbosa, a Águia de Haia – Oscar Dias Corrêa. n. 21, 66-81

- Rui Barbosa, defensor de Dreyfus – Homero Senna n. 21, 238-243

- Rui Barbosa, o humanista – Tarcísio Padilha. n. 21, 138-157

- Rui e a inquietação religiosa – João de Scantimburgo n. 21, 122-137

- Rui, o jornalista e o político – Murilo Melo Filho n. 21, 199-237

Sermão nas exéquias de Rui Barbosa – Mons. Fernando Rangel

- Guardados da Memória. n. 21, 89-305

BARBOSA FILHO, Hildeberto

- Distonia poética n. 37, 229-230
 Insônia n. 37, 230
 José Lins do Rego: técnica narrativa de Fogo morto n. 42, 51-72

BARRETO, Dantas

- Elogio de Joaquim Nabuco – Discurso de posse na ABL n. 19, 18-28

BARRETO, Lima

- O triste fim de Lima Barreto – Carlos Heitor Cony n. 22, 152-154

BARRETO, Luiz Antonio

- Sílvio Romero, pensador da cultura brasileira. n. 42, 83-87

BARRETO, Tobias

- Formação intelectual e itinerário filosófico de Tobias Barreto
 – Newton Lins Buarque Sucupira. n. 2, 110-142

BARROCO

- Arte, tópica e método de Vieira no Sermão da Sexagésima
 – Leodegário A. de Azevedo Filho. n. 10, 56-62

BARROS, Benedicto Ferri de

- Dois breves estudos sobre a linguagem n. 47, 239-248
 Dom Casmurro, um estudo n. 11, 112-128
 Eliot – Poeta do século XX. n. 6, 82-95
 Limites ao conceito de inteligência artificial. n. 26, 120-140
 Linguagem e pensamento. n. 40, 165-169
 Notas sobre alguns poetas da língua inglesa n. 39, 119-150
 O milagre literário da Irlanda n. 36, 203-209
 Os teatros clássicos do Japão. n. 34, 143-156
 Sobre a poesia. n. 41, 183-201
 Sobre a poesia. n. 8, 104-121
 Tradução de poemas da língua inglesa n. 50, 166-199
 Um romance em Marienbad (poesia) n. 46, 329-339

BARROS, Gilda Naécia Maciel de

- O anel de Giges: conjecturas éticas n. 15, 46-60
 Platão e o princípio feminino n. 5, 29-37

BARROS, João de

- À margem das décadas – Sylvio B. Pereira – Guardados
 da Memória. n. 37, 249-253

BARROS, Roque Spencer Maciel de

- No centenário de Raul de Leoni n. 3, 107-111
 O liberalismo de José Pinto Antunes. n. 22, 107-114

BATISTA, Maria do Carmo Dias

Como é perigoso escrever – (entrevista com Lygia Fagundes Telles) . . . n. 20, 33-42

BAUDELAIRE, Charles

Charles Baudelaire – Ivan Junqueira n. 43, 345-353

La chevelure – A cabeleira n. 4, 115-117

BECHARA, Evanildo

A língua dos modernistas: revolução ou tradição? n. 31, 121-139

A língua portuguesa hoje n. 35, 129-133

Correção e exemplaridade de língua: suas repercussões no

estudo e ensino da língua portuguesa n. 34, 31-51

Da latinidade à lusofonia n. 50, 43-63

José de Alencar e a língua do Brasil. n. 28, 73-93

Pronúncia de nomes próprios: o problema Gandavo

ou Gândavo n. 26, 76-80

Silva Ramos: mestre da língua n. 37, 205-219

BERNANOS, Georges

Bernanos, Virgílio e Afonso – Afonso Arinos, filho n. 43, 83-91

Com Bernanos no Brasil – Geraldo França de Lima –

Guardados da Memória n. 40, 223-227

BERRINI, Beatriz

Vida efêmera / arte perene: considerações à volta de um prefácio . . n. 24, 71-85

BEVILÁQUA, Clóvis

Naturalismo russo – Dostoievski – Guardados da Memória. . . . n. 49, 253-266

BEVILÁQUA, Clóvis

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa

Coutinho n. 46, 301-320

BEZERRA, Elvia

Os astros na vida de Manuel Bandeira: 120 anos de nascimento

– Manuel Bandeira n. 48, 83-88

Ribeiro Couto e o homem cordial. n. 44, 123-130

BILAC, Olavo

A morte de Olavo Bilac – Guardados da Memória n. 11, 167-177

A morte de Olavo Bilac: outras manifestações – Guardados da

Memória n. 13, 137-158

BLAKE, William

London – Londres n. 4, 127-128

The garden of love – O jardim do amor. n. 4, 126-127

BLOCH, Helio

José Cândido de Carvalho, frasista n. 47, 91-97

BOBBIO, Norberto

Conferência. n. 41, 247-260

BOBBIO, Norberto

A democracia em questão – João de Scantimburgo

– Guardados da Memória. n. 41, 245-246

Legados de Norberto Bobbio – Miguel Reale n. 40, 131-134

BOCAIUVA, Quintino

O “Príncipe” – Coelho Neto – Guardados da Memória. n. 2, 161-164

BOJUNGA, Cláudio

Rouquette-Pinto e Rondon. n. 46, 9. 93-98

BOMFIM, Paulo

Apelo. n. 37, 239-240

Canto-cântaro. n. 37,240

De tudo quanto amamos n. 37, 245

Do menino n.37, 246

O sangrar da epopéias n. 48, 119-122

Quatro poemas. n. 45, 257-259

Cadeira de balanço n. 45, 257

Inventário. n. 45, 258

Bandolins n. 45, 258-259

Valsa n. 45, 259

Rosa de Espanha n. 49, 183-185

Soneto I n. 37, 241

Soneto XI n. 37, 242-243

Soneto X. n. 37, 241-242

Soneto XIII. n. 37, 242

Soneto XX n. 37, 243

Soneto XXII. n. 37, 244

Soneto XXIV. n. 37, 244-245

Sonetos e poemas n. 34, 213-219

Um dia n. 37, 246-247

BORGES, Jorge Luis

Ausência n. 7, 104-105

BOSI, Alfredo

O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração n. 43, 157-181

O teatro político nas crônicas de Machado de Assis n. 41, 37-75

BRAGA, José Alberto

A morte de um acadêmico da vida (Austregésilo de Athayde)... n. 12, 287-290

BRAHMS, Johannes

Um réquiem alemão – Odilon Nogueira de Matos n. 40, 171-173

BRANDOLINI, Alessio

Poesie della terra. n. 47, 271-299

BRASIL

A França e o Brasil – João de Scantimburgo. n. 43, 5-7

A França e o Brasil – Paulo Napoleão Nogueira da Silva n. 43, 9-18

A literatura francesa no Brasil durante a II Guerra Mundial

– Ubiratan Machado. n. 43, 247-261

A Missão Militar Francesa no Brasil – Carlos de Meira

Mattos n. 43, 187-189

João Cointha, um heterodoxo na França Antártica – Paulo

Roberto Pereira n. 43, 19-37

Os professores franceses e a redescoberta do Brasil – Marieta

de Moraes Ferreira. n. 43, 227-245

BRASIL, Luiz Antônio de Assis

A espuma do fogo: ancestralidade e vida. n. 38, 185-188

BRITTO, Alfredo

Missão Francesa de 1816: esplendor e ruptura. n. 43, 57-65

BUENO, Alexei

A idéia da morte em Álvares de Azevedo n. 35, 39-62

Euclides da Cunha e Raul Pompéia. n. 30, 131-151

Influência francesas no Modernismo brasileiro. n. 43, 145-155

BUENO, Alexei

Delta poético sob A árvore seca – Frederico Gomes n. 49, 187-194

BUENO-RIBEIRO, Eliana

Mito, paródia e rebelião: uma leitura de fronteira natural

de Nélide Piñon n. 44, 173-188

O desejo de aniquilação em Junqueira Freire e em outros

poetas românticos brasileiros n. 45, 239-25

BULHÕES, Antonio F. de Carvalho

Breve história de tenacidade e imaginação (Austregésilo de

Athayde) n. 14, 20-24

Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio

de Moraes – 2004. n.40, 194-195

BURITY, Tarcísio M.

O trágico em José Lins do Rego e Gilberto Freyre. n. 31, 223-241

C

CABRAL, Antonio

Eça de Queirós, sumário de biografia n. 24, 197-220

CADAXA, Armindo Branco Mendes

Poemas n. 46, 323-328

CAETANO, Manoel

Sonetos n. 18, 147-149

Sonetos n. 22, 174-177

Três poemas:

Soneto a uma jovem, muito jovem n. 5, 62

A voz do poema n. 5, 62-63

Dizer ou ser n. 5, 63

CALLADO, Antonio

O tricentenário de Voltaire n. 2, 89-92

CALMON, Pedro

Construção de nova sede da Academia Brasileira de Letras n. 12, 293-298

CALMON, Pedro

Centenário de Pedro Calmon – João de Scantimburgo n. 33, 19-33

Elogio a Pedro Calmon – Josué Montello n. 33, 9-17

Homenagem a Pedro Calmon – Esther de Figueiredo Ferraz . . . n. 20, 65-79

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa

Coutinho n. 46, 301-320

CAMARGO, Joracy

Vocação para o teatro (discurso de posse na ABL) n. 15, 8-11

CAMARGO, Joracy

No centenário de Joracy Camargo – Josué Montello. n. 15, 5-7

CAMÕES, Luís de

A lírica de Camões e a relatinização do português quinhentista

– Leodegário A. de Azevedo Filho. n. 4, 30-37

Confronto entre a *Appendix Rhythmarum* e a 2.^a edição das *Rimas*

de Camões – Marina Machado Rodrigues. n. 17, 70-85

O firme namorado – João de Scantimburgo. n. 22, 81-92

- Parel Teyssier e o teatro de Camões – Leodegário A. de
 Azevedo Filho n. 31, 149-157
- Sobre uma exegese filosófica da poesia camoniana – Leodegário
 A. de Azevedo Filho n.16, 73-96
- CAMPOS, Geir de**
 Manequim. n. 5, 70
 Soneto XIII – Redenção n. 5, 70
- CAMPOS, Humberto de**
 O coração dos poetas – Guardados da Memória n. 5, 81-87
 Poesia brasileira – Guardados da Memória. n. 22, 211-224
- CAMPOS, Roberto**
 Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio
 de Moraes – 1995. n. 5, 42-53
- CANTINHO, Maria João**
 Imagem e tempo na obra de Maria Gabriela Llansol n. 42, 173-193
 Nejar, Carlos ou a chama viva da palavra n. 47, 219-225
 Sophia de Mello Breyner Andersen: na respiração do azul
 e da luz. n. 45, 91-97
- CARDIM, Elmano**
 Construção de nova sede da Academia Brasileira de Letras n. 12, 293-298
- CARDOSO, Fernando Henrique**
 Considerações sobre Gilberto Freyre. n. 25, 5-7
- CARDOSO, Armando S.J.**
 O padre Antônio Vieira S.J., missionário da Amazônia. n. 10, 21-32
 O santo poeta Anchieta n. 13, 105-128
- CARNAVAL**
 O carnaval na literatura brasileira – Fred Góes. n. 48, 165-177
- CARNEIRO, Glauco**
 O *Confiteor* de Paulo Setúbal. n. 6, 96-115
 Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa
 Coutinho n. 46, 301-320
- CARNEIRO, Paulo**
 Centenário de Paulo Carneiro – Elogio do escritor – Ivan Lins n. 27, 47-93
 Paulo Carneiro, cientista – Eduardo Oswaldo Cruz. n. 31, 91-111
 Paulo Carneiro: um acadêmico – Marcos Almir Madeira n. 31, 79-89
 Paulo Carneiro: um humanista brasileiro do século XX –
 Alberto Venancio Filho n. 31, 55-77

CARVALHAL, Tania Franco

Augusto Meyer: leitor de Machado de Assis. n. 32, 29-43

CARVALHO, Francisco de

Homenagem aos 80 anos do poeta Lêdo Ivo n. 40, 196-197

CARVALHO, José Cândido de

José Cândido de Carvalho, autor de histórias – Antonio

Olinto n. 47, 79-85

Manuscritos inéditos de um romance – Ricardo Luís Vianna

de Carvalho n. 47, 86-90

José Cândido de Carvalho, frasista – Hélio Bloch n. 47, 91-97

José Cândido de Carvalho “invençoneiro e linguarudo” –

Arnaldo Niskier. n. 47, 98-106

CARVALHO, José Murilo de

Cândido Motta Filho. n. 44, 39-43

CARVALHO, Pérola de

O reflexo no espelho (Correspondência familiar de Machado

de Assis) – Guardados da Memória. n. 3, 171-178

CARVALHO, Ricardo Luís Vianna de

Manuscritos inéditos de um romance n. 47, 86-90

CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto

A recepção de Eça de Queirós em Pernambuco n. 24, 174-196

CASAMENTO

Do patrimonialismo ao casamento romântico – José O. de

Meira Penna. n. 39, 65-82

CASCUDO, Câmara

Câmara Cascudo: sábio e erudito – Murilo Melo Filho. n. 50, 27-41

CASTELLO BRANCO, Carlos

Carlos Castello Branco – Afonso Arinos Filho. n. 36, 61-66

Carlos Castello Branco: jornalista, contista e romancista –

Arnaldo Niskier. n. 36, 53-60

Castellino em moldura mineira – Wilson de Figueiredo n. 36, 67-71

Castellino: jornalista e acadêmico – Murilo Melo Filho n. 36, 43-52

Jornalista Carlos Castello Branco, o Castellinho – Villas-Bôas

Corrêa n. 46, 19-28

CASTRO, Aloísio de

Construção de nova sede da Academia Brasileira de Letras n. 12, 293-298

CASTRO, Anna Maria de

Josué de Castro e a descoberta da fome. n. 9, 77-85

CASTRO, Josué de

Josué de Castro e a descoberta da fome – Anna Maria de Castro. . . n. 9, 77-85

CASTRO, Sílvio

A tradução italiana de Os sertões, de Euclides da Cunha. n. 34, 77-101

Lua de 22 de dezembro de 1999 (poesia) n. 34, 221-223

O homem de uma cidade só: Machado de Assis e o Rio de

Janeiro n. 33, 209-236

CAVALCANTI, Geraldo de Holanda

Fim de verão em Itaipava. n. 37, 235-237

Umberto Saba – Poemas selecionados, e traduzidos por

Geraldo de Holanda Cavalcanti n. 49, 217-281

CAVALCANTI, Nireu

A cidade do Rio de Janeiro no tempo de Júbilos da América . . . n. 46, 201-211

CELSO, Afonso

Eça de Queirós e o Brasil. n. 24, 37-38

Reminiscências acadêmicas – Guardados da Memória. n. 2, 167-171

CEM ANOS DE ROBERTO MARINHO

Medalha Filipéia a Roberto Marinho – Ronaldo Cunha Lima. . . n. 45, 201-202

Roberto Marinho – destino: jornalista – Murilo Melo Filho . . . n. 45, 195-200

Roberto Marinho – Nélide Piñon n. 45, 187-193

Roberto Marinho e a crítica literária – Antônio Olinto. n. 45, 181-185

Roberto Marinho: o homem da educação – Arnaldo Niskier . . . n. 45, 171-179

Um homem chamado sucesso – José Mário Pereira. n. 45, 203-218

CENDRARS, Blaise

Blaise Cendrars e o Modernismo – Massaud Moisés. n. 43, 93-107

CENTRO CULTURAL DO BRASIL ver PALÁCIO AUSTREGÊSILO DE ATHAYDE

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JEAN-PAUL SARTRE

A cura pela liberdade em Jean-Paul Sartre – Eduardo Portella . . n. 46, 157-164

Sartre e os comunistas – Leandro Konder n. 46, 173-181

Sartre e os intelectuais – Sérgio Paulo Rouanet n. 46, 165-171

Sartre: filosofia e política – Carlos Nelson. n. 46, 183-189

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE ORÍGENES LESSA

Lembrança de Orígenes Lessa – Lêdo Ivo n. 45, 143-149

Orígenes Lessa e a técnica do vitral – Antônio Olinto. n. 45, 167-170

Um ficcionista na propaganda – José Louzeiro n. 45, 151-165

CERVANTES SAAVEDRA, MIGUEL DE

Cervantes e a literatura brasileira – Ivan Junqueira n. 45, 7-24

CHACON, Vamireh

Gilberto Freyre hispânico n. 47, 249-264

Joaquim Nabuco: revolucionário conservador n. 19, 64-68

Seculares instituições culturais brasileiras n. 15, 41-45

CHAGAS FILHO, Carlos

Ciência e cultura n. 16, 22-26

CHAGAS FILHO, Carlos

A glória exemplar de Manguinhos – Austregésilo de Athayde . . . n. 12, 116-117

CHAMIE, Mário

Cruz e Sousa: esboço de releitura n. 16, 104-112

Gilberto, totem da nacionalidade n. 25, 74-81

CHAMMA, Foed Castro

Inverno n. 37, 231-233

CHATEAUBRIAND, Assis

Clementino Fraga na Academia – Guardados da Memória n. 28, 167-169

O “demônio” da Academia – Guardados da Memória n. 48, 271-275

CHATEAUBRIAND, Assis

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, Chatô

– Murilo Melo Filho n. 46, 37-48

Mestre e companheiro – Austregésilo de Athayde n. 12, 108-109

CHAUCER, Geoffrey

From *The Canterbury Tales* – De *Os contos de Cantuária* (excertos) . . n. 4, 122-126

CICLO CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE OS SERTÕES:

Euclides da Cunha e Raul Pompéia – Alexei Bueno n. 30, 131-151

O movimento euclidianista – Alberto Venancio Filho n. 30, 59-90

Os Sertões faz cem anos: o alcance das idéias de Euclides

da Cunha – Walnice Nogueira Galvão n. 30, 97-113

Revisitando Euclides da Cunha – Celso Furtado n. 30, 91-96

Uma página de Euclides – Alceste – Guardados da Memória . . . n. 31, 251-252

Vida e morte nos sertões do Conselheiro – Frederico

Pernambucano de Mello n. 30, 115-130

CICLO DOS FUNDADORES DA ABL

O ficcionista Inglês de Sousa – Oscar Dias Corrêa n. 37, 149-165

O fundador Valentim Magalhães – Alberto Venancio Filho . . . n. 37, 67-203

O grande José do Patrocínio – João de Scantimburgo n. 37, 115-124
Patrocínio: um jornalista na Abolição – Murilo Melo Filho n. 37, 125-147
Silva Ramos: mestre da língua – Evanildo Bechara. n. 37, 205-219

CINQUENTENÁRIO DE MORTE DE ORTEGA Y GASSET

Hispanidade e universalismo na filosofia de Ortega y Gasset –
Tarcísio Padilha. n. 46, 115-124
Ortega y Gasset e a Escola de Frankfurt – Sergio Paulo
Rouanet n. 46, 107-114
Ortega y Gasset: vida e obra – Hélio Jaguaribe n. 46, 125-156
Permanência de Ortega y Gasset – Eduardo Portella n. 46, 99-106

CIVILIZAÇÃO

A agonia da civilização – João de Scantimburgo n. 40, 159-164
A civilização do orgasmo – Miguel Reale. n. 6, 14-25

COELHO, Celso Barros

Deolindo Couto: ciência e humanismo n. 33, 79-96

COELHO, Joaquim-Francisco

A morte de Fradique Mendes n. 31, 201-211

COELHO, Paulo

As Sandálias de José (conto) n. 50, 65-67

COELHO NETO, Henrique Maximiano

Deodoro n. 2, 157-160
O “Príncipe” – Guardados da Memória n. 2, 161-164
Um ático – Guardados da Memória n. 2, 165-166
Um despertar histórico – Guardados da Memória. n. 1, 119-122

COELHO NETO, Henrique Maximiano

Coelho Neto – Austregésilo de Athayde. n. 12, 101-103
Coelho Neto ou o culto à palavra – Tarcísio Padilha n. 49, 53-74
O último heleno – Guilherme de Almeida n. 18, 157

COMPANHIA PAULISTA DE ESTRADAS DE FERRO

Uma ferrovia assassinada – Célio Debes – Guardados da
Memória n. 47, 301-316

COMPARATO, Fábio Konder

Depoimento – 90.º aniversário de Evandro Lins e Silva n. 33, 163-168

COMPOSITORES

Darius Milhaud e os “compositores de tangos, maxixes,
sambas e cateretês” – Elizabeth Travassos;
Manoel Aranha Corrêa do Lago n. 43, 109-143

COMUNICAÇÃO

A era da comunicação – João de Santimburgo n. 48, 5-6

COMUNISMO

Sartre e os comunistas – Leandro Konder n. 46, 173-181

CONCEIÇÃO, Fidélis José da

Fidélis, o São Pedro da Academia – Joel Silveira e Francisco
de Assis Barbosa – Guardados da Memória n. 26, 165-173

CONSTANTINO, Antônio

O incrível Bernardo Guimarães – Guardados da Memória n. 9, 153-165

CONTO

Caminhos do conto brasileiro – Antonio Olinto n. 44, 45-55

CONY, Carlos Heitor

Álvares de Azevedo: o amante da morte n. 35, 9-16
De ícones e dedicações n. 31, 145-147
Depoimento (20.º aniversário de falecimento de Alceu
Amoroso Lima) n. 39, 206-208
Discurso de Carlos Heitor Cony n. 8, 128-132
Genolino Amado e crônica literária n. 33, 127-136
João Guimarães Rosa n. 29, 95-101
O triste fim de Lima Barreto n. 22, 152-154
Prêmio Machado de Assis – 1996 n. 8, 122-132

CONY, Carlos Heitor

Cony, os balões e a Academia – Arnaldo Niskier n. 8, 122-127

CORRÊA, Manuel Pio

A morte de Luís XV n. 9, 30-33
A verdadeira história de Cinderela n. 16, 102-103
Castro Alves e as bandeiras de conveniência n. 25, 164-165
Como nasceu o ritual da visita aos acadêmicos – Guardados
da Memória n. 25, 188-189
Dicionário de filosofia: um prefácio n. 23, 39-43
Do microchip ao microcéfalo n. 22, 135-138
Eça de Queirós e Fradique Mendes n. 24, 98-103
Malherbe, socorro! n. 18, 105-108
O Centauro (poema) n. 11, 166
O grande cálice de Antióquia n. 13, 101-103
O trágico destino de duas princesas n. 34, 157-160
Três ensaios sobre Eça de Queirós n. 8, 81-94

CORRÊA, Oscar Dias

- A divina comédia – Canto XXXIII – tradução n. 11, 152-165
- Dante Alighieri, A divina comédia – Canto Primeiro – tradução . . . n. 9, 116-129
- Menotti del Picchia n. 19, 97-99
- O ficcionista Inglês de Sousa n. 37, 149-165
- O insubstituível (conto) n. 33, 177-193
- O necrologista (conto) n. 2, 30-41
- Rui Barbosa, a Águia de Haia n. 21, 66-81

CORRÊA, Oscar Dias

- Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa
 - Coutinho n. 46, 301-320
- Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal –
 - Eros Roberto Grau n. 47, 21-39
 - O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio Filho . . n. 47, 43-69

CORRÊA, Roberto Alvim

- Julho 1956 – (entrevista a Alberto da Costa e Silva) n. 43, 297-303

CORRÊA, Villas-Bôas

- Jornalista Carlos Catello Branco, o Castelinho n. 46, 19-28

CORREIA, Viriato

- Uma entrevista com Euclides da Cunha – Guardados da
 - Memória n. 30, 219-226

CORREIA, Raimundo

- Raimundo Correia – Múcio Leão – Guardados da Memória . . . n. 15, 193-197

CORRESPONDÊNCIA

- Carta a el-rei – Pe. Antônio Vieira n. 10, 122-124
- Carta a Francisco Alves (ref. ed. de Os sertões) – Manuel
 - Pacheco Leão – Guardados da Memória
- Cartas de Graça Aranha a Machado de Assis – Guardados n. 4, 133-147
 - da Memória n. 30, 227-228
- Carta de Mario de Andrade à Carlos Lacerda – Guardados
 - da Memória n. 39, 273-280
- Cartas de Magalhães de Azeredo a Afonso Arinos de
 - Melo Franco n. 29, 247-302
- Cartas de Mário a Manu – Austregésilo de Athayde n. 12, 85-87
- Duas cartas inéditas de Machado de Assis – Mário
 - Alves de Oliveira – Guardados da Memória n. 50, 223-225
- Joaquim Nabuco e Machado de Assis (correspondência) –
 - Guardados da Memória n. 19, 131-157

- O reflexo no espelho – Pérola de Carvalho – Guardados
da Memória n. 3, 171-178
- Vinte e quatro cartas a Machado de Assis – Miguel de Novaes
– Guardados da Memória n. 3, 179-229
- COSERIU, Eugenio**
A língua literária n. 33, 195-199
- COSTA, Marcus de Noronha**
Evocação do poeta Pedro Homem de Mello n. 46, 295-299
- COSTA, Sergio Corrêa da**
Depoimento (Dez anos sem Austregésilo de Athayde) n. 39, 153-158
Discurso – Prêmio de Francofonia Richelieu-Senghor n. 48, 39-45
Joaquim Nabuco e a sombra do Barão n. 19, 43-52
Medição de um imponderável (Palavras sem fronteiras) n. 25, 138-142
O rei do Brasil (D. João VI) n. 4, 5-16
- COSTA, Sergio Corrêa da**
Discurso – Prêmio de Francofonia Richelieu-Senghor n. 48, 39-45
- COUTINHO, Afrânio**
Minha viagem n. I, 64-69
- COUTINHO, Carlos Nelson**
Sartre: filosofia e política n. 46, 183-189
- COUTINHO, Fábio de Sousa**
Juristas na Academia Brasileira de Letras n. 46, 301-320
- COUTO, Deolindo**
Deolindo Couto: a Academia e a medicina – Murilo Melo
Filho n. 33, 59-78
Deolindo Couto: ciência e humanismo – Celso Barros Coelho . . n. 33, 79-96
Deolindo Couto: médico e humanista – Ivo Pitanguy n. 33, 97-105
- COUTO, Mia**
Discurso de posse (sócio correspondente) n. 17, 127-142
- COUTO, Mia**
Saudação a Mia Couto – Marcos Vinícios Vilaça n. 17, 136-142
- COUTO, Ribeiro**
Antologia poética:
A frase que se esquece (O jardim das confidências – 1921) n. 14, 127-128
A moça da estaçãozinha pobre (O jardim das confidências – 1921) . . n. 14, 131-132
A São Paulo (O jardim das confidências – 1921) n. 14, 126

A vigília da mãe fatigada (O jardim das confidências – 1921) . . . n.	I4, 130-131
Atlântico (Poemetos de ternura e de melancolia – 1924) n.	I4, 133-134
Bairro alto (Longe – 1961) n.	I4, 154-155
Canção da volta da caça (Canção de amor – 1928) n.	I4, 138-139
Canção das duas folhas (Canção de amor – 1928) n.	I4, 138
Canção divertida (Canção de amor – 1928) n.	I4, 139-140
Canção do beijo suave (Canção de amor – 1928) n.	I4, 140
Canção do sangue e das rosas (Canção de amor – 1928) n.	I4, 139
Chuva (O jardim das confidências – 1921) n.	I4, 127
Chuva na rua Castilho (Entre mar e rio – 1952) n.	I4, 148-149
Compêndio de filosofia (Um homem na multidão – 1926) n.	I4, 136
Diálogo entre o poeta e a sua alma (Um homem na multidão – 1926) n.	I4, 136-137
Diálogo sobre a felicidade (Um homem na multidão – 1926) . . n.	I4, 137
Domingo (Poemetos de ternura e de melancolia – 1924) n.	I4, 133
Domingo (Província – 1933) n.	I4, 141
Encontro em Temishoara (Longe – 1961) n.	I4, 155
Esquecer (O jardim das confidências – 1921) n.	I4, 128-129
História local (Província – 1933) n.	I4, 141
I (Noroeste e outros poemas do Brasil – 1933) n.	I4, 142-143
Infância (Um homem na multidão – 1926) n.	I4, 135
Invocação de pouso alto (Cancioneiro do ausente – 1943) n.	I4, 151
Invocação do porto natal (Cancioneiro do ausente – 1943) n.	I4, 153
Lamentação da mãe sozinha (Cancioneiro do ausente – 1943) . . n.	I4, 152-153
Meditação no terreiro do paço (Entre mar e rio – 1952) n.	I4, 147-148
Meu mar (Longe – 1961) n.	I4, 156
Noite num bosque da Europa (Cancioneiro do ausente – 1943) n.	I4, 149-150
Noturno da baixa (Entre mar e rio – 1952) n.	I4, 146-147
Noturno dos brejos estrelados (Cancioneiro do ausente – 1943) . . n.	I4, 150-151
O piano do arrabalde (Poemetos de ternura e de melancolia – 1924) . n.	I4, 134
Outros virão (O jardim das confidências – 1921) n.	I4, 126
Palmeira sozinha (Entre mar e rio – 1952) n.	I4, 148
Rua Conde de Bonfim (Um homem na multidão – 1926) n.	I4, 136
Rua da palha (Província – 1933) n.	I4, 142
Saudades de Sebastião Pescador (Cancioneiro do ausente – 1943) . n.	I4, 151-152
Solitude (O jardim das confidências – 1921) n.	I4, 129
Surdina (Poemetos de ternura e de melancolia – 1924) n.	I4, 132-133
Tempo de amar (Longe – 1961) n.	I4, 153-154
Verde e rosa (Entre mar e rio – 1952) n.	I4, 145-146
VII (Noroeste e outros poemas do Brasil – 1933) n.	I4, 143
VIII (Noroeste e outros poemas do Brasil – 1933) n.	I4, 144-145
Visita (Poemetos de ternura e de melancolia – 1924) n.	I4, 134

COUTO, Ribeiro

- A glória de Ribeiro Couto – Josué Montello n. 14, 25-28
 O centenário de Ribeiro Couto – Vasco Mariz n. 16, 55-56
 Resumo biobibliográfico n. 14, 123-125
 Ribeiro Couto e a França – Mariz Vasco n. 48, 55-60
 Ribeiro Couto e o homem cordial – Elvia Bezerra n. 44, 123-130

CRIME E IMPUNIDADE

- Crime e impunidade – Austregésilo de Athayde n. 12, 78-80

CRISTÓVÃO, Fernando

- Um confronto ou um itinerário? n. 50, 97-104

CRÍTICA LITERÁRIA

- Roberto Marinho e a crítica literária – Antônio Olinto n. 45, 181-185

CRUZ, Oswaldo

- A glória exemplar de Manguinhos – Austregésilo de Athayde . . . n. 12, 116-117

CRUZ, Eduardo Oswaldo

- Paulo Carneiro, cientista n. 31, 91-111

CULTURA

- Cultura e universidade – Arnaldo Niskier n. 48, 89-97

CUMMINGS, Edward Estlin

- Notas sobre alguns poetas da língua inglesa – Benedicto Ferri
 de Barros n. 39, 119-150

CUNHA, Euclides da

- Sonetos da juventude: Robespierre, Danton, Marat, Saint-Just . . n. 30, 195-203

CUNHA, Euclides da

- A face oculta de Euclides da Cunha – Miguel Reale n. 30, 19-27
 A origem de Os sertões – Josué Montello n. 30, 9-18
 A paineira de Euclides – Guilherme de Almeida –
 Guardados da Memória n. 30, 217-218
 A poesia de “Os sertões” – Guilherme de Almeida –
 Guardados da Memória n. 30, 205-215
 A propósito de Canudos: Machado de Assis e Gilberto Amado
 – Sergio Paulo Rouanet n. 6, 40-47
 A tradução italiana de Os sertões, de Euclides da Cunha –
 Sílvio Castro n. 34, 77-101
 Anotações sobre Euclides da Cunha – Nelson Saldanha n. 9, 34-41
 Carta a Francisco Alves (ref. ed. de Os sertões) – Manuel
 Pacheco Leão – Guardados da Memória n. 30, 227-228

Euclides da Cunha e a arte do ensaio – Massaud Moisés.	n. 30, 37-56
Euclides da Cunha e os euclidianistas – Alberto Venancio Filho . . .	n. 4, 29-51
Euclides da Cunha interessado em Marx – João de Scantimburgo . .	n. 4, 17-29
O valor literário de Os sertões – Leodegário A. de Azevedo Filho . .	n. 7, 60-71
Perfil de Euclides da Cunha – Gilberto Freyre.	n. 30, 29-36
Relembrando Euclides: conclusão do discurso de posse na Academia Paulista de Letras – Esther de Figueiredo Ferraz . .	n. 41, 161-166
Uma entrevista com Euclides da Cunha – Viriato Correia – Guardados da Memória	n. 30, 219-226

D

DAMASCENO, Darcy

A Morte, casulo da vida.	n. 49, 157-167
Céu mediterrâneo, O ausente.	n. 5, 69

DARIO, Rubén

Rubén Dario na Academia Brasileira – João Ribeiro – Guardados da Memória	n. I, 123-131
---	---------------

DAUNT, Ricardo

Apontamentos sobre o nascimento do Orpheu	n. 46, 225-247
Corpo (poesia)	n. 150, 147

DEBES, Célio

Uma ferrovia assassinada – Guardados da Memória	n. 47, 301-316
Washington Luís e a questão social	n. 41, 89-107

DELFIN NETTO, Antonio

Um prefácio: a empresa moderna no Brasil (João de Scantimburgo)	n. 36, 191-193
---	----------------

DEL PICCHIA, Menotti

Poesia:

<i>Juca Mulato</i>	n. 19, 100-130
Alma alheia	n. 19, 109-111
A mandinga	n. 19, 122-124
A serenata	n. 19, 106-108
A voz das coisas	n. 19, 125-127
Fascinação	n. 19, 112-114
Germinal	n. 19, 100-105
Lamentações	n. 19, 115-119
Presságios	n. 19, 120-121
Ressurreição	n. 19, 128-130

DEL PICCHIA, Menotti

- Menotti del Picchia – Oscar Dias Corrêa n. 19, 97-99
 Tema à margem de Menotti – Austregésilo de Athayde n. 12, 89-91

DIAS, Stefan

- Os salmos de Stefan Dias – Edson Nery da Fonseca n. 13, 97-99

DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS

- Um dicionário indispensável – Adelson Gonçalves n. 45, 99-102

DICKINSON, Emily

- Notas sobre alguns poetas da língua inglesa – Benedicto
 Ferri de Barros n. 39, 119-150

DINIZ, Marcelo

- Agulhas n. 37, 224
 Ócio n. 37, 223

DIREITO E ARTE

- O gosto artístico e o senso de justiça – Tercio Sampaio
 Ferraz Junior n. 9, 55-60

DIREITOS HUMANOS

- Declaração Universal dos Direitos Humanos – Discurso
 – Austregésilo de Athayde n. 12, 118-119
 Filosofia básica dos Direitos Humanos – Austregésilo de
 Athayde n. 12, 120-134

DOM CASMURRO

- A trilogia do trágico em Machado de Assis – Mauro Márcio
 de Paula Rosa n. 6, 48-81
 Juan Valera e Machado de Assis: um diálogo possível – um
 estudo das categorias tempo, ser e memória em Genio y
 Figura e Dom Casmurro n. 45, 63-89
 Teatro e tragédia na produção romanesca de Machado de
 Assis: ênfase em Memórias Póstumas de Brás Cubas,
 Quincas Borba e Dom Casmurro n. 47, 145-187
 Universidade de Coimbra e o centenário de *Dom Casmurro* n. 20, 26-32

DONATO, Hernani

- Resguardo (conto) n. 18, 109-111
 Vozes na hora vazia n. 11, 129-130
 Xôôô (conto) n. 35, 185-187

DOSTOIEVSKI, Fiodor

- Naturalismo russo: Dostoievski – Clóvis Beviláqua –
 Guardados da Memória n. 49, 253-266

DUARTE, Sergio

- The raven (O corvo), de Edgar Allan Poe – tradução n. 22, 178-189
Sonetos traduzidos, de Gaspara Stampa e Giacomo Leopardi
– tradução n. 34, 224-227

DUARTE, Urbano

- A gruta do inferno (crônica) – Guardados da Memória n. 34, 229-236
As duas línguas (crônica) – Guardados da Memória n. 33, 321-326

DUARTE, Urbano

- Urbano Duarte – o fundador da Cadeira 12 – Fernando Sales . . n. 32, 191-206

DUMONT, Santos

- Paris aplaude Santos Dumont – Guardados da Memória n. 31, 249

DURKHEIM, Émile

- Fato social e problemática ética: o pensamento de Durkheim
– Nelson Saldanha n. 26, 141-149

250 ANOS DE HANS CHRISTIEN ANDERSEN

- Pelas frestas e brechas: importância da literatura infanto-juvenil
brasileira – Ana Maria Machado n. 48, 103-118

250 ANOS DE PUBLICAÇÃO DE JÚBILOS DA AMÉRICA

- A cidade do Rio de Janeiro no tempo de Júbilos da América
– Nireu Cavalcanti n. 46, 201-211
Os Júbilos da América e o seu contexto histórico –
Arno Wehling n. 46, 191-200

E

EDMUNDO, Luís

- Às memórias de Luís Edmundo – Austregésilo de Athayde . . . n. 12, 87-89

EDUCAÇÃO

- A educação brasileira no limiar do milênio – Arnaldo Niskier . . . n. 25, 123-137
A educação brasileira no Terceiro Milênio – Arnaldo Niskier . . n. 15, 12-24
A educação religiosa no Brasil – Arnaldo Niskier n. 9, 14-24
A educação superior e o impacto da tecnologia – Arnaldo Niskier . . n. 16, 27-41
A indústria do conhecimento e a reforma universitária
brasileira – Arnaldo Niskier n. 18, 45-60
Alfabetização: calças curtas diante da modernidade
– Arnaldo Niskier n. 1, 49-63
Aspectos legais da educação à distância no Brasil
– Arnaldo Niskier n. 38, 29-31

- Fernando de Azevedo: a educação na encruzilhada
 – Arnaldo Niskier n. 11, 51-60
- Fernando de Azevedo: um humanista na educação
 – Alberto Venancio Filho n. 3, 40-58
- Mudanças na educação: o incremento necessário
 – Arnaldo Niskier n. 39, 9-19
- ELIA, Silvio**
 O enigma da Arte de Furtar n. 10, 63-74
- ELIOT, T. S.**
 Eliot – Poeta do século XX – Benedicto Ferri de Barros n. 6, 82-95
 Notas sobre alguns poetas da língua inglesa – Benedicto
 Ferri de Barros n. 39, 119-150
- ÉLIS, Bernardo**
 A síntese su/realista de Bernardo Élis – Gilberto Mendonça Teles . . n. 3, 112-121
- ESCOLA DE FRANKFURT**
 Ortega y Gasset e a Escola de Frankfurt – Sergio Paulo Rouanet . . n. 46, 107-114
- ESPINHEIRA FILHO, Ruy**
 Cinco poemas inéditos n. 48, 205-212
 Canção do efêmero com passarinho em brisa n. 48, 212
 Epifania n. 48, 205-208
 In Angello cum Libello n. 48, 209-211
 Reflexões n. 48, 208
 Soneto noturno n. 48, 211
- ESPÍNOLA, Adriano**
 Carlos Nejar incorpora a confluência rebelde n. 23, 79-80
 Poemas inéditos: A praia, Queda n. 9, 114-115
- ETIMOLOGIA**
 Em torno da etimologia de ‘sobre’ – Ricardo C. Salles n. 5, 13-21
- EULÁLIO, Alexandre**
 Sousândrade, um ‘poeta maldito’ precursor da poesia moderna . . n. 9, 42-47

F

- FALCÃO, João Francisco**
 Discurso – Centenário de Austregésilo de Athayde e
 cinqüentenário da Declaração Universal dos Direitos
 do Homem – sessão comemorativa do Tribunal Federal
 da 5.ª Região n. 18, 6-7

FAORO, Raymundo

Depoimento – 90.º aniversário de Evandro Lins e Silva n. 33, 153-161

FAORO, Raimundo

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa
Coutinho n. 46, 301-320

FARIA, Idelma Ribeiro de

Poemas:

Ai, cantigas! n. 23, 88

À plena luz n. 23, 89

Florença n. 23, 90-92

FARIA, Octavio de

Notas sobre Maquiavel e o Brasil – Alberto Venancio Filho . . . n. 41, 17-35

FEMINISMO

Platão e o princípio feminino – Gilda Naécia M. de Barros . . . n. 5, 29-37

FERNANDES, Ronaldo Costa

A peripécia (conto) n. 49, 199-203

FERRAZ, Esther de Figueiredo

De como ‘descobri’ Eça de Queirós, e do mais que me
aconteceu n. 24, 159-173

Homenagem a Pedro Calmon n. 20, 65-79

Relembrando Euclides: conclusão do discurso de posse na
Academia Paulista de Letrasn. n. 41, 161-166

FERRAZ JUNIOR, Tercio Sampaio

O gosto artístico e o senso de justiça. n. 9, 55-60

FERREIRA, Izacyl Guimarães

Lêdo Ivo numa leitura dupla n. 42, 219-233

FERREIRA, Marieta de Moraes

Os professores franceses e a redescoberta do Brasil n. 43, 227-245

FESTA LITERÁRIA DE PARATI

“Não sou um etc” – João Ubaldo Ribeiro (entrevista a Paulo
Celso Pereira) n. 46, 279-284

FIGUEIREDO, Fidelino de

Depois de Eça de Queirós n. 24, 104-115

FIGUEIREDO, Wilson de

Castellinho em moldura mineira n. 36, 67-71

FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor Pinto de

A correspondência passiva de José Lins do Rego n. 42, 31-50

FILOSOFIA

- A filosofia na obra de Machado de Assis – Miguel Reale n. 44, 7-33
- Conferência – Norberto Bobbio n. 41, 247-260
- Estudos recentes sobre mudança social – Antonio Paim n. 22, 93-106
- Formação intelectual e itinerário filosófico de Tobias Barreto
 - Newton Lins Buarque Sucupira. n. 2, 110-142
- Jung e o gnosticismo moderno – J.O. de Meira Penna. n. 4, 74-93
- O movimento fenomenológico no Brasil – Antonio Paim. n. 9, 61-76
- O tempo em sermão do padre Antônio Vieira – João de Scantimburgo. n. 10, 7-20
- Platão e o princípio feminino – Gilda Naécia M. de Barros n. 5, 29-37
- Presença da filosófica em Machado de Assis – Maria Luiza Penna n. 48, 131-164
- Razão, razões – Razão e circunstância – Nelson Saldanha n. 40, 175-180
- Sartre: filosofia e política – Carlos Nelson Coutinho n. 46, 183-189
- Teoria do ser e perspectiva – Miguel Reale n. 41, 11-15

FISCHER, Luís Augusto

- Augusto Meyer, um ensaísta da Comarca do Pampa n. 32, 45-67
- Poesia e distância n. 38, 197-198

FLIP ver FESTA LITERÁRIA DE PARATI

FONSECA, Edson Nery da

- Gilberto Freyre e a língua portuguesa n. 18, 98-104
- Gilberto Freyre e o Recife dos anos 30 e 40. n. 25, 35-43
- Minhas memórias de Álvaro Lins n. 7, 51-59
- O drama religioso de Álvaro Lins n. 45, 113-117
- Os salmos de Stefan Dias. n. 13, 97-99
- Uma só alma em dois corpos (Gilberto Freyre e José Lins do Rego) n. 15, 69-82

FONSECA, José Paulo Moreira da

- Laranja n. 5, 75
- Noturnos n. 5, 76
- Os heróis. n. 5, 75

FONSECA, Yone Giannetti da

- Poemas – I a V. n. 2, 148-152
- Sonetos n. 20, 85-88

FONTES, Hermes

- A lâmpada velada – Austregésilo de Athayde – Guardados da Memória n. 6, 148-151

FONTOURA, João Neves

Um bravata de mosqueteiro – Austregésilo de Athayde n. 12, 53-55

FORTES, Fernando

Insight: Machado de Assis n. 44, 131-134

FRAGA, Clementino

Clementino Fraga – Alberto Venancio Filho n. 20, 43-47

Clementino Fraga na Academia – Assis Chateaubriand

– Guardados da Memória n. 28, 167-169

FRANÇA

A França e o Brasil – João de Scantimburgo n. 43, 5-7

A França e o Brasil – Paulo Napoleão Nogueira da Silva n. 43, 9-18

A Missão Militar Francesa no Brasil – Carlos de Meira Mattos n. 43, 187-189

Influência francesas no Modernismo brasileiro – Alexei Bueno n. 43, 145-155

João Cointha, um heterodoxo na França Antártica

– Paulo Roberto Pereira n. 43, 19-37

Missão Francesa de 1816: esplendor e ruptura – Alfredo Britto n. 43, 57-65

Os professores franceses e a redescoberta do Brasil

– Marieta de Moraes Ferreira n. 43, 227-245

Presença da França no teatro brasileiro – Sábado Magaldi n. 43, 285-295

FRANÇA ANTÁRTICA

Comemorando os 450 anos da França Antártica – Vasco Mariz n. 45, 35-47

FRANCO, Afonso Arinos de Melo

Afonso Arinos e o retrato de noiva – Octavio Mello Alvarenga n. 26, 81-102

As ciências humanas segundo Afonso Arinos de Melo Franco

– Fábio Lucas n. 47, 135-143

Bernanos, Virgílio e Afonso – Afonso Arinos, filho n. 43, 83-91

Cartas de Magalhães de Azeredo a Afonso Arinos de Melo

Franco n. 29, 247-302

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa

Coutinho n. 46, 301-320

Lembrança do Amigo Ausente (ref. Magalhães de Azeredo) n. 29, 271-276

Textos esparsos (ref. Magalhães de Azeredo) n. 29, 303-332

FRANCO, Virgílio A. de Melo

Bernanos Virgílio e Afonso – Afonso Arinos, filho n. 43, 83-91

FRANCOFONIA

Discurso – Prêmio de Francofonia Richelieu-Senghor

– Sergio Corrêa da Costa n. 48, 39-45

FREIRE, Aníbal

- Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa
 Coutinho n. 46, 301-320
 Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal
 – Eros Roberto Grau n. 47, 21-39
 O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio Filho . . n. 47, 43-69

FREIRE, Junqueira

- Junqueira Freire – Alberto Venancio Filho. n. 45, 219-234
 Junqueira Freire e a máscara da teia de aranha – Carlos Nejar. . . n. 45, 235-238
 O desejo de aniquilação em Junqueira Freire e em outros
 poetas românticos brasileiros – Alexei Bueno n. 45, 239-250

FREUD, Sigmund

- Da atribuição à existência: Um estudo de Rouanet sobre Freud,
 suas fontes literárias e o estatuto da interpretação – Antônio
 Sérgio Mendonça; Leodegário Amarantes Azevedo Filho. . . . n. 42, 195-204

FREYRE, Gilberto

- Perfil de Euclides da Cunha. n. 30, 29-36

FREYRE, Gilberto

- A função da casa-grande – João de Scantimburgo n. 25, 28-34
 A trilogia patriarcal e os dualismos freyrianos – Nelson Saldanha . . n. 25, 54-61
 A última lição de Gilberto Freyre – Josué Montello n. 25, 8-12
 Ainda o mestre de Apipucos – Odilon Nogueira de Matos n. 25, 112-122
 Cátedras universitárias para estudar Gilberto – Austregésilo
 de Athayde. n. 12, 113-114
 Considerações sobre Gilberto Freyre – Fernando Henrique
 Cardoso n. 25, 5-7
 Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio
 de Moraes – 2006 – Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke n. 49, 209-216
 Gilberto Freyre – Paulo Napoleão Nogueira da Silva n. 25, 104-111
 Gilberto Freyre e a língua portuguesa – Edson Nery da Fonseca . . . n. 18, 98-104
 Gilberto Freyre e a sociologia contemporânea
 – Marcos Vinícios Vilaça. n. 25, 24-27
 Gilberto Freyre e o Recife dos anos 30 e 40
 – Edson Nery da Fonseca. n. 25, 35-43
 Gilberto Freyre e sua vocação filosófica – Miguel Reale n. 25, 13-23
 Gilberto Freyre hispânico – Vamireh Chacon n. 47, 249-264
 Gilberto Freyre na Ilha dos Amores – Alberto da Costa e Silva n. 41, 77-87
 Gilberto Freyre, intérprete do Brasil – Miguel Reale n. 26, 45-57
 Gilberto Freyre, um davinciano livre – Austregésilo de Athayde. . . . n. 12, 112-113

- Gilberto Freyre, um vitoriano dos trópicos – Discurso de saudação
 – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2006
 – Alberto da Costa e Silva. n. 49, 205-208
- Gilberto, totem da nacionalidade – Mário Chamie n. 25, 74-81
- Luto patriarcal e morte da Sinhá em *Casa-Grande & Senzala*
 – Fátima Quintas. n. 25, 82-103
- O trágico em José Lins do Rego e Gilberto Freyre
 – Tarcísio M. Burity n. 31, 223-241
- Pragmatismo, história e indivíduo em *Casa-grande & senzala*
 – Sebastião Vila Nova n. 25, 62-73
- Sobre o mestre de Apipucos – Leodegário A. de Azevedo Filho . . n. 23, 76-78
- Sociologia do tempo vivo – Gilberto de Mello Kujawski n. 25, 44-53
- Uma só alma em dois corpos – Edson Nery da Fonseca n. 15, 69-82

FRIAS, Rubens Eduardo Ferreira

- O jogo do bicho” e a clarividência machadiana n. 39, 105-118

FROST, Robert

- Notas sobre alguns poetas da língua inglesa
 – Benedicto Ferri de Barros. n. 39, 119-150

FROTA, Lélia Coelho

- A cultura popular na obra de Sílvio Romero n. 42, 105-112
- Carlos & Mário: encontros n. 36, 85-106

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

- Roberto Marinho: o homem da educação – Arnaldo Niskier . . . n. 45, 171-179

FURTADO, Celso

- A responsabilidade dos cientistas. n. 37, 19-24
- Atividades da Academia. n. 34, 9-10
- Revisitando Euclides da Cunha. n. 30, 91-96
- Rui Barbosa e a política financeira do primeiro governo
 republicano n. 21, 169-172

FURTADO, Celso

- Celso Furtado: formação e ação – Vamireh Chacon n. 38, 85-100
- Celso Furtado: legenda dos tempos – Agassiz Almeida n. 45, 107-111
- Os 80 anos de Celso Furtado – Murilo Melo Filho n. 25, 143-146
- Semblanza de Celso Furtado – Carlos Mallorquin. n. 45, 103-106

G

GALVÃO, frei Antônio de Sant'Anna

Os quatro processos de Frei Galvão – Armando Alexandre dos Santos n. 18, 112-135

GALVÃO, Walnice Nogueira

Os sertões faz cem anos: o alcance das idéias de Euclides da Cunha n. 30, 97-113

GAMA FILHO, Oscar

A essência da poesia n. 9, 48-54

GARCIA JÚNIOR, Afrânio

O caminhão, a circulação das idéias e o poder dos coronéis no Nordeste. n. 39, 83-99

GARCIA LORCA, Federico

Meu amigo Garcia Lorca – Austregésilo de Athayde n. 12, 57-59

GASTÃO, Ana Marques

A aprendizagem da visão n. 38, 189-192
Romance: uma fábula do vento n. 38, 193-195

GATTAI, Zélia

Meu amigo e compadre Pablo Neruda n. 44, 95-102

GENEALOGIA

À procura de Tructesindo: por que tanta gente hoje em dia pesquisa as próprias raízes? – Armando Alexandre dos Santos n. 44, 135-171

GERAÇÃO DE 45

Geraldo Pinto Rodrigues n. 4, 129-131
Vários poetas n. 5, 64-80

GESTEIRA, Sérgio Martagão

Eros e errância em Álvares n. 35, 17-37

GNOSTICISMO

Jung e o gnosticismo moderno – J.O. de Meira Penna n. 4, 74-93

GOBINEAU, Arthur, comte de

Gobineau no Brasil – João de Scantimburgo n. 43, 279-283

GÓES, Fred

O carnaval na literatura brasileira n. 48, 165-177

GOMES, Dias

O bem amado Dias Gomes – Arnaldo Niskier n. 49, 45-32

GOMES, Frederico

- Delta poético sob A árvore seca. n. 49, 187-194
 Índicios para uma leitura de Dionísio crucificado, de Per Johns . . . n. 46, 249-257

GONÇALVES, Adélto

- A poesia sáfica de Judith teixeira n. 48, 195-198
 Narciso de Andrade, o poeta do vento e das maresias n. 41, 207-225
 Um dicionário indispensável n. 45, 99-102

GRAU, Eros Roberto

- Desenvolvimento regional, conceitos: à procura de uma
 literatura nacional do desenvolvimento regional n. 49, 103-143
 Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal. n. 47, 21-39

GRAVES, Robert

- Notas sobre alguns poetas da língua inglesa – Benedicto
 Ferri de Barros. n. 39, 119-150

GRINOVER, Ada Pellegrini

- A carta do Dr. Jekyll (conto). n. 44, 65-73
 As neves de Kilimanjaro. n. 35, 197-198
 Autismo n. 35, 198
 Presença n. 35, 199

GUANABARA, Alcindo

- Alcindo Guanabara e o jornalismo do seu tempo
 – Cícero Sandroni n. 40, 59-75

GUARDADOS DA MEMÓRIA

- A Academia Brasileira e o Jornal do Commercio – João Luso. . . n. 32, 309-313
 A democracia em questão – João de Scantimburgo n. 41, 245-260
 A gruta do inferno – Urbano Duarte n. 34, 229-236
 A lâmpada velada – Austregésilo de Athayde n. 6, 148-151
 À margem das décadas – Sylvio B. Pereira n. 37, 249-253
 A morte de Eça de Queirós – Machado de Assis n. 38, 307-308
 A morte de Olavo Bilac: outras manifestações n. 13, 137-158
 A morte de Olavo Bilac: um apelo da mocidade e o momento
 atual brasileiro n. 11, 167-177
 A paineira de Euclides – Guilherme de Almeida n. 30, 217-218
 A poesia de “Os sertões” – Guilherme de Almeida n. 30, 205-215
 A sabedoria dos instintos – Austregésilo de Athayde. n. 6, 143-147
 A vida realista de Antônio Prado – Graça Aranha n. 18, 162-188
 Alberto de Oliveira – Homero Pires. n. 20, 92-100
 As duas línguas – Urbano Duarte n. 33, 321-326

As poesias “proibidas” de Bernardo Guimarães	
– Newton Assunção	n. 9, 168-166
Carta a Francisco Alves – Manuel Pacheco Leão	n. 30, 227-228
Carta de Mário de Andrade a Carlos Lacerda – Mário de Andrade	n. 39, 273-280
Cartas de Graça Aranha a Machado de Assis – Graça Aranha	
– Guardados da Memória.	n. 4, 133-147
Centenário do nascimento de Mário Quintana	
– Ricardo Vieira Lima	n. 50, 199-210
Clementino Fraga na Academia – Assis Chateaubriand	n. 28, 167-169
Com Bernanos no Brasil – Geraldo França de Lima.	n. 40, 23-237
Como nasceu o ritual da visita aos acadêmicos – M. Pio Correa	n. 25, 188-189
Depoimento de uma conversão – Augusto de Lima.	n. 16, 173-179
Duas cartas inéditas de Machado de Assis – Mário Alves	
de Oliveira	n. 50, 223-225
Eduardo Prado – Eça de Queirós	n. 24, 274-290
Em ar de conversa – Silva Ramos	n. 35, 213-233
Entrevista de Mário de Alencar	n. 18, 152-153
Fidélis, o São Pedro da Academia – Joel Silveira e Francisco	
de Assis Barbosa	n. 26, 165-173
François Mauriac – Alceu Amoroso Lima	n. 43, 355-365
Herma de Machado de Assis – Constâncio Alves	n. 18-158-161
Lembranças de Paulo Prado – J. F. (Yan) de Almeida Prado	n. 23, 101-119
Memórias – doação do Petit Trianon – Afrânio Peixoto	n. 44, 243-247
Miguel Reale, um jurista de alma poética – José Mario Pereira.	n. 49, 267-271
Miguel Reale: a CPI deve agir com absoluta – José Mário Pereira	n. 48, 263-269
MR. Paul Hazard – Austregésilo de Athayde.	n. 6, 152-154
Naturalismo russo – Dostoievski – Clóvis Beviláqua.	n. 49, 253-266
O “príncipe” – Coelho Neto.	n. 2, 161-164
O claro enigma de Mario Quintana – Luciano Rosa.	n. 50, 211-220
O coração dos poetas – Humberto de Campos	n. 5, 81-87
O ‘demônio’ da Academia – Assis Chateaubriand	n. 48, 271-275
O dicionário das Academias – João Ribeiro.	n. 22, 225-229
O incrível Bernardo Guimarães – Antonio Constantino	n. 9, 153-165
O meu Laet: palavras mansas a um bichano bravo	
– Constâncio Alves	n. 14, 157-163
O poeta Machado de Assis visto por Alberto de Oliveira	
– Alberto de Oliveira	n. 25, 183-187
O purismo e o progresso da língua portuguesa	
– Manuel Said Ali.	n. 36, 231-255
O reflexo no espelho – Pérola de Carvalho.	n. 3, 171-178
O suave milagre – Eça de Queirós.	n. 24, 265-273

O último heleno – Guilherme de Almeida	n. 18, 157
Obras completas de Afrânio Peixoto	
– Francisco Venancio Filho	n. 32, 315-318
Os livros vão e não voltam – o que se encontra	
– Constâncio Alves	n. 44, 249-256
Ouvindo o príncipe dos poetas brasileiros	n. 8, 163-175
Para mim mesmo: páginas do diário de Alceu Amoroso	
Lima sobre o modernismo – Alceu Amoroso Lima	n. 7, 113-132
Paris aplaude Santos Dumont	n. 31, 249
Pobreza digna – João de Scantimburgo	n. 38, 309-311
Poesia brasileira – Humberto de Campos.	n. 22, 211-224
Poesia de ontem e de hoje – Amadeu Amaral.	n. 5, 88-93
Prece de natal – Rui Barbosa.	n. 17, 192-199
Príncipe dos poetas brasileiros.	n. 8, 161-162
Raimundo Correia – Múcio Leão	n. 15, 193-197
Reminiscências acadêmicas – Afonso Celso	n. 2, 167-171
Rio Branco – Constâncio Alves.	n. 46, 341-343
Rubén Dario na Academia Brasileira – João Ribeiro	n. 1, 123-131
Rui conquista Haia	n. 31, 250
Sermão nas exéquias de Rui Barbosa – Monsenhor	
Fernando Rangel	n. 21, 289-305
Soneto de natal – Machado de Assis.	n. 17, 189
Trajectoria de Roberto Marinho – José Mario Pereira	n. 45, 265-280
Um ático – Coelho Neto.	n. 2, 165-166
Um despertar... histórico – Coelho Neto	n. 1, 119-122
Um precursor de Malthus e de Marx – Professor Antônio	
Piccarolo	n. 42, 255-271
Um prefácio – João Camilo de Oliveira Torres	n. 45, 261-264
Uma entrevista com Euclides da Cunha – Viriato Correia	n. 30, 219-226
Uma ferrovia assassinada – Célio Debes	n. 47, 301-316
Uma fonte de Castro Alves – Josué Montello	n. 27, 221-227
Uma página de Euclides – Alceste.	n. 31, 251-252
Vinte e quatro cartas a Machado de Assis – Miguel de Novaes	n. 3, 179-229
<i>GUIMARÃES, Bernardo</i>	
As poesias ‘proibidas’ de Bernardo Guimarães – Newton Assunção –	
Guardados da Memória	n. 9, 166-168
O incrível Bernardo Guimarães – Antonio Constantino	
– Guardados da Memória.	n. 9, 153-165
<i>GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de</i>	
Cantiga na praia, Nascituro	n. 5, 66

H

HANSEN, João Adolfo

Alguma prosa de Drummond n. 32, 139-181

HAZARD, Paul

Mr. Paul Hazard – Austregésilo de Athayde – Guardados

da Memória n. 6, 152-154

HEANEY, Seamus

Notas sobre alguns poetas da língua inglesa – Benedicto

Ferri de Barros n. 39, 119-150

HELIODORA, Barbara

Antônio José, o Judeu, e o teatro do século XVIII. n. 45, 123-129

HISTÓRIA

História e estilo – Marcos Almir Madeira n. 5, 9-12

Literatura e história – Marcos Almir Madeira n. 2, 51-88

O tempo em sermão do padre Antônio Vieira

– João de Scantimburgo n. 10, 7-20

O tempo tribulo português – Adriano Moreira n. 2, 42-50

HISTÓRIA DO BRASIL

A formação brasileira – Paulo Napoleão Nogueira da Silva n. 40, 181-188

Dom João VI e a escravidão – Paulo Napoleão Nogueira da Silva . n. 31, 159-173

O rei do Brasil – Sergio Corrêa da Costa n. 4, 5-16

HISTORIOGRAFIA

Historiografia oficial – Paulo Napoleão Nogueira da Silva. . . . n. 48, 123-130

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de

Definições de Aurélio – Arnaldo Niskier n. 23, 10-22

Um oceano de palavras – Lêdo Ivo n. 22, 54-57

HOLLANDA, Joel de

Homenagem do Senado Federal pelo centenário da ABL n. 11, 18-23

HOLANDA, Sérgio Buarque de

Das Raízes e seus frutos – Regina Zilberman. n. 33, 237-254

Sérgio Buarque de Holanda e a crítica literária

– Massaud Moisés. n. 32, 183-189

HORTA, Luiz Paulo

Razão e espiritualidade: uma conversa imemorial. n. 50, 129-146

HOUAISS, Antonio

Adeus a Abgar Renault n. 7, 5-6

HUGO, Victor

Este século tem dois anos: a propósito do bicentenário
de Victor Hugo – Sergio Paulo Rouanet. n. 33, 35-57

HÜSEMANN, Vera

O menino e o papagaio n. 47, 265-270
Os sapatos (conto) n. 48, 199-203

Poemas:

Caminhada n. 23, 86-87
Contração n. 32, 291
Dizeres da entrega n. 32, 294
Dizeres da inutilidade n. 32, 292
Dizeres do amor impossível. n. 23, 81
Dizeres do desejo n. 32, 293
Dizeres eróticos n. 32, 293-294
Instantâneo n. 23, 83
Inteira n. 23, 84
Momento da morte n. 32, 296
Pedido. n. 23, 82
Trajetória n. 32, 289-290
Tristeza. n. 23, 85
Um dia, que não sei n. 32, 295

Poemas inéditos:

A lua é minha? n. 44, 236-238
Amanhecimento n. 44, 240-241
Impossível. n. 44, 238-239
O instante do espelho n. 44, 235-236
Trocás. n.44, 239

I

IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

Síntese sobre a identidade nacional – Gilberto de Mello Kujawski. . n. 45, 49-61

IMORTALIDADE

Culto da Imortalidade – João de Scantimburgo n. 42, 5-6

ÍNDIO BRASILEIRO

Do bom selvagem ao bárbaro canibal – Paulo Roberto
Pereira Pereira n. 46, 259-273
Montaigne e os canibais: influência no Brasil – Alberto
Venancio Filho n. 43, 39-55

INTERTEXTUALIDADE

- O discurso intertextual de O conto da ilha desconhecida de José Saramago – Latuf Isaias Mucci. n. 48, 180-184

IVO, Lêdo

- A cosmologia malograda (Raul Pompéia). n. 8, 27-38
 A história literária de José Lins do Rego. n. 42, 23-29
 A noite de um estudante: discurso de Doutor Honoris Causa. . . n. 45, 251-255
 A porta de ouro (Cruz e Sousa) n. I, 44-48
 A prosa reencontrada. n. 40, 147-157
 A ruína e a selva: a teoria literária de Domingos José Gonçalves de Magalhães n. 2, 22-29
 Cyro dos Anjos e o romance n. 47, 75-78
 Encontro, desencontro (Eça de Queirós) n. 24, 12-15
 Lêdo Ivo numa leitura dupla – Izacyl Guimarães Ferreira n. 42, 219-233
 Lembrança de Orígenes Lessa n. 45, 143-149
 O escritor Rui Barbosa. n. 21, 57-65
 O outro Lara Resende n. 35, 73-75
 O poeta e suas ilhas n. 7, 19-28
 Saudação a Antonio Bulhões – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2004. n. 40, 191-193
 Sobre Cruz e Sousa n. 16, 42-51
 Um oceano de palavras (Aurélio Buarque de H. Ferreira) n. 22, 54-57
 Um velho anjo aposentado (Américo Jacobina Lacombe). n. 36, 17-19

Poesia:

- A coruja branca. n. 26, 157
 A noite branca n. 26, 159-160
 A passagem n. 26, 158
 Morcegos e goiamuns – Seleção de poemas
 Na praia dos cachorros n. 26, 157
 O aroma de Roma n. 26, 160
 O barulho do mar. n. 26, 155
 O raio n. 26, 162
 O sol da tarde. n. 26, 161
 Os seios. n. 26, 161-162
 Rilke vai ao dentista. n. 26, 158
 Soneto da enseada n. 26, 163
 Soneto de Roma. n. 26, 159
 Uma janela no campo. n. 26, 156

Ivo, Lêdo

- Das fronteiras à travessia: a poética plural de Lêdo Ivo
 – José Mário da Silva n. 47, 207-218
Doutor Honoris Causa A noite de um estudante – Lêdo Ivo n. 45, 251-255
 Habitar o momento (poética de Lêdo Ivo) – Vera Lúcia de
 Oliveira n. 33, 201-208
 Homenagem aos 80 anos do poeta Lêdo Ivo – Francisco
 de Carvalho n. 40, 196-197
 Morcegos e goiamuns – Uma apresentação – Afonso Arinos
 Filho. n. 26, 153-154
 Plenilúnio, de Lêdo Ivo – Linhares Filho n. 50, 83-95

J

JAGUARIBE, Hélio

- Ortega y Gasset: vida e obra n. 46, 125-156

JARDIM, Rachel

- Proust e Eça – pastiches e mélanges n. 49, 145-155

JOÃO VI, Rei de Portugal, 1767-1826

- Dom João VI e a escravidão – Paulo Napoleão Nogueira
 da Silva. n. 31, 159-173
 O rei do Brasil – Sergio Corrêa da Costa n. 4, 5-16

JOHNS, Per

- Da magia do unicórnio aos rios da vida n. 39, 101-104
 Dioniso crucificado (Vicente Ferreira da Silva) n. 34, 125-141
 Viagem alma adentro n. 38, 133-158

JOHNS, Per

- Indícios para uma leitura de Dioniso crucificado, de Per Johns
 – Frederico Gomes n. 46, 249-257

JORNAL DO COMMERCIO

- A Academia Brasileira de Letras e o Jornal do Commercio
 – João Luso – Guardados da Memória n. 32, 309-313
 Pierre Plancher e o Jornal do Commercio – Cícero Sandroni ... n. 43, 263-277

JORNALISMO

- Alcindo Guanabara e o jornalismo do seu tempo
 – Cícero Sandroni n. 40, 59-75
 Comunicação de massa e jornalismo literário
 – Arnaldo Niskier n. 3, 83-98

Novela-Crônica, um novo gênero: jornalismo e literatura –
 Arnaldo Niskier. n. 40, 139-146

JORNALISTAS ACADÊMICOS

Athayde, jornalista – Laura Sandroni n. 46, 7-19
 Barbosa Lima Sobrinho, Dr. Barbosa – Marcos Vinícios Vilaça . . . n. 46, 28-36
 Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, Chatô
 – Murilo Melo Filho. n. 46, 37-48
 Jornalista Carlos Catello Branco, o Castelinho –
 Villas-Bôas Corrêa. n. 46, 19-28

JOSÉ, Antônio, o Judeu ver SILVA, Antônio José da, o Judeu

JÚBILOS DA AMÉRICA

A cidade do Rio de Janeiro no tempo de Júbilos da América
 – Nireu Cavalcanti n. 46, 201-211
 Os Júbilos da América e o seu contexto histórico
 – Arno Wehling n. 46, 191-200

JÚLIA, Francisca

Musa im(passível) – Vera Lúcia Figueiredo Costa Rocha. n. 14, 103-121

JUNG, Carl Gustav

Jung e o gnosticismo moderno – J.O. de Meira Penna. n. 4, 74-93

JUNQUEIRA, Ivan

Cervantes e a literatura brasileira n. 45, 7-24
 Charles Baudelaire n. 43, 345-353
 Depoimento – 20.º aniversário de falecimento de Alceu
 Amoroso Lima. n. 39, 210-211
 Poemas de Dylan Thomas: traduzidos por Ivan Junqueira n. 39, 247-263
 Posse da Diretoria da ABL – 2006: discurso de despedida n. 47, 7-11
 Simbolismo: origens e irradiação internacional. n. 30, 159-183

Poemas escolhidos:

A garra do grifo n. 27, 197-198
 A morte. n. 27, 214-215
 Ária marinha. n. 27, 190-191
 Canção estatuária n. 27, 195-196
 Corpus meum. n. 27, 199-200
 Esse punhado de ossos. n. 27, 216
 Estive aqui n. 27, 204-206
 Hoje n. 27, 189
 Lição n. 27, 196
 Meu pai. n. 27, 201

O enterro dos mortos.....	n. 27, 208-209
O poder	n. 27, 216-218
O polvo.....	n. 27, 199
O que me coube.....	n. 37, 221-222
Onde estão	n. 27, 206-208
Os mortos.....	n. 27, 185-189
Quando solene e agudo	n. 27, 219
Signo & esfinge.....	n. 27, 191-194
Talvez o vento saiba.....	n. 27, 218
Terzinas para Dante Milano	n. 27, 210-213
Vozes	n. 27, 202-204

JUNQUEIRA, Ivan

O nervo do conflito: fencimento e vitalidade na poesia de Ivan Junqueira – Ricardo Vieira Lima	n. 47, 189-206
---	----------------

K

KAFKA, Franz

O processo, de Franz Kafka uma interpretação – Nelson Mello e Souza	n. 42, 149-172
--	----------------

KAWABATA, Boshu

Haikai japonês	n. 36, 229
----------------------	------------

KEATS, John

Sonnet – Soneto.....	n. 4, 105-106;
n. 7, 98-99	

KIBON, marca

Um ficcionista na propaganda – José Louzeiro	n. 45, 151-165
--	----------------

KONDER, Leandro

Dez anos sem José Guilherme Merquior – Depoimento	n. 32, 261-265
Sartre e os comunistas	n. 46, 173-181

KUJAWSKI, Gilberto de Mello

O sentido da vida.....	n. 50, 69-82
Síntese sobre a identidade nacional.....	n. 45, 49-61
Sociologia do tempo vivo (Gilberto Freyre).....	n. 25, 44-53
Vida pública e vida privada	n. 47, 227-237

KURIBAYASHI, Issekiro

Haikai japonês	n. 36, 228
----------------------	------------

L

LACERDA, Carlos

Carta de Mario de Andrade à Carlos Lacerda. n. 39, 273-280

LACOMBE, Américo Jacobina

Américo Jacobina Lacombe e a tradição hermenêutica na
historiografia brasileira – Arno Wehling n. 36, 33-40

Américo Jacobina Lacombe: historiador-humanista
– Tarcísio Padilha. n. 36, 21-31

Américo Lacombe: o sentido de uma cultura
– Marcos Almir Madeira n. 36, 11-16

Um velho anjo aposentado – Lêdo Ivo. n. 36, 17-19

LAET, Carlos de

O meu Laet – Constâncio Alves – Guardados da Memória n. 14, 157-163

LAGO, Manoel Aranha Corrêa do

Darius Milhaud e os “compositores de tangos, maxixes, sambas
e cateretês”. n. 43, 109-143

LAWRENCE, L. H.

Notas sobre alguns poetas da língua inglesa – Benedicto Ferri
de Barros n. 39, 119-150

LEAL, César

A poesia de Carlos Nejar n. 17, 33-45

Os viventes (Carlos Nejar). n. 29, 149-159

LEÃO, Carneiro

O educador Carneiro Leão – Arnaldo Niskier. n. 34, 15-19

LEÃO, Manuel Pacheco

Carta a Francisco Alves (ref. ed. de *Os sertões*) – Guardados
da Memória. n. 30, 227-228

LEÃO, Múcio

Raimundo Correia – Guardados da Memória n. 15, 193-197

LEÃO, Múcio

Adeus a Múcio Leão – Austregésilo de Athayde n. 16, 12-13

Adeus a Múcio Leão – Barbosa Lima Sobrinho. n. 16, 5-9

No centenário de Múcio Leão – Josué Montello. n. 16, 10-11

LEITE, Carlos A.

Dom Pedro II e o médico sem diploma n. 29, 111-115

LEME, Og F.

Praxeologia da ação humana, de J.O. de Meira Penna
(Apresentação)..... n. 34, 57-60

LEONI, Raul de

No centenário de Raul de Leoni – Roque Spencer Maciel
de Barros n. 3, 107-111

LEOPARDI, Giacomo

A se stesso – A si próprio – tradução de Sergio Duarte..... n. 34, 226-227

LESSA, Orígenes

Membrança de Orígenes Lessa – Lêdo Ivo n. 45, 143-149
Orígenes Lessa e a técnica do vitral – Antônio Olinto..... n. 45, 167-170
Um ficcionista na propaganda – José Louzeiro n. 45, 151-165

LESSA, Pedro

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa
Coutinho n. 46, 301-320
Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal
– Eros Roberto Grau n. 47, 21-39
O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio
Filho..... n. 47, 43-69

LIBERDADE

Campanha pela liberdade – João de Scantimburgo n. 49, 5-6

LIMA, Alceu Amoroso

Centenário de Augusto Meyer – Elogio do escritor..... n. 27, 9-45
François Mauriac – Guardados da Memória n. 43, 355-365
Para mi mesmo: páginas do Diário de A. Lima, sobre o
Modernismo – Guardados da Memória..... n. 7, 113-132

LIMA, Alceu Amoroso

20.º Aniversário de falecimento de Alceu Amoroso Lima n. 39, 169-211
Alceu Amoroso Lima: alma, cérebro e lição
– Marcos Almir Madeira n. 39, 179-183
Alceu revisitado – Murilo Mello Filho n. 39, 190-198
Depoimento – Afonso Arinos Filho..... n. 39, 199-205
Depoimento – Alceu Amoroso Lima Filho n. 39, 208-209
Depoimento – Antonio Olinto n. 39, 173-178
Depoimento – Candido Mendes de Almeida..... n. 39, 173-178
Depoimento – Carlos Heitor Cony..... n. 39, 206-208
Depoimento – Eduardo Portella n. 39, 169-172
Depoimento – Ivan Junqueira n. 39, 210-211

- Depoimento – Tarcísio Padilha n. 39, 183-186
 Homenagem a Alceu Amoroso Lima – José Carlos Barbosa
 Moreira n. 20, 59-64
 O brasileiro Alceu Amoroso Lima – Evaristo de Moraes Filho . . . n. I, 16-39
- LIMA, Augusto de*
 Depoimento de uma conversão – Guardados da Memória n. 16, 173-1
- LIMA, Geraldo França de*
 Com Bernanos no Brasil – Guardados da Memória n. 40, 223-227
- LIMA, Hermes*
 Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa
 Coutinho n. 46, 301-320
 Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal
 – Eros Roberto Grau n. 47, 21-39
 O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio Filho . . n. 47, 43-69
- LIMA, Jorge de*
 O fogo puro e estranho na Invenção de Orfeu, de Jorge de Lima
 – Carlos Nejar n. 3, 99-106
- LIMA, Ricardo Vieira*
 Centenário do nascimento de Mário Quintana – Guardados
 da Memória n. 50, 201-211
 O nervo do conflito: fenecimento e vitalidade na poesia de
 Ivan Junqueira n. 47, 145-187
 Poesia, linguagem e vida. n. 44, 201-207
- LIMA, Ronaldo Cunha*
 Medalha Filipéia a Roberto Marinho n. 45, 201-202
- LIMA FILHO, Alceu Amoroso*
 Depoimento (20.º aniversario de falecimento de Alceu
 Amoroso Lima). n. 39, 208-209
- LIMA SOBRINHO, Barbosa*
 Abnegação e devotamento (Austregésilo de Athayde) n. 12, 189-191
 Adeus a Múcio Leão n. 16, 5-9
 A serviço do Brasil (Austregésilo de Athayde) n. 12, 253-255
 O seminarista da Prainha (Austregésilo de Athayde) n. 12, 193-196
- LIMA SOBRINHO, Barbosa*
 Barbosa Lima Sobrinho, Dr. Barbosa – Marcos Vinícios Vilaça . . . n. 46, 28-36
 Dr. Barbosa, 104 anos – Murilo Melo Filho n. 27, 153-155
 Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa
 Coutinho n. 46, 301-320

LÍNGUA PORTUGUESA

- A língua dos modernistas: revolução ou tradição – Evanildo Bechara. . . . n. 31, 121-139
- A língua literária – Eugenio Coseriu n. 33, 195-199
- A língua portuguesa e a cidadania – Arnaldo Niskier n. 8, 16-26
- A língua portuguesa hoje – Evanildo Bechara. n. 35, 129-133
- A lírica de Camões e a relativização do português quinhentista
– Leodegário A. de Azevedo Filho. n. 4, 30-37
- A missão da Academia Brasileira de Letras na defesa da língua
portuguesa – Arnaldo Niskier n. 31, 35-53
- As duas línguas (crônica) – Urbano Duarte –
Guardados da Memória n. 33, 321-326
- Correção e exemplaridade de língua: suas repercussões
no estudo e ensino da língua portuguesa –
Evanildo Bechara n. 34, 31-51
- Da latinidade à lusofonia – Evanildo Bechara. n. 50, 43-73
- Definições de Aurélio – Arnaldo Niskier n. 23, 10-22
- Em ar de conversa – Silva Ramos – Guardados
da Memória n. 35, 213-223
- Em defesa da língua portuguesa – Leodegário A. de Azevedo
Filho. n. 25, 147-151
- Em torno da etimologia de ‘sobre’ – Ricardo C. Salles n. 5, 13-21
- José de Alencar e a língua no Brasil – Evanildo Bechara n. 28, 73-93
- Língua portuguesa e expressão brasileira – Leodegário A. de
Azevedo Filho n. 33, 189-193
- Medição de um imponderável (Palavras sem fronteiras)
– Sergio Corrêa da Costa n. 25, 138-142
- O caminho do filólogo Gladstone Chaves de Melo
– Leodegário A. de Azevedo Filho. n. 34, 53-56
- O dicionário das Academias – João Ribeiro – Guardados da
Memória n. 22, 225-229
- O padre Antônio Vieira, clássico da língua portuguesa
– Ernesto Carneiro Ribeiro n. 10, 101-115
- O purismo e o progresso da língua portuguesa – Manuel Said Ali
– Guardados da Memória. n. 36, 231-255
- Os estudos lingüísticos ao tempo de Rui Barbosa
– Leodegário A. de Azevedo Filho n. 21, 244-249
- Pronúncia de nomes próprios: o problema Gandavo ou Gândavo
– Evanildo Bechara n. 26, 76-80
- Um oceano de palavras – Lêdo Ivo. n. 22, 54-57

LINGUAGEM

- Dois breves estudos sobre a linguagem – Benedicto Ferri
de Barros n. 47, 239-248
Linguagem e pensamento – Benedicto Ferri de Barros..... n. 40, 165-169

LINHARES FILHO

- Plenilúnio, de Lêdo Ivo n. 50, 83-95

LINS, Álvaro

- Um legado de arte (Eça de Queirós)..... n. 24, 43-59

LINS, Álvaro

- Minhas memórias de Álvaro Lins – Edson Nery da Fonseca ... n. 7, 51-59
O drama religioso de Álvaro Lins – Edson Nery Fonseca..... n. 45, 113-117

LINS, Ivan

- Atualidade do padre Antônio Vieira S.J..... n. 10, 75-101
Centenário de Paulo Carneiro – Elogio do escritor n. 27, 47-93

LINS, Ivan

- Centenário do nascimento de Ivan Lins n. 42, 113-147
Depoimento – Alberto Venancio Filho..... n. 42, 113-137
Depoimento – Tarcísio Padilha..... n. 42, 138-147

LISBOA, Henriqueta

- A lírica de Henriqueta Lisboa – Fábio Lucas n. 28, 25-39

LITERATURA

- A dimensão de Proust – Antonio Olinto n. 44, 131-134
A invenção da cidade moderna na literatura – Eduardo Portella. ... n. 40, 135-137
A literatura como perplexidade e solução – Josué Montello ... n. 1, 7-15
A literatura francesa no Brasil durante a II Guerra Mundial
– Ubiratan Machado..... n. 43, 247-261
História e estilo – Marcos Almir Madeira n. 5, 9-12
Literatura e história – Marcos Almir Madeira n. 2, 51-88
O tempo tribulo português – Adriano Moreira n. 2, 42-50
Trajetória e crise das “leituras francesas” – Nelson Saldanha ... n. 43, 329-334

LITERATURA BRASILEIRA

- A cosmologia malograda (Raul Pompéia) – Lêdo Ivo n. 8, 27-38
A literatura brasileira vista da Espanha – Basílio Losada n. 37, 25-41
A literatura infanto-juvenil brasileira – Arnaldo Niskier n. 7, 10-18
A ruína e a selva: a teoria literária de Domingos José Gonçalves
de Magalhães – Lêdo Ivo n. 2, 22-29
Anchieta e a comunicação – Pe. Hélio A. Viotti S.J..... n. 4, 66-73

- Cervantes e a literatura brasileira – Ivan Junqueira n. 45, 7-24
Desenvolvimento regional, conceitos: à procura de uma literatura
nacional do desenvolvimento regional – Eros Roberto Grau . . n. 49, 103-143
O carnaval na literatura brasileira – Fred Góes n. 48, 165-177
Sobre o romance regionalista de Herberto Sales – Leodegário
A. de Azevedo Filho n. 8, 70-80

LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA

- Pelas frestas e brechas: importância da literatura infanto-juvenil
brasileira – Ana Maria Machado n. 48, 103-118

LITERATURA PORTUGUESA

- Apontamentos sobre o nascimento do Orpheu – Ricardo Daunt . . n. 46, 225-247
Águia, A (revista)
Apontamentos sobre o nascimento do Orpheu – Ricardo Daunt . . n. 46, 225-247
Orpheu (revista)
Apontamentos sobre o nascimento do Orpheu – Ricardo Daunt . . n. 46, 225-247

LIVROS

- O livro eletrônico – Arnaldo Niskier n. 6, 26-31
Os livros vão e não voltam – o que se encontra dentro deles
– Constâncio Alves – Guardados da Memória n. 44, 249-256

LLANSOL, Maria Gabriela

- Imagem e tempo na obra de Maria Gabriela Llansol
– Maria João Cantinho n. 42, 173-193

LOSADA, Basílio

- A literatura brasileira vista da Espanha n. 7, 25-41

LOUZEIRO, José

- Um ficcionista na propaganda n. 45, 151-165

LUCAS, Fábio

- A construção da memória por Josué Montello n. 39, 37-44
A Lírica de Henriqueta Lisboa n. 28, 25-39
A paisagem lírica de Emílio Moura n. 33, 255-267
As ciências humanas segundo Afonso Arinos de Melo Franco . . n. 47, 135-143
As várias faces de Raul Pompéia e O Ateneu n. 18, 80-97
Aspectos da crítica da literatura n. 25, 152-163
Caminhos da crítica de Augusto Meyer n. 32, 69-79
Literatura e modernidade n. 16, 97-101
Nos domínios do Grande Sertão: Veredas n. 48, 61-81
O polimorfo Murilo Mendes n. 29, 23-35
Os olivais do crepúsculo n. 46, 275-278

- Pedro Nava: o abismo da memória n. 35, 135-143
 Poetas associados n. 44, 209-213
 Seleção de poemas de Emílio Moura. n. 33, 304-311
- LUCCHESI, Marco**
 Cartografia do imaginário n. 41, 203-205
- LUÍS EDMUNDO**
 As memórias de Luís Edmundo – Austregésilo de Athayde . . . n. 12, 87-89
- LUIS, Washington**
 Washington Luís e a questão social – Célio Debes n. 41, 89-107
- LUÍS XV Rei da França, 1773-1850**
 A morte de Luís XV – Manuel Pio Corrêa n. 9, 30-33
- LUSO, João**
 A Academia Brasileira de Letras e o *Jornal do Commercio*
 – Guardados da Memória. n. 32, 309-313
- LYRA, Pedro**
 A noite de maio – Alfred de Musset (tradução). n. 35, 201-211
 Vinte sonetos de amor e uma canção de despedida
 – Petrarca: tradução e notas de Pedro Lyra n. 48, 213-261
- M**
- MACEDO, Ubiratan Borges de**
 A crítica de Michael Walzer a Rawls n. 14, 87-102
- MACHADO, Ana Maria**
 Lá e cá: algumas notas sobre a nacionalidade da literatura
 brasileira. n. 47, 107-126
 O dengo que o Amado tem n. 49, 91-96
 Pelas frestas e brechas: importância da literatura
 infanto-juvenil brasileira n. 48, 103-118
- MACHADO, José Altino**
 Stella (conto) n. 46, 289-293
- MACHADO, José de Alcântara**
 O jurista Alcântara Machado (cf. errata: 29: 334)
 – Evandro Lins e Silva n. 28, 65-7
- MACHADO, Ubiratan**
 A literatura francesa no Brasil durante a II Guerra Mundial . . . n. 43, 247-261

MACHIAVELLI, Niccolò

Notas sobre Maquiavel e o Brasil – Alberto Venancio Filho . . . n. 41, 17-35

MADEIRA, Marcos Almir

A conjunção de Abgar n. 7, 48-50

Alceu Amoroso Lima: alma, cérebro e lição – 20.º aniversário

de falecimento de Alceu Amoroso Lima n. 39, 179-183

Américo Lacombe: o sentido de uma cultura n. 36, II-16

Drummond e Machado de Assis: uma filosofia da dúvida

(ou o ceticismo irônico) n. 36, 157-163

História e estilo n. 5, 9-12

Literatura e história n. 2, 51-88

O presépio do ferreiro n. 15, 39-40

Paulo Carneiro: um acadêmico n. 31, 79-89

MAGALDI, Sábato

Discurso (de saudação) – Prêmio Senador José Ermírio de

Moraes – 1998 n. 17, 116-120

Presença da França no teatro brasileiro n. 43, 285-295

MAGALHÃES, Antônio Carlos

Homenagem do Senado Federal pelo centenário da ABL n. II, 33-34

MAGALHÃES, Gonçalves de ver ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de Magalhães, VISCONDE DE

MAGALHÃES, Valentim

O fundador Valentim Magalhães – Alberto Venancio Filho . . . n. 37, 167-203

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo

Construção de nova sede da Academia Brasileira de Letras n. 12, 293-298

MALLORQUIN, Carlos

Semblanza de Celso Furtado n. 45, 103-106

MANN, Thomas

Thomas Mann ressurge em biografia reveladora – Erwin Theodor . n. 27, 157-163

MANZON, Jean

Jean Manzon depois da guerra – João de Scantimburgo n. 43, 335-337

MAQUIAVEL ver MACHIAVELLI, Niccolò

MARÍAS, Julián

Vida pública e vida privada – Gilberto de Mello Kujawski n. 47, 227-237

MARINHEIRO, Elizabeth

Lins do Rego: um desafio teórico n. 42, 73-82

MARINHO, Josaphat

Anísio Teixeira: filosofia e ação do educador n. 30, 185-193

MARINHO, Roberto

Austregésilo n. 12, 285-286

Trajectoria de Roberto Marinho – (entrevista a José Mario

Pereira) – Guardados da Memória n. 45, 265-280

MARINHO, Roberto

Medalha Filipéia a Roberto Marinho – Ronaldo Cunha Lima . . n. 45, 201-202

Roberto Marinho – destino: jornalista – Murilo Melo Filho . . . n. 45, 195-200

Roberto Marinho – Nélide Piñon n. 45, 187-193

Roberto Marinho e a crítica literária – Antônio Olinto n. 45, 181-185

Roberto Marinho: o homem da educação – Arnaldo Niskier . . . n. 45, 171-179

Trajectoria de Roberto Marinho – (entrevista a José Mario

Pereira) – Guardados da Memória n. 45, 265-280

Um homem chamado sucesso – José Mário Pereira n. 45, 203-218

MARINS, Francisco

O curandeiro dos olhos em gaze (conto) n. 41, 149-160

MARITAIN, Jacques

Memória de Maritain – José Arthur Rios n. 43, 305-319

MARIZ, Vasco

Comemorando os 450 anos da França Antártica n. 45, 35-47

O centenário de Ribeiro Couto n. 16, 55-56

Ribeiro Couto e a França n. 48, 55-60

MARQUES, Ruy João

Josué Montello e o romance policial brasileiro n. 8, 95-103

MARTINS, Ives Gandra

Marabá n. 44, 219-233

Poesias:

Cavalos n. 32, 304

Dois prelúdios n. 32, 297-298

Meia noite e meia lua n. 32, 303

O naufrágio n. 32, 301

Olhar do tempo n. 32, 298

Pelo caminho dos teus olhos n. 32, 302

Reflexo n. 32, 305

Reflexo segundo.....	n. 32, 299
Soneto das doze e das dez sílabas	n. 32, 300-301
Teus olhos	n. 32, 305-307
Errata	n. 33, 329
MARTINS, Maria Lúcia	
Poemas	n. 41, 239-243
A condição de Pégaso.....	n. 41, 239-241
Garças.....	n. 41, 242-243
MARTINS, Wilson	
A arte do romance	n. 47, 127-130
A master, but portuguese	n. 24, 86-97
Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 1997.....	n. 13, 129-132
Ideologias e sociedade na literatura brasileira	n. 17, 50-55
Simbiose cultural	n. 45, 281-284
MARTIUS, Karl Friederich Philipp von	
Os inéditos de von Martius – Erwin Theodor	n. 2, 93-109
Martius e seu único romance – Erwin Theodor.....	n. 44, 103-122
MARXISMO	
Euclides da Cunha interessado em Marx – João de Scantimburgo.....	n. 4, 17-29
MATOS, Odilon Nogueira de	
Ainda o mestre de Apipucos	n. 25, 112-122
A música sacra cristã: das origens à atualidade	n. 36, 177-190
Um réquiem alemão.....	n. 40, 171-173
MATTOS, Carlos de Meira	
A Missão Militar Francesa no Brasil.....	n. 43, 187-189
MAURIAC, François	
François Mauriac – Alceu Amoroso Lima – Guardados da Memória.....	n. 43, 355-365
MCCRAE, John	
Nos campos de Flandres	n. 7, 106-107
MEDALHA FILIPÉIA	
Medalha Filipéia a Roberto Marinho – Ronaldo Cunha Lima..	n. 45, 201-202
MEDAUAR, Jorge	
Soneto.....	n. 5, 73-74

MEDEIROS, Benício

Otto, luz e sombra n. 35, 91-97

MEDEIROS, Maurício de

Homens notáveis (obra de M. de Medeiros)

– Austregésilo de Athayde n. 12, 103-105

MEIRELES, Cecília

Antologia poética:

- A bailarina n. 17, 186
- Beira-mar. n. 17, 166
- Canção n. 17, 155
- Canção n. 17, 156
- Canção n. 17, 170
- Canção n. 17, 184
- Canção da tarde no campo. n. 17, 161-162
- Canção excêntrica. n. 17, 158
- Canção quase melancólica n. 17, 160
- Cavalgada n. 17, 167-168
- Desenho n. 17, 173
- Epigrama do espelho infiel. n. 17, 159
- Epitáfio da navegadora. n. 17, 157
- Fuga n. 17, 179
- Improviso n. 17, 171
- Improviso n. 17, 172
- Interpretação. n. 17, 169
- Madrugada no campo n. 17, 165
- Motivo n. 17, 153
- Mulheres de Puri n. 17, 183
- Nadador n. 17, 180
- Noturno da Holanda (n.º II). n. 17, 174-175
- O aeronauta. n. 17, 176
- Pistóia, cemitério militar brasileiro (parte final). n. 17, 182
- Reinvenção n. 17, 163
- Retrato n. 17, 154
- Romance de Santa Cecília (fragmento). n. 17, 181
- Romance XXXIV ou de Joaquim Silvério n. 17, 178
- Solombra (parte final) n. 17, 185

Prosa:

À margem de Eça de Queirós n. 24, 66-70

MEIRELES, Cecília

A Morte casulo da vida – Darcy Damasceno n. 49, 157-167

- Cecília Meireles: a educadora – Arnaldo Niskier n. 32, 267-287
 Cecília Meireles: poesia do momento fugaz ou poesia do n. 17, 143-152,
 eterno instante – Leodegário A. de Azevedo Filho 187-188
 Cecília Meireles: poeta, centenária – Murilo Melo Filho n. 31, 141-144
 No centenário de Cecília Meireles – Leodegário A. de
 Azevedo Filho n. 28, 9-23
 O centenário de Cecília Meireles – Mauro Salles n. 34, 161-189

MELO, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de ver CHATEAUBRIAND, Assis

MELO, Gladstone Chaves de

- O caminho de Gladstone Chaves de Melo – Leodegário A.
 de Azevedo Filho n. 34, 53-56

MELO, Pedro Homem de

- Evocação do poeta Pedro Homem de Mello – Marcus de
 Noronha Costa n. 46, 295-299

MELO FILHO, Murilo

- Alceu revisitado. – 20.º aniversário de falecimento de Alceu
 Amoroso Lima n. 39, 190-198
 Augusto dos Anjos: universal e eterno n. 44, 81-93
 Câmara Cascudo: sábio e erudito n. 50, 27-41
 Castellinho: jornalista e acadêmico n. 36, 43-52
 Cecília Meireles: poeta, centenária n. 31, 141-144
 Deolindo Couto: a Academia e a medicina n. 33, 59-78
 Dr. Barbosa, 104 anos n. 27, 153-155
 Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, Chatô n. 46, 37-48
 José Lins do Rego: cem anos n. 29, 103-109
 Josué Montello: escritor sempre n. 49, 97-102
 Mário Palmério, o romancista do campo n. 45, 25-33
 Os 80 anos de Celso Furtado n. 25, 143-146
 Otto: oitenta anos depois n. 35, 77-89
 Patrocínio: um jornalista na Abolição n. 37, 125-147
 Rachel de Queiroz: lembranças e memórias n. 23, 34-38
 Réquiem para Raquel n. 39, 31-35
 Roberto Marinho – destino: jornalista n. 45, 195-200
 Rodrigo Octavio Filho: sucessor do seu pai n. 48, 29-38
 Rui, o jornalista e o político n. 21, 199-237

MELO FRANCO, Afonso Arinos de ver FRANCO, Afonso Arino de Melo

MELO FRANCO FILHO, Afonso Arinos de ver ARINOS, filho, Afonso

MELO NETO, João Cabral de

Poesia:

Ainda Sevilha ao telefone.....	n. I, 102
Cidade viva.....	n. I, 98
Despertar com sevilhana.....	n. I, 105
Lições de Sevilha.....	n. I, 99
Mulher cidade.....	n. I, 100
O aire de Sevilha.....	n. I, 104
Oásis em Sevilha.....	n. I, 106
Poema.....	n. I, 101
Presença de Sevilha.....	n. I, 106
Retrato.....	n. I, 100
Sal interior.....	n. I, 104
Sevilha ao telefone.....	n. I, 97
Sevilha revisitada em 1992.....	n. I, 105
Sevilhana pintada em Brasília.....	n. I, 102
Sistema solar.....	n. I, 99
Sol negro.....	n. I, 97

MELO NETO, João Cabral de

A redescoberta do feminino em Quaderna, de João Cabral de Melo Neto – Flávia Vieira da Silva do Amparo.....	n. 49, 169-181
--	----------------

MELLO, Evaldo Cabral de

Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 1996.....	n. 9, 98-109
--	--------------

MELLO, Frederico Pernambucano de

Vida e morte nos sertões do Conselheiro.....	n. 30, 115-130
--	----------------

MENDES, Cândido

Depoimento – 20.º aniversário de falecimento de Alceu Amoroso Lima.....	n. 39, 173-178
--	----------------

MENDES, Murilo

Poemas:

1999.....	n. 29, 40-41
A ceia sinistra.....	n. 29, 217-218
A criação e o criador.....	n. 29, 212
A dama branca.....	n. 29, 41-42
A filha do caos.....	n. 29, 38-39

A inicial.....	n. 29, 213-214
A janela.....	n. 29, 206
A luta.....	n. 29, 178-179
A manhã.....	n. 29, 217
A mulher do deserto.....	n. 29, 37
A musa.....	n. 29, 198
A peregrinação.....	n. 29, 241
A pomba da lancharia.....	n. 29, 187-188
A sesta.....	n. 29, 175
A visibilidade.....	n. 29, 191
Alegoria.....	n. 29, 180-181
Antiguidade.....	n. 29, 204-205
Arte de desamar.....	n. 29, 193-194
As carpideiras.....	n. 29, 44-45
As lavadeiras.....	n. 29, 220-221
Atmosfera desesperada.....	n. 29, 184
Biografia do músico.....	n. 29, 171
Canção.....	n. 29, 207-208
Canção do exílio.....	n. 29, 167
Canção pesada.....	n. 29, 219
Canto amigo.....	n. 29, 211-212
Canto do desânimo.....	n. 29, 185
Canto do noivo.....	n. 29, 186
Cartão postal.....	n. 29, 168
Casamento.....	n. 29, 175-176
Choques.....	n. 29, 221-222
Começo.....	n. 29, 205
Companheira.....	n. 29, 210
Conhecimento.....	n. 29, 39
Duas mulheres.....	n. 29, 214
Endereço das cinco Marias.....	n. 29, 173-174
Epifania.....	n. 29, 199
Estudo para um caos.....	n. 29, 41
Evocações simultâneas.....	n. 29, 183
Família russa no Brasil.....	n. 29, 172-173
Filiação.....	n. 29, 201
Futura visão.....	n. 29, 203
História futura do cravo e da rosa.....	n. 29, 187
Homenagem a Raimundo Lúlio.....	n. 29, 222
Idéia fortíssima.....	n. 29, 209-210
Indicação.....	n. 29, 242-243

Jerusalém.	n. 29, 208-209
Limites da razão	n. 29, 181-182
Marinha	n. 29, 171-172
Mas	n. 29, 191-192
Meu novo olhar	n. 29, 197-198
Minha órfã	n. 29, 207
Motivos de Ouro Preto	n. 29, 224-228
Noturno resumido	n. 29, 169-170
Novíssimo Job	n. 29, 195-197
Numancia	n. 29, 44
O átomo	n. 29, 40
O doente do século	n. 29, 194-195
O emigrante	n. 29, 205-206
O espelho	n. 29, 220
O filho pródigo	n. 29, 188-189
O menino sem passado	n. 29, 169
O mundo inimigo.	n. 29, 185
O poeta assassina a musa	n. 29, 190-191
O poeta e a musa	n. 29, 200
O profeta	n. 29, 202
O quarto da infância	n. 29, 240
O túnel do século	n. 29, 223
Ofício humano.	n. 29, 43-44
Os amantes submarinos	n. 29, 210-211
Pássaros noturnos.	n. 29, 241-242
Perspectiva da sala de jantar.	n. 29, 174
Poema antecipado.	n. 29, 216
Poema barroco	n. 29, 42-43
Poema condenado	n. 29, 204
Poema da tarde.	n. 29, 216
Poema estático	n. 29, 215-216
Poema no bonde-camelo	n. 29, 192-193
Poema pessoal.	n. 29, 239-240
Poema presente.	n. 29, 215
Quase segredo.	n. 29, 213
Quinze de novembro	n. 29, 168
R.	n. 29, 208
Reflexão e convite	n. 29, 186
Ritmos alternados	n. 29, 182
Romance de Ouro Preto	n. 29, 229-238
Salmo n.º I	n. 29, 201

Salmo n.º 2	29, 202
Serão	n. 29, 179
Sonata sem luar, quase uma fantasia	n. 29, 177-178
Tédio na varanda	n. 29, 190
Tentação	n. 29, 220
Vertigem	n. 29, 183-184
Vida de mármore	n. 29, 180
Vida dos demônios	n. 29, 173-174
Viver morrendo	n. 29, 40
Vocação do poeta	n. 29, 199-200
Xodó	n. 29, 170
Prosa:	
Graciliano Ramos	n. 29, 46-48

MENDES, Murilo

Compreensão de Murilo Mendes – Massaud Moisés	n. 29, 13-21
Em torno de um poema de Murilo Mendes – Nelson Saldanha ...	n. 29, 49-53
O polimorfo Murilo Mendes – Fábio Lucas	n. 29, 23-35
Pretexto para louvar Murilo Mendes – Josué Montello	n. 29, 7-12

MENDES, Odorico

Tempestade, poesia	n. 20, 89-91
--------------------------	--------------

MENDONÇA, Antônio Sérgio

Da atribuição à existência: um estudo de Rouanet sobre Freud, suas fontes literárias e o estatuto da interpretação	n. 42, 195-204
---	----------------

MENDONÇA, Lúcio de

Esboço biográfico – Alberto Venancio Filho	n. 22, 58-80
Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa Coutinho	n. 46, 301-320
Lúcio de Mendonça e a Fundação da Academia Brasileira de letras – Alberto Venancio Filho	n. 38, 9-28
Lúcio de Mendonça, o fundador da Academia Brasileira de Letras – Alberto Venancio Filho	n. 40, 9-57
Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal – Eros Roberto Grau	n. 47, 21-39
O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio Filho ..	n. 47, 43-69

MENEZES, Berredo de

Elegia haikai ao meu canário	n. 5, 60-61
------------------------------------	-------------

MERQUIOR, José Guilherme

Nosso Dickens (Jorge Amado)	n. 29, 161-165
-----------------------------------	----------------

MERQUIOR, José Guilherme

Dez anos sem José Guilherme Merquior (mesa-redonda) n. 32, 207-265

MEYER, Augusto

Augusto Meyer: leitor de Machado de Assis

– Tania Franco Carvalhal n. 32, 29-43

Augusto Meyer, um ensaísta da Comarca do Pampa

– Luís Augusto Fischer n. 32, 45-67

Augusto Meyer: um poeta à sombra da estante

– Alberto da Costa e Silva n. 32, 9-19

Caminhos da crítica de Augusto Meyer – Fábio Lucas n. 32, 69-79

Centenário de Augusto Meyer – Elogio do escritor

– Alceu Amoroso Lima. n. 27, 9-45

Reencontrando Augusto Meyer – Eduardo Portella n. 32, 21-28

MILHAUD, Darius

Darius Milhaud e os “compositores de tangos, maxixes,
sambas e cateretês” – Elizabeth Travassos;

Manoel Aranha Corrêa do Lago n. 43, 109-143

MIRANDA, Gilberto

Homenagem do Senado Federal pelo centenário da ABL n. II, 23-27

MIRANDA, Pontes de

A sabedoria dos instintos – Austregésilo de Athayde

– Guardados da Memória. n. 6, 143-147

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa

Coutinho n. 46, 301-320

Perfil de Pontes de Miranda – Alberto Venancio Filho. n. 8, 39-53

MIZUHARA, Shuoshi

Haicai japonês n. 36, 228

MODERNISMO

Blaise Cendrars e o Modernismo – Massaud Moisés. n. 43, 93-107

Da Semana de Arte Moderna ao verdamarelismo

– Natércia Ribeiro Paiva. n. 4, 94-104

Influência francesas no Modernismo brasileiro – Alexei Bueno. . n. 43, 145-155

Para mi mesmo: páginas do Diário de Alceu Amoroso Lima,

sobre o Modernismo – Guardados da Memória n. 7, 113-132

Ruptura e tradição – Austregésilo de Athayde n. 12, 106-108

MOISÉS, Massaud

A retórica da sedução em “Missa do galo” n. 38, 51-83

A tragédia da Rua das Flores: um romance trágico ou uma tragédia de romance?	n. 24, 256-264
Blaise Cendrars e o Modernismo	n. 43, 93-107
Compreensão de Murilo Mendes	n. 29, 13-21
Euclides da Cunha e a arte do ensaio	n. 30, 37-56
Paris, berço do Romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto-Alegre	n. 43, 67-81
Perfil de José Lins do Rego	n. 26, 36-44
Sérgio Buarque de Holanda e a crítica literária	n. 32, 183-189
Vidas secas: o mundo coberto de penas	n. 22, 113-127

MOISÉS, Massaud

Um dicionário indispensável – Adolfo Gonçalves	n. 45, 99-102
--	---------------

MONTAIGNE, Michel de

Montaigne e os canibais: influência no Brasil	n. 43, 39-55
---	--------------

MONTELLO, Josué

A arte do retrato político	n. 7, 7-9
A glória de Ribeiro Couto	n. 14, 25-28
A literatura como perplexidade e solução	n. 1, 7-15
A origem de Os sertões	n. 30, 9-18
A polémica dos intelectuais	n. 8, 5-12
A primeira-dama da Academia (Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde)	n. 12, 185-188
A última lição de Gilberto Freyre	n. 25, 8-12
Adeus a Austregésilo de Athayde	n. 12, 215-217
Austregésilo de Athayde: amigo e companheiro	n. 12, 257-260
Discurso (de saudação) – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 1999	n. 21, 258-261
Discurso (de saudação) – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 1997	n. 13, 132-136
Dom Marcos Barbosa, poeta	n. 8, 133-134
Elogio a Pedro Calmon	n. 33, 9-17
José Lins do Rego na Academia	n. 26, 23-35
No centenário de Joracy Camargo	n. 15, 5-7
No centenário de Múcio Leão	n. 16, 10-11
O Brasil no diário de Alfonso Reyes	n. 6, 5-13
O conflito da Academia	n. 27, 117-125
O desencontro de Alberto de Oliveira e Cruz e Sousa	n. 23, 5-9
O Eça é sempre o Eça	n. 24, 8-11
O estilo, emanação da personalidade	n. 22, 20-41
O jornalista Rui Barbosa	n. 21, 9-13

- O mestre de todos nós (Joaquim Nabuco) n. 19, 29-32
 O presidente Machado de Assis n. 11, 35-43
 O romancista José Lins do Rego n. 42, 7-21
 Peregrino Júnior, companheiro exemplar n. 17, 5-8
 Pretexto para louvar Murilo Mendes n. 29, 7-12
 Salvo melhor juízo (Manuel Antônio de Almeida) n. 13, 55-59
 Uma explicação da conferência de Graça Aranha n. 37, 9-14
 Uma fonte de Castro Alves – Guardados da Memória n. 27, 221-226
 Visita do Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, à
 Academia Brasileira: palavras de abertura da sessão pelo
 presidente. n. 8, 230-231
- MONTELLO, Josué*
 A arte do romance – Wilson Martins n. 47, 127-130
 A construção da memória por Josué Montello – Fábio Lucas . . . n. 39, 37-44
 Josué Montello e o romance policial brasileiro
 – Ruy João Marques n. 8, 95-103
 Josué Montello: escritor sempre – Murilo Melo Filho n. 49, 97-102
- MOOG, Viana*
 A morte de Eça de Queirós: última viagem n. 24, 60-65
- MOOG, Viana*
 Desenvolvimento regional, conceitos: à procura de uma literatura
 nacional do desenvolvimento regional – Eros Roberto Grau . . n. 49, 103-143
- MORAES, Antônio Ermírio*
 Palavras – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2004 . . . n. 40, 196-197
- MORAES FILHO, Evaristo de*
 Aspectos do pensamento jurídico-social de Miguel Reale
 (A pessoa humana) n. 48, 7-12
 Dom Silvério Gomes Pimenta n. 8, 13-15
 O brasileiro Alceu Amoroso Lima, n. 1, 16-39
 Palácio Austregésilo de Athayde n. 12, 301-305
 Rui Barbosa e o desenho industrial n. 21, 32-56
- MORAES FILHO, Evaristo de*
 Aos noventa alazões de Evaristo de Moraes Filho, cruzando
 as estrelas – Carlos Nejar n. 42, 235
 Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa
 Coutinho n. 46, 301-320
- MOREIRA, Adriano*
 O tempo tribulo português n. 2, 42-50

MOREIRA, José Carlos Barbosa

Homenagem a Alceu Amoroso Lima n. 20, 59-64

MOTTA FILHO, Cândido

Cândido Motta Filho – José Murilo de Carvalho n. 44, 39-43

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de

Sousa Coutinho n. 46, 301-320

Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal

– Eros Roberto Grau n. 47, 21-39

O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio Filho .. n. 47, 43-69

MOURA, Emílio

Poemas motivados (seleção do poeta)

À sombra de meu pai n. 33, 298

Cantiga de solitário n. 33, 298-299

Despedida de João Alphonsus n. 33, 299-300

Palavras a Isaías n. 33, 301-303

Palavras a Rainer Maria Rilke n. 33, 300-301

Poemas de Emílio Moura – Seleção de Fábio Lucas n. 33, 304-311

Soneto a Carlos Drummond de Andrade n. 33, 303

MOURA, Emílio

A paisagem lírica de Emílio Moura – Fábio Lucas. n. 33, 255-267

MOURÃO-FERREIRA, David

Poemas inéditos n. 40, 202-209

MUCCI, Latuf Isaías

O discurso intertextual de O Conto da Ilha Desconhecida

de José Saramago n. 48, 180-184

MULHER

As mulheres na Academia – Alberto Venancio Filho. n. 49, 7-43

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Museu do idioma – João de Scantiburgo n. 47, 5-6

MUSEU DE ARTE DE BRASÍLIA

Prefácio ao Livro do Museu de Arte de Brasília

– Rubens Ricupero n. 37, 69-73

MUSSET, Alfred de

A noite de maio (tradução de Pedro Lyra) n. 35, 201-211

A noite de agosto: a Musa n. 38, 253-261

A noite de agosto: o Poeta n. 38, 253-263

A noite de dezembro: o Poeta n. 38, 235-247

A noite de outubro: a Musa	n. 38, 265-285
A noite de outubro: o Poeta	n. 38, 265-289
A visão	n. 38, 249-251
As noites	n. 38, 233
La nuit d’août: la Muse	n. 38, 252-260
La nuit d’octobre: la Muse	n. 38, 264-288
La nuit d’août: le Poète	n. 38, 252-262
La nuit de décembre: le Poète	n. 38, 234-248
La nuit d’octobre: le Poète	n. 38, 264-288
La visio	n. 38, 248-250
Saudade	n. 38, 291-305
Souvenir	n. 38, 290-304

N

NABUCO, Joaquim

A formação da Academia – discurso pronunciado em 20.7.1897	n. 11, 8-17
A missão da Academia	n. 19, 7-17
Joaquim Nabuco e Machado de Assis (correspondência)	
– Guardados da Memória	n. 19, 131-157
Significação nacional do centenário anchietano	n. 13, 9-22

NABUCO, Joaquim

A polêmica entre Joaquim Nabuco e José de Alencar	
– Leodegário A. de Azevedo Filho	n. 19, 69-80
Elogio de Joaquim Nabuco – Dantas Barreto (discurso de posse na ABL)	n. 19, 18-28
Joaquim Nabuco e a sombra do Barão – Sérgio Corrêa da Costa	n. 19, 43-52
Joaquim Nabuco e a União das Américas – João de Scantimburgo	n. 19, 53-63
Joaquim Nabuco e Pedro I – Paulo Napoleão Nogueira da Silva	n. 19, 81-86
Joaquim Nabuco: humanismo e política – Nelson Saldanha	n. 19, 87-96
Joaquim Nabuco: revolucionário conservador – Vamireh Chacon	n. 19, 64-68
Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa Coutinho	n. 46, 301-320
Nosso Nabuco – Marcos Vinícios Vilaça	n. 19, 41-42
O mestre de todos nós – Josué Montello	n. 19, 29-32
Posição de Joaquim Nabuco na história das idéias políticas	
– Miguel Reale	n. 19, 33-40
Nabuco, acadêmico e diplomata – Afonso Arinos Filho	n. 40, 77-98

NAÇÃO, conceito

O conceito de nação e a imagem do Brasil – Nelson Saldanha	n. 46, 213-223
--	----------------

NALINI, José Renato

Os três eixos da Reforma do Judiciário. n. 41, 109-120

NASCIMENTO, Bráulio do

Sílvio Romero e os contos populares do Brasil. n. 42, 97-103

NAVA, Pedro

Pedro Nava: o abismo da memória – Fábio Lucas. n. 35, 135-143

NEJAR, Carlos

Antielegia ao pampa. n. 44, 215

Aos noventa alazões de Evaristo de Moraes Filho, cruzando
as estrelas n. 42, 235

Poesia:

Antielegia do caos. n. 33, 292

Balada a Sadi José, o que partiu antes n. 36, 214-215

Coro das criaturas e dos anjos n. 9, 111-113

Crônica da República. n. 33, 287-290

De como Dante Alighieri responde a Brunetto Latini n. 36, 219-220

Desinventação ou filosofia da fala. n. 33, 296

Dom Miguel de Unamuno, reitor de Salamanca – n. 36, 216-218

Fontes e falas n. 33, 294-295

Guitarra-homenagem para Marcantonio Vilaça n. 36, 211-213

Lamento n. 36, 218-219

Mater benigna. n. 33, 293

Ode ao jovem fogo. n. I, 110-113

O dia em que morri n. 34, 198

O esplendor (poesia) n. 46, 321-322

O gramofone (II) n. 33, 292-293

O país dos cegos. n. 33, 290-292

Paíol da aurora – I a 8. n. I, 107-110

Polifemo n. 5, 55-59

Repuxo n. 33, 295

Talvez piedade n. 34, 197

Tercetos finais – para Alberto da Costa e Silva n. 36, 213-214

Urna de amoras n. 33, 294

Prosa:

A rã. n. 49, 195

A recuperação do idioma n. 49, 196

As jardas de um menino. n. 49, 196

Cinco breves contos n. 49, 195-197

Drummond: a máquina do mundo na máquina do poema. n. 36, 75-84

Fixação n. 49, 195

- João tarde n. 49, 197
 Junqueira Freire e a máscara da teia de aranha n. 45, 235-238
 O fogo puro e estranho na Invenção de Orfeu, de Jorge de Lima. . . n. 3, 99-106
 Sofotulafai (Abgar Renault) n. 7, 29-35

NEJAR, Carlos

- A espuma do fogo – a ponta do *iceberg* nejariano – Ildásio Tavares . . n. 34, 191-196
 A idade da eternidade – Dário Moreira de Castro Alves n. 28, 95-101
 A poesia de Carlos Nejar – César Leal n. 17, 33-45
 Carlos Nejar incorpora a confluência rebelde – Adriano Espínola . . n. 23, 79-80
 Habitar a palavra – Miguel Sanches Neto n. 20, 80-84
 Nejar, Carlos ou a chama viva da palavra – Maria João Cantinho . . n. 47, 219-225
 Os viventes – César Leal n. 29, 149-159
 Teatro em versos de Carlos Nejar – Ester Abreu Vieira
 de Oliveira n. 22, 190-210

NERUDA, Pablo

- Meu amigo e compadre Pablo Neruda – Zélia Gattai n. 44, 95-102

NISKIER, Arnaldo

- A democratização do acesso à educação n. 26, 58-64
 A educação brasileira no limiar do milênio n. 25, 123-137
 A educação brasileira no Terceiro Milênio n. 15, 12-24
 A educação religiosa no Brasil n. 9, 14-24
 A educação superior e o impacto da tecnologia n. 16, 27-41
 A indústria do conhecimento e a reforma universitária brasileira . . n. 18, 45-60
 A língua portuguesa e a cidadania n. 8, 16-26
 A literatura infanto-juvenil brasileira. n. 7, 10-18
 A missão da Academia Brasileira de Letras na defesa da língua
 portuguesa n. 31, 35-53
 Alfabetização: Calças curtas diante da modernidade n. 1, 49-63
 Aspectos legais da educação à distância no Brasil. n. 38, 29-31
 Austregésilo de Athayde, um jovem de 95 (entrevista). n. 12, 209-214
 Carlos Castello Branco: jornalista, contista e romancista n. 36, 53-60
 Cecília Meireles: a educadora. n. 32, 267-287
 Centenário de Austregésilo de Athayde e cinquentenário da
 Declaração Universal dos Direitos do Homem – sessão
 comemorativa do Tribunal Federal da 5.ª Região n. 18, 11-27
 Comunicação de massa e jornalismo literário n. 3, 83-98
 Cony, os balões e a Academia – Discurso de saudação
 – Prêmio Machado de Assis n. 8, 122-127
 Cultura e universidade n. 48, 89-97
 Definições de Aurélio. n. 23, 10-22

Direito à educação	n. 17, 9-27
Discurso de despedida – Presidência da ABL	n. 22, 5-II
Discurso de posse – Presidência da ABL	n. 14, 11-19
Discurso de posse (reeleito presidente)	n. 18, 36-44
Do Tico-Tico aos dias de hoje	n. 35, 105-111
Entrevista ao programa “Debate em Manchete” – (entrevista com Austregésilo de Athayde)	n. 12, 199-208
Fernando de Azevedo: a educação na encruzilhada.	n. 11, 51-60
José Cândido de Carvalho “invençoneiro e linguarudo”	n. 47, 98-106
Machado de Assis e os judeus	n. 5, 5-8
Mudanças na educação: o incremento necessário	n. 39, 9-19
Nós e a poesia.	n. 44, 75-79
Novela-Crônica, um novo gênero: jornalismo e literatura	n. 40, 139-146
O amado Genolino.	n. 33, 107-118
O bem amado Dias Gomes	n. 49, 45-32
O educador Carneiro Leão	n. 34, 15-19
O educador José de Anchieta.	n. 22, 42-53
O livro eletrônico.	n. 6, 26-31
O papel do educador como agente de transformação – uma visão crítica.	n. 28, 41-51
O santo D. Eugênio	n. 29, 65-71
O sarcasmo em Antônio José da Silva, o Judeu	n. 45, 119-121
Otto Lara Resende no olhar de Sabino.	n. 35, 65-71
Palavras em homenagem a Rachel de Queiroz	n. 50, 21-24
Roberto Marinho: o homem da educação.	n. 45, 171-179
Rui Barbosa e a educação.	n. 21, 20-31
Um mestre na eternidade (Austregésilo de Athayde)	n. 12, 279-280
Universidade de Coimbra e o centenário de Dom Casmurro.	n. 20, 26-32
Visita do Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, à Academia Brasileira: palavras do acadêmico	n. 8, 232-234

NOVAES, Miguel de

Vinte e quatro cartas a Machado de Assis – Guardados da Memória	n. 3, 179-229
--	---------------

O

OCTAVIO, Rodrigo

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa Coutinho	n. 46, 301-320
--	----------------

- Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal
 – Eros Roberto Grau n. 47, 21-39
 O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio Filho . . n. 47, 43-69
- OCTAVIO FILHO, Rodrigo**
 Rodrigo Octavio Filho: sucessor do seu pai Murilo Melo Filho. . . . n. 48, 29-38
- OLINTO, Antonio**
 A dimensão de Proust n. 43, 321-327
 Caminhos do conto brasileiro n. 44, 45-55
 Cyro dos Anjos ficcionista e memorialista n. 47, 70-74
 Depoimento (20.º aniversário de falecimento de Alceu
 Amoroso Lima). n. 39, 187-189
 Genolino e a tradição da crônica n. 33, 119-125
 José Cândido de Carvalho, autor de histórias n. 47, 79-85
 O poeta Guilherme de Almeida n. 15, 83-90
 Orígenes Lessa e a técnica do vitral n. 45, 167-170
 Os 200 anos de Pushkin n. 20, 8-10
 Roberto Marinho e a crítica literária n. 45, 181-185
 Rui Barbosa e os moços n. 21, 158-168
- OLIVEIRA, Alberto de**
 O poeta Machado de Assis visto por A Oliveira.
 – Guardados da Memória n. 25, 183-187
- OLIVEIRA, Alberto de**
 Alberto de Oliveira – Homero Pires – Guardados da Memória . . . n. 20, 92-100
 O desencontro de Alberto de Oliveira e Cruz e Sousa
 – Josué Montello n. 23, 5-9
 Ouvindo o Príncipe dos Poetas Brasileiros – Guardados da
 Memória n. 8, 163-175
 Príncipe dos Poetas Brasileiros – Guardados da Memória n. 8, 161-162
- OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira**
 Teatro em versos de Carlos Nejar n. 22, 190-210
- OLIVEIRA, Mário Alves de**
 Duas cartas inéditas de Machado de Assis
 – Guardados da Memória n. 50, 223-225
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de**
 Algumas considerações sobre a poesia italiana contemporânea . . n. 38, 101-131
Poemas:
 A outra n. 28, 146-147
 Árvores n. 28, 154

Como um guincho	n. 28, 151-152
Criaturas de sombra	n. 28, 150-151
Crônica milanesa	n. 28, 153
Estiletos	n. 28, 145-146
Luz do quarto	n. 28, 148
O ateliê	n. 28, 153-154
O indizível	n. 28, 152
O inquilino novo	n. 28, 149
O olho	n. 28, 148-149
Os arabescos	n. 28, 152
Paredes	n. 28, 147
Vasos dentro de casa	n. 28, 147
Viro tarde	n. 28, 150
Prosa:	
A tradução de Manuel Bandeira em italiano	n. 34, 103-123
Habitar o momento (poética de Lêdo Ivo)	n. 33, 201-208
<i>OLIVEIRA NETO, Luiz Camilo</i>	
Lembrando Luiz Camilo – José Bento Teixeira de Salles	n. 42, 205-208
<i>ORATÓRIA</i>	
Anchieta e a comunicação – Pe. Hélio A. Viotti S.J.	n. 4, 66-73
Arte, tópica e método de Vieira no Sermão da Sexagésima	
– Leodegário A. de Azevedo Filho	n. 10, 56-62
Variações em torno do discurso (a propósito de um sermão	
de Vieira) – Roberto Amaral	n. 5, 22-28
<i>ORTEGA Y GASSET, Jose</i>	
Hispanidade e universalismo na filosofia de Ortega y Gasset	
– Tarcísio Padilha	n. 46, 115-124
Ortega y Gasset e a Escola de Frankfurt – Sergio Paulo Rouanet ..	n. 46, 107-114
Ortega y Gasset: vida e obra – Hélio Jaguaribe	n. 46, 125-156
Permanência de Ortega y Gasset – Eduardo Portella	n. 46, 99-106
<i>ORTES, Giammaria</i>	
Um precursor de Malthus e de Marx – Antônio Piccarolo	
– Guardados da Memória	n. 42, 255-271
<i>ORTIZ, Helena</i>	
Ante-sala	n. 37, 238
<i>OWEN, Wilfred</i>	
Antífona à mocidade que vai morrer	n. 7, 110-111
<i>OZAKI, Hosai</i>	
Haicais japoneses	n. 36, 228

P

PADILHA, Tarcísio

- Américo Jacobina Lacombe: historiador-humanista n. 36, 21-31
 Cavalcanti de Albuquerque n. 47, 131-133
 Coelho Neto ou o culto à palavra n. 49, 53-74
 Coronel, Coronéis no 40.º aniversário de seu lançamento: obra
 de Marcos Vilaça e Roberto
 Depoimento (20.º aniversário de falecimento de Alceu
 Amoroso Lima) n. 39, 183-186
 Depoimento (Centenário do nascimento de Ivan Lins) n. 42, 138-147
 Depoimento (Dez anos sem Austregésilo de Athayde) n. 39, 159-162
 Discurso de posse – Presidência da ABL n. 22, 12-19
 Hispanidade e universalismo na filosofia de Ortega y Gasset . . . n. 46, 115-124
 Inauguração da galeria do ex-presidentes da ABL n. 50, 11-13
 Rui Barbosa, o humanista n. 21, 138-157
 Um prefácio (obra de João de Scantimburgo) – Guardados
 da Memória n. 35, 127-128

PAIM, Antônio

- Estudos recentes sobre mudança social n. 22, 93-106
 O movimento fenomenológico no Brasil n. 9, 61-76

PAIVA, Ataúlfo

- Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal
 – Eros Roberto Grau n. 47, 21-39
 O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio Filho . . n. 47, 43-69

PAIVA, Natércia Ribeiro

- Da Semana de Arte Moderna ao verdamarelismo n. 4, 94-104

PALÁCIO AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

- Discurso de Roberto Athayde n. 12, 307-309
 Inauguração do Centro Cultural do Brasil – Discurso do
 Presidente Austregésilo de Athayde n. 12, 299-300
 Palácio Austregésilo de Athayde – Evaristo de Moraes Filho . . . n. 12, 301-305

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia

- Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio
 de Moraes – 2006 n. 49, 209-216

PALMÉRIO, Mário

- Mário Palmério, o romancista do campo – Murilo Melo Filho . n. 45, 25-33

PASSOS, Guimarães

Poeta e boêmio – Marcos Vinícios Vilaça n. 44, 35-38

PASTEUR, Louis

Dom Pedro II e o médico sem diploma – Carlos A. Leite. n. 29, III-115

PATROCÍNIO, José

O grande José do Patrocínio – João de Scantimburgo. n. 37, 115-124

Patrocínio: um jornalista na Abolição – Murilo Melo Filho n. 37, 125-147

PEDERNEIRAS, Mário

Mário Pederneiras: às margens plácidas da modernidade

– Antônio Carlos Secchin. n. 38, 169-181

PEDRO I, Imperador do Brasil, 1798-1834

Joaquim Nabuco e Pedro I – Paulo Napoleão Nogueira da Silva . . n. 19, 81-86

PEDRO II, Imperador do Brasil, 1825-1891

Dom Pedro II e o médico sem diploma – Carlos A. Leite. n. 29, III-115

PEIXOTO, Afrânio

Os vencidos da vida n. 24, 39-42

Memórias – doação do Petit Trianon – Guardados da Memória. . . n. 44, 243-247

PEIXOTO, Afrânio

Obras completas de Afrânio Peixoto – Francisco Venancio

Filho – Guardados da Memória. n. 32, 315-318

PENNA, Antonio Gomes

Dez anos sem José Guilherme Merquior – Depoimento n. 32, 237-246

PENNA, J. O. de Meira

Antropologia e sociologia da guerra n. 17, 101-115

Breve perspectiva histórica do feminismo nascente. n. 35, 145-172

Do patrimonialismo ao casamento romântico n. 39, 65-82

Jung e o gnosticismo moderno n. 4, 74-93

Lúcifer, sexo e pecado original. n. 31, 175-199

Nietzsche e a loucura. n. 37, 87-92

Santos Dumont n. 43, 183-186

Schopenhauer e a vontade de viver n. 27, 165-183

Três comportamentos: tomar, doar, trocar n. 34, 61-76

PENNA, Maria Luiza

Presença da filosófica em Machado de Assis n. 48,

131-1164

PEREGRINO JÚNIOR

Peregrino Júnior, companheiro exemplar – Josué Montello n. 17, 5-8

PEREIRA, José Mario

Dez anos sem José Guilherme Merquior – Depoimento n. 32, 215-236

Miguel Reale, um jurista de alma poética – Guardados da
Memória n. 49, 267-271

Miguel Reale: a CPI deve agir com absoluta imparcialidade
(entrevista) – Guardados da Memória n. 48, 263-269

Trajatória de Roberto Marinho (entrevista) – Guardados
da Memória n. 45, 265-280

Um homem chamado sucesso n. 45, 203-218

PEREIRA, Lafayette Rodrigues

Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa

Coutinho n. 46, 301-320

PEREIRA, Paulo Celso

“Não sou um etc.” – (entrevista com João Ubaldo Ribeiro). . . . n. 46, 279-284

PEREIRA, Paulo Roberto

Antônio José da Silva: seu percurso e o juízo da Academia n. 45, 131-142

Do bom selvagem ao bárbaro canibal n. 46, 259-273

João Cointha, um heterodoxo na França Antártica. n. 43, 19-37

Os 250 anos do livro júbilos da América da Academia dos seletos. . n. 42, 209-217

PEREIRA, Sylvio B.

À margem das décadas – Guardados da Memória n. 37, 249-253

PESSOA, Fernando

Pessoa: personagens e poesia – Milton Vargas n. 29, 117-147

PETRARCA

Vinte sonetos de amor e uma canção de despedida: tradução

e notas de Pedro Lyra n. 48, 213-261

PICCAROLO, Antônio

Um precursor de Malthus e de Marx – Guardados da

Memória n. 42, 255-271

PIMENTA, Dom Silvério Gomes

Dom Silvério Gomes Pimenta – Evaristo de Moraes Filho n. 8, 13-15

PIMENTEL, Cyro

Poemas – I a 5. n. 25, 179-181

Kaspar Hauser n. 25, 181-182

PIÑON, Nélda

- As artes marciais (conto) n. I, 40-43
 As primeiras manhãs brasileiras n. 9, 5-13
 Discurso de despedida – Presidência da ABL n. I4, 5-10
 Homenagem do Senado Federal pelo centenário da ABL n. II, 27-32
 Roberto Marinho n. 45, 187-193

PIÑON, Nélda

- Mito, paródia e rebelião: uma leitura de fronteira natural de
 Nélda Piñon – Eliana Bueno-Ribeiro n. 44, 173-188

PINTO, José Nêumanne

- Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio
 de Moraes – 2005 n. 44, 190-194

PIRES, Homero

- Alberto de Oliveira – Guardados da Memória n. 20, 92-100

PITANGUY, Ivo

- Deolindo Couto: médico e humanista n. 33, 97-105

PITANGUY, Ivo

- Por que Pitanguy na Academia? – Austregésilo de Athayde n. 12, 114-115

PLANCHER, Pierre

- Pierre Plancher e o Jornal do Commercio – Cícero Sandroni n. 43, 263-277

PLATÃO

- Platão e o princípio feminino – Gilda Naécia M. de Barros n. 5, 29-37

PODER

- O poder e sua imagem: à margem de uma página de Eça
 – Nelson Saldanha n. 6, 116-122

POE, Edgar Allan

- The raven (O corvo – Trad. de Sergio Duarte) n. 22, 178-189

POESIA

- A essência da poesia – Oscar Gama Filho n. 9, 48-54
 A poesia de “Os sertões” – Guilherme de Almeida –
 Guardados da Memória n. 30, 205-215
 A poesia de Miguel Reale – José Augusto Seabra n. 10, 131-142
 Charles Baudelaire – Ivan Junqueira n. 43, 345-353
 Eliot – Poeta do século XX – Benedicto Ferri de Barros n. 6, 82-95
 Marabá – Ives Gandra da Silva Martins n. 44, 219-233
 Nós e a poesia – Arnaldo Niskier n. 44, 75-79

Poesia brasileira – Humberto de Campos – Guardados da Memória	n. 22, 211-224
Poesia de ontem e de hoje – Amadeu Amaral – Guardados da Memória	n. 5, 88-93
Poesia, linguagem e vida – Ricardo Vieira Lima	n. 44, 201-207
Poetas associados – Fábio Lucas	n. 44, 209-213
Sobre a poesia – Benedicto Ferri de Barros	n. 41, 183-201
Sobre a poesia – Benedicto Ferri de Barros	n. 8, 104-121
Sousândrade, um ‘poeta maldito’ precursor da poesia moderna – Alexandre Eulálio	n. 9, 42-47

POESIA INGLESA

Tradução de poemas da língua inglesa – Benedicto Ferri de Barros	n. 50, 166-199
---	----------------

POESIA ITALIANA CONTEMPORÂNEA

Algumas considerações sobre a poesia italiana contemporânea – Vera Lúcia de Oliveira	n. 38, 101-131
---	----------------

POETAS DA GERAÇÃO DE 45

Amor – Péricles Eugênio da Silva Ramos	n. 5, 79-80
Canção indefinível – Geraldo Vidigal	n. 5, 71-72
Cantiga na praia– Alphonsus de Guimaraens Filho	n. 5, 66
Cantigas de rio abaixo – Geraldo Vidigal	n. 5, 71-72
Canto do afogado – Bueno de Rivera	n. 5, 77
Céu mediterrâneo – Darcy Damasceno	n. 5, 69
Laranja – José Paulo Moreira da Fonseca	n. 5, 75-76
Lirismo violentíssimo – Antonio Rangel Bandeira	n. 5, 67
Manequim – Geir de Campos	n. 5, 70
Nascituro – Alphonsus de Guimaraens Filho	n. 5, 66
Noturnos – José Paulo Moreira da Fonseca	n. 5, 75-76
O ausente – Darcy Damasceno	n. 5, 69
O peixe– Antonio Rangel Bandeira	n. 5, 67
Ode II – Marcos Konder Reis	n. 5, 78
Os heróis – José Paulo Moreira da Fonseca	n. 5, 75-76
Poesia – Antonio Rangel Bandeira	n. 5, 68
Rosa, floresta de sangue– Péricles Eugênio da Silva Ramos	n. 5, 79-80
Soneto – Jorge Medauar	n. 5, 73-74
Soneto XIII – Redenção – Geir de Campos	n. 5, 70

POETAS ROMÂNTICOS

O desejo de aniquilação em Junqueira Freire e em outros poetas românticos brasileiros – Alexei Bueno	n. 45, 239-250
---	----------------

POLÍTICA

Sartre: filosofia e política – Carlos Nelson Coutinho n. 46, 183-189

POMPÉIA, Raul

A cosmologia malograda – Lêdo Ivo. n. 8, 27-38

As várias faces de Raul Pompéia e O Ateneu – Fábio Lucas . . . n. 18, 80-97

Euclides da Cunha e Raul Pompéia – Alexei Bueno. n. 30, 131-151

PONTE, Lena Jesus

Neve sobre brasa n. 37, 225-226

Soneto volátil n. 37, 225

PORTELLA, Eduardo

A cura pela liberdade em Jean-Paul Sartre n. 46, 157-164

A invenção da cidade moderna na literatura n. 40, 135-137

Depoimento (20.º aniversário de falecimento de Alceu

Amoroso Lima). n. 39, 169-172

Dez anos sem José Guilherme Merquior – Depoimento n. 32, 209-213

Permanência de Ortega y Gasset n. 46, 99-106

Reencontrando Augusto Meyer. n. 32, 21-28

Sartre e os intelectuais – Sergio Paulo Rouanet n. 46, 165-171

PORTELLA, Eduardo

Portella e a poética da reconstrução – Leodegário A. de

Azevedo Filho n. 41, 149-160

PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo

Paris, berço do Romantismo brasileiro: Gonçalves de

Magalhães e Araújo Porto-Alegre – Massaud Moisés. n. 43, 67-81

POSITIVISMO

O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração

– Alfredo Bosi n. 43, 157-181

PRADO, Antônio

A vida realista de Antônio Prado – Graça Aranha

– Guardados da Memória. n. 18, 162-188

PRADO, Décio de Almeida

Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio

de Moraes – 1998. n. 17, 121-126

PRADO, Eduardo

A Companhia de Jesus e a colonização do Brasil n. 13, 23-53

PRADO, Eduardo

- Eduardo Prado – Eça de Queirós – Guardados da Memória . . . n. 24, 274-290
 Eça de Queirós e Eduardo Prado – João de Scantimburgo n. 29, 73-93

PRADO, J.F. (Yan) de Almeida

- Lembranças de Paulo Prado – Guardados da Memória. n. 23, 101-119

PRADO, Paulo

- Lembranças de Paulo Prado – J.F. (Yan) de Almeida Prado
 – Guardados da Memória. n. 23, 101-119

PRÊMIO FRANCOFONIA RICHELIEU-SENGHOR

- Discurso – Prêmio de Francofonia Richelieu-Senghor
 – Sergio Corrêa da Costa n. 48, 39-45

PRÊMIO MACHADO DE ASSIS

- 1996 – Carlos Heitor Cony n. 8, 122-132
 Cony, os balões e a Academia – Arnaldo Niskier. n. 8, 122-127
 Discurso (de agradecimento) – Carlos Heitor Cony n. 8, 128-132

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES

- 1995 – Roberto Campos (Lanterna na popa) n. 5, 39-53
 Discurso (de agradecimento) – Roberto Campos n. 5, 42-53
 Discurso (de saudação) – João de Scantimburgo n. 5, 39-42
- 1996 – Evaldo Cabral de Mello (A fronda dos mazombos) n. 9, 86-109
 Discurso – João de Scantimburgo n. 9, 96-97
 Discurso (de agradecimento) – Evaldo Cabral de Mello n. 9, 98-109
 Saudação – Alberto Venancio Filho n. 9, 86-95
- 1997 – Wilson Martins (A palavra escrita) n. 13, 129-136
 Discurso (de agradecimento) – Wilson Martins n. 13, 129-132
 Discurso (de saudação) – Josué Montello. n. 13, 132-136
- 1998 – Décio de Almeida Prado (Seres, coisas, lugares) n. 17, 116-126
 Discurso (de agradecimento) – Décio de Almeida Prado n. 17, 121-126
 Discurso (de saudação) – Sábado Magaldi n. 17, 116-120
- 1999 – Cícero Sandroni e Laura Sandroni (Austregésilo de
 Athayde: o século de um liberal). n. 21, 258-268
 Discurso (de agradecimento) – Cícero Sandroni n. 21, 262-268
 Discurso (de saudação) – Josué Montello. n. 21, 258-261

2000 – Goffredo Telles Júnior (A folha dobrada: lembranças de um estudante)	n. 25, 166-178
Discurso (de agradecimento) – Goffredo Telles Júnior	n. 25, 174-178
Discurso (de saudação) – Evandro Lins e Silva	n. 25, 166-173
2001 – Luiz Felipe de Alencastro (O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII)	n. 28, 103-113
Discurso (de agradecimento) – Luiz Felipe de Alencastro	n. 28, 108-113
Discurso (de saudação) – Alberto da Costa e Silva	n. 28, 104-108
2002 – Manif Zacharias (A lexicologia de “Os Sertões”: (o vocabulário de Euclides da Cunha))	n. 33, 269-285
Discurso (de agradecimento) – Manif Zacharias	n. 33, 280-285
Discurso (de saudação) – Alberto Venancio Filho	n. 33, 269-279
2003 – Bruno Tolentino (O mundo como idéia)	n. 37, 93-112
Discurso (de agradecimento) – Bruno Tolentino	n. 37, 105-112
Sentido universal da Poesia – Miguel Reale	n. 37, 95-104
2004 – Antônio Bulhões (Diário da cidade amada: Rio de Janeiro, 1922)	n. 40, 189-197
Discurso (de agradecimento) – Antônio Bulhões	n. 40, 194-195
Palavras – Antônio Ermírio de Moraes	n. 40, 196-197
Saudação a Antonio Bulhões – Lêdo Ivo	n. 40, 191-193
2005 – José Nêumanne Pinto (O silêncio do delator)	n. 44, 189-200
Discurso (de agradecimento) – José Nêumanne Pinto	n. 44, 190-194
Saudação – Marcos Vinícios Vilaça	n. 44, 194-200
2006 – Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos)	n. 49, 205-216
Discurso (de agradecimento) – Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke	n. 49, 209-216
Gilberto Freyre, um vitoriano dos trópicos – Alberto da Costa e Silva	n. 49, 205-208

PRESIDÊNCIA DA ABL

Discurso de despedida – Arnaldo Niskier	n. 22, 5-11
Discurso de despedida – Ivan Junqueira	n. 47, 7-11
Discurso de posse – Arnaldo Niskier	n. 14, 11-19
Discurso de posse – Arnaldo Niskier (reeleito)	n. 18, 36-44
Discurso de posse – Marcos Vinícios Vilaça	n. 47, 12-19
Discurso de posse – Tarcísio Padilha	n. 22, 12-19

- Posse da Diretoria da ABL – 2006: discurso de despedida
 – Ivan Junqueira n. 47, 7-11
 Posse da Diretoria da ABL – 2006: discurso de posse
 – Marcos Vinícios Vilaça n. 47, 12-19

PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS

- Um pouco da alma e da sensibilidade de Alberto de Oliveira . . . n. 8, 163-175

PROENÇA FILHO, Domicio

- Machado de Assis e a Academia n. 40, 99-130

PROUST, Marcel

- A dimensão de Proust – Antonio Olinto n. 44, 131-134
 Proust e Eça – pastiches e mélanges – Rachel Jardim n. 49, 145-155

PRUDHOMME, Sully

- Le vase brisé – O vaso partido n. 4, 117-118

PUSHKIN, Alexandre

- Os 200 anos de Pushkin – Antonio Olinto n. 20, 8-10

Q

QUEIRÓS, Eça de

- Eduardo Prado – Guardados da Memória n. 24, 274-290
 O suave milagre – Guardados da Memória n. 24, 265-273

QUEIRÓS, Eça de

- À margem de Eça de Queirós – Cecília Meireles n. 24, 66-70
 A master, but portuguese – Wilson Martins n. 24, 86-97
 A morte de Eça de Queirós – Machado de Assis
 – Guardados da Memória n. 38, 307-308
 A morte de Eça de Queirós: última viagem – Viana Moog n. 24, 60-65
 A morte de Fradique Mendes – Joaquim-Francisco Coelho . . . n. 31, 201-211
 A recepção de Eça de Queirós em Pernambuco – Dagoberto
 Carvalho Júnior n. 24, 174-196
 A tradição de Gonçalo Mendes Ramires – João de Scantimburgo . . n. 24, 16-36
 A tragédia da Rua das Flores: um romance trágico ou uma
 tragédia de romance? – Massaud Moisés n. 24, 256-264
 Da tradição à modernidade – José Fernando Tavares n. 24, 155-158
 De como ‘descobri’ Eça de Queirós, e do mais que me aconteceu
 – Esther de Figueiredo Ferraz n. 24, 159-173
 Depois de Eça de Queirós – Fidelino de Figueiredo n. 24, 104-115
 Eça de Queirós e Eduardo Prado – João de Scantimburgo n. 29, 73-93

- Eça de Queirós e Fradique Mendes – Manuel Pio Corrêa n. 24, 98-103
- Eça de Queirós e Gilberto Freyre: algumas aproximações
 – Sebastião Vila Nova n. 24, 221-239
- Eça de Queirós e o Brasil – Afonso Celso n. 24, 37-38
- Eça de Queirós, sumário de biografia – Antonio Cabral n. 24, 197-220
- Eça: coerências e contradições – Nelson Saldanha n. 24, 240-255
- Encontro, desencontro – Lêdo Ivo n. 24, 12-15
- O Eça é sempre o Eça – Josué Montello n. 24, 8-11
- Os vencidos da vida – Afrânio Peixoto n. 24, 39-42
- Presença de Huysmans em A cidade e as serras – Cláudio Veiga . . . n. 24, 116-130
- Proust e Eça – pastiches e mélanges – Rachel Jardim n. 49, 145-155
- Sobre o Eça, no Brasil, com amor! – Dário Moreira de
 Castro Alves n. 31, 211-221
- Três ensaios sobre Eça de Queirós – Manuel Pio Corrêa n. 8, 81-94
- Um legado de arte – Álvaro Lins n. 24, 43-59
- Uma sensação nova na imprensa carioca em 1878:
 O primo Basílio – Francisco Maciel Silveira n. 24, 131-152
- Vida efêmera / Arte perene – Beatriz Berrini n. 24, 71-85
- QUEIROZ, Rachel de**
 Era de Austregésilo na Academia n. 12, 269-271
 Um ilustre cidadão do mundo n. 12, 197-198
- QUEIROZ, Rachel de**
 Discurso de inauguração do retrato de Rachel de Queiroz
 – Ubiratan Aguiar n. 50, 15-20
- O disco dos meus sonhos – Austregésilo de Athayde n. 12, 48-50
- Palavras em homenagem a Rachel de Queiroz – Arnaldo Niskier . . n. 50, 20-24
- Rachel de Queiroz: lembranças e memórias – Murilo Melo Filho . . n. 23, 34-38
- Réquiem para Raquel – Murilo Melo Filho n. 39, 31-35
- Retrato n. 50, 15-25
- QUINDERÉ, José**
 O santo padre Quinderé – Austregésilo de Athayde n. 12, 46-48
- QUINTANA, Mário**
 Centenário do nascimento de Mário Quintana – Ricardo
 Vieira Lima – Guardados da Memória n. 50, 201-211
- O claro enigma de Mário Quintana – Luciano Rosa
 – Guardados da Memória n. 50, 213-222
- QUINTAS, Fátima**
 Luto patriarcal e morte da Sinhá em Casa-grande & senzala n. 25, 82-103

R

RAMOS, Graciliano

Vidas secas: o mundo coberto de penas – Massaud Moisés n. 22, 113-127

RAMOS, Péricles Eugênio da S.

Ars poetica n. 34, 210
 Citação do humano n. 34, 203
 Epigrama n.º 4. n. 34, 200
 Futuro I n. 34, 208
 Música n. 34, 209
 Noturno. n. 34, 202
 Números. n. 34, 205
 Poema do sementeador n. 34, 202
 Propiciação n. 34, 199
 Rosa, floresta de sangue, Amor n. 5, 79-80

RAMOS, Silva

Em ar de conversa (língua portuguesa) – Guardados da Memória n. 35, 213-223

RAMOS, Silva

Silva Ramos: mestre da língua – Evanildo Bechara. n. 37, 205-219
 Rangel, Fernando
 Sermão nas exéquias de Rui Barbosa – Guardados da Memória. . . n. 21, 289-305

RAWLS, J.

A crítica de Michael Walzer a Rawls – Ubiratan Borges
 de Macedo n. 14, 87-102

REALE, Miguel

A ABL e a consciência nacional. n. 34, 11-13
 A Academia Brasileira de Letras n. 11, 44-50
 A civilização do orgasmo n. 6, 14-25
 A face oculta de Euclides da Cunha n. 30, 19-27
 A filosofia na obra de Machado de Assis n. 44, 7-33
 Austregésilo de Athayde. n. 12, 261-263
 Diretrizes do culturalismo n. 29, 55-63
 Gilberto Freyre e sua vocação filosófica n. 25, 13-23
 Gilberto Freyre, intérprete do Brasil n. 26, 45-57
 Lições de Rui n. 21, 14-19
 Miguel Reale: a CPI deve agir com absoluta imparcialidade –
 (entrevista a José Mario Pereira) – Guardados da Memória. . n. 48, 263-269
 Legados de Norberto Bobbio n. 40, 131-134

Momentos decisivos da Universidade de São Paulo	n. 43, 199-225
O eu profundo	n. 27, 127-131
Os filósofos da Academia Brasileira de Letras	n. 16, 14-21
Paradigmas políticos para o novo século	n. 3, 28-39
Posição de Joaquim Nabuco na história das idéias políticas	n. 19, 33-40
Sentido universal da Poesia – Discurso de saudação – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2003	n. 37, 95-104
Teoria do ser e perspectiva	n. 41, 11-15
Variações sobre a humildade	n. 37, 15-17
Poesia:	
A biblioteca	n. 1, 114-116
A vida	n. 31, 245-246
Eterna juventude	n. 31, 243
Idade	n. 31, 244
O ciclo do homem	n. 1, 116-117
O espelho	n. 31, 244
O livro	n. 31, 246
Razões de amar	n. 31, 245
Sangue e poesia	n. 31, 247

REALE, Miguel

A poesia de Miguel Reale – José Augusto Seabra	n. 10, 131-142
Aspectos do pensamento jurídico-social de Miguel Reale (A pessoa humana) – Evaristo de Moraes Filho	n. 48, 7-12
Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa Coutinho	n. 46, 301-320
Miguel Reale na flor dos oitenta – Austregésilo de Athayde	n. 12, 117-118
Miguel Reale, um jurista de alma poética – José Mário Pereira – Guardados da Memória	n. 49, 267-271
Miguel Reale: a CPI deve agir com absoluta imparcialidade – José Mário Pereira – Guardados da Memória	n. 48, 263-269

REFORMA DO JUDICIÁRIO

Os três eixos da Reforma do Judiciário – José Renato Nalini	n. 41, 109-120
---	----------------

REGIONALISMO

Sobre o romance regionalista de Herberto Sales – Leodegário A. de Azevedo Filho	n. 8, 70-80
--	-------------

REGO, José Lins do

A correspondência passiva de José Lins do Rego – Nestor Pinto de Figueiredo Júnior	n. 42, 31-50
A história literária de José Lins do Rego – Lêdo Ivo	n. 42, 23-29

- A prosa reencontrada – Lêdo Ivo n. 40, 147-157
 José Lins do Rego e as letras – Austregésilo de Athayde n. 26, 5-22
 José Lins do Rego na Academia – Josué Montello n. 26, 23-35
 José Lins do Rego: cem anos – Murilo Melo Filho n. 29, 103-109
 José Lins do Rego: técnica narrativa de Fogo morto –
 Hildeberto Barbosa Filho n. 42, 51-72
 Lins do Rego: um desafio teórico – Elizabeth Marinheiro n. 42, 73-82
 O romancista José Lins do Rego – Josué Montello n. 42, 7-21
 O trágico em José Lins do Rego e Gilberto Freyre
 – Tarcísio M. Burity n. 31, 223-241
 Perfil de José Lins do Rego – Massaud Moysés n. 26, 36-44
 Uma só alma em dois corpos – Edson Nery da Fonseca n. 15, 69-82
- REIS, Marcos Konder**
 Ode II n. 5, 78
- RENAULT, Abgar**
 De outros autores n. 7, 94-110
 Minha experiência modernista n. 27, 95-115
 Poesia escolhida – De várias obras n. 7, 73-93
 Traduções poéticas – De J. Keats, O. Wilde e W.B. Yeats 105-106
- RENAULT, Abgar**
 A conjunção de Abgar – Marcos Almir Madeira n. 7, 48-50
 Adeus a Abgar Renault – Antonio Houaiss n. 7, 5-6
 Sofotulafai – Carlos Nejar n. 7, 29-35
- RESENDE, Otto Lara**
 Lembranças de Otto Lara Resende – Afonso Arinos, filho n. 36, 171-175
 O outro Lara Resende – Lêdo Ivo n. 35, 73-75
 Otto Lara Resende no olhar de Sabino – Arnaldo Niskier n. 35, 65-71
 Otto, luz e sombra – Benício Medeiros n. 35, 91-97
 Otto: oitenta anos depois – Murilo Melo Filho n. 35, 77-89
- REVISTA BRASILEIRA**
 Editorial – João de Scantimburgo n. 44, 5-6
 Editorial n. 40, 5-6
 O número 50 da Revista Brasileira – João Scantimburgo n. 50, 5-6
 Questão social, caso de polícia? – João de Scantimburgo n. 41, 5-9
 Simbiose cultural – Wilson Martins n. 45, 281-284
 Sobre a revista – João Scantimburgo n. 46, 5-6
- REYES, Alfonso**
 O Brasil no diário de Alfonso Reyes – Josué Montello n. 6, 5-13

RIBEIRO, Ernesto Carneiro

O padre Antônio Vieira, clássico da língua portuguesa n. 10, 101-115

RIBEIRO, João

O dicionário das Academias – Guardados da Memória n. 22, 225-229

Rubén Dario na Academia Brasileira – Guardados da Memória . . . n. 1, 123-131

RIBEIRO, João

Mestre João Ribeiro – Austregésilo de Athayde n. 12, 93-95

RIBEIRO, João Ubaldo

“Não sou um etc.” – (entrevista a Paulo Celso Pereira) n. 46, 279-284

RICARDO, Cassiano

Poesias escolhidas:

A esperança mora a oeste n. 3, 138-139

A missa e o papagaio n. 3, 130

A noite verde n. 38, 227-230

Arco-íris n. 3, 142-143

A rua n. 3, 144-145

A sintaxe do adeus n. 3, 146-147

Balada do desencontro n. 3, 145-146

Brasil-menino n. 3, 139-141

Chove silêncio sobre nós n. 3, 143

Desejo n. 3, 160

Estar, ou não estar n. 3, 168-169

É tarde, é muito tarde n. 3, 148-149

Exortação n. 3, 126-127

Imemorial n. 3, 147-148

Ladainha n. 3, 131

Manhã de caça n. 3, 124-126

Na manhã girassol n. 3, 134

Noturnidade n. 3, 158-160

O achamento n. 3, 127-130

O cacto n. 3, 164-166

O hóspede n. 3, 163-164

O navio negreiro n. 3, 132-134

O piano, ao crepúsculo n. 3, 156-157

O sangue das horas n. 3, 141-142

O sem-fim n. 3, 134-135

O sócia n. 3, 157

Pequena ode atonal n. 3, 167-168

Poema apócrifo n. 3, 160-163

Poema implícito	n. 3, 158
Pose pra retrato	n. 3, 149-150
Pralapracá	n. 3, 132
Riso e lágrima	n. 3, 123
Sala de espera	n. 3, 143-144
Serenata sintética	n. 3, 147
Só Deus por testemunha	n. 3, 137-138
Sonata patética	n. 3, 151-156
Um dia após outro	n. 3, 135-137
Viagem perdida	n. 3, 123-124
Você e o seu retrato	n. 3, 169-170
<i>RICARDO, Cassiano</i>	
A unidade da poesia de Cassiano Ricardo – Milton Vargas	n. 3, 5-27
Lembrança de Cassiano Ricardo – Geraldo de Carvalho	
Silos	n. II, 131-133
<i>RICUPERO, Rubens</i>	
Prefácio ao Livro do Museu de Arte de Brasília	n. 37, 69-73
<i>RILKE, Rainer Maria</i>	
Hora grave	n. 7, 102-103
<i>RILKE, Rainer Maria</i>	
A poesia possível – José Saramago	n. 42, 236-245
<i>RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, barão do</i>	
Rio Branco – Constancio Alves – Guardados da Memória	n. 46, 341-345
<i>RIO DE JANEIRO – História</i>	
A cidade do Rio de Janeiro no tempo de Júbilos da América	
– Nireu Cavalcanti	n. 46, 201-211
<i>RIOS, José Arthur</i>	
Carlyle e o Brasil	n. 38, 159-168
Memória de Maritain	n. 43, 305-319
<i>RIPPER, João Guilherme</i>	
Poemas:	
Casa transfigurada	n. 28, 158-160
Ícaros	n. 28, 155-156
Inez	n. 28, 156-157
Inverno	n. 28, 157-158
<i>RIVERA, Bueno de</i>	
Canto do afogado	n. 5, 77

ROCHA, Vera Lúcia Figueiredo Costa

Musa im(passível) (Francisca Júlia)..... n. 14, 103-121

RODRIGUES, Geraldo Pinto

Romanceiro antigo

Cantiga d'amor..... n. 4, 129

Cantiga d'amigo..... n. 4, 130

Leixa-Pren..... n. 4, 131

Serranilha..... n. 4, 130

RODRIGUES, Marina Machado

Confronto entre a *Appendix Rhythmarum* e a 2.^a edição das Rimas
de Camões..... n. 17, 70-85

ROMANTISMO

Paris, berço do Romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães
e Araújo Porto-Alegre – Massaud Moisés..... n. 43, 67-81

ROMERO, Sílvio

A cultura popular na obra de Sílvio Romero
– Lélia Coelho Frota..... n. 42, 105-112

Sílvio Romero e os contos populares do Brasil
– Bráulio do Nascimento..... n. 42, 97-103

Sílvio Romero, o cientificismo e Os Cantos e Contos
Populares do Brasil – Arno Wehling..... n. 42, 89-95

Sílvio Romero, pensador da cultura brasileira
– Luiz Antonio Barreto..... n. 42, 83-87

Uma história italiana da literatura brasileira, Sílvio Romero
e o positivismo – Marcela Varejão..... n. 16, 64-72

RONDON, Candido Mariano da Silva

Roquette-Pinto e Rondon – Cláudio Bojunga..... n. 46, 93-98

ROQUETTE-PINTO, E.

50 anos sem Roquette-Pinto – Alberto Venancio Filho..... n. 46, 49-85

Influência de Rondônia – Alberto da Costa e Silva..... n. 46, 87-92

Roquette-Pinto e Rondon – Cláudio Bojunga..... n. 46, 93-98

ROSA, João Guimarães

João Guimarães Rosa – Carlos Heitor Cony..... n. 29, 95-101

Nos domínios do Grande Sertão: Veredas – Fábio Lucas..... n. 48, 61-81

ROSA, Luciano

O claro enigma de Mário Quintana – Guardados da
Memória..... n. 50, 213-222

ROSA, Mauro Márcio de

- A trilogia do trágico em Machado de Assis n. 6, 48-81
 Juan Valera e Machado de Assis: um diálogo possível
 – um estudo das categorias tempo, ser e memória em Genio
 y Figura e Dom Casmurro n. 45, 63-89
 Teatro e tragédia na produção romanesca de Machado de Assis:
 ênfase em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e
Dom Casmurro n. 47, 145-187

ROUANET, Sergio Paulo

- A propósito de Canudos: Machado de Assis e Gilberto Amado . . n. 6, 40-47
 A volta de Deus n. 34, 21-29
 Este século tem dois anos: a propósito do bicentenário de
 Victor Hugo n. 33, 35-57
 Dez anos sem José Guilherme Merquior – Depoimento n. 32, 247-259
 Machado de Assis e a estética da fragmentação n. 3, 59-82
 Ortega y Gasset e a Escola de Frankfurt n. 46, 107-114
 Sartre e os intelectuais n. 46, 165-171

ROUANET, Sergio Paulo

- Da atribuição à existência: Um estudo de Rouanet sobre
 Freud, suas fontes literárias e o estatuto da interpretação
 – Antônio Sérgio Mendonça; Leodegário Amarantes
 Azevedo Filho n. 42, 195-204

S

SÁ, Álvaro de

- Repetição de poemas em cancionero quinhentista. n. 17, 56-69

SÁ, Mem de

- O sangrar da epopéias – Paulo Bonfim n. 48, 119-122

SABA, Umberto

- Poemas selecionados, e traduzidos por Geraldo de Holanda
 Cavalcanti n. 49, 217-281

SAID ALI, Manuel

- O purismo e o progresso da língua portuguesa – Guardados
 da Memória n. 36, 231-255

SALDANHA, Nelson

- A Torre de Babel e o neokantismo n. 36, 195-201

A trilogia patriarcal e os dualismos freyrianos	n. 25, 54-61
Adeus aos telhados	n. 50, 105-108
Anotações sobre Euclides da Cunha	n. 9, 34-41
Eça: coerências e contradições	n. 24, 240-255
Em torno de um poema de Murilo Mendes	n. 29, 49-53
Fato social e problemática ética: o pensamento de Durkheim.	n. 26, 141-149
Joaquim Nabuco: humanismo e política	n. 19, 87-96
O conceito de nação e a imagem do Brasil	n. 46, 213-223
O poder e sua imagem – À margem de uma página de Eça	n. 6, 116-122
Problemática do ensaio	n. 14, 82-86
Razão, razões – Razão e circunstância	n. 40, 175-180
Sobre o livro e a biblioteca.	n. 22, 128-134
Trajectoria e crise das “leituras francesas”	n. 43, 329-334
<i>SALES, Eugênio de Araújo</i>	
O santo D. Eugênio – Arnaldo Niskier	n. 29, 65-71
<i>SALES, Fernando</i>	
Castro Alves e seu canto do sertão	n. 23, 44-62
Urbano Duarte – o fundador da Cadeira I2	n. 32, 191-206
<i>SALES, Herberto</i>	
Discurso de doutor <i>Honoris causa</i>	n. 10, 143-152
Em busca de Ênio Silveira, ou talvez de mim mesmo.	n. 8, 9-12
<i>SALES, Herberto</i>	
Sobre o romance regionalista de Herberto Sales – Leodegário A.de Azevedo Filho.	n. 8, 70-80
<i>SALLES, José Bento Teixeira de</i>	
Lembrando Luiz Camillo.	n. 42, 205-208
<i>SALLES, Mauro</i>	
O centenário de Cecília Meireles.	n. 34, 161-189
<i>SALLES, Ricardo C.</i>	
Em torno da etimologia de ‘sobre’.	n. 5, 13-21
<i>SALLES, Ruth Sylvia de Miranda</i>	
Poemas	n. 40, 196-197
<i>SALVADOR, José Gonçalves</i>	
O Pe. Antônio Vieira e os cristãos-novos	n. 10, 47-55

SANCHES NETO, Miguel

Habitar a palavra (Carta aos loucos, Carlos Nejar) n. 20, 80-84

SANDRONI, Cícero

Alcindo Guanabara e o jornalismo do seu tempo n. 40, 59-75
 Depoimento (Dez anos sem Austregésilo de Athayde) n. 39, 162-166
 Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio
 de Moraes – 1999 n. 21, 262-268
 Pierre Plancher e o Jornal do Commercio n. 43, 263-277

SANDRONI, Laura

Athayde, jornalista n. 46, 7-19
 Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 1999 n. 21, 258-268

SANT'ANNA, Affonso Romano de

Drummond: um poeta além do tempo n. 36, 107-128

SANTOS, Armando Alexandre dos

À procura de Tructesindo: por que tanta gente hoje em dia
 pesquisa as próprias raízes? n. 44, 135-171
 A serviço de Deus e de El-Rei n. 22, 155-173
 Amor a Portugal n. 35, 177-183
 Anchieta: os quatro centenários n. 13, 81-95
 Os quatro processos de Frei Galvão n. 18, 112-135

SANTOS, Turíbio

Villa-Lobos em Paris n. 43, 191-197

SANTOS DUMONT, Alberto

Santos Dumont – J. O. de Meira Penna n. 43, 183-186

SARAMAGO, José

A poesia possível n. 42, 236-245

SARAMAGO, José

O discurso intertextual de O conto da ilha desconhecida
 de José Saramago – Latuf Isaias Mucci n. 48, 180-184

SARNEY, José

Athayde, um século n. 12, 281-282

SARTRE, Jean-Paul

Sartre: filosofia e política – Carlos Nelson Coutinho n. 46, 183-189
 Sartre e os comunistas- Leandro Konder n. 46, 173-181

SASSOON, Siegfried

Meditação do soldado convalescente. n. 7, 108-109

SATO, Maria Helena

Poesia n. 42, 252-253

SCANTIMBURGO, João de

- A agonia da civilização. n. 40, 159-164
- A crise modernista e a Semana de Arte Moderna. n. 28, 53-63
- A democracia em questão. n. 41, 245-246
- A era da comunicação n. 48, 5-6
- A França e o Brasil n. 43, 5-7
- A função da casa-grande n. 25, 28-34
- A herança portuguesa no Brasil n. 26, 65-75
- A instituição n. 38, 33-49
- A tradição de Gonçalo Mendes Ramires. n. 24, 16-36
- Adeus, Athayde. n. 12, 283-284
- Balzac e as duas colunas da ordem. n. 20, 5-7
- Campanha pela liberdade. n. 49, 5-6
- Centenário de Pedro Calmon. n. 33, 19-33
- Cinco artes n. 15, 25-38
- Conceito de povo n. 7, 36-47
- Culto da Imortalidade n. 42, 5-6
- Da inquietação religiosa de Rui Barbosa n. 30, 153-157
- Discurso – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 1995 . . . n. 5, 39-42
- Discurso – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 1996 . . . n. 9, 96-97
- Eça de Queirós e Eduardo Prado n. 29, 73-93
- Editorial n. 44, 5-6
- Euclides da Cunha interessado em Marx. n. 4, 17-29
- Evolução do povo paulista. n. 39, 21-29
- Gobineau no Brasil. n. 43, 279-283
- Grupos de pressão n. 3, 23-33
- Jean Manzon depois da guerra. n. 43, 335-337
- Joaquim Nabuco e a União das Américas. n. 19, 53-63
- Machado de Assis – do *sense of humour* ao moralista n. 11, 101-111
- Museu do idioma n. 47, 5-6
- O firme namorado – Luís de Camões. n. 22, 81-92
- O grande José do Patrocínio n. 37, 115-124
- O maître à penser n. 39, 5-7
- O número 50 da Revista Brasileira n. 50, 5-6
- O paciente da febre verde. n. 27, 133-151

- O ser humano e a superstição n. 16, 52-54
 O sigilo nos Descobrimentos. n. 35, 113-126
 O tempo em sermão do padre Antônio Vieira. n. 10, 7-20
 Paulo Setúbal – prosador e poeta n. 2, 5-15
 Pobreza digna – Guardados da Memória n. 38, 309-311
 Questão social, caso de polícia? n. 41, 5-9
 Quinze séculos do batismo de Clóvis n. 9, 25-29
 Reflexões sobre o melhor regime político. n. 18, 61-70
 Rui e a inquietação religiosa n. 21, 122-137
 Sobre a revista. n. 46, 5-6
 Tudo passa n. 45, 5-6
- SCANTIMBURGO, João de*
 Os olivais do crepúsculo – Fábio Lucas n. 46, 275-278
 Um prefácio – Tarcísio Padilha n. 35, 127-128
 Um prefácio – João Camilo de Oliveira Torres
 – Guardados da Memória. n. 45, 261-264
 Um prefácio: a empresa moderna no Brasil – Antonio
 Delfim Netto. n. 36, 191-193
- SCHOPENHAUER, Arthur*
 Schopenhauer e a vontade de viver – J.O. de Meira Penna n. 27, 165-183
- SEABRA, José Augusto*
 A poesia de Miguel Reale n. 10, 131-142
- SECCHIN, Antonio Carlos*
 A idade da noite, A idade da aurora n. 38, 199-201
 Dois poemas. n. 42, 249-251
 Louvação ao amigo. n. 44, 217-218
 Mário Pederneiras: às margens plácidas da modernidade. n. 38, 169-181
- SEGISMUNDO, Fernando*
 A Academia Brasileira de Letras homenageia a ABI n. 16, 57-63
- SEMANA DE ARTE MODERNA*
 Da Semana de Arte Moderna ao verdamarelismo
 – Natércia Ribeiro Paiva. n. 4, 94-104
- SENNÁ, Homero*
 Rui Barbosa, defensor de Dreyfus n. 21, 238-243

SESQUICENTENÁRIO DA MORTE DE JUNQUEIRA FREIRE

- O desejo de aniquilação em Junqueira Freire e em outros poetas
românticos brasileiros – Alexei Bueno n. 45, 239-250
- Junqueira Freire e a máscara da teia de aranha
– Carlos Nejar n. 45, 235-238
- Junqueira Freire – Alberto Venancio Filho. n. 45, 219-234

SESQUICENTENÁRIO DE ROQUETTE-PINTO

- 50 anos sem Roquette-Pinto – Alberto Venancio Filho n. 46, 49-85
- Influência de Rondônia – Alberto da Costa e Silva n. 46, 87-92
- Roquette-Pinto e Rondon – Cláudio Bojunga n. 46, 93-98

SETÚBAL, Paulo

Antologia:

- À beira do caminho n. 6, 133-134
- A fazenda n. 6, 125-128
- A forasteira n. 6, 138-139
- A gente n. 6, 128-130
- A queimada n. 6, 140-142
- A vila n. 6, 137-138
- Bucólica n. 6, 134-136
- Certa vez n. 6, 139
- Derradeira saudade n. 6, 137
- De volta n. 6, 123-125
- Idílio n. 6, 140
- Mês de Maria n. 6, 138
- Sob um pessegueiro n. 6, 136
- Vida campônia n. 6, 130-133

SETÚBAL, Paulo

- O *Confiteor* de Paulo Setúbal – Glauco Carneiro n. 6, 96-115
- Paulo Setúbal – prosador e poeta – João de Scantimburgo n. 2, 5-15

SHAKESPEARE, William

- Hamlet – O príncipe e a rosa – Geraldo de Carvalho Silos n. 1, 70-96
- O mito divino de Shakespeare – Austregésilo de Athayde n. 12, 72-74
- Tolstoi contra Shakespeare – Austregésilo de Athayde n. 12, 70-72

SILOS, Geraldo de Carvalho

- Lembrança de Cassiano Ricardo n. 11, 131-133
- O príncipe e a rosa n. 1, 70-96

SILVA, Alberto da Costa e

- Augusto Meyer: um poeta à sombra da estante n. 32, 9-19

Discurso (de saudação) – Prêmio Senador José Ermírio de
 Moraes – 2001 n. 28, 104-108
 Gilberto Freyre na Ilha dos Amores n. 41, 77-87
 Gilberto Freyre, um vitoriano dos trópicos – Discurso de saudação
 – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2006. n. 49, 205-208
 Influência de Rondônia n. 46, 87-92
 Julho 1956 – (entrevista com Roberto Alvim Corrêa) n. 43, 297-303
 Pierre Verger, de parisiense a afro-brasileiro. n. 43, 339-344
 Sobre a nova edição de Coronel, coronéis – I n. 35, 99-102
 Sobre a rebelião de 1835 na Bahia n. 31, 9-33

Poemas:

A um filho que faz dezoito anos n. 28, 128-130
 Aparição em Fortaleza n. 28, 116-117
 As linhas da mão n. 28, 122-127
 Aviso em voz baixa. n. 28, 139
 De manhãzinha, para Miguel. n. 28, 137-138
 Diálogo em Sobral n. 28, 119-121
 Elegia de Lagos. n. 28, 131-134
 Escrito a lápis, sob um epitáfio romano n. 28, 135
 Fragmento de Heráclito n. 28, 127
 Murmúrio n. 28, 137
 Natal n. 28, 135-136
 O amor aos sessenta n. 28, 138-139
 Ode a Marcel Proust n. 28, 115-116
 Sobre meu túmulo n. 28, 127
 Soneto. n. 28, 117-118
 Soneto a Vera. n. 28, 128
 Soneto a Vermeer. n. 28, 130-131
 Soneto de Natal n. 28, 118-119
 Soneto rural n. 28, 122

SILVA, Antônio José da

Antônio José da Silva: seu percurso e o juízo da Academia
 – Paulo Roberto Pereira n. 45, 131-142
 Antônio José, o Judeu, e o teatro do século XVIII
 – Bárbara Heliodora n. 45, 123-129
 O sarcasmo em Antônio José da Silva, o Judeu
 – Arnaldo Niskier n. 45, 119-121

SILVA, Da Costa e

Da Costa e Silva e o sincretismo – Sânzio de Azevedo n. 41, 121-147

SILVA, Domingos Carvalho da

Poemas:

- A caixa das planetárias n. 2, 153-154
 In memoriam: Saudação a Dinah Silveira de Queiroz n. 23, 93-96
 Um galo na super-quadra. n. 2, 154-155
 Vinicius, o poeta n. 23, 97-100

SILVA, Dora Ferreira da

- Cartografia do imaginário – Marco Lucchesi n. 41, 203-205
 Cemitério marinho, de Paul Valéry (tradução). n. 33, 313-320
 Epidauro n. 28, 141-144
 Hoelderlin, a proximidade e a distância do Sagrado. n. 37, 75-85

SILVA, Evandro Lins e

- Discurso (de saudação) – Prêmio Senador José Ermírio de
 Moraes – 2000 n. 25, 166-173
 Homenagem pelos meus 90 anos n. 33, 169-175
 O jurista Alcântara Machado. n. 28, 65-71
 Rui Barbosa e os direitos humanos n. 21, 173-198

SILVA, Evandro Lins e

- 90.º Aniversário de Evandro Lins e Silva n. 33, 139-168
 Depoimento – Afonso Arinos Filho n. 33, 147-151
 Depoimento – Alberto Venancio Filho n. 33, 139-146
 Depoimento – Fábio Konder Comparato n. 33, 163-168
 Depoimento – Raymundo Faoro n. 33, 153-161
 Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa
 Coutinho n. 46, 301-320
 Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal – Eros
 Roberto Grau n. 47, 21-39
 O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto Venancio
 Filho. n. 47, 43-69

SILVA, José Mário da

- Das fronteiras à travessia: a poética plural de Lêdo Ivo n. 47, 207-218

SILVA, Paulo Napoleão Nogueira da

- A formação brasileira n. 40, 181-188
 A França no Brasil n. 43, 9-18
 Dom João VI e a escravidão n. 31, 159-173
 Gilberto Freyre n. 25, 104-111
 Historiografia oficial n. 48, 123-130
 Joaquim Nabuco e Pedro I n. 19, 81-86

- Portugal e o Renascimento n. 15, 61-68
 Preito a Rui Barbosa n. 21, 250-257
- SILVA, Vicente Ferreira da*
 Dioniso crucificado – Per Johns n. 34, 125-141
- SILVEIRA, Ênio*
 Em busca de Ênio Silveira, ou talvez de mim mesmo –
 Herberto Sales n. 8, 9-12
- SILVEIRA, Francisco Maciel*
 Uma sensação nova na imprensa carioca em 1878:
 O primo Basílio n. 24, 131-152
- SILVEIRA, Tasso da*
 Poemas de um poeta esquecido n. 41, 227-238
 Aos meus n. 41, 229-230
 Dante n. 41, 233
 Formiga n. 41, 235
 Glória n. 41, 237
 Lua n. 41, 230
 Passado n. 41, 236
 Pensamento n. 41, 234
 Perfeição n. 41, 231
 Sonho n. 41, 238
 Transfusão n. 41, 228
- SOCIOLOGIA*
 Conceito de povo – João de Scantimburgo. n. 7, 36-47
 Evolução do povo paulista – João de Scantimburgo n. 39, p. 21-29
 Josué de Castro e a descoberta da fome – Anna
 Maria de Castro. n. 9, 77-85
 O caminhão, a circulação das idéias e o poder dos
 coronéis no Nordeste – Afrânio Garcia Júnior n. 39, 83-99
- SOUSA, Afonso Felix de*
 Auto-retrato n. 5, 64-65
- SOUSA, Cruz e*
Antologia poética:
 A dor n. 16, 114
 A perfeição n. 16, 131
 Antífona n. 16, 170-171
 Canção negra n. 16, 127-129
 Cárcere das almas n. 16, 133

Clamor supremo.....	n. 16, 140
Dança do ventre.....	n. 16, 115
Deus do mal.....	n. 16, 135
Exortação.....	n. 16, 139
Êxtase búdico.....	n. 16, 141
Flor nirvanizada.....	n. 16, 136
Inexorável.....	n. 16, 123-125
Ironia de lágrimas.....	n. 16, 132
Lírio lutuoso.....	n. 16, 138
Majestade caída.....	n. 16, 117
Monja negra.....	n. 16, 118-122
O anjo da redenção.....	n. 16, 150
Rebelado.....	n. 16, 130
Serpente de cabelos.....	n. 16, 116
<i>Spleen</i> de deuses.....	n. 16, 126
Titãs negros.....	n. 16, 142
Único remédio.....	n. 16, 134
Vida obscura.....	n. 16, 113
Vinho negro.....	n. 16, 137

Prosa:

Dor negra.....	n. 16, 148-149
Emparedado.....	n. 16, 151-169
Melancolia.....	n. 16, 146-147
Psicologia do feio.....	n. 16, 143-145

Sousa, Cruz e

A porta de ouro – Lêdo Ivo.....	n. 1, 44-48
Cruz e Sousa: esboço de releitura – Mário Chamie.....	n. 16, 104-112
O desencontro de Alberto de Oliveira e Cruz e Sousa – Josué Montello.....	n. 23, 5-9

Sousa, Inglês de

O ficcionista Inglês de Sousa – Oscar Dias Corrêa.....	n. 37, 149-165
--	----------------

Sousândrade (Joaquim de Sousa Andrade)

Sousândrade, um ‘poeta maldito’ precursor da poesia moderna – Alexandre Eulálio.....	n. 9, 42-47
---	-------------

Souza, Nelson Mello e

O processo, de Franz Kafka uma interpretação.....	n. 42, 149-172
---	----------------

Souza, Paulo Renato de

Visita do Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, à Academia Brasileira: agradecimento.....	n. 8, 234-237
---	---------------

STAMPA, Gaspara

Soneto CCVII – tradução de Sergio Duarte n. 23, 224-225

STEWART Jr., Donald

Palácio Austregésilo de Athayde: um sonho tornado
realidade n. 17, 46-49

SUCUPIRA, Newton Lins Buarque

Formação intelectual e itinerário filosófico de Tobias
Barreto n. 2, II0-I42

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal –
Eros Roberto Grau n. 47, 2I-39
Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal:
discurso – Marcos Vinícios Vilaça n. 47, 40-42
O Supremo Tribunal Federal e a ABL – Alberto
Venancio Filho n. 47, 43-69

SWEDENBORG, Emmanuel

Swedenborg e a literatura – Milton Vargas n. 14, 62-81

T

TAGORE, Rabindranath

O jardineiro n. 7, 94-97

TANEDA, Santoka

Haicais japoneses n. 36, 227

TAPIA, Nicolas Extremera

A poesia ao Divino do Padre Anchieta n. 4, 38-65

TAVARES, Adelmar

Construção de nova sede da Academia Brasileira de Letras n. 12, 293-298

TAVARES, George

Poemas:

Anunciação n. 28, I63
A um idealista assassinado n. 28, I63
O adeus do homem ao poeta morto n. 28, I6I-I62
Uma lembrança n. 28, I64-I65

TAVARES, Ildásio

- A espuma do fogo – a ponta do *iceberg* nejariano. n. 34, 191-196
 Restos n. 37, 227-228
 Sem título. n. 37, 227-228

TAVARES, José Fernando

- Da tradição à modernidade n. 24, 155-158

TEATRO

- Antônio José, o Judeu, e o teatro do século XVIII – Bárbara
 Heliodora. n. 45, 123-129
 Presença da França no teatro brasileiro – Sábado Magaldi. n. 43, 285-295

TEIXEIRA, Anísio

- Anísio Teixeira: filosofia e ação do educador – Josaphat
 Marinho. n. 30, 185-193

TEIXEIRA, Ivan

- Literatura como imaginário: introdução ao conceito de poética
 cultural. n. 37, 43-67

TEIXEIRA, Judith

- A poesia sáfica de Judith Teixeira – Adeldo Gonçalves n. 48, 195-198

TELLES, Gilberto Mendonça

- A síntese su/realista de Bernardo Élis. n. 3, 112-121
 O privilégio de ler Drummond n. 32, 81-137

TELLES, Lygia Fagundes

- A Escola de Morrer Cedo n. 31, 113-119
 As cerejas (conto). n. 6, 32-39
 Bolas de sabão (conto). n. 48, 99-101
 Como é perigoso escrever – (entrevista a Maria do Carmo
 Dias Batista). n. 20, 33-42
 Está aberta a sessão – Centenário da ABL n. 11, 61-64
 O dedo (conto) n. 17, 28-32
 Herbarium (conto). n. 44, 57-63

TELLES JÚNIOR, Goffredo

- Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio
 de Moraes – 2000. n. 25, 174-178

TEYSSIER, Parel

- Parel Teyssier e o teatro de Camões – Leodegário A. de
 Azevedo Filho n. 31, 149-157

THEODOR, Erwin

- Bertolt Brecht: a cortina está fechada. n. 8, 54-69
 Goethe aos duzentos e cinquenta anos n. 20, II-25
 Martius e seu único romance. n. 44, I03-I22
 Os inéditos de von Martius. n. 2, 93-109
 Plurilingüismo: A tradução e os “falsos amigos” n. 39, p. 45-64
 Thomas Mann ressurge em biografia reveladora n. 27, I57-I63

THOMAS, Dylan

- Poemas de Dylan Thomas: traduzidos por Ivan Junqueira –
 Ivan Junqueira n. 39, 247-263

THOMAS, Edward

- Notas sobre alguns poetas da língua inglesa – Benedicto
 Ferri de Barros. n. 39, I19-I50

TOLENTINO, Bruno

- A grande alma penada n. 35, I95-I96
 Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio
 de Moraes – 2003. n. 37, I05-I12
 O espectro n. 35, I89-I95

TOLSTOI, Leon

- Tolstoi contra Shakespeare – Austregésilo de Athayde n. 12, 70-72

TORRES, João Camilo de Oliveira

- Um prefácio – Guardados da Memória n. 45, 261-264

TRADUÇÃO

- Plurilingüismo: a tradução e os “falsos amigos”
 – Erwin Theodor n. 39, p. 45-64

TRAVASSOS, Elizabeth

- Darius Milhaud e os “compositores de tangos, maxixes,
 sambas e cateretês” n. 43, I09-I43

300 Anos de Nascimento de Antônio José da Silva, O Judeu

- Antônio José, o Judeu, e o teatro do século XVIII
 – Bárbara Heliodora n. 45, I23-I29
 Antônio José da Silva: seu percurso e o juízo da Academia
 – Paulo Roberto Pereira n. 45, I31-I42
 O sarcasmo em Antônio José da Silva, o Judeu
 – Arnaldo Niskier n. 45, I19-I21

U

UNIVERSIDADES E FACULDADES

- Cultura e universidade – Arnaldo Niskier. n. 48, 89-97
Momentos decisivos da Universidade de São Paulo
– Miguel Reale n. 43, 199-225

V

VALERA, Juan

- Juan Valera e Machado de Assis: um diálogo possível –
um estudo das categorias tempo, ser e memória em
Genio y Figura e Dom Casmurro – Mauro Rosa n. 45, 63-89

VALÉRY, Paul

- Cemitério marinho (tradução de Dora Ferreira da Silva). n. 33, 313-320

VAREJÃO, Marcela

- Uma história italiana da literatura brasileira, Sílvio Romero e
o positivismo n. 16, 64-72

VARGAS, Milton

- A ciência do Renascimento e as navegações portuguesas n. 17, 87-100
A unidade da poesia de Cassiano Ricardo. n. 3, 5-27
O sentido político da Semana de 22 n. 23, 63-75
O ser humano, a técnica e a tecnologia n. 26, 108-119
Pessoa: personagens e poesia n. 29, 117-147
Swedenborg e a literatura. n. 14, 62-81

VEIGA, Cláudio

- Presença de Huysmans em A cidade e as serras. n. 24, 116-130

VELHO, Gilberto

- Sobre a nova edição de Coronel, coronéis – 2 n. 35, 103-104

VENANCIO FILHO, Alberto

- 50 anos sem Roquette-Pinto n. 46, 49-85
Afrânio Peixoto e a Academia Brasileira de Letras n. 11, 65-100
As mulheres na Academia n. 49, 7-43
Clementino Fraga n. 20, 43-47
Depoimento – 90.º aniversário de Evandro Lins e Silva n. 33, 139-146
Depoimento (Centenário do nascimento de Ivan Lins). n. 42, 113-137

Discurso (de saudação) – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2002.....	n. 33, 269-279
Euclides da Cunha e os euclidianistas	n. 14, 29-51
Fernando de Azevedo: um humanista na educação.....	n. 3, 40-58
Junqueira Freire	n. 45, 219-234
Lúcio de Mendonça – Esboço biográfico.....	n. 22, 58-80
Lúcio de Mendonça e a Fundação da Academia Brasileira de Letras	n. 38, 9-28
Lúcio de Mendonça, o fundador da Academia Brasileira de Letras.....	n. 40, 9-57
Montaigne e os canibais: influência no Brasil	n. 43, 39-55
Notas sobre Maquiavel e o Brasil	n. 41, 17-35
O advogado Rui Barbosa.....	n. 21, 82-129
O fundador Valentim Magalhães	n. 7, 167-203
O movimento euclidianista	n. 30, 59-90
O Supremo Tribunal Federal e a ABL	n. 47, 43-69
Paulo Carneiro: um humanista brasileiro do século XX.....	n. 31, 55-77
Perfil de Pontes de Miranda	n. 8, 39-53
Saudação – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 1996... ..	n. 9, 86-95
 <i>VENANCIO FILHO, Alberto</i>	
Juristas na Academia Brasileira de Letras – Fábio de Sousa Coutinho	n. 46, 301-320
 <i>VENANCIO Filho, Francisco</i>	
Obras completas de Afrânio Peixoto – Guardados da Memória ...	n. 32, 315-318
 <i>VERGER, Pierre</i>	
Pierre Verger, de parisiense a afro-brasileiro – Alberto da Costa e Silva	n. 43, 339-344
 <i>VERLAINE, Paul</i>	
Chanson d’automne, Canção de outono	n. 4, 118-119
En sourdine, Em surdina	n. 4, 120-121
 <i>VERSO SÁFICO</i>	
A poesia sáfica de Judith Teixeira – Adeldo Gonçalves	n. 48, 195-198
 <i>VIDIGAL, Geraldo</i>	
Canção indefinível, Cantigas de rio abaixo	n. 5, 71-72
 <i>VIDOVIC, Stefan</i>	
Salmo de Ernst Bloch.....	n. 18, 150-151

VIEIRA, Pe. Antônio – Excertos de sermões, cartas e livro:

Apóstrofe atrevida	n. 10, 117-119
Carta a el-rei	n. 10, 122-124
Conjugação do verbo Rapio	n. 10, 119-120
História do futuro	n. 10, 124-130
Tudo passa	n. 10, 120-122

VIEIRA, Pe. Antônio

Arte, tópica e método de Vieira no Sermão da Sexagésima – Leodegário A. de Azevedo Filho	n. 10, 56-62
Atualidade do padre Antônio Vieira S.J. – Ivan Lins.	n. 10, 75-101
O enigma da Arte de Furtar – Silvío Elia	n. 10, 63-74
O padre Antônio Vieira, clássico da língua portuguesa – Ernesto Carneiro Ribeiro	n. 10, 101-115
O padre Antônio Vieira e os cristãos-novos – Rev. José Gonçalves Salvador	n. 10, 47-55
O padre Antônio Vieira S.J., missionário da Amazônia – Pe. Armando Cardoso S.J.	n. 10, 21-32
O tempo em sermão do padre Antônio Vieira – João de Scantimburgo.	n. 10, 7-20
Variações em torno do discurso (a propósito de um sermão de Vieira) – Roberto Amaral	n. 5, 22-28
Vieira, através de sua brasilidade – Pe. Hélio Abranches Viotti S. J.	n. 10, 33-46

VILAÇA, Marcos Vinícios

Gilberto Freyre e a sociologia contemporânea	n. 25, 24-27
Nosso Nabuco	n. 19, 41-42
O cacique Athayde	n. 12, 273-277
Saudação a Mía Couto.	n. 17, 136-142
Discurso de posse – Posse da Diretoria da ABL – 2006.	n. 47, 12-19
Discurso – Membros da ABL no Supremo Tribunal Federal	n. 47, 40-42
Poeta e boêmio.	n. 44, 35-38
Saudação – Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2005.	n.44, 194-200
Barbosa Lima Sobrinho, Dr. Barbosa	n. 46, 28-36
Discurso de posse na presidência da ABL.	n. 50, 7-10

VILAÇA, Marcos Vinícios

Coronel, Coronéis no 40.º aniversário de seu lançamento: obra de Marcos Vilaça e Roberto Cavalcanti de Albuquerque – Tarcísio Padilha.	n. 47, 131-133
Da fonte à foz do dilúvio – Marcus Accioly.	n. 46, 285-287
De ícones e dedicações – Carlos Heitor Cony	n. 31, 145-147

- O caminhão, a circulação das idéias e o poder dos coronéis no Nordeste – Afrânio Garcia Junior n. 39, 83-99
- Sobre a nova edição de Coronel, coronéis – I – Alberto da Costa e Silva n. 35, 99-102
- Sobre a nova edição de Coronel, coronéis – 2 – Gilberto Velho n. 35, 103-104
- VILA NOVA, Sebastião**
- Eça de Queirós e Gilberto Freyre: algumas aproximações n. 24, 221-239
- Pragmatismo, história e indivíduo em Casa-grande & senzala n. 25, 62-73
- VILLA-LOBOS, Heitor**
- Villa-Lobos em Paris – Turíbio Santos n. 43, 191-197
- Um trecho de tempestade – Austregésilo de Athayde n. 12, 91-93
- VILLEGAGNON, Nicolau Durand de**
- Comemorando os 450 anos da França Antártica – Vasco Mariz n. 45, 35-47
- VILLON, François**
- Ballade des dames du temps jadis – Balata das damas dos tempos idos n. 4, 112-113
- Envoi – Offerenda n. 4, 113-114
- VIOTTI, Hélio A.**
- Anchieta e a comunicação n. 4, 66-73
- Anchieta, paradigma do clero brasileiro n. 13, 61-69
- Vieira, através de sua brasilidade n. 10, 33-46
- VIZIOLI, Paulo**
- Traduções poéticas:**
- De W. Blake n. 4, 126-128
- De G. Chaucer n. 4, 122-126
- VOLTAIRE**
- O tricentenário de Voltaire – Antonio Callado n. 2, 89-92

W

- WALZER, Michael**
- A crítica de Michael Walzer a Rawls – Ubiratan Borges de Macedo n. 14, 87-102

WEHLING, Arno

- Américo Jacobina Lacombe e a tradição hermenêutica
na historiografia brasileira. n. 36, 33-40
Os Júbilos da América e o seu contexto histórico n. 46, 191-200
Sívio Romero, o cientificismo e Os Cantos e Contos
Populares do Brasil n. 42, 89-95

WILAMOWSKA, Josephine

Poemas:

- Adeus n. 18, 143-144
Chegada n. 18, 139-140
Chuva n. 18, 136-137
Decisão moderna n. 18, 144-146
Garoa n. 18, 137
Intervalo n. 18, 139
Medo. n. 18, 141
Oração n. 18, 139
Prisão n. 18, 142-143
Súplica n. 18, 138
Tempo n. 18, 136
Véu. n. 18, 141-142

WILDE, Oscar

- Requiescat. n. 4, 106-107;
n. 7, 100-101

Y

YEATS, W.B.

- A drinking song – Canção n. 4, 110
O Do not love too long – Ah! Não ames por muito
tempo. n. 4, 108
She wishes for the cloths of heaven – Ela deseja os
tecidos do céu n. 4, 110
The old men admiring themselves in the water – Os velhos
contemplam-se na água n. 4, 111
When you are old – Ao pé da lareira n. 4, 109

YEATS, W. B.

- Notas sobre alguns poetas da língua inglesa – Benedicto Ferri
de Barros n. 39, 119-150

Z

ZACHARIAS, Manif

Discurso (de agradecimento) – Prêmio Senador José Ermírio
de Moraes – 2002 n. 33, 280-285

ZILBERMAN, Regina

Das Raízes e seus frutos (sobre Sérgio Buarque de Holanda) . . . n. 33, 237-254

ZILLES, Urbano

Racionalidade e espiritualidade n. 50, 109-145

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n. 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Nelson Pereira dos Santos
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Helio Jaguaribe
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Zélia Gattai
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domício Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	José Mindlin
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Moacyr Scliar
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

